

Geografia Regional do Mundo I

Nubelia Moreira da Silva



Geografia Regional do Mundo I

Nubelia Moreira da Silva

Geografia

Geografia Regional do Mundo I



Natal – RN, 2011

Governo Federal

Presidenta da República
Dilma Vana Rousseff

Vice-Presidente da República
Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Reitora
Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitora
Maria de Fátima Freire Melo Ximenes

Secretaria de Educação a Distância (SEDIS)

Secretária de Educação a Distância
Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

Secretária Adjunta de Educação a Distância
Eugênia Maria Dantas

FICHA TÉCNICA**COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS**

Marcos Aurélio Felipe

EDITORAÇÃO DE MATERIAIS**Criação e edição de imagens**

Aauto Harley
Anderson Gomes do Nascimento
Carolina Costa de Oliveira
Dickson de Oliveira Tavares
Leonardo dos Santos Feitoza
Roberto Luiz Batista de Lima
Rommel Figueiredo

GESTÃO DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS

Luciana Melo de Lacerda
Rosilene Alves de Paiva

Diagramação

Ana Paula Resende
Carolina Aires Mayer
Davi Jose di Giacomo Koshiyama
Elizabeth da Silva Ferreira
Ivana Lima
José Antonio Bezerra Junior
Rafael Marques Garcia

PROJETO GRÁFICO

Ivana Lima

Módulo matemático

Joacy Guiherme de A. F. Filho

REVISÃO DE MATERIAIS**Revisão de Estrutura e Linguagem**

Eugenio Tavares Borges
Janio Gustavo Barbosa

Jeremias Alves de Araújo

Kaline Sampaio de Araújo

Luciane Almeida Mascarenhas de Andrade

Thalyta Mabel Nobre Barbosa

IMAGENS UTILIZADAS

Acervo da UFRN
www.depositphotos.com
www.morguefile.com
www.sxc.hu
Encyclopædia Britannica, Inc.

Revisão de Língua Portuguesa

Camila Maria Gomes

Cristinara Ferreira dos Santos

Emanuelle Pereira de Lima Diniz

Janaina Tomaz Capistrano

Priscila Xavier de Macedo

Rhena Raize Peixoto de Lima

Revisão das Normas da ABNT

Verônica Pinheiro da Silva

Catalogação da publicação na fonte. Bibliotecária Verônica Pinheiro da Silva.

Silva, Nubelia Moreira da.

Geografia Regional do Mundo I / Nubelia Moreira da Silva. – Natal: EDUFRN, 2011.

266 p.: il.

ISBN 978-85-7273-827-9

Conteúdo: Aula 1 – Sistemas econômicos e espaço geográfico: compartimentação e fragmentação. Aula 2 – Geopolítica e (re)ordenamento do mundo contemporâneo: a era dos blocos econômicos. Aula 3 – Economia e geopolítica em tempos de globalização. Aula 4 – O mundo globalizado: Um mundo unificado? Aula 5 – Europa: sociedade, cultura e ambiente. Aula 6 – Cenário sociocultural europeu. Aula 7 – Cenário socioeconômico europeu. Aula 8 – A unificação europeia em contexto. Aula 9 – América: sociedade, cultura e ambiente. Aula 10 – Diferenças socioeconômicas e culturais no contexto das Américas Latina e Anglo-saxônica. Aula 11 – As diversidades regionais na América do Sul. Aula 12 – Economia global e a criação de blocos econômicos no continente americano.

1. Geografia regional do mundo. 2. Geopolítica. 3. América. I. Título.

CDU 913(100)
S586g

Sumário

Apresentação Institucional	5
Aula 1 Sistemas econômicos e espaço geográfico: compartimentação e fragmentação	7
Aula 2 Geopolítica e (re)ordenamento do mundo contemporâneo: a era dos blocos econômicos	23
Aula 3 Economia e geopolítica em tempos de globalização	43
Aula 4 O mundo globalizado: Um mundo unificado?	61
Aula 5 Europa: sociedade, cultura e ambiente.	81
Aula 6 Cenário sociocultural europeu	107
Aula 7 Cenário socioeconômico europeu	125
Aula 8 A unificação europeia em contexto	145
Aula 9 América: sociedade, cultura e ambiente	169
Aula 10 Diferenças socioeconômicas e culturais no contexto das Américas Latina e Anglo-saxônica	199
Aula 11 As diversidades regionais na América do Sul	223
Aula 12 Economia global e a criação de blocos econômicos no continente americano	247

Apresentação Institucional

A Secretaria de Educação a Distância – SEDIS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, desde 2005, vem atuando como fomentadora, no âmbito local, das Políticas Nacionais de Educação a Distância em parceira com a Secretaria de Educação a Distância – SEED, o Ministério da Educação – MEC e a Universidade Aberta do Brasil – UAB/CAPES. Duas linhas de atuação têm caracterizado o esforço em EaD desta instituição: a primeira está voltada para a Formação Continuada de Professores do Ensino Básico, sendo implementados cursos de licenciatura e pós-graduação *lato* e *stricto sensu*; a segunda volta-se para a Formação de Gestores Públicos, através da oferta de bacharelados e especializações em Administração Pública e Administração Pública Municipal.

Para dar suporte à oferta dos cursos de EaD, a Sedis tem disponibilizado um conjunto de meios didáticos e pedagógicos, dentre os quais se destacam os materiais impressos que são elaborados por disciplinas, utilizando linguagem e projeto gráfico para atender às necessidades de um aluno que aprende a distância. O conteúdo é elaborado por profissionais qualificados e que têm experiência relevante na área, com o apoio de uma equipe multidisciplinar. O material impresso é a referência primária para o aluno, sendo indicadas outras mídias, como videoaulas, livros, textos, filmes, videoconferências, materiais digitais e interativos e webconferências, que possibilitam ampliar os conteúdos e a interação entre os sujeitos do processo de aprendizagem.

Assim, a UFRN através da SEDIS se integra o grupo de instituições que assumiram o desafio de contribuir com a formação desse “capital” humano e incorporou a EaD como modalidade capaz de superar as barreiras espaciais e políticas que tornaram cada vez mais seletivo o acesso à graduação e à pós-graduação no Brasil. No Rio Grande do Norte, a UFRN está presente em polos presenciais de apoio localizados nas mais diferentes regiões, ofertando cursos de graduação, aperfeiçoamento, especialização e mestrado, interiorizando e tornando o Ensino Superior uma realidade que contribui para diminuir as diferenças regionais e o conhecimento uma possibilidade concreta para o desenvolvimento local.

Nesse sentido, este material que você recebe é resultado de um investimento intelectual e econômico assumido por diversas instituições que se comprometeram com a Educação e com a reversão da seletividade do espaço quanto ao acesso e ao consumo do saber E REFLETE O COMPROMISSO DA SEDIS/UFRN COM A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA como modalidade estratégica para a melhoria dos indicadores educacionais no RN e no Brasil.

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
SEDIS/UFRN**

Sistemas econômicos e espaço geográfico: compartimentação e fragmentação

Aula

1



Apresentação

Prezado(a) estudante, estamos iniciando mais uma etapa importante na sua formação acadêmica. Nas próximas 12 aulas você terá a oportunidade de estudar a dinâmica econômica mundial e entender como ela interfere na organização do espaço. Terá também a chance de aprofundar seus conhecimentos a respeito dos continentes europeu e americano, observando suas diversidades naturais, socioculturais, econômicas e a políticas.

Nesta primeira aula, veremos que para melhor analisar e compreender o mundo em que vivemos é necessário regionalizá-lo. Existe uma diversidade de critérios a partir dos quais podemos conduzir o estudo sobre a dinâmica mundial, dentre eles destaca-se o aspecto econômico. No decorrer desta aula, você compreenderá como os sistemas econômicos modelam os territórios e influenciam na organização da sociedade.

Objetivos

- 1** Identificar as principais formas de regionalizar o espaço geográfico mundial.
- 2** Reconhecer a regionalização do espaço mundial a partir dos sistemas econômicos.
- 3** Compreender como a economia, atuando no espaço geográfico, evidencia as desigualdades regionais.
- 4** Entender a atual configuração do espaço geográfico como resultado dos novos arranjos econômicos mundiais.

Regionalizar para entender o sistema mundo

Você já parou para refletir sobre o quanto é complexo estudar o mundo em que vivemos? A multiplicidade de elementos sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais, todos integrados a partir das relações que a sociedade estabelece entre si e com o suporte físico do planeta, nos dá uma noção do tamanho do desafio que é entender esse sistema mundo.



Figura 1 – Conhecer para melhor compreender o mundo

Então, em sua opinião, como poderíamos facilitar a tarefa de analisar e compreender as complexas relações que configuram o espaço geográfico mundial? Se você pensou em regionalização, esta é, de fato, uma das possibilidades. Mas qual o significado de região e, nesse caso, de regionalizar? Como regionalizar um mundo tão diverso? Que critérios você poderia apontar como possibilidades de nortear essa regionalização? Essas e outras questões é o que você vai aprender nesta aula.

Vamos por partes, certo? Primeiro é preciso entender que o conceito geográfico de região assumiu, ao longo do tempo, diversos significados. Gomes (2007), ao discutir as origens e a evolução desse conceito, conclui que seu entendimento está indissociado da questão política, da dinâmica do Estado, da organização da cultura. Entretanto, no mundo contemporâneo globalizado, o conceito de região ganha expressividade pelo viés da economia capitalista, sem perder, entretanto, vínculo com os entendimentos antecedentes.

Nesse sentido, ao analisar a relação entre globalização, regionalização e nacionalismo, Ianni chega à seguinte conclusão:

em lugar de ser um obstáculo à globalização, a regionalização pode ser vista como um processo por meio do qual a globalização recria a nação, de modo a conformá-la à dinâmica da economia transnacional. O globalismo tanto incomoda o nacionalismo como estimula o regionalismo. Tantas e tais são as tensões entre o globalismo e o nacionalismo que o regionalismo aparece como a mais natural das soluções para os impasses e as aflições do nacionalismo. O regionalismo envolve a formação de sistemas econômicos que redesenharam e integraram economias nacionais, preparando-as para os impactos e as exigências ou as mudanças e os dinamismos do globalismo. (IANNI, 1996, p. 127).

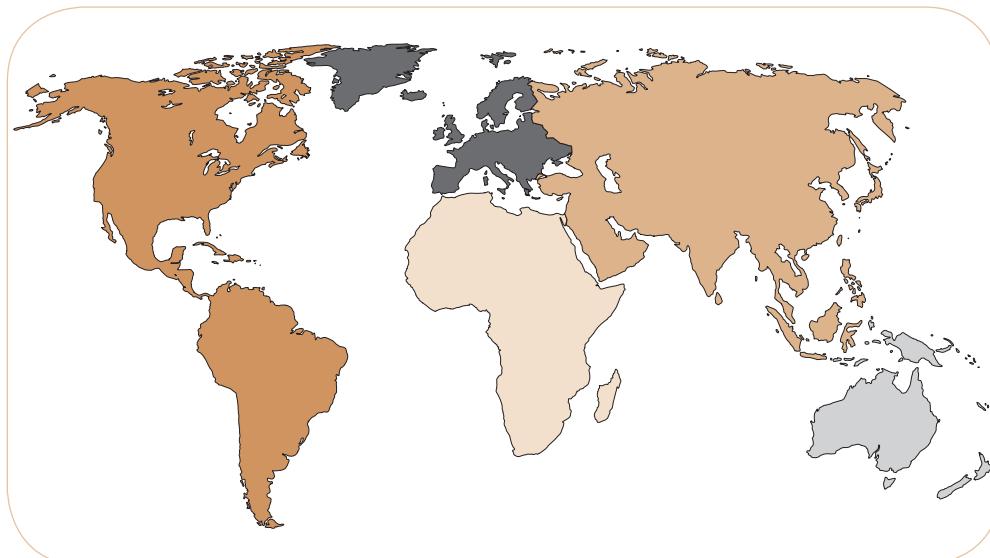
É interessante notar que, para Gomes (2007), essa interação globalização/regionalização não conseguiu eliminar a diversidade espacial nem mesmo a diminuiu. A diversidade do regionalismo continua forte e ainda apresentando-se em todas as suas formas. “[...] O mais provável é que nessa nova relação espacial entre centros hegemônicos e as áreas sob suas influências tenham surgido novas regiões ou ainda se renovado algumas já antigas [...]”. (GOMES, 2007, p. 72).

Costa e Porto-Gonçalves (2006, p. 134-135) afirmam que a regionalização

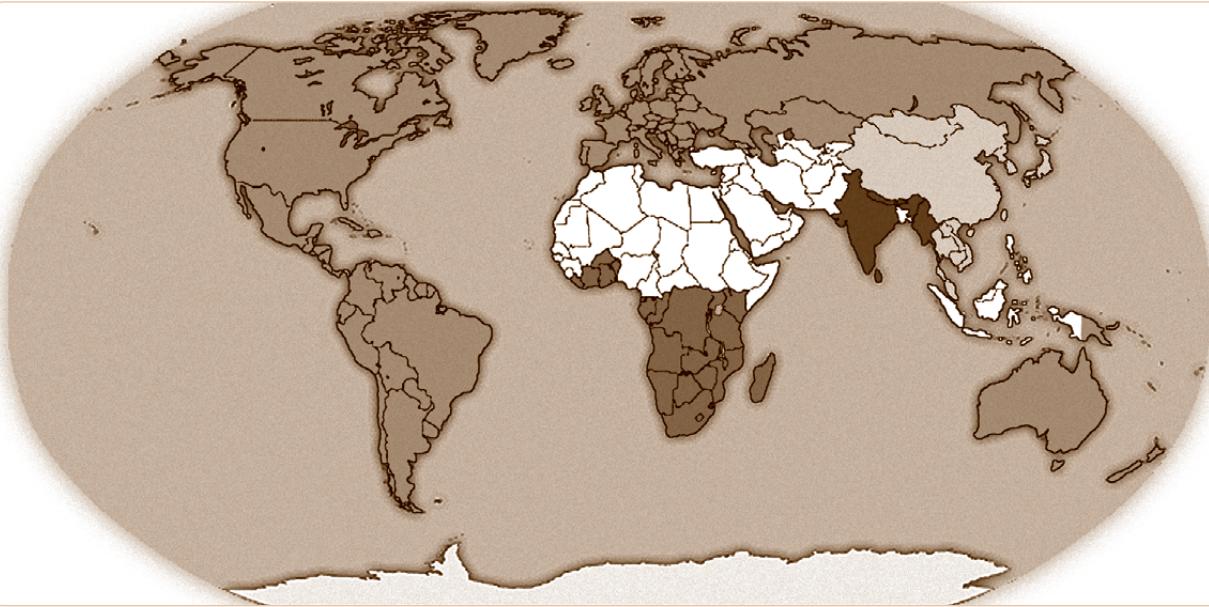
[...] não se trata de um simples problema (para definir limites), mas de questões que envolvem mais o “conteúdo” do que as “formas” da regionalização, considerando a complexidade da formação de regiões dotadas de certa especificidade e coerência/coesão internas e conformadas por determinada correção de forças sociais e de poder, sempre contraditórias, reunindo hegemonia e resistência.

Para esses autores, o recorte regional pode ser observado a partir de duas perspectivas principais: por um recorte temático, quando são privilegiados os sujeitos hegemônicos, a exemplo do Estado e das grandes empresas que exercem poder sobre o espaço regional, e outro ligado à percepção, ou seja, ao espaço vivido pelo diversos sujeitos que o constroem.

Antes de continuarmos desenvolvendo a ideia de regionalização, analise as imagens a seguir. Elas representam duas formas diferentes de regionalização do mundo. Tente descobrir os critérios utilizados para esses modelos.



Fonte: <https://gestao.abe.mre.gov.br/clientes/portalconsular/portal_consular/portal_skins/portalconsular/mapaMundi.gif>. Acesso em: 11 fev. 2010.



Fonte: <http://leolima.net/hotsites/olimpiadas/imagens/mapa_civilizacoes.gif>. **Acesso em:** 11 fev. 2010.

Você conseguiu distinguir os critérios utilizados nas duas figuras? Vejamos, a primeira imagem revela um mundo regionalizado através dos continentes, e na segunda estão representados os domínios das principais civilizações atuais. Pois bem, as regiões podem ser constituídas a partir de múltiplas escalas e de critérios naturais ou socioculturais (processos tradicionais de regionalização).

Na regionalização por critérios naturais (Geografia Tradicional) predominam os critérios descriptivos ou deterministas do meio natural. São observadas a divisão do mundo em continentes e a distribuição das diferentes paisagens naturais no planeta, dentre outros.

No quesito sociocultural, é possível subdividir o espaço geográfico através da espacialização, por exemplo, das diferentes civilizações atuais, línguas, religiões, manifestações culturais e, especialmente, os sistemas políticos e econômicos.

A regionalização com base nos sistemas políticos e econômicos apresenta-se na forma de compartimentação do mundo em países desenvolvidos e subdesenvolvidos e suas diversas classificações e oposição de blocos sociopolíticos (capitalismo e socialismo, por exemplo). É importante destacar que frente à atual dinâmica geoeconômica mundial tais formas tradicionais de regionalização perderam espaço.

Observe que a escolha de critérios de regionalização representa uma vantagem para os estudos geográficos, na medida em que favorece uma melhor análise das informações e das diferenças existentes no espaço global, evitando abordagens e conclusões generalizadas.

Agora pare um pouco e, antes de avançar, sistematize o que você aprendeu nessa primeira parte da aula resolvendo a atividade proposta. Se necessário, consulte mais uma vez o conteúdo abordado.



Atividade 1

1

A partir da leitura que você acabou de concluir, explique o conceito de região.

2

O que significa regionalizar o mundo?

3

Quais critérios podem ser utilizados para regionalizar o espaço geográfico?

A regionalização vista pelo prisma geoeconômico

Dedicaremos-nos, agora, ao estudo da economia como elemento base da regionalização mundial. Então, vamos compreender como isso acontece?

Para discutir a regionalização econômica mundial é preciso revisitar alguns acontecimentos histórico-geográficos e encontrar as origens das diversas formas de agrupamento dos países, segundo a lógica dos sistemas e padrões econômicos. Porém, nossa viagem vai se concentrar a partir do século passado, pois nele o mundo passou a experimentar um intenso dinamismo nunca antes registrado na história das sociedades. Transformações políticas e econômicas marcaram todo o século XX e ajudaram a compor o atual cenário socioeconômico mundial.

É nesse momento que surgem diversas teorias para explicar as diferenças regionais e a dinâmica da sociedade a partir da realidade econômica. Algumas delas ganharam destaque e se tornaram importantes para o entendimento do regionalismo econômico mundial.

A regionalização do mundo em países desenvolvidos e subdesenvolvidos

No cenário do século XX, onde a economia é transformada em referência fundamental para dar visibilidade às diferenças regionais, ganham expressividade as ideias de agrupamento dos países, segundo seus níveis de desenvolvimento econômico científico e de inovações tecnológicas.

Foi a partir de 1949 que as ideias de desenvolvimento e subdesenvolvimento ganharam visibilidade. Nesse período, o continente europeu precisava ser reconstruído. Concomitantemente, os Estados Unidos era o único país cujo sistema econômico-financeiro estava fortalecido, o que tornou essa nação uma potência mundial em franca expansão.

Esse contexto serviu de cenário, segundo Esteva (2000), para que Harry S. Truman (20 de janeiro de 1949), em seu discurso de posse como presidente estadunidense, utilizasse o termo “desenvolvimento” para denominar seu projeto de política externa que objetivava alcançar a hegemonia mundial. Portanto, comparou a então realidade socioeconômica norte-americana com a situação vivida pelos demais países, determinando que os países do globo que não estivessem no patamar econômico americano seriam considerados subdesenvolvidos e, portanto, se almejassem o desenvolvimento deveriam seguir o modelo estadunidense, tido como o ideal.



Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/_p3DFlceiygg/St_RUPNYall/AAAAAAAABUU/R1P6Nnq3Abo/s400/321_cartoon_earth_day_small_over.jpg>. Acesso em: 11 fev. 2010.

A consolidação da visão dualista entre desenvolvimento/subdesenvolvimento é esclarecida por Versiani (1986, p. 263):

Com efeito, a economia do subdesenvolvimento nasce na década de 40, sob o impulso tanto da nova importância nas regiões periféricas no quadro geopolítico do pós-guerra – dissolução dos impérios coloniais, formação dos dois grandes blocos liderados pelas superpotências – quanto da crescente tomada de consciência, naquelas regiões, da natureza especial dos problemas de suas economias. Se quisermos falar de um marco inicial, no contexto anglo-saxônico, poderemos tomar o conhecido artigo de Rosenstein-Rodan (1943) sobre industrialização e crescimento equilibrado. Simbolicamente, nele está presente um dos grandes elementos motivadores do interesse pelo novo ramo da economia nos países do “centro”: a preocupação com o desenho de uma política que promovesse o desenvolvimento de áreas pobres, em especial aquelas de interesse estratégico – no caso, os países balcânicos e os do Leste europeu. Na América Latina, o marco correspondente será certamente o artigo de Prebisch (1949), que deu o tom para o que viria a ser a vasta e influente produção da “Escola da CEPAL” nos anos subsequentes.

Estava formada, assim, ideologicamente, a divisão/regionalização do mundo em países desenvolvidos e subdesenvolvidos.



Atividade 2

Em que contexto histórico-geográfico é consolidada a regionalização geoeconômica dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos?

Um só espaço, múltiplas regiões: Primeiro, Segundo e Terceiro mundos

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o mundo passou a ser controlado pelos dois países antagônicos: Estados Unidos, com seu regime socioeconômico capitalista, e a ex-União Soviética, de regime socialista. Você viu no tópico anterior que, no período pós-guerra, os Estados Unidos se organizaram para se firmarem como nação hegemônica. Do outro lado estava a então União Soviética, também interessada em marcar no mundo sua ideologia socialista. Nesse contexto de disputas ideológicas de cunho político-econômico e militar e de conquistas territoriais, surge a divisão bipolar Leste/Oeste, o que o se convencionou chamar de Guerra Fria.

A regionalização do mundo, a partir de então, foi estabelecida segundo a área de influência socioeconômica das duas potências. Desse modo, tem-se a classificação dos países em três mundos. O Primeiro Mundo, composto dos países capitalistas centrais, e o Segundo, englobando os países de economia socialista. Já o Terceiro Mundo era formado pelos países capitalistas subdesenvolvidos, situados principalmente nos continentes africano, asiático e latino-americano. Mas como surgiu a ideia de classificar esses países como “Terceiro Mundo”?

Bem, para entendermos a origem do grupo de países que compunham o Terceiro Mundo, precisamos compreender o contexto histórico-social em que surgiu essa expressão. De acordo com Sene e Moreira (2002, p. 47),

O termo “Terceiro Mundo” surgiu em um artigo publicado pelo demógrafo francês Alfred Sauvy, em 1952. Sauvy fez um paralelo entre os países subdesenvolvidos da atualidade, e o Terceiro Estado, durante Revolução Francesa. Concluiu o artigo, intitulado “Três Mundos, um planeta”, com a seguinte frase: “Pois enfim esse Terceiro Mundo, ignorado, explorado, desprezado, tal como o Terceiro Estado, também quer ser alguma coisa”. Parafraseou a afirmação do Abade Sieyès (político francês simpatizante do movimento revolucionário) em 1789 ao referir-se aos deputados eleitos pela burguesia e pelos camponeses que tiveram um papel fundamental nos primeiros tempos da Revolução Francesa. Chamou-os de Terceiro Estado, em contraposição à Nobreza (Primeiro Estado) e ao Clero (Segundo Estado).

Com o fim da Guerra Fria, o conflito Leste-Oeste e a bipolarização do mundo deixaram de existir. Consequentemente, a regionalização econômica em Primeiro, Segundo e Terceiro mundos perdeu o sentido. Entretanto, segundo Sene e Moreira (2002), com o processo de globalização, a expressão “Terceiro Mundo” passou a ser utilizada pejorativamente como “subdesenvolvimento”. O termo “Primeiro Mundo”, por sua vez, passou a identificar os países considerados “desenvolvidos”.

É importante ressaltar que, no atual contexto geoeconômico mundial, essa regionalização perdeu sentido. Surgem, nos anos 1990, novas formas de agrupar os países; dessa vez, entram em cena a oposição Norte (desenvolvido) e Sul (subdesenvolvido) e a regionalização a partir dos múltiplos pólos de poder geoeconômicos centrados nos Estados Unidos, União Europeia e Japão e suas áreas de influência global.

A ambivalência geoeconômica regional mundial: Norte versus Sul

Você já sabe que a regionalização geoeconômica do espaço mundial em três mundos deixou de existir após o fim da “Guerra Fria”. Em seu lugar, surgiu uma nova configuração: Norte e Sul. Observe o mapa a seguir.

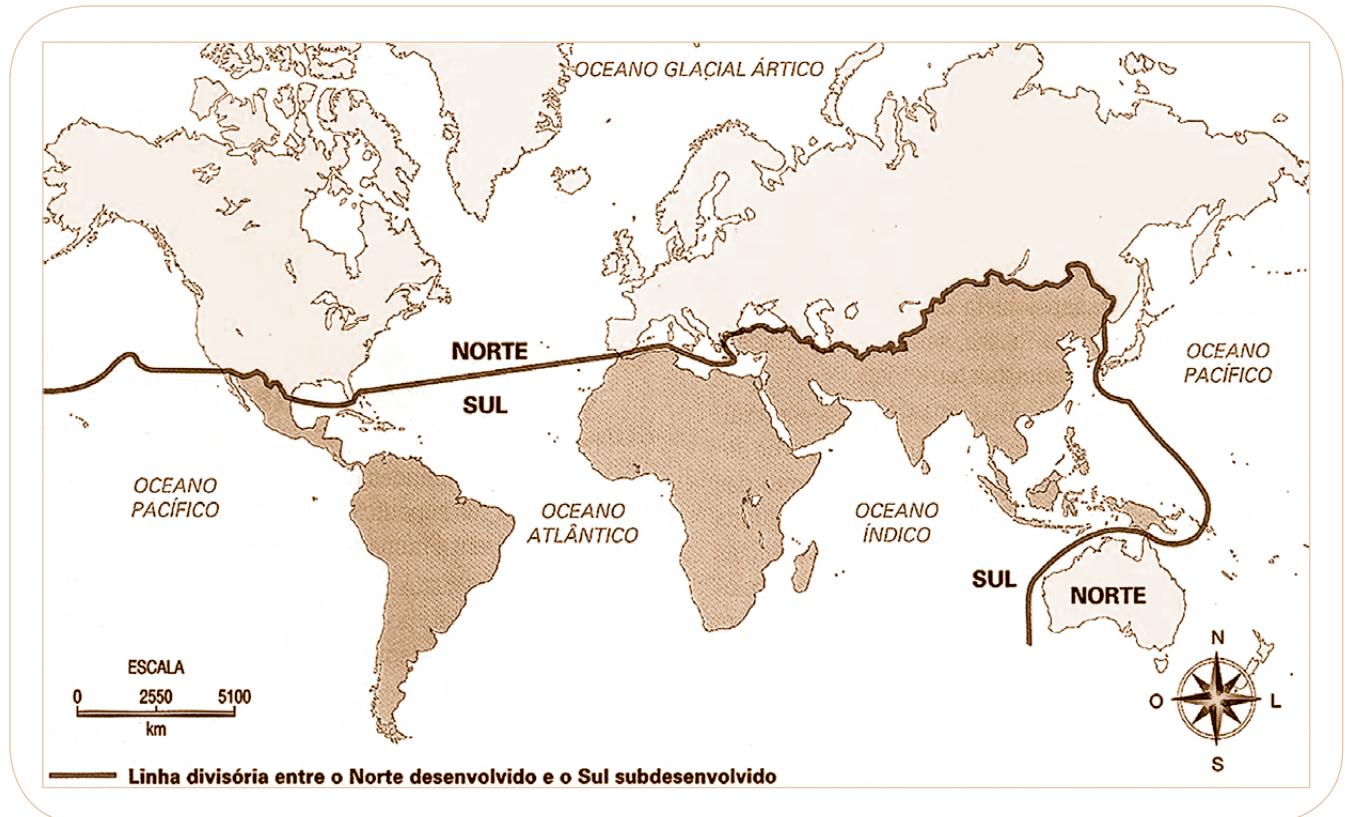


Figura 2 – Divisão econômico-social do mundo atual

Fonte: Vesentini (2000, p. 16)

O que você percebe ao ler esse mapa? Observando a linha representada no mesmo, você consegue identificar com qual objetivo ela foi traçada? O que diferencia as regiões separadas por ela? Há sentido em afirmarmos que do ponto de vista econômico a denominação dada a essa regionalização está plenamente correta? Por quê?

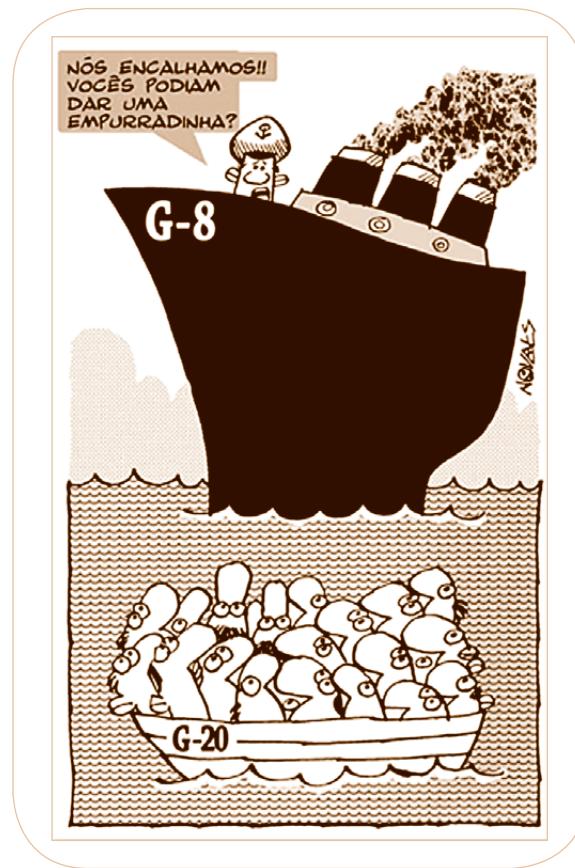
Depois de refletir sobre mais essa forma de regionalização geoeconômica, é possível concluir que o conjunto de países localizados acima da linha imaginária representa aqueles considerados “ricos ou desenvolvidos”, cujos aspectos econômicos se diferenciam substancialmente dos países localizados ao Sul da mesma linha que agrupa os países “pobres ou subdesenvolvidos”.

Mas, como você pode perceber, alguns países, tais quais a Austrália e a Nova Zelândia, estão localizados na área de predomínio dos países ditos “subdesenvolvidos”, ou seja, no Sul.

A que conclusões podemos chegar diante dessa constatação? A resposta não pode ser outra senão que essa regionalização também não dá conta de representar legitimamente a complexa e diversificada dinâmica econômica mundial, não é mesmo?

A adoção das denominações países do Norte e países do Sul resolve, em parte, o problema da noção de superioridade e subserviência que as expressões países ricos ou pobres, desenvolvidos ou subdesenvolvidos, centro ou periferia ou ainda Primeiro, Segundo e Terceiro mundo comportam em si. Mas isso significa dizer que essas noções foram eliminadas ou abandonadas pelo simples fato de se identificar as regiões econômicas apenas por Norte ou Sul? Ou ainda, com a recente nomenclatura “países em desenvolvimento” em lugar de “países subdesenvolvidos”, adotada em tempos de neoliberalismo e mais aceita atualmente?

É evidente que não. Mesmo já não sendo mais coerente utilizar tais denominações, ainda hoje somos surpreendidos com o uso dessas expressões pela mídia, pelas pessoas, pelos livros e nós mesmos, não é verdade? Isso nos leva a um outro entendimento: seja qual for a denominação que se dê às regionalizações por critérios geoeconômicos, elas estarão sempre expressando uma ideologia, um viés político, e mudam sempre de acordo com os interesses da sociedade e, em especial, dos que comandam o espaço econômico mundial. Não importa qual denominação seja utilizada, as diferenças regionais permanecem mesmo diante de um mundo em constante mutação/transformação.



Fonte: <http://www.geografiaparatodos.com.br/img/geobr_cap3_clip_image016.png>. Acesso em: 11 fev. 2010.

Por fim, assistimos, no mundo contemporâneo, a um movimento que aponta para uma transformação da atual hegemonia dos “polos centrais” como condicionantes da regionalização do espaço. Percebe-se que emerge das áreas histórico-geograficamente tidas como “periferias” uma nova organização de movimentos contra-hegemônicos que começam a se destacar no cenário mundial. Observe a força e a visibilidade que países considerados em desenvolvimento têm alcançado nesse cenário, tanto com credibilidade política quanto econômica, a exemplo do G20, que não é um grupo fechado e, em janeiro de 2010, contava com 23 membros (África do Sul, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, China, Cuba, Egito, Equador, Filipinas, Guatemala, Índia, Indonésia, México, Nigéria, Paquistão, Paraguai, Peru, Tailândia, Tanzânia, Uruguai, Venezuela, Zimbábue) e o BRIC (formado por Brasil, Rússia, Índia e China), países que se destacam no grupo daqueles em desenvolvimento.

O desafio atual é, como destacam Costa e Porto-Gonçalves (2006, p. 134): “Como regionalizar um espaço tão heterogêneo e, em parte, fluído, como é o espaço mundial contemporâneo?



Atividade 3

1

Explique o processo de agrupamento dos países segundo a lógica econômica pós- Guerra Fria.

2

Pesquise e registre outras formas de organizações regionais que se posicionam contra os imperativos da hegemonia econômica global contemporânea.

Resumo

Nesta primeira aula, aprendemos que a regionalização é um processo de identificação e de construção de regiões. Vimos também que as formas de regionalizar o mundo são múltiplas e obedecem ao interesse de quem as escolhe; portanto, temporalmente limitada. Identificamos os principais padrões de agrupamento regionais dos países segundo os sistemas geoeconômicos. E, por fim, compreendemos como a economia, atuando no espaço geográfico, evidencia as desigualdades regionais.

Autoavaliação

1

Justifique a importância de se estudar o sistema mundo a partir de regionalizações.

2

Apresente argumentos que comprovem a veracidade dessa afirmação: “As formas de agrupar os países do mundo a partir dos sistemas econômicos elaboradas no século XX já não conseguem responder à realidade socioeconômica mundial contemporânea”.

3

Tome como exemplo a região Nordeste do Brasil para construir um mapa representando um modelo de regionalização para essa região considerando os aspectos geoeconômicos. Para a realização dessa atividade, utilize os conhecimentos dessa aula e das disciplinas Geografia Regional do Brasil e Geografia do Nordeste.

Referências

COSTA, Rogério Hasbaert da; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial.** São Paulo: Editora UNESP, 2006. (Paradidático, Série Poder).

ESTEVA, Gustavo. Desenvolvimento. In: SACHS, Wolfgang (Org.). **Dicionário do desenvolvimento:** guia para o conhecimento como poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 59-83.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato; (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 49-76.

IANNI, Otávio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. **Espaço geográfico mundial e globalização**. São Paulo: Scipione, 2002. (Coleção Trilhas da geografia).

VERSIANI, Flávio R. A teoria geral e a economia do desenvolvimento. **Pesquisa, planejamento e economia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 263-280, ago. 1986.

VESENTINI, José. William. **Sociedade e espaço**: geografia geral e do Brasil. 31. ed. São Paulo: Editora ABDR, 2000.

Anotações

Anotações

Geopolítica e (re)ordenamento do mundo contemporâneo: a era dos blocos econômicos

Aula

2



Apresentação

Na aula anterior, vimos que a “Geografia regional” do mundo adota a geoconomia como um dos critérios de divisão ou agrupamento de Estados-nações. Nessa segunda aula, vamos discutir como as intensas transformações socioterritoriais e econômicas que emergiram no mundo contemporâneo, notadamente após o término da “Guerra Fria” e da intensificação do processo de globalização, trouxeram um novo dinamismo regional/mundial, de onde emergiram os atuais blocos econômicos ou mercados regionais. Vamos entender, também, a origem desses conjuntos econômicos e compreender como a espacialização dos mesmos revela uma nova forma de poder internacional, cuja configuração político-territorial e socioeconômica permite entender as mudanças geoeconômicas no espaço geográfico em tempos de globalização.

Objetivos

- 1 Compreender o contexto em que surgiram e se organizaram os blocos econômicos.
- 2 Reconhecer os principais tipos e formas de integração dos conjuntos econômicos regionais.
- 3 Identificar os principais blocos econômicos ou mercados regionais da atualidade e sua integração no espaço mundial.



A formação dos mercados regionais

A chamada nova ordem internacional que hoje se configura com a consolidação de unificação europeia, o fortalecimento do Japão e do bloco oriental (onde se incluem os “tigres” asiáticos, de industrialização recente), a crise da economia norte-americana e as transformações nos países “socialistas” levam-nos a rediscutir o próprio conceito de ordem internacional. (COSTA, 1998, p. 13).

Pense um pouco sobre o que Costa afirma. O que vem à sua mente quando escuta a expressão “ordem mundial”? E “nova ordem mundial”? A primeira impressão é a de que existe no espaço geográfico um sistema que se organiza e que varia de acordo com o tempo e orienta o arranjo espacial, não é mesmo?

Simplificando, a ordem mundial está, como afirma Mendel (1982), relacionada ao modo de atuação do sistema econômico capitalista e ao seu processo reprodutivo, que se comporta de forma cíclica. Isso quer dizer que o capitalismo alterna períodos de acumulações e crises. Nesse sentido, os momentos de crises significam uma ruptura com os processos tecnológicos e as formas de produção até então vigentes, que são aperfeiçoados para garantir a constante manutenção e renovação do sistema econômico hegemônico.

Você já sabe que o século XX assistiu a um dinamismo econômico sem precedentes em escala mundial. O Quadro 1 a seguir sintetiza aspectos de como o capitalismo se reformulou, reelaborando sua base de sustentação nos períodos pré-1930 até 1965.

Bases de sustentação do capitalismo	Período pré-1930	Período pós-1945 (fordismo, com “fase áurea” de 1945 a 1965)
Regime de acumulação	Extensivo , baseado na expansão da produção, com normas produtivas idênticas e reprodução ampliada dos bens de capital.	Intensivo , baseado na expansão do consumo, aprofundando a reorganização capitalista do trabalho, visando maior produtividade.
Modo de regulação e suas características	Concorrencial : ajuste de produção <i>a posteriori</i> , em função dos preços, que são muito suscetíveis à demanda; baixo crescimento dos salários reais (demanda) não acompanha o crescimento da produtividade (oferta), gerando a superprodução dos anos 1920.	Monopolista : incorpora <i>a priori</i> na determinação dos salários e lucros um crescimento do consumo, proporcional aos ganhos de produtividade; aumentos reais de salários (à medida que cresce a produtividade) ampliam o mercado consumidor interno.
Divisão Internacional do Trabalho - DIT (relações centro/periferia)	DIT tradicional : centro exportador de produtos industrializados (dependente da ampliação de mercados na periferia não-capitalista) e importação de matérias primas.	Nova DIT : trocas entre os países centrais estimuladas com o crescimento dos mercados; indústrias transnacionais buscando mão de obra barata (inicialmente nas “primeiras periferias” do mediterrâneo e tigres asiáticos); alguns países periféricos tentam industrializar-se via protecionismo (substituição de importações); manutenção de ampla periferia fornecedora de matérias-primas e mão de obra (inclusive via emigração).

Quadro 1 – Fases do capitalismo pré-1930 a 1965

Fonte: Costa (1998, p. 14).

Você percebeu que o quadro aborda as transformações ocorridas no bojo do capitalismo até 1965? Conseguiu visualizar três momentos distintos na organização desse sistema?

Pois é, se você analisar atentamente verá que cada um desses momentos estabeleceu novas referências para os padrões de produção, comércio internacional, consumo, relações de trabalho, divisão internacional do trabalho, reorganização do tempo/espacô, ou seja, cria-se a cada fase novas formas de a sociedade se organizar, se relacionar e (re)construir o espaço geográfico. É a isso que se denomina ordem mundial ou internacional. Mas, fique atento ao fato de que esses momentos de ordem ou reorganização da ordem mundial não são permanentes; eles se modificam constantemente observando as transformações políticas e econômicas que vivenciamos em nosso processo histórico.

E o que há de novo na dinâmica capitalista nas últimas décadas do século XX e início desse milênio? Para entendermos esses processos, é preciso compreender que desde os anos 1970 até a atualidade o jogo do poder econômico está centrado nos interesses das grandes corporações transnacionais e de organismos internacionais, a exemplo do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, que funcionam como controladores da economia mundial. Estamos, portanto, diante de uma “nova ordem”; dessa vez, a base de sustentação do capitalismo está organizada sob o sistema de acumulação flexível, ou o que se convencionou denominar de modo de produção pós-fordista.

Harvey revela que o modo de produção pós-fordista caracteriza-se pela

[...] crescente capacidade de manufatura de uma variedade de bens e preços baixos em pequenos lotes. [...] Estes sistemas de produção flexível permitiram uma aceleração do ritmo da inovação do produto, ao lado da exploração de nichos de mercado altamente especializados e de pequena escala. [...] O tempo de giro – que sempre é a chave da lucratividade capitalista – foi reduzido de modo dramático pelo uso de novas tecnologias produtivas (automação, robôs) e de novas formas organizacionais. Mas a aceleração do tempo de giro na produção teria sido inútil sem a redução do tempo de giro no consumo. (HARVEY, 2003, p. 148).

Esse novo modelo passa a comandar todo o sistema econômico mundial. As relações de trabalho se modificam, as relações comerciais também sofrem alterações, surgem inovações tecnológicas que vão modificar toda a estrutura social e econômica mundial. Essas inovações tecnológicas passam a ser conhecidas como Revolução Técnico-Científica Informacional, que consolidou a internacionalização do capital e a globalização da economia nas décadas seguintes.

Em meio a tantas mudanças, inclusive o fortalecimento do neoliberalismo como sistema político aliado aos interesses do capital financeiro e especulativo, permitindo a abertura das fronteiras territoriais à ação do capital, cria-se o cenário para o surgimento de uma nova organização político-econômica mundial, onde se destacam os grandes blocos econômicos regionais.

Mas, quando surge a ideia de agrupar países para formar blocos econômicos? Segundo Costa e Porto-Gonçalves,

A idéia de formação de grandes blocos econômicos começa após as Grandes Guerras Mundiais, justamente em uma tentativa de retirar poder de Estados, especialmente os

de maior vocação beligerante, e garantir a paz e o crescimento em um período de grave crise econômica. A iniciativa de maior sucesso até hoje foi também a primeira a se consolidar: a da União Européia [...]. No caso europeu, tratava-se também de fazer frente ao crescimento do poderio norte-americano e soviético (depois japonês) no cenário internacional, dentro das disputas intercapitalistas por hegemonia. (COSTA; PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 57)

Você percebeu que ao se agruparem em blocos os países estão na verdade se fortalecendo e se protegendo das adversidades que o sistema mundo os impõe? Isso pode significar, também, a busca pela autonomia e a proteção de seus nichos de mercado no cenário internacional do comércio através do fortalecimento da economia dos países membros.

Antes de prosseguir com seus estudos, pare um pouco para verificar seus conhecimentos a respeito dessa primeira parte da aula.



Atividade 1

1

Como você definiria a expressão “ordem mundial”?

2

Que mudanças são observadas no sistema econômico mundial após os anos 1970?

3

Em que contexto histórico e geográfico surgiu a ideia de formação dos blocos econômicos?

O fortalecimento dos grandes blocos regionais no mundo atual

Apesar das origens dos blocos econômicos datarem do pós Segunda Guerra Mundial, com a tentativa dos países europeus de se organizarem, foi o panorama geopolítico e econômico mundial da última década do século XX que marcou a consolidação e o fortalecimento de grandes conjuntos ou mercados regionais. Você saberia dizer por quê? Vamos pensar um pouco, certo?

Os anos 1990 marcam a efetiva globalização econômica mundial, certo? Você deve estar pensando que a formação dos megablocos está relacionada a uma tentativa dos países se protegerem da abertura econômica vigente desde aquele momento, não é mesmo? Bem, nos primeiros anos, acreditou-se mesmo nessa teoria; porém, com o passar do tempo, viu-se que esses mercados globais não ficaram isolados uns dos outros. Pelo contrário, eles se integraram e ampliam as trocas comerciais entre os países membros e também com outras partes do mundo.

Assim, fica fácil concluir que antes de ser uma tentativa de oposição e resistência à globalização, os mercados ou blocos regionais são partes integrantes desse processo, constituindo-se em uma de suas fases “da interdependência crescente de todos os países e povos do mundo” (VESENTINI, 2000, p. 74).

E como são formados os blocos econômicos regionais? Quais são suas características? É o que vamos ver a partir de agora.

Os blocos regionais são definidos através de tratados ou acordos econômicos entre os países integrantes. De acordo com os critérios estabelecidos nos tratados de formação dos blocos, os mesmos podem ser classificados em quatro categorias principais segundo os níveis de integração dos países membros.

- **Zona de livre comércio:** caracterizada pela redução ou eliminação das tarifas alfandegárias que incidem sobre as mercadorias trocadas entre os países membros. Tal privilégio não se aplica aos países parceiros do bloco.
- **União aduaneira:** nesse nível de integração, utiliza-se a seguinte regulamentação: adoção de uma Tarifa Externa Comum (TEC) para o comércio realizado entre o bloco e outros países.
- **Mercado Comum:** caracteriza-se pela livre circulação de mercadorias, pessoas, serviços e capitais entre os países integrantes.

- **União política, econômica e monetária:** é quando o bloco adota a mesma política econômica e estabelece moeda única para todos os países integrantes. Esse estágio é considerado o modelo de integração mais avançado e complexo entre os blocos.

Vamos conhecer alguns dos mais importantes blocos econômicos? É importante ressaltar que esses blocos regionais serão minuciosamente estudados nas próximas aulas, quando tratarmos especificamente de cada continente. Comecemos pelo primeiro bloco a se formar e que na atualidade exerce forte influência econômica, política e cultural no mundo. Você já sabe a quem estamos nos referindo? Se você pensou na União Europeia, acertou.

União Europeia – UE

A União Europeia é a iniciativa de maior sucesso entre os blocos econômicos.

[...] começou como mera entidade econômica setorial – a CECA (Comunidade Européia do Carvão e do Aço), e se expandiu por toda a economia como “Comunidade Econômica Européia” até atingir a atual configuração que incorpora ainda uma forte dimensão político-institucional [...] (COSTA; PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 57).

Pois é, os primeiros debates sobre um projeto de integração da Europa tiveram início logo após a Segunda Guerra Mundial. A ideia começa a se tornar realidade em 1951, quando foi assinado o Tratado de Paris instituindo a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA). Pronto, estava formada a “Europa dos Seis” (Bélgica, França, Alemanha, Itália, Luxemburgo, Países Baixos).

A CECA foi apenas o embrião do que hoje é o projeto de integração regional mais complexo. Só para você ter uma ideia, a UE é o único bloco econômico que alcançou todas as quatro fases de integração vistas anteriormente. Em 1957, a Europa dos Seis assina, em Roma, um Tratado que dá origem à formação da Comunidade Econômica Europeia (CEE). Em 1973, passam a integrar formalmente a CEE Dinamarca, Irlanda e Reino Unido. Na década de 1980 ocorre a adesão da Grécia, Espanha e Portugal. Observe que não estamos tratando de um grupo fechado de países; ao contrário, a atual EU, ao longo do tempo, sempre esteve em franca expansão.

Mas, a partir de que momento a CEE passou a se denominar União Europeia? Bem, foi durante a década de 1990. Em 1991, o Tratado de Maastricht criou a EU, que só entrou em vigor em 1993. Os anos 1990 e 2000 marcam também a chegada ao bloco da Áustria, Suécia e Finlândia, República Tcheca, Eslováquia, Estônia, Letônia, Lituânia, Hungria, Polônia, Malta, Chipre, Eslovênia, Bulgária e Romênia. Três países estão candidatos a ingressar no bloco: Croácia, Macedônia e Turquia. Observe a Figura 1 a seguir:



Figura 1 – O espaço da atual União Europeia

Fonte: <http://europa.eu/abc/european_countries/index_pt.htm>. Acesso em: 18 fev. 2010.

Como você pode ver, na atualidade, a União Europeia pode ser entendida como uma parceria econômica e política entre 27 países europeus democráticos que continua mantendo como objetivos “Paz, prosperidade e liberdade para os seus 498 milhões de cidadãos, num mundo mais justo e mais seguro” (UE, 2010).

Acordo de Livre Comércio da América do Norte – Nafta

O *North American Free Trade Agreement* (Nafta), ou simplesmente Acordo de Livre Comércio da América do Norte, é um dos mais importantes blocos econômicos da atualidade. Esse conjunto regional surgiu em 1988, quando Estados Unidos e Canadá assinaram acordo para criar uma Zona de livre comércio entre os dois países. Somente em 1993, o México ingressou no grupo e, em primeiro de janeiro de 1994, o Nafta foi oficialmente instituído.



Figura 2 – Logomarca do Nafta

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/archive/2/20/20080718033558!NAFTA_logo.png>. **Acesso em:** 18 fev. 2010.

Você deve ter percebido que o Nafta é uma zona de livre comércio e, portanto, suas bases se limitam à livre circulação de mercadorias entre os integrantes do bloco por meio da eliminação ou redução das barreiras legais e alfandegárias que, segundo o sítio oficial do bloco, foram eliminadas em 2008.

Se você comparar com os outros níveis de integração, perceberá que, considerando a integração econômica entre os seus membros, o mesmo é bastante limitado, pois está restrito ao aspecto comercial. Simplificando, podemos afirmar que o objetivo é “ampliar os horizontes de mercado dos países-membros e maximizar a produtividade interna” (MÉDICE; ALMEIDA, 2005, p. 69).

Nesse contexto, Médice e Almeida (2005) argumentam que essa maximização acontece por meio da liberdade de ação das empresas na área de domínio do bloco. Isso permite que elas se instalem nos países que melhor oferecerem condições de melhores custos dos fatores de produção. Agora pense um pouco: qual dos três países desse bloco apresenta mão de obra abundante, porém barata e reservas importantes de matérias-primas a custos relativamente baixos? A resposta não pode ser outra senão o México.

Pois bem, o México atraiu muitas empresas estadunidenses e canadenses. Mas existe um detalhe importante: o acordo de criação do Nafta previa segundo o qual “as empresas de um país membro instaladas em qualquer dos demais teriam liberdade absoluta de remeter lucros para sua respectiva sede”. (MÉDICE; ALMEIDA, 2005, p. 69).

Diante desse fato importante que ocorre no interior do Nafta, você pode imaginar a situação do México? Pois é, se por um lado o país ganhou com a chegada das empresas estrangeiras e com a ampliação do mercado consumidor para sua produção, por outro, sua riqueza é carreada pelas multinacionais que ali se instalaram.

Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico – APEC

Um dos mercados regionais econômicos mais fortes da atualidade é a Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec). A Apec originou-se em 1993 e é uma Zona de livre comércio com uma característica bem peculiar: abriga países muito distintos do ponto de vista de desenvolvimento econômico, a exemplo dos Estados Unidos e do Peru.

A Apec conta, em 2010, com 20 membros oficiais: Austrália, Brunei, Canadá, Chile, China, Indonésia, Japão, Coreia do Sul, Malásia, México, Papua Nova Guiné, Peru, Filipinas, Rússia, Cingapura, Taiwan, Tailândia, Estados Unidos e Vietnã (APEC, 2010). Observe o mapa a seguir:

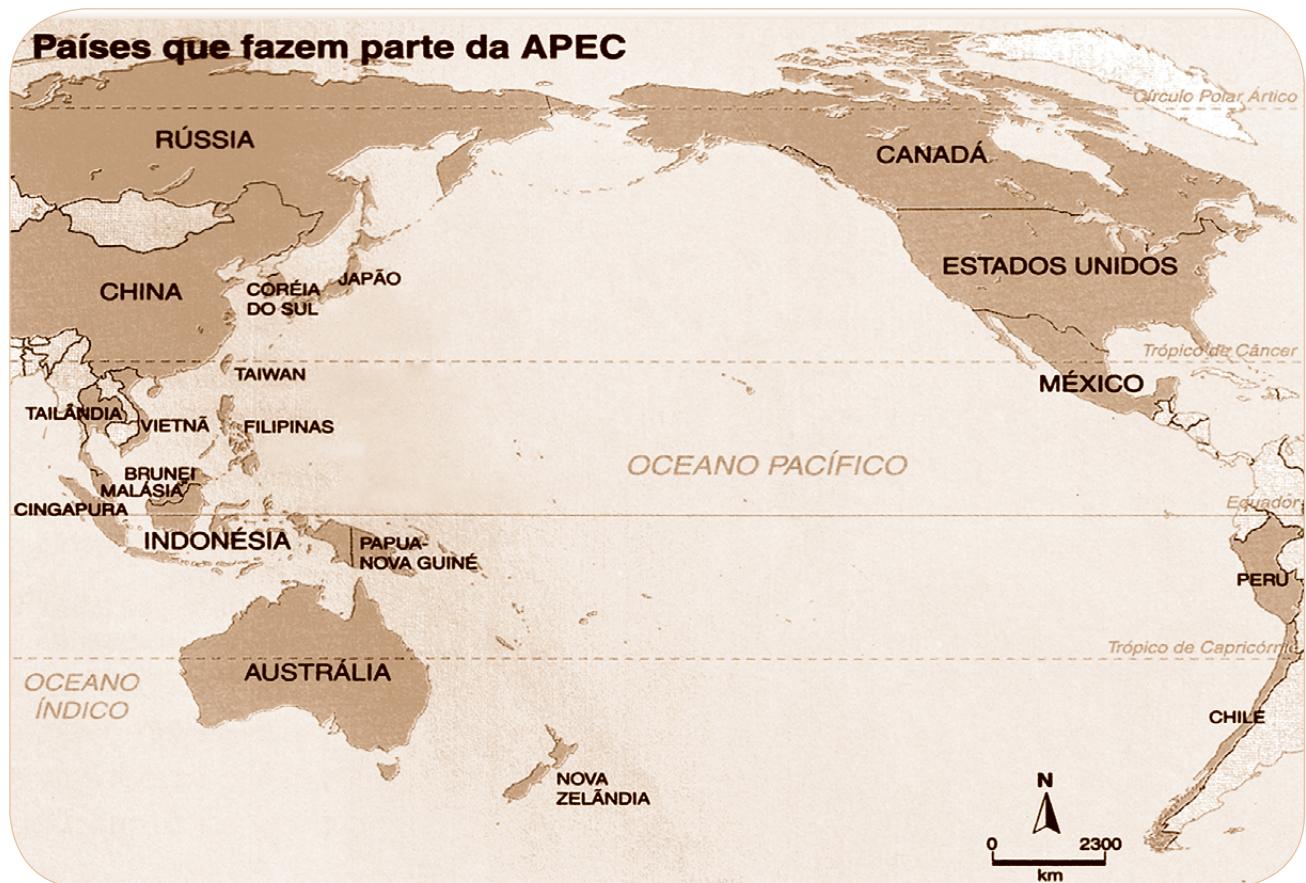


Figura 3 – Países membros da APEC

Fonte: Tamdjian (2005, p. 338).

Como você pode observar, esse bloco supranacional, além da importância geopolítica (por integrar algumas das nações mais poderosas do mundo), destaca-se também pelo elevado volume de negociações comerciais pelo mesmo fato de abrigar algumas das mais fortes economias mundiais. Nesse sentido, a APEC compõe, junto com o Nafta e a UE, os três principais blocos econômicos globais.

No entanto, existem outros mercados regionais menos expressivos. É o que vamos conhecer agora.

O Mercado Comum do Sul – MERCOSUL

O Mercado Comum do Sul (Mercosul) surgiu da junção de circunstâncias políticas e econômicas que marcaram a década de 1990. Você já sabe que a referida década foi marcada pela formação dos blocos econômicos supranacionais. Pois bem, na América do Sul ocorreu também a aproximação política e econômica entre Brasil e Argentina e, nesse contexto, em 1991, surge oficialmente o Mercosul, ampliando a cooperação entre os dois países, que integrou também Uruguai e Paraguai através do Tratado de Assunção.



Figura 4 – Países membros do Mercosul

Fonte: Tamdjian (2005, p. 339).

Mas quais seriam os objetivos dos Estados fundadores desse Mercado Comum? De acordo com o Tratado de Assunção (MERCOSUL, 1991), primeiro seria preparar as economias desses países para enfrentarem a situação de concorrência e acirramento internacional vigentes naquele momento e, como toda formação de conjunto econômico, atrair investimentos externos dos países membros e até de países externos ao bloco na medida em que o grupo fortalecia suas economias e conquistava a confiança dos investidores estrangeiros.

O projeto de integração do Mercado Comum do Sul previu duas fases, nasceu como uma Zona de livre comércio e alcançou o nível de União Aduaneira. Você já sabe o que significa cada um desses níveis de integração, não é mesmo? Então, pode perceber que o Mercosul é mais complexo que o Nafta e menor integrado que a União Europeia.

Atualmente, cinco países são membros permanentes. Além dos fundadores, a Venezuela foi incorporada oficialmente ao bloco em 2009; já os países parceiros são Chile e Bolívia. Conforme você pode perceber, o Mercosul assume uma posição de estratégia geopolítica na América do Sul, uma vez que encerra em si a noção de regionalismo aberto, ou seja, cresce horizontalmente incorporando novos membros.

Comunidade Andina ou Pacto Andino – CAN

Também envolvendo países da América do Sul, o Pacto Andino ou Comunidade Andina (CAN) é uma área de livre comércio formado por Bolívia, Colômbia, Equador e Peru (membros oficiais), Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai (membros associados). México e Panamá como países observadores. (CAN, 2010).

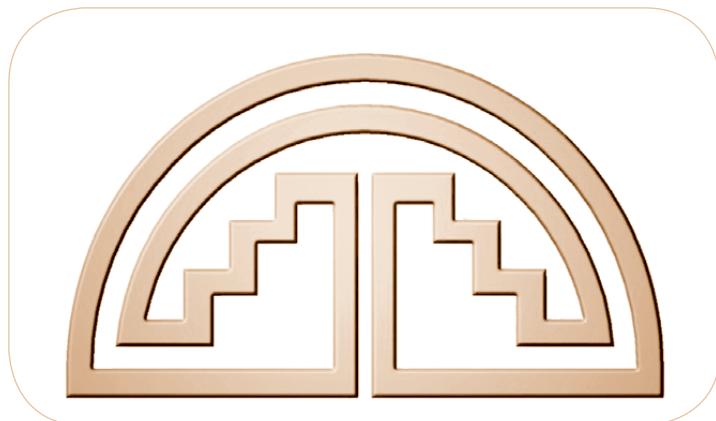


Figura 5 – Logomarca da CAN

Fonte: <http://www.rree.gov.bo/webmre/notasprensa/2009/2009_febrero/CAN%20logo.jpg>. Acesso em: 18 fev. 2010.

Um fato curioso é que o Pacto Andino tem sua origem em 1969, portanto, anterior à tendência internacional de associações comerciais. Entretanto, esse conjunto regional nunca alcançou grande visibilidade político-econômica. Vale salientar que um dos objetivos do bloco é a integração regional integral da América do Sul e, em 2004, assinou com o Mercosul um acordo de cooperação econômica. (CAN, 2010).

No continente americano, existe ainda o Comunidade e Mercado Comum do Caribe (CARICOM), composto por Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Granada, Guiana, Jamaica, Montserrat, São Cristóvão e Névis, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trinidad e Tobago (CARICOM, 2010). O CARICOM corresponde a um bloco regional de cooperação econômica criado em 1973.

Há ainda o Mercado Comum Centro-American (MCCA) desde 1963, cujos países participantes são Guatemala, El Salvador, Honduras, Costa Rica e Nicarágua. Esse bloco alcançou o estágio de União aduaneira, aquela que ocorre quando se adota uma tarifa externa comum para as transações comerciais com países integrantes e parceiros externos.

A Comunidade dos Estados Independentes – CEI

A CEI formou-se após o fim do regime socialista no leste europeu e parte da Ásia. As nações que saíram desse sistema procuraram a integração econômica como forma de enfrentar os desafios e problemas advindos da transição para o capitalismo. Oficialmente, doze dos quinze Estados que compunham a ex-União Soviética integraram a CEI; as únicas exceções foram Letônia, Estônia e Lituânia. Turcomenistão deixou o bloco e assumiu a condição de membro associado, e a Geórgia também abandonou o grupo.

Apesar dos países da CEI preservarem sua autonomia política, a comunidade enfrenta muitos problemas, especialmente as questões ligadas ao separatismo. Entretanto, o bloco vem se organizando no sentido de consolidar-se no cenário internacional. Seus atuais membros são Rússia, Belarús, Ucrânia, Tajiquistão, Uzbequistão, Moldávia, Azerbaijão, Armênia, Cazaquistão e Quirguízia.

Southern African Development Community (SADC)

No continente africano, também se destacam algumas iniciativas de integração regional. Um dos blocos econômicos africanos de maior destaque é a Southern Africa Development Community ou, simplesmente, Comunidade da África Austral, que também tem objetivos de integração comercial. Sua organização teve início em 1980. Atualmente, os Estados membros são Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Lesoto, Madagascar, Malawi, Ilhas Maurício, Moçambique, Namíbia, Seychelles, África do Sul, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue (SADC, 2010).



Figura 6 – Logomarca da SADC

Fonte: <http://www.sadc.int/fanr/aims/rrsu/graphics/sadc_logo2.gif>. Acesso em: 18 fev. 2010.

Ainda na África, merece importância o Mercado Comum dos Países do Leste e Sul da África (COMESA), o maior bloco regional da África. Estão nesse megabloco Burundi, Camarões, República Democrática do Congo, Djibuti, Egito, Etiópia, Kênia, Líbia, Madagascar, Malawi, Ilhas Maurício, Ruanda, Seychelles, Sudão, Suazilândia, Uganda, Zâmbia e Zimbábue (COMESA, 2010).

Estamos assistindo a um movimento de ampliação de alguns desses blocos, com a entrada de mais parceiros e o fechamento de acordos multilaterais entre os mercados. Na visão de Costa e Porto-Gonçalves (2006, p. 58), essa tendência demonstra que

a competição intercapitalista continua acirrada, cada potência (econômica ou político-militar) mundial ou regional tenta manter seu “controle” (pelo menos em termos comerciais) de seus parceiros privilegiados. [...] Trata-se sobretudo de garantir o controle sobre mercados privilegiados e tidos como parceiros “naturais” na geopolítica do comércio internacional.

Essa motivação foi o que levou os Estados Unidos a proporem a criação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), cujas negociações integrariam, num único mercado regional, todo o continente americano, exceto Cuba.

Vamos, agora, sistematizar os conteúdos discutidos nessa segunda parte da aula.



Atividade 2

1

Na formação de um mercado regional, existem quatro níveis de integração. Apresente-os e caracterize-os.

- 2** Considerando os aspectos geopolíticos e econômicos, quais dos blocos regionais abordados nesta aula podem ser apontados como os mais importantes no cenário internacional? Apresente argumentos que justifiquem sua escolha.

- 3** Aponte algumas vantagens que os Estados têm ao se organizarem em blocos econômicos.

- 4** Considerando os níveis de integração dos blocos regionais, caracterize o Mercosul e a União Europeia.

Resumo

Nesta aula, aprendemos que a “ordem mundial” depende do cenário político e econômico vigente em escala global e que um de seus determinantes é a configuração que o próprio capitalismo assume em suas múltiplas reorganizações no decorrer do tempo, o que acaba por orientar todas as relações sociopolíticas e econômico-territoriais. Aprendemos que a origem dos blocos econômicos data do período pós-guerras, mas o cenário geopolítico e econômico dos anos 1990 intensificou a competição econômica entre os países e esses, em resposta ao acirramento dos mercados internacionais, passaram a se fortalecer (os que já estavam formados) e formar novos blocos supranacionais. Por fim, vimos que em cada região dos continentes países se juntam em mercados regionais, mas alguns alcançam maior destaque pelo poder geopolítico e econômico que nações que os integram possuem.

Autoavaliação



Pensando em tudo o que discutimos nesta segunda aula, escreva um texto argumentando sobre como o cenário político econômico mundial configura, a cada momento histórico, uma nova forma de organização da sociedade e do espaço geográfico.

Referências

CARIBBEAN COMMUNITY AND COMMON MARKET – CARICOM. **Member states**. Disponível em: <http://www.caricom.org/jsp/community/member_states.jsp?menu=community>. Acesso em: 18 fev. 2010.

COMMON MARKET FOR EASTERN AND SOUTHERN ÁFRICA – COMESA. **Abaut COMESA**. Disponível em: <<http://www.comesa.int/>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

COMUNIDAD ANDINA – CAN. **Quiénes somos**. Disponível em: <<http://www.comunidadandina.org/>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

COOPERAÇÃO ECONÔMICA DA ÁSIA E DO PACÍFICO – APEC. **Member economies**. Disponível em: <http://www.apec.org/apec/member_economies.html>. Acesso em: 18 fev. 2010.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **Blocos internacionais de poder**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

COSTA, Rogério Haesbaert da; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006. (Paradidático, Série Poder).

EUROPA: o portal da União Européia. **A história da União Européia**. Disponível em: <http://europa.eu/about-eu/eu-history/index_pt.htm>. Acesso em: 18 fev. 2010.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 12. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

MÉDICE, Miriam de Cássia; ALMEIDA, Miriam Lino de. **Geografia**: a globalização econômica. São Paulo: Nova Geração, 2005. (Coleção Nova Geração).

MENDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MERCADO COMUM DO SUL – MERCOSUL. **Tratado de Assunção para a Constituição de um Mercado Comum**. Disponível em: <<http://www.mercosur.org.uy/home.jsp?contentid=10&seccion=1>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

SOUTHERN AFRICAN DEVELOPMENT COMMUNITY – SADC. **Member states**. Disponível em: <<http://www.sadc.int>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

TAMDJIAN, James Onnig. **Geografia geral e do Brasil**: estudos para a compreensão do espaço. São Paulo: FTD, 2005.

UNITED STATES. **North American Free Trade Agreement (NAFTA)**. Disponível em: <<http://www.ustr.gov/trade-agreements/free-trade-agreements/north-american-free-trade-agreement-nafta>>. Acesso em: 18 fev. 2010.

VESENTINI, José. William. **Sociedade e espaço**: geografia geral e do Brasil. 31. ed. São Paulo: Editora ABDR, 2000.

Anotações

Anotações

Economia e geopolítica em tempos de globalização

Aula

3



Apresentação

Na aula anterior, vimos que no atual sistema-mundo, o comando dos pilares que coordenam a economia global (fluxos de mercadorias, capitais, serviços e informações) encontra-se dividido entre diversos centros de poder, portanto, no mundo globalizado o espaço é apropriado de forma heterogênea. Nesse contexto, globalização e regionalização são dimensões complementares do espaço geográfico. Continuando nossos estudos sobre economia e espaço, nesta aula vamos conhecer como, a partir dos anos 1970, as mudanças ocorridas no modo de regulação capitalista e o advento da revolução tecnocientífica e informacional elevou, na atualidade, as empresas e as instituições financeiras internacionais ao posto de comando dos rumos da economia e do espaço mundiais.

Objetivos

- 1** Identificar o papel da revolução tecnocientífica e informacional na estruturação do espaço econômico global da atualidade.
- 2** Entender a dinâmica dos capitais financeiros e produtivos e suas interações com os territórios internacionais.
- 3** Reconhecer as mudanças ocorridas nos mecanismos econômicos do capitalismo pós-Segunda Guerra e suas implicações na apropriação econômica do espaço.



Ciência e Tecnologia a serviço da economia global

Você já teve a oportunidade de estudar a globalização, não é mesmo? Pois bem, deve recordar que esse fenômeno pode ser analisado sob inúmeras dimensões (social, econômica, cultural, ambiental, política, para citar alguns exemplos). Mas qual dessas dimensões é a mais discutida em nosso cotidiano? Essa questão é fácil de resolver, pois, sem dúvida, os aspectos econômicos são os que mais ganham destaque no debate sobre a temática em tela. E por que será que isso acontece? Provavelmente, pelo fato da questão econômica ser aquela que está mais diretamente presente no dia a dia das pessoas. Daí a relevância e a atenção que o lado econômico da globalização recebe, nos diversos meios de comunicação e nos debates cotidianos em todos os setores da sociedade.

Para compreender melhor a economia em tempos de globalização, vamos revisitar dois dos principais pilares que promoveram a mundialização econômica: os avanços técnico-científicos e a expansão do comércio mundial.



Figura 1 – Tecnologia e integração do espaço geográfico

Fonte: <<http://geocities.ws/saladefisica5/leituras/satelite10.jpg>>. Acesso em: 23 fev. 2010.

Iniciando a trajetória por esse tema, atente para a afirmação de Sene (2007, p. 65-66):

A globalização é o estágio da expansão capitalista em sua fase informacional. Consequentemente, como resultado dos grandes avanços técnico-científicos, tem havido crescente aceleração em todos os setores da vida. No campo da economia, tem havido um enorme crescimento dos fluxos de capitais (produtivos e especulativos) e de mercadorias pelo mundo. [...] A expansão histórica do comércio mundial foi resultado de acordos interestatais no âmbito do GATT (OMC, desde 1995), mas também da dinâmica do próprio capitalismo. Com o crescimento das corporações nos países do centro do sistema capitalista e com o aumento da competitividade entre elas, houve uma crescente busca de novos mercados para o escoamento de seus produtos e implantação de novas plantas industriais aproveitando as vantagens competitivas oferecidas por muitos países periféricos.

Observe que o autor referenciado consegue sintetizar exatamente o que vamos aprofundar em nossa terceira aula. Mas refletiu um pouco: foi a evolução dos sistemas de transporte e comunicações que permitiu a expansão das empresas no espaço global ou foi a necessidade de ampliação dos mercados que possibilitou o desenvolvimento dos sistemas técnicos? Complexo, não é mesmo? Se pensarmos bem, esses processos são indissociáveis e complementares. Nesse contexto, não há possibilidade de compreendermos ambos de forma isolada.

Um dos principais reflexos dessa interdependência entre sistemas técnicos e mobilidade do capital no espaço pode ser compreendido pelo atual estágio do sistema financeiro que se revela como a face mais expressiva da globalização econômica (SENE, 2007).

Tal ideia é defendida também por Chesnais (1996, p. 239) quando afirma que “a esfera financeira representa o posto avançado do movimento de mundialização do capital, onde as operações atingem o mais alto grau de mobilidade”. Chenais ainda chama atenção para o fato de que nesse cenário de fluidez e alta mobilidade dos investimentos financeiros, as reais necessidades mundiais são sobrepujadas pelos interesses e prioridades dos “operadores” do capital (empresas e demais instituições). Isso pode ajudar a explicar o porquê das enormes desigualdades da distribuição dos investimentos de capitais (produtivos e especulativos) e a distribuição irregular da tecnologia no espaço mundial.

Mas qual a diferença entre capital produtivo e capital especulativo? É importante saber que:

O capital produtivo é aquele aplicado no território com o objetivo de acumular lucros a partir da produção de bens comercializáveis ou da prestação de serviços. Demanda investimentos em plantas industriais, aquisição de equipamentos e matérias-primas, instalação de postos de comercialização das mercadorias e contratação de trabalhadores. Portanto, os resultados desses investimentos são visíveis no espaço.

O capital especulativo, por sua vez, restringe-se aos investimentos realizados no sistema financeiro mundial. Talvez sua principal característica seja ser volátil e não ter compromisso/fidelidade com o território onde está investido. É representado pelos investimentos aplicados na compra de ações de empresas através das bolsas de valores, na compra de títulos públicos ou de moedas etc. Ao menor sinal de instabilidade política ou econômica, em segundos, milhões são transferidos de um país para outro, buscando sempre melhores condições de lucratividade no espaço econômico global. Tais lucros vêm de juros e taxas.

É importante destacar que em tempos de globalização e intensificação dos sistemas “tecnológicos nas telecomunicações e informática o dinheiro tornou-se eletrônico, desmaterializado, virtual. [...] transformou-se em números nas telas dos computadores e entrou no circuito de informações que circulam em tempo real pelo mundo”. (SENE, 2007, p. 68). Você seria capaz de pensar em algum exemplo de como isso acontece no seu dia a dia?

Toda vez que você utiliza seu cartão de crédito ou débito automático, realiza uma transferência de valores ou mesmo utiliza os terminais bancários eletrônicos ou a internet para fazer um pagamento, você está se beneficiando desse sistema virtual para lidar com o seu dinheiro, não é mesmo? Isso significa que, por vezes, nem precisamos tocar no dinheiro disponível em nossas contas bancárias para realizarmos as transações financeiras cotidianas. É cada vez mais comum as pessoas preferirem os cartões ao invés de levarem dinheiro consigo.

Esse é apenas um dos reflexos do sistema econômico mundial em nossas vidas. Imagine o volume dos fluxos financeiros em níveis empresariais e de investimentos mundiais. Esses fluxos constantes de capitais formam o mercado financeiro mundial altamente integrado por meio de tecnologias de circulação de informações. Tais capitais, ao serem investidos fora de seus países de origem, geram vultosas rendas para os que os detêm. Por outro lado, incrementam a dinâmica econômica dos países que os recebem. Mas existe um risco enorme: podem ser facilmente retirados, e essa livre circulação também pode gerar crises econômicas financeiras severas para as nações alvo do capital especulativo.

Vamos parar um pouco para verificar seus conhecimentos a respeito dessa primeira parte da aula, certo?



Atividade 1

1

A atual configuração do sistema financeiro mundial é a mais fiel representação da articulação entre o sistema técnico e o econômico. Explique por quê.

2

Estabeleça as principais diferenças entre o capital produtivo e o capital especulativo.



O meio técnico e o espaço geográfico

Os anos 1970, conforme você estudou anteriormente, significaram um marco na evolução da economia mundial, pois foram marcados pela intensificação da desconcentração espacial dos sistemas industriais, o avanço do neoliberalismo e a implantação das bases da “Terceira Revolução Industrial” que inaugurou uma série de transformações no setor produtivo, especialmente porque essa foi também a “revolução da ciência e da tecnologia”.

Como reflexo desses acontecimentos, o espaço geográfico abriga, na atualidade, grande volume de técnica, ciência e informação que se torna visível pelo aumento da capacidade produtiva das empresas, maior facilidade de locomoção de fluxos de pessoas, mercadorias, capitais e informação pelo espaço através dos sistemas de telemática e transporte cada vez mais aperfeiçoados e pela presença de sistemas informatizados nas mais variadas atividades econômicas. Mas é preciso reconhecer que, segundo sua espacialização, a técnica, a ciência, a informação e os investimentos de capitais – sejam produtivos ou especulativos – estão desigualmente distribuídos no espaço geográfico mundial.

Nessa perspectiva, Jeffrey Sachs, ao escrever sobre essa questão, destaca que na passagem do século XX para o XXI apenas uma parcela pequena do espaço mundial que abriga 15% da população do planeta produz e fornece ao restante da Terra quase todas as inovações tecnológicas disponíveis na atualidade. O autor afirma ainda que outra porção desse espaço, responsável por cerca de 50% da população mundial, está apta a adotar essas tecnologias nos sistemas de produção e consumo. Porém, a real desigualdade da distribuição da tecnologia no espaço é evidenciada na medida em que cerca de um terço da população mundial está tecnologicamente excluído, não produz e nem adota tecnologias externas (SACHS, 2000, p. 2).

Observe atentamente o mapa a seguir. Ele é a representação espacial do que acabamos de relatar.

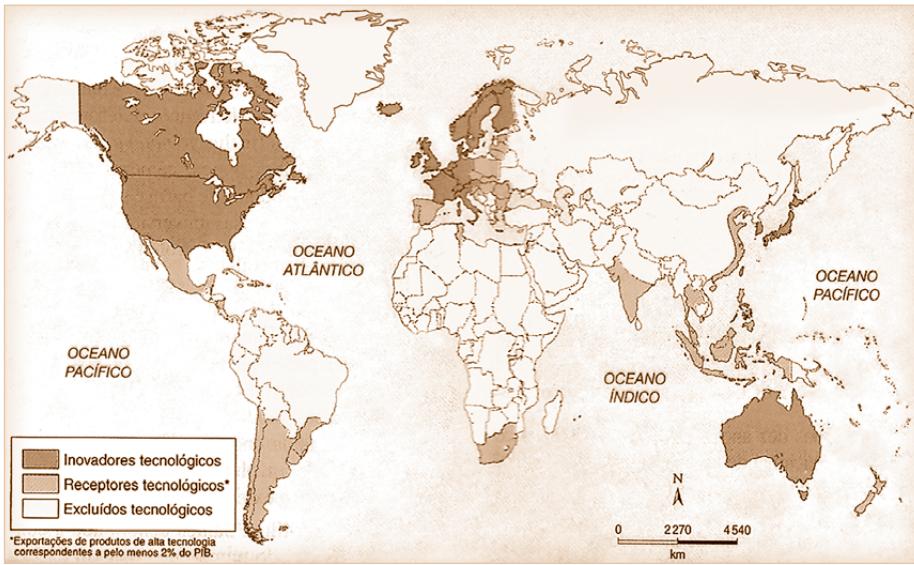


Figura 2 – Distribuição irregular da tecnologia no espaço mundial (final do século XX)

Fonte: Lucci, Branco e Mendonça (2004, p. 40).

Observou que o mapa revela um dos aspectos contraditórios da globalização. Se a técnica e a ciência são fundamentais para a economia global, a interpretação do mapa e do texto de Sachs nos direciona ao entendimento de que existem no planeta enormes espaços excluídos do processo de globalização da ciência e da economia, tal como elas se apresentam no mundo contemporâneo.

Você percebeu que mesmo no território brasileiro as desigualdades de acesso e produção da técnica estão presentes? Pois é, Santos (1997) explica que no Brasil, apesar dos avanços da técnica e da ciência sobre algumas áreas do território nacional, ainda persistem os contrastes internos que historicamente marcaram o espaço brasileiro. O autor argumenta que em nosso país as reconhecidas diferenças entre o litoral e o interior do país “e a mais recente oposição centro e periferia cedem lugar a uma nova oposição entre, de um lado, esse meio técnico-científico-informacional, [...] formado, sobretudo, pelo Sul e pelo Sudeste e, de outro lado, o resto do território nacional” (SANTOS, 1997, p. 9).

Mas por que isso acontece? Observe o que Milton Santos esclarece sobre globalização e meio geográfico na atual configuração espacial do mundo.

A globalização leva à afirmação de um meio geográfico cuja produção é deliberada e que é tanto mais produtivo quanto for maior o seu conteúdo em ciência, tecnologia e informação. Esse meio técnico-científico-informacional se dá em muitos lugares de forma extensa e contínua (Europa, Estados Unidos, Japão, parte da América Latina), enquanto outros (África, Ásia, parte da América Latina) apenas pode se manifestar como manchas ou pontos. Cria-se, desse modo, uma oposição entre espaços adaptados às exigências das ações econômicas, políticas e culturais da globalização e outras áreas não dotadas dessas virtualidades, formando o que, imaginativamente, podemos chamar de espaços luminosos e espaços opacos (SANTOS, 1997, p. 5).

É possível concluir que, assim como o capital, a técnica e a ciência também são seletivas. Tão maior é a presença da técnica quanto maior for a possibilidade de exploração do capital nos territórios. Sob essa ótica, estamos diante de mais uma possibilidade de regionalização do espaço global.

No que se refere aos fluxos de capital ou investimentos internacionais, as desigualdades são igualmente reconhecidas. Apesar de se verificar um aumento nos investimentos realizados nos países “subdesenvolvidos”, principalmente nos países em desenvolvimento, o principal destino desses investimentos continua sendo os ditos países desenvolvidos. É também desse grupo de países que sai os maiores investimentos em capital produtivo e especulativo.



Atividade 2

1

Que acontecimentos marcaram os anos 1970 e promoveram uma nova configuração do sistema econômico no espaço mundial?

2

Por que podemos afirmar que os sistemas tecnológicos e de investimentos de capital se apresentam de forma desigual no espaço geográfico?

3

Tomando por base a visão de Milton Santos, elabore seu próprio conceito de espaço luminoso e espaço opaco.

Espaço, produção e economia

Como vimos, no contexto da Terceira Revolução Industrial, o setor produtivo sofreu mudanças e, segundo Médici e Almeida (2005, p. 41), suas principais características passaram a ser:

- uma grande evolução tecnocientífica na produção industrial, com o uso de novos equipamentos desenvolvidos graças ao avanço de setores da microeletrônica, da mecânica fina (aparelhos de precisão) e da robótica;
- a expansão e valorização econômica de novos ramos industriais nos setores de ponta, como os de informática (computadores), telecomunicações (telefonia) e química fina (produtos farmacêuticos, cerâmicas especiais etc.);
- o abandono da antiga organização fabril fordista, como consequência da necessidade de adaptação do setor de produção às novas exigências de um mercado cada vez mais diversificado. Nesse contexto cresce a importância, por sua flexibilidade produtiva, da organização fabril toyotista, assim denominada por ter sido instituída inicialmente pela empresa japonesa Toyota.

Você poderia enumerar algumas das principais consequências dessas transformações para a sociedade? Aspectos positivos e negativos podem ser identificados, não é mesmo? Um dos pontos positivos foi a extraordinária expansão da automação industrial ampliando a capacidade de produção e consumo. Porém, como reflexo do processo do avanço tecnológico na produção fabril, generalizou-se o desemprego nesse setor.

Devemos reconhecer também que o desenvolvimento do sistema informacional teve como uma das mais importantes consequências a disseminação das atividades econômicas no espaço geográfico. Mas o que isso significa na prática? Significa que redes informacionais e o aprimoramento das redes de transportes passaram a integrar os territórios e a produção pode ser dividida em várias etapas, cada uma sendo elaborada em lugares diferentes. Isso criou a possibilidade de uma nova divisão territorial do trabalho, de modo que as empresas multinacionais passaram a se apropriar e dominar o mercado mundial.

A distribuição de mercadorias estruturada em redes que integram diferentes países possibilita, por exemplo, “comprar uma bola de futebol com a marca de uma empresa alemã, produzida numa fábrica do Paquistão (onde a mão-de-obra é muito barata) e importada para o Brasil por uma empresa norte-americana” (LUCCI; BRANCO; MENDONÇA, 2004, p. 41).

Mas você sabe em que contexto ocorre a expansão da produção no espaço? E quais as consequências disso para as empresas e o sistema econômico mundial? Primeiro, precisamos entender que não foi apenas o desenvolvimento tecnológico o responsável pela fragmentação da produção. Você já deve ter estudado sobre neoliberalismo, não é mesmo?

Pois bem, na década de 1970 o neoliberalismo ganhou força e se expandiu no cenário mundial defendendo a mínima interferência do Estado na dinâmica socioeconômica de um país. Os defensores desse modelo político-econômico argumentam que a liberação do mercado para a atuação das empresas e a ação do capital é a única maneira possível de um país alcançar a máxima eficiência econômica, o que, consequentemente, melhora suas condições sociais. É importante ressaltar que, no neoliberalismo, o Estado só interfere na economia quando esta estiver ameaçada pela formação de poderosos oligopólios.



Figura 3 – Espaço e tecnologia a serviço da lucratividade

Fonte: Lucci, Branco e Mendonça (2004, p. 79).

Você lembra os resultados da adoção neoliberal em nosso país? Privatização das empresas estatais que foram adquiridas em sua maior parte por grupos multinacionais é apenas um exemplo. Mas você lembra também do que aconteceu na crise econômica financeira de 2009? Quem foi o responsável por salvar a economia mundial, injetando altos investimentos nas empresas e subsidiando os setores produtivos? O Estado, não foi mesmo? Estamos diante de mais uma contradição do modelo político e econômico adotado a partir dos anos 1970.

Nesse cenário de desregulamentação, ou seja, do abrandamento de normas no interior dos Estados, a ação do capital nos territórios ocorre livremente e cria o ambiente favorável à atuação das empresas no espaço mundial.

Outro elemento que merece destaque nesse cenário de transformações da economia global foi o fortalecimento das instituições financeiras internacionais: o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD). E como funcionam esses organismos financeiros? Bem, existem os credores que injetam recursos nessas instituições. Estes, na maioria, são sempre os países desenvolvidos, portanto, como em uma empresa os maiores acionistas tomam as decisões, assim acontece no âmbito dessas organizações – serão sempre eles que decidirão onde e como os recursos financeiros serão aplicados, assim como as regras a serem obedecidas pelos países que pleitearem os

empréstimos. Veja que, nesses termos, as potências têm nas mãos mais um instrumento de pressão e controle sobre os países que precisam de recursos.

Mas você sabe quais os objetivos dessas instituições? Os objetivos principais estão diretamente relacionados à

intensificação do comércio entre países (por meio de financiamentos) e tentar corrigir (pela concessão de empréstimos) possíveis distorções na economia dos países membros, causadas por desequilíbrios em suas contas externas. [...] e emprestar recursos aos países que necessitam expandir sua economia (MÉDICI; ALMEIDA, 2005, p. 33).

Você saberia dizer como essas instituições colaboraram com a globalização da economia e disseminação das multinacionais no espaço geográfico mundial? Vamos entender, certo? O processo de globalização da economia foi bastante estimulado pela ação dessas organizações financeiras globais, isso porque essas instituições, para conceder empréstimos às nações, exigiam, dentre outras coisas, a abertura de suas economias ao capital estrangeiro e a ampliação de suas plataformas de exportações, mesmo que para isso tivessem que comprometer a produção para o mercado interno.

Dante do exposto, fica fácil concluir que as exigências feitas por essas instituições aos países favoreceram em muito os interesses das grandes corporações empresariais multinacionais.

As multinacionais no comando da economia global

Entendendo a empresa global...

A consolidação do capitalismo monopolista mundializado revelou neste final de século XX sua dimensão multiterritorial e transterritorial. A mundialização do capitalismo colocou as empresas multinacionais (monopólios que em geral atuam oligopolizados) no centro da produção material da existência humana. Esse processo criou, pois, a empresa mundial. Uma empresa que tem na busca do lucro o elo da unidade empresarial e na diversidade produtiva de bens e serviços a sua distribuição territorial em múltiplas localidades do mundo.

As empresas mundiais estabelecem, assim, redes, cadeias de cooperação e alianças com parceiros nacionais que atuam em setores afins, complementares e mesmo diferentes. O mundo se tornou um paraíso das multinacionais [...]. Em todos os setores econômicos, praticamente menos de uma dezena de grandes redes ou cadeias de empresas industriais e financeiras controlam cerca de 70 a 80% da produção mundial [...] (OLIVEIRA, 1995, p. 283-4).

Sabemos que após a Segunda Guerra Mundial iniciou-se o processo de transferência industrial para os países “subdesenvolvidos”. Porém, sua intensificação ocorreu a partir de 1970. Tal processo foi comandado pelas multinacionais que tinham como objetivo usufruir das vantagens que os governos desses países estavam dispostos a oferecer. Você seria capaz de citar algumas dessas vantagens?

Vamos ver se você conseguiu identificá-las. Destacavam-se entre essas vantagens a doação dos terrenos, mão de obra barata, legislação trabalhista flexível e ambiental pouco severa ou inexistente que favoreciam aos interesses dessas empresas, incentivos fiscais e, principalmente, mercado consumidor em franca expansão.

Você deve estar pensando: essas vantagens são exatamente iguais às que os países oferecem hoje. Tem razão, mas tem diferenças importantes na atualidade. Na “era informacional”, a oferta de mão de obra barata pura e simples não é mais uma vantagem competitiva para atrair investidores de capital produtivo. Os agentes econômicos, além de vários fatores que consideram ao escolherem os locais para fazerem seus investimentos (presença de sistemas de comunicação e transportes eficientes que integram os territórios ao resto mundo), buscam também compatibilizar o baixo custo salarial com o mínimo de educação formal, de qualificação profissional (SENE, 2007). Essa mínima qualificação profissional é dada pelo Estado.

Pois bem, fica fácil compreender que os Estados (especialmente os países em desenvolvimento) investem muito na preparação das condições para que o capital chegue, se instale e se reproduza. Essa é hoje a condição fundamental para atrair investimentos empresariais das multinacionais. Tal competição ocorre também no interior dos países, o que aumenta ainda mais as vantagens para as empresas. Para Sene (2007, p. 81), “isso tem permitido uma aceleração da circulação e da acumulação capitalistas. O mercado, mais e mais, para as grandes corporações multinacionais, é o mundo”.

Dependendo do país onde uma empresa pleiteia instalar uma de suas plantas industriais, as relações entre esta e o Estado são estabelecidas de forma diferente. Nos ditos países desenvolvidos, os incentivos são muito menores do que os oferecidos pelos países “subdesenvolvidos” ou em desenvolvimento.

Observe, no mapa a seguir, como – mesmo sendo a economia globalizada – a distribuição das indústrias no espaço geográfico ainda se apresenta de forma desigual.

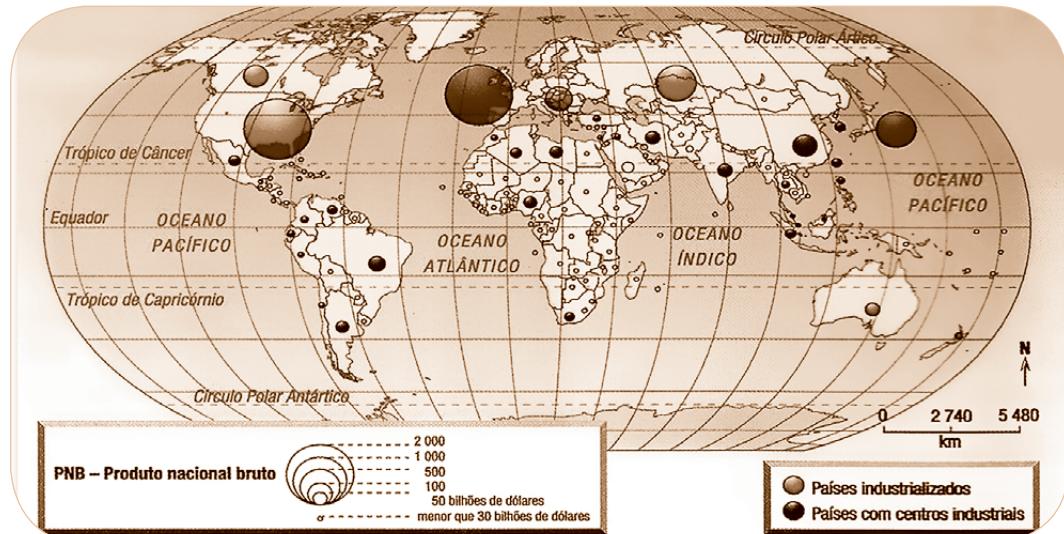


Figura 4 – A distribuição desigual da industrialização no mundo

Fonte: Médici e Almeida (2005, p. 32).

Nas últimas décadas as multinacionais passaram a utilizar outra estratégia na desconcentração da produção. É cada vez mais comum a realização de subcontratação de outras empresas, em diversos países do mundo, para produzir as mercadorias ou mesmo prestar serviços. Veja que nessa nova modalidade os custos das empresas reduzem consideravelmente, pois não mais precisam investir em estrutura fabril e podem a qualquer momento romper o contrato com a empresa subcontratada para subcontratar outras empresas em qualquer outro lugar do mundo onde as vantagens e os lucros se apresentem mais favoráveis.

Nesse panorama da economia mundial, acirra-se ainda mais a disputa entre os países subdesenvolvidos pelos investimentos das multinacionais, pois têm que oferecer cada vez mais vantagens a essas empresas. Mas mesmo quando uma empresa escolhe se instalar num determinado país não significa dizer que a mesma permanecerá ali por tempo indeterminado. A qualquer momento a empresa pode deslocar seus investimentos para outros territórios que lhe ofereçam mais vantagens no momento.

É evidente que o processo de globalização da economia, agora especialmente, representado pela ação das empresas multinacionais no espaço geográfico mundial, tem ampliado as desigualdades nacionais (no interior dos países) e internacionais (entre os países). Nesse contexto, acentuam-se antigas formas de dependência entre os países (SENE, 2007), agora com nova configuração.

Os países de economia forte continuam a comandar os demais na medida em que são eles as sedes das multinacionais e grandes corporações empresariais. Estas por sua vez, ao ampliarem sua presença no mundo, seja pela instalação de filiais ou subcontratando empresas locais, lucram em todo o espaço mundial e carreiam seus dividendos para investimentos nos países de origem, ou seja, nos países desenvolvidos.



Atividade 3

1

Sintetize as principais transformações ocorridas no setor produtivo com o advento da Terceira Revolução Industrial.

2

Explique como o neoliberalismo contribuiu para a abertura dos espaços nacionais à livre ação do capital internacional.

3

Destaque as condições em que ocorreu a expansão das empresas multinacionais no espaço geográfico, enfatizando as principais implicações desse processo para as economias dos locais onde se instalaram e dos países sedes.

Resumo

Nesta aula, tivemos a oportunidade de entender como, a partir dos anos 1970, o desenvolvimento científico e tecnológico permitiu a maior integração do espaço geográfico por meio do aprimoramento dos sistemas informacionais, de comunicação e de transportes, o que possibilitou a expansão da economia mundial em escala nunca antes vista. Vimos também que a criação de organismos financeiros internacionais e a disseminação das ideias neoliberais favoreceram a internacionalização do capital e, consequentemente, abriram caminho para a ação das multinacionais que hoje comandam a economia global. Por fim, entendemos que a globalização econômica é contraditória na medida em que os territórios são apropriados de forma desigual, tanto pelos sistemas tecnológicos como pelo capital, refletindo, portanto, a continuidade de um mundo globalizado, porém excludente.

Autoavaliação

1

Observe bem a realidade do seu município. Você consegue perceber a presença da técnica integrando o seu lugar ao espaço econômico mundial? Justifique sua resposta utilizando exemplos que comprovem de que forma ocorre, ou não, essa integração.

2

Pense nos conceitos de espaços luminosos e espaços opacos defendidos por Milton Santos. Identifique no território do seu município (se houver) e do seu Estado espaços em que é visível a ação do capital externo e espaços excluídos (não apropriados por ele). Se possível, construa um mapa para representar melhor essa espacialização. Essa atividade o ajudará a perceber como o capital atua de forma seletiva no território.

Referências

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lázaro; MENDONÇA, Cláudio. **Geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2004.

MÉDICI, Miriam de Cássia; ALMEIDA, Miriam Lino de. **Geografia**: a globalização econômica. São Paulo: Nova Geração, 2005. (Coleção Nova Geração).

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A mundialização do capitalismo e a geopolítica mundial no fim do século XX. In: ROSS, Jurandyr (Org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp/FDE, 1995.

SACHS, Jeffrey. Distribuição irregular da tecnologia no espaço mundial. **Gazeta Mercantil**, p. 2, 30 jun- 2 jul. 2000.

SANTOS, Milton. Globalização e meio geográfico. **Folha de São Paulo**, p. 5-9, 13 abr. 1997.

SENE, Eustáquio de. **Globalização e espaço geográfico**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

Anotações

Anotações

O mundo globalizado: Um mundo unificado?

Aula

4



Apresentação

Na aula passada, vimos que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia informacional intensificou a mundialização da economia na medida em que favoreceu a dispersão da ação do capital no espaço geográfico. Nesta aula, vamos analisar mais uma das contradições da economia global, talvez a mais visível delas: o fato de que o espaço geográfico apresenta-se livre para a reprodução e ampliação dos sistemas produtivos na mesma medida em que, no nível global, limita a mobilidade e o acesso dos trabalhadores ao mercado de trabalho. No curso deste texto, veremos os principais desafios enfrentados por aqueles que decidem ou precisam migrar em busca de melhores condições de trabalho e vida nas regiões economicamente mais dinâmicas do espaço mundial.

Objetivos

- 1** Compreender as razões que levam à migração da força de trabalho no espaço geográfico.
- 2** Identificar o papel da globalização econômica na intensificação dos movimentos populacionais no mundo contemporâneo.
- 3** Reconhecer os principais desafios enfrentados pelos trabalhadores migrantes nas regiões de maior dinamismo econômico.
- 4** Entender os motivos pelos quais os países desenvolvidos ampliam os mecanismos de controle e proibição à entrada de imigrantes em seus territórios.



Desigualdades econômicas e a força de trabalho em movimento

[...] a fronteira que se quer tão flexível para fazer circular o capital tem sido extremamente seletiva quando se trata da população (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 203).

Vamos iniciar nossa aula pensando sobre sua questão tema: Você diria que o mundo globalizado é de fato um mundo unificado? Certamente, em disciplinas anteriores, você já deve ter estudado muito a respeito desta grande temática da Geografia: a globalização. Se o mundo da era global é unificado ou não, eis aí uma questão que suscita debates intermináveis entre os teóricos, e a conclusão vai depender do critério objeto de análise. Mas e você, o que pensa a respeito dessa temática? Vamos tomar como ponto de partida a análise das imagens a seguir, certo?



Figura 1 – Muro erguido na fronteira México/Estados Unidos

Fonte: <<http://www.990px.pl/index.php/2009/10/07/mur-na-granicy-usa-meksyk/>>. Acesso em: 26 fev. 2010.



Figura 2 – Centro americano de observação e monitoramento da fronteira mexiko-americana

Fonte: <<http://www.990px.pl/index.php/2009/10/07/mur-na-granicy-usa-meksyk/>>. Acesso em: 26 fev. 2010.

O que você sabe sobre a região de fronteira representada nas duas imagens? Qual o objetivo da presença desse muro na paisagem? Qual o significado e o simbolismo que ele representa no mundo globalizado? Por que esse controle excessivo na fronteira dos dois países? Se vivemos em um mundo global, então por que é necessária a construção de muros que segregam, separam, excluem?

Tais reflexões nos conduzem facilmente à conclusão de que o fenômeno das migrações, no mundo atual, é acompanhado por uma intensa fiscalização e controle e, visto por esse prisma, fica claro que a globalização não significa a livre circulação de pessoas no espaço. Mas é lógico que isso vale para os movimentos transfronteiriços que visam o mercado de trabalho. A mesma constatação não se aplica aos fluxos do turismo internacional, por exemplo. Portanto, nossa discussão restringe-se, nesta aula, ao fluxo de pessoas que migram por razões econômicas.

Retomemos o exemplo ilustrado nas figuras anteriores. Incontáveis muros encontram-se erguidos no mundo contemporâneo, com objetivos quase sempre semelhantes. O muro que separa os territórios mexicano e norte-americano exerce a função de controle do deslocamento “illegal” de migrantes entre os dois países. Trata-se de uma fronteira territorial no contato da América Latina e a América Anglo-Saxônica, de um lado, uma região desfavorecida economicamente e do outro, um país com elevado nível econômico. Essa situação por si mesma é esclarecedora da realidade que acontece cotidianamente no referido limite, não é mesmo?

A respeito dessa situação, Sene (2007, p. 156-157) esclarece que

após a queda do muro de Berlim, que simbolizava a oposição capitalismo versus socialismo, novos muros têm sido erguidos para tentar impedir a entrada de imigrantes pobres, como o que existe (e está sendo ampliado) no limite territorial entre os Estados Unidos e o México, para dificultar a entrada de trabalhadores desse país no mercado norte-americano. A cerca de aço, que limita a fronteira mexicano-americana, é o símbolo da desigualdade crescente, da oposição entre ricos e pobres do capitalismo globalizado e, ao mesmo tempo, da hegemonia do setor econômico-financeiro sobre o social.

Precisamos entender que não são apenas os mexicanos os que se arriscam ao entrar ilegalmente no território americano. Cotidianamente, tentam atravessar clandestinamente aquela que, provavelmente, seja a fronteira mais vigiada em todo o mundo, pessoas de todos os países latino-americanos, inclusive brasileiros. Você conhece alguém ou sabe de alguma história de pessoas que entraram nos Estados Unidos de forma clandestina pela fronteira mexicana?



As migrações constituem um fenômeno inerente às populações. A **mobilidade humana** no espaço geográfico ao longo da história foi (e ainda é) estimulada a partir de fatores diversos, tais como: perseguições (países em guerra), motivos econômicos (busca de melhores condições de vida, incluindo aí a possibilidade de acesso ao trabalho), migrações forçadas (como no caso dos africanos durante o período escravista, e na atualidade, algumas situações de tráfico de seres humanos etc.), ou mesmo refugiados ambientais (os que migram por terem sido atingidos por grandes catástrofes ambientais). Mas foi o advento da expansão europeia e com ela, a ampliação da fronteira mundial para o capitalismo, que se verificaram os primeiros ciclos de migrações em escala continental.

Reflita um pouco: século XVI, expansão europeia, ampliação das fronteiras mundiais até então conhecidas, difusão do capitalismo no espaço geográfico, migrações em escala continental.

Mobilidade humana

A capacidade dos indivíduos, famílias ou grupos de pessoas de escolherem os seus locais de residência.

O que a análise desse conjunto de elementos e a observação da direção dos fluxos migratórios mais expressivos daquele momento histórico nos levam a concluir? Fácil, não? Do momento histórico em destaque até a primeira metade do século XX, as correntes migratórias mais expressivas ocorriam das áreas economicamente mais favorecidas (Europa) para as regiões que ainda não haviam alcançado o nível tecnológico e os padrões culturais desse continente.

Nesse cenário merece destaque o período compreendido entre a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX quando se verificam intensos deslocamentos populacionais da Europa (notadamente irlandeses, ingleses, escoceses, portugueses, espanhóis, alemães, italianos, poloneses, russos) e da Ásia (chineses e japoneses em especial) para o continente americano, a Oceania e, sobretudo, para o sul do continente africano (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Ao analisar e comparar os aspectos que caracterizam a população em seus processos migratórios, Thompson (2000) concluiu que, no final do século XIX e início do século passado, a possibilidade de deslocamento dos trabalhadores no espaço geográfico era bem maior do que o que se verifica na atualidade. No atual mundo globalizado (pós-Segunda Guerra Mundial), a direção do fluxo populacional se inverteu. Os movimentos transfronteiriços assumem maior volume partindo das áreas mais pobres do planeta para as regiões mais ricas.

Contextualizando o fenômeno das migrações

A humanidade, sabiamente, é fruto de movimentos migratórios que levaram o homem, constantemente, a se deslocar em busca de recursos, de trabalho ou simplesmente de aventura rumo ao desconhecido. Destruindo ou reconstruindo, conquistaram-se povos, exploraram-se novas terras, impuseram-se novas culturas. O mundo moderno-colonial foi construído, podemos afirmar, sobre migrações de amplo espectro, tanto no sentido das distâncias percorridas e das diferenças culturais em jogo quanto da diversidade dos grupos migratórios.

O grande contingente de imigrantes no mundo contemporâneo não representa, portanto, uma novidade. A história moderno-colonial é repleta de fluxos maciços de população de um continente para outro, seja de maneira forçada, como no caso dos escravos africanos para o sul dos Estados Unidos, Caribe e Nordeste brasileiro, seja de modo “menos forçado”, como no caso dos imigrantes europeus para a América Anglo-Saxônica e o Cone Sul. O novo é representado, em primeiro lugar, pela direção predominante dos fluxos, agora muito mais Sul-Norte do que Norte-Sul, ou seja, mais da periferia para o centro do que do centro para a periferia (COSTA; PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 92).



Atividade 1

1

Na era do globalismo, caem as fronteiras para a circulação do capital, mas erguem-se muros que limitam a mobilidade de pessoas que buscam trabalho no mercado global. Discuta essa afirmação apresentando argumentos que a justificam.

2

Faça uma pesquisa e anote alguns exemplos de situações cuja migração (nacional ou internacional) é, na atualidade, motivada por questões econômicas, estado de guerras, impactos ambientais e migração forçada.



Migrações internacionais

Deslocação de pessoas entre fronteiras internacionais, resultando numa mudança do país de residência habitual.

Todos os anos, mais de cinco milhões de pessoas atravessam fronteiras internacionais para irem viver num país desenvolvido. O número de pessoas que se desloca para uma nação em desenvolvimento, ou dentro dos limites do seu país, é muito maior, embora seja difícil apurar estimativas precisas. Um número ainda maior de pessoas, tanto nos locais de destino, como nos locais de origem, é afectado pelas deslocações dos outros através de fluxos de dinheiro, de conhecimento e de ideias (PNUD, 2009, p. 22).

No tópico anterior, vimos que após a segunda metade do século passado, o direcionamento do deslocamento populacional no espaço geográfico adquiriu nova característica, ou seja, inverteu-se o destino dos fluxos migratórios entre as regiões do globo.

Mas o que explica a mudança de direção dos fluxos migratórios no mundo contemporâneo? Vejamos. Isso pode ser entendido, em parte, pelo fato de terem sido ampliadas as desigualdades econômicas entre as regiões do planeta. No sistema econômico vigente, observa-se um aumento do crescimento econômico sem que ocorra o aumento da oferta de postos de trabalho. Consequentemente, deterioraram-se as condições de vida de milhões de pessoas em todo o mundo.



Migrantes

Indivíduo que mudou de local de residência habitual, quer por ter atravessado uma fronteira internacional quer por se ter deslocado dentro dos limites do território do seu país de origem para outra região, distrito.

Nesse contexto, surgem as desigualdades socioterritoriais e o desemprego, característica estrutural do neoliberalismo e do avanço tecnológico nos sistemas produtivos que levam milhões de pessoas a migrarem em busca, fundamentalmente, de trabalho. Essas migrações ocorrem tanto dentro do próprio país de origem dos **migrantes** quanto no plano internacional. Para Costa e Porto-Gonçalves (2006, p. 93),

a mudança de direção predominante nos fluxos migratórios pode ser explicada, em primeiro lugar, pelas crescentes desigualdades socioeconômicas, pelas crises produtivas e de endividamento dos países periféricos e pelo fascínio exercido pelos países centrais com seus salários mais altos, suas maiores perspectivas de emprego (principalmente em setores localmente de menor remuneração) e seu acesso aparentemente facilitado a bens culturais típicos da sociedade capitalista globalizada. Além disso, também na esteira da globalização, a maior facilidade de transportes e comunicações e seu relativo barateamento agilizaram os contatos e ativaram muitas redes de parentescos e de diásporas, o que alimentou o fluxo migratório.

Diante da constatação dessa realidade, quais as implicações desse fenômeno no território e na sociedade? Vamos por parte, certo? Primeiro, percebe-se claramente a existência de áreas do espaço mundial que se tornaram receptoras de mão de obra (países desenvolvidos) e outros que assumiam o papel de áreas fornecedoras dessa força de trabalho (países em desenvolvimento da América Latina, África, Ásia e o Leste Europeu, depois da crise do socialismo). Essa regionalização resulta, como você já sabe, da configuração desigual que o sistema econômico globalizado assumiu no espaço.

Atualmente, a nomenclatura adotada pela ONU para denominar os grupos de países segundo o nível de desenvolvimento econômico leva em consideração o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Todos os países com IDH igual ou superior a 0,9 formam o grupo dos países desenvolvidos, enquanto todos os países com IDH inferior a 0,9 são chamados de países em desenvolvimento. Adotaremos a partir de agora essas denominações.

Essa relação que se estabelece entre as regiões de repulsão e receptoras de população, acaba por caracterizar-se como uma dependência mútua. Enquanto os países mais desenvolvidos necessitam de força de trabalho para assumir as atividades de menor rentabilidade, os países de onde partem esses trabalhadores, por vezes, se beneficiam dos recursos enviados pelos migrantes que trabalham nos países centrais.

É certo que no passado (período pós-Segunda Guerra), os países europeus, especialmente Inglaterra, França e Alemanha estimularam a entrada de migrantes de regiões em desenvolvimento por ser uma mão de obra barata e extremamente necessária no contexto da reconstrução daqueles países. Hoje, essas mesmas nações impõem inúmeras restrições à entrada de migrantes em seus territórios.



Uma das causas pelas quais os países desenvolvidos, de maneira geral, restringem na atualidade a entrada de **imigrantes** é que com a globalização da economia, um de seus efeitos, o desemprego, atingiu também as economias desenvolvidas. Assim se instalou uma situação de competição entre as massas trabalhadoras locais e os imigrantes. Tal acontecimento gera conflitos e perseguições constantes aos imigrantes, principalmente àqueles que se encontram em situação irregular.

Você já ouviu falar em xenofobia? Sabe o que essa palavra significa? De forma bem simples, a xenofobia se caracteriza pela aversão a tudo o que é estrangeiro. Entretanto, as reações xenófobas mais conhecidas são aquelas expressas em agressões aos imigrantes. Comumente, a impressa noticia casos de xenofobia que acontecem contra imigrantes, principalmente nos países europeus e nos Estados Unidos.

De acordo com Lucci, Branco e Mendonça (2006, p. 206):

No mundo desenvolvido, muitos dos que ficam desempregados não conseguem regressar ao mercado de trabalho exercendo atividades cuja qualificação profissional corresponda à exigida no emprego anterior. Assim, boa parte dos trabalhos de baixa qualificação, tradicionalmente realizados pelos imigrantes, passou a ser disputada pela população de origem local, restringindo as opções que sempre estiveram abertas aos estrangeiros. Tal situação tem contribuído muito para a ampliação dos conflitos sociais entre os imigrantes e as populações nativas.

Imigrantes

Um imigrante é um migrante visto da perspectiva do país de destino, enquanto um emigrante é um migrante visto da perspectiva do seu país de origem.

Observe atentamente o conteúdo do cartaz a seguir. Ele foi extraído de um blog mantido na internet e que conclama a caça aos ilegais e expressa a situação de pressão e perseguição aos que vivem de forma ilegal em país estrangeiro, no caso, em Portugal.



Figura 3 – Manifestação contra imigrantes ilegais

Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/_SvBhaiEpeLc/R2AOy1cTFI/AAAAAAAAGg/SflZ39X6sSl/s1600-h/imigrac%2Ba%2Bilegal%2Bpanfleto.0.jpg>. Acesso em: 18 mar. 2010

Apesar dessa difícil realidade que os imigrantes ilegais, e, por vezes, os legalizados vivenciam nos países desenvolvidos, milhares de pessoas continuam se arriscando na travessia de fronteiras. Os que conseguem entrar, e permanecem ilegalmente, quando descobertos pelas autoridades são presos e deportados para seus países de origem. Entretanto, não são raros os casos de deportados que retornam aos países de onde foram expulsos. O gráfico a seguir sintetiza as diversas formas de controle exercidas segundo o grupo de país no qual o imigrante ilegal se estabeleceu.

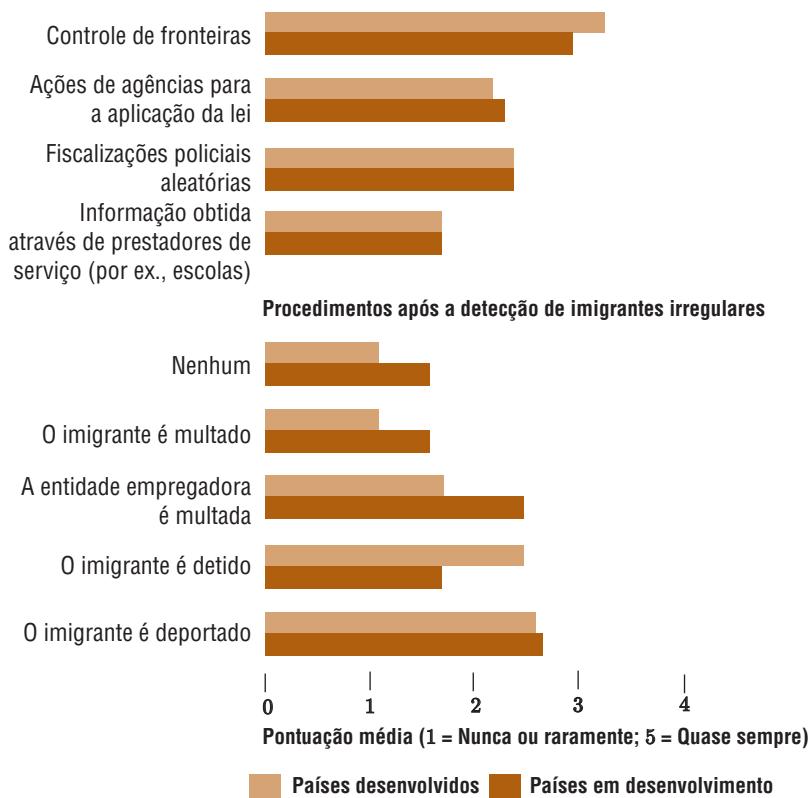
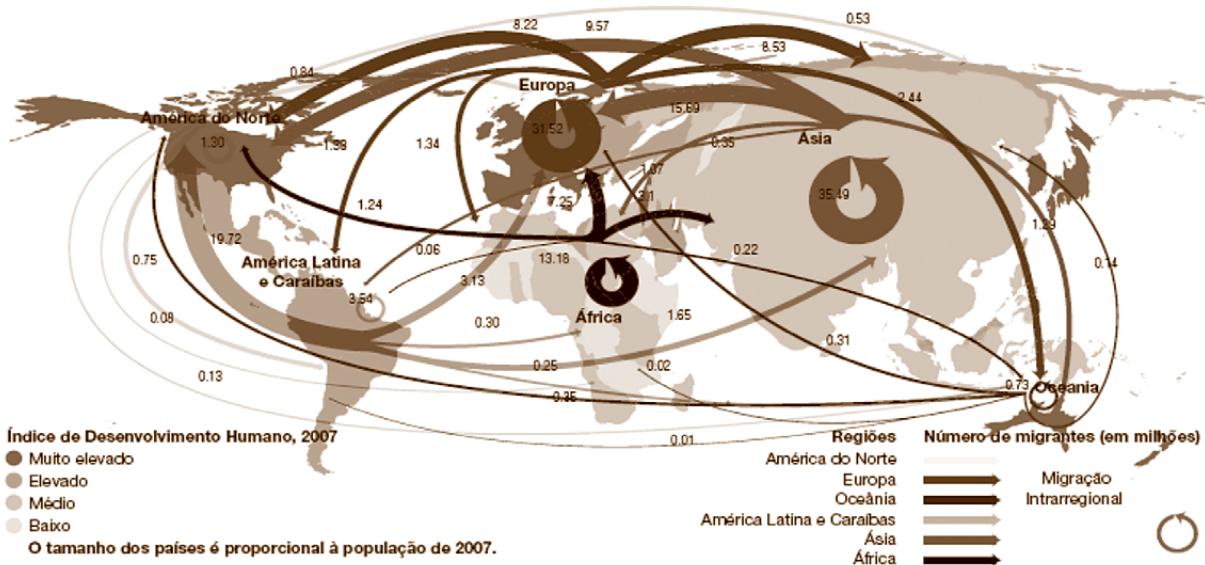


Gráfico 1– Intervenções e procedimentos relativamente aos migrantes irregulares, 2009

Fonte: PNUD (2009, p. 50).

Na contramão dos que culpam os imigrantes pela recessão econômica e o desemprego nos países desenvolvidos, a Organização das Nações Unidas (ONU) ao publicar o Relatório de Desenvolvimento Humano (2009), defende que ao permitir a migração dentro e fora de suas fronteiras, os países estarão contribuindo para melhorar os indicadores de desenvolvimento humano, uma vez que reconhece e permite a liberdade e melhora a vida de milhões de pessoas em todo o mundo.

Ainda de acordo com dados da ONU, um em cada sete habitantes do planeta está fora do seu local de origem, ou seja, um bilhão de pessoas é migrante. Mas observe atentamente o mapa a seguir:



Mapa 1 – Origem e destino dos fluxos de migrações internacionais

Fonte: PNUD (2009, p. 37).



Migração interna

Deslocação de pessoas dentro dos limites do território de um país medida em termos de deslocações regionais, distritais ou municipais



Atividade 2

1

Por quais razões, após a última metade do século XX, o fluxo migratório inverteu a direção e passou a ocorrer das regiões em desenvolvimento para as regiões desenvolvidas?

2

Segundo os dados do PNUD (2009), um em cada sete habitantes do planeta está fora do seu local de origem. De forma geral, para onde se deslocam os migrantes?

3

Analise criticamente os principais problemas vivenciados pelos imigrantes, especialmente os que vivem de forma ilegal.

Entre as migrações internacionais, as fugas de competências

Fuga de cérebros na África

A maioria dos médicos formados no Gana deixa o país para ir clinicar nos EUA, Inglaterra, Canadá ou África do Sul, e Gana perde os 150 mil dólares investidos no estudante de medicina. Jornal Correio do Brasil Online 25/01/2010.

'Fuga de cérebros' é maior na América Latina, diz estudo

Saída de mão-de-obra qualificada na região foi de 11,3% em 2007, alta de 155% desde 1990. A América Latina e o Caribe compõem a região com maior proporção de profissionais qualificados vivendo no mundo desenvolvido – um fenômeno que se acentuou nas duas últimas décadas, segundo um relatório do Sistema Econômico Latino-americano e do Caribe (Sela), com sede em Caracas. Estadão.com.br. 22/06/2009.

Já sabemos que o fluxo de pessoas (trabalhadores) é, no mundo globalizado, o que encontra mais barreiras para sua circulação no espaço geográfico mundial, especialmente os que possuem pouca qualificação. Mas pelo que você leu nas manchetes anteriores, deu pra perceber que para a parcela de trabalhadores com elevada qualificação, as restrições são bem menores ou inexistem. E é aí que acontece um tipo de migração denominado pela Organização Internacional de Migrações de fuga de cérebros ou fuga de competências.

Você já leu ou ouviu falar sobre fuga de cérebros? Saberia definir esse tipo de migração? Vamos ver se você conseguiu definir corretamente, certo? A "fuga de cérebros" acontece quando um país perde seus cientistas e pesquisadores para outros países. Geralmente esses profissionais são formados nos países desenvolvidos e atraídos para os países desenvolvidos pelas melhores condições de trabalho, salário e aprimoramento profissional.

Pense um pouco: qual o impacto desse tipo de migração para os países que investem na formação desses profissionais? De que forma, a sociedade local é afetada pela migração de cientistas/pesquisadores e demais profissionais qualificados? Não é difícil imaginar, não é mesmo? Um dos principais problemas é a perda de produtividade e de capacidade competitiva frente a outros países. Essa situação colabora para que as distâncias econômicas, tecnológicas e científicas se perpetuem entre as nações e isso é muito sério.

Há uma clara abertura de facilidades aos migrantes qualificados que vêm da África, da Ásia ou da América Latina, o que tem sido chamado de evasão de cérebros, onde vemos elogios freqüentes às habilidades intelectuais dos paquistaneses e indianos para trabalhar na área de informática, por exemplo. Assim, chegamos ao paradoxo de vermos os países pobres exportarem seus melhores cérebros para os países ricos por não terem condições a oferecer para que ali permaneçam (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 203).

Nesse cenário, está visivelmente estabelecida a oposição entre as possibilidades de livre circulação de trabalhadores com e sem qualificação. É o que comprova os dados expressos no Gráfico 2.

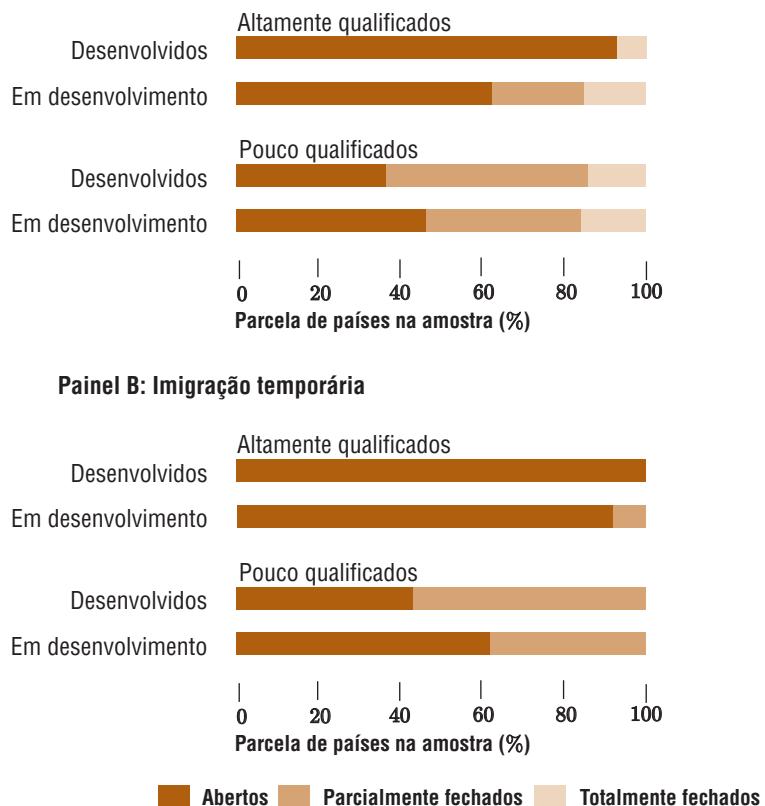


Gráfico 2 – Abertura à imigração legal por nível de qualificação em países desenvolvidos versus países em desenvolvimento, 2009

Fonte: PNUD (2009, p. 49)

A análise do gráfico permite perceber claramente que os trabalhadores com maior qualificação, nas duas situações, ou seja, tanto na imigração permanente quanto na temporária, têm maiores chances de serem aceitos nos países desenvolvidos. Já os imigrantes com pouca qualificação encontram maior abertura nos países em desenvolvimento. Essa realidade deixa em evidência as dificuldades e desafios que os trabalhadores com pouca qualificação enfrentam no cenário das migrações internacionais em tempos de globalização.



Atividade 3

Considere os países de origem e os países receptores e apresente as principais consequências geradas pela “fuga de cérebros ou de competências”.

Leitura Complementar

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD. **Relatório de desenvolvimento humano 2009:** ultrapassar barreiras: mobilidade e desenvolvimento humanos. Coimbra: Edições Almedina SA, 2009. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2010.

Para ampliar seus conhecimentos a respeito das migrações é importante que você leia o Relatório de Desenvolvimento Humano 2009 – Ultrapassar Barreiras: Mobilidade e Desenvolvimento Humanos. Esse documento é elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. A edição de 2009 traz um panorama completo da migração no mundo. O documento é ricamente ilustrado com dados atualizados que são apresentados em gráficos, tabelas e mapas. O texto do relatório apresenta uma linguagem clara, o que torna a leitura de fácil compreensão. Faça uma excelente leitura!

Resumo

Ao concluirmos esta aula aprendemos que as migrações fazem parte da condição humana e podem ser motivadas por diversas razões predominando, entretanto, os motivos econômicos. Vimos que é impossível compreender a dinâmica do mundo contemporâneo sem analisar os aspectos inerentes aos deslocamentos humanos. Entendemos que na era da globalização a força de trabalho não dispõe de ampla liberdade para se locomover no espaço geográfico. Vimos que são inúmeras as barreiras que dificultam a livre circulação dos trabalhadores, porém elas são menores quanto maior for a qualificação dessa mão de obra. Por fim, aprendemos que no cenário das migrações a maioria dos que decidem deixar seu lugar migra entre as fronteiras de seu país de origem ou na região onde se está situada.

Autoavaliação



Considerando a realidade do município em que você reside, produza um texto abordando as seguintes questões: Existe migração? Que tipo de migração é observado? Para onde migram? Quais os motivos que levam as pessoas a migrarem? Há condições para aqueles que se qualificaram permanecerem no município? Que problemas você identifica na saída da população qualificada do seu município? Existem imigrantes? De onde eles vieram? O que buscam? E você, neste momento, vive no seu lugar de origem ou é um migrante? Pretende mudar de lugar? Por quê? Se possível ilustre com gráficos, tabelas e imagens. Faça uma avaliação detalhada do processo migratório que acontece no seu município de origem e procure publicar os resultados dessa pesquisa.

Referências

COSTA, Rogério Hasbaert da; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial.** São Paulo: Editora UNESP, 2006. (Paradidático, Série Poder).

FUGA de cérebros' é maior na América Latina, diz estudo. **Estadão**, 22 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,fuga-de-cerebros-e-maior-na-america-latina-diz-estudo,391273,0.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2010.

LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lázaro; MENDONÇA, Cláudio. **Geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2004.

MARTINS, Rui. Fuga de cérebros na África. **Jornal Correio do Brasil**, 25 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.correiodobrasil.com.br/noticia.asp?c=162919>>. Acesso em: 18 mar. 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Relatório de desenvolvimento humano 2009**: ultrapassar barreiras: mobilidade e desenvolvimento humanos. Coimbra: Edições Almedina SA, 2009. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2010.

SENE, Eustáquio de. **Globalização e espaço geográfico**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

THOMPSON, John B. **A ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica da era dos meios de comunicação de massa. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Anotações

Anotações

Anotações

Europa: sociedade, cultura e ambiente

Aula

5



Apresentação

Prezado aluno, a partir desta aula, passaremos a estudar o mundo utilizando um dos critérios mais tradicionais de regionalização do espaço: os continentes. Nas próximas quatro aulas, teremos a oportunidade de conhecer algumas das mais importantes características do continente europeu. Como você sabe, um continente abriga uma enorme diversidade paisagística (aspectos socioculturais, políticos, econômicos e naturais) e, por essa razão, não será possível esgotar todas as informações a respeito dessas grandes regiões do mundo. Nesta aula, vamos conhecer a Europa vista pelo prisma da organização política do seu espaço e do ambiente natural que a compõem. Bons estudos!

Objetivos

- 1** Conhecer a divisão regional do continente europeu e suas principais características.
- 2** Identificar os aspectos naturais que marcam as paisagens no território europeu.

Europa: um continente de múltiplas realidades paisagística

Você recorda que o continente europeu também é historicamente denominado Velho Mundo? Mas você sabe por que essa área do planeta recebe essa denominação? A resposta a essa questão está no fato de que foi dos portos europeus que partiram as expedições que ampliaram o conhecimento humano sobre a superfície do planeta.

Antes desse acontecimento histórico, os continentes América (Novo Mundo), Oceania (Novíssimo Mundo) e Antártida, assim como grandes extensões da África e Ásia eram desconhecidas dos europeus. Impulsionados por razões econômicas os europeus (principalmente portugueses e espanhóis) se destacaram na arte de navegar pelos oceanos e, com isso, favoreceram o conhecimento e a integração do espaço geográfico mundial.

Observe atentamente a Europa no mapa a seguir:



Mapa 1 – O continente europeu

Fonte: Vesentini e Vlach (2004, p. 18).

Com relação à localização geográfica, o que você observou desse continente em relação aos seus vizinhos? Para facilitar a sua resposta vamos recordar o conceito de continente, certo? De acordo com Guerra e Guerra (2009, p. 157) continentes são “grandes extensões de terrenos da crosta terrestre limitados pelas águas dos mares e oceanos”. E então, depois de revisitar esse conceito, como classificar a Europa?

De fato, Europa e Ásia juntas formam um imenso continente também conhecido como Eurásia. Se considerarmos apenas o aspecto físico ou geológico, a Europa corresponde ao extremo ocidental dessa enorme porção territorial. Essa configuração geográfica explica porque a Rússia e a Turquia ocupam terras nos dois continentes.

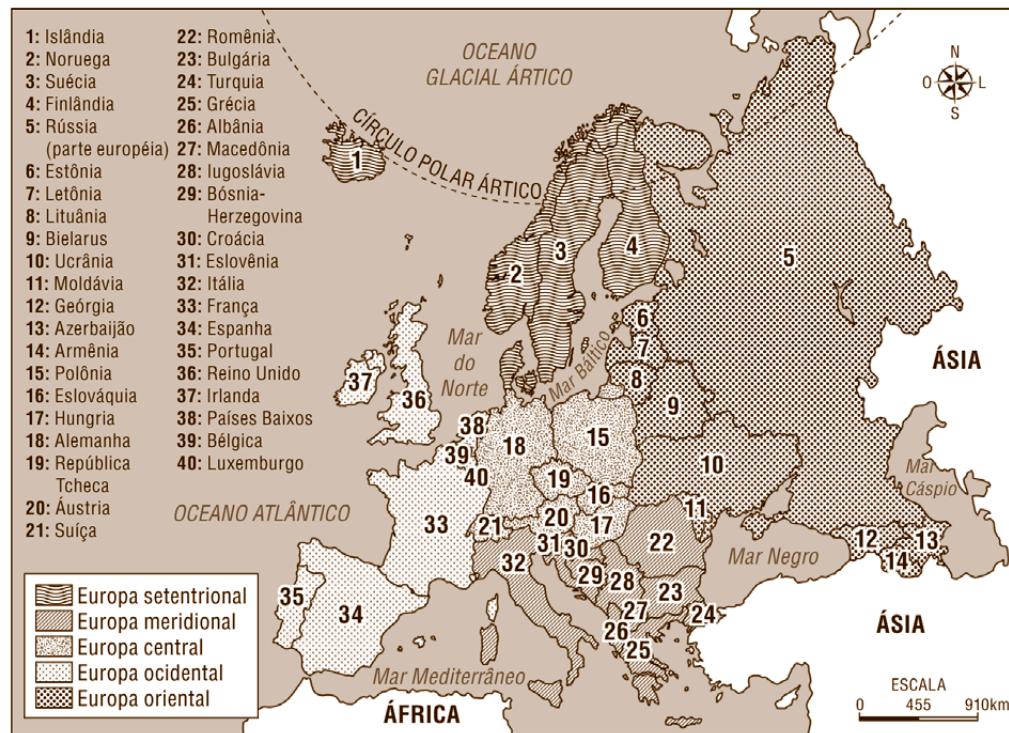
Porém, considerando a história de formação das sociedades e a diversidade cultural presente nessa parte do planeta, Europa e Ásia são muito diferentes e, é esse aspecto histórico-social que credencia a Europa como continente. Vamos conhecer melhor essa região do planeta?

A Europa e as disparidades regionais

Você já sabe que podemos utilizar diversos critérios para regionalizar um espaço, não é mesmo? A escolha está diretamente relacionada aos objetivos que se pretende alcançar com determinada análise. Em nosso caso, o objetivo é conhecer a Europa e sua diversidade paisagística. Por isso, vamos distinguir as diversas possibilidades de regionalização desse continente destacando os elementos culturais (históricos e econômicos) e naturais.

Segundo Simielli (2009), considerando os critérios econômicos e a localização geográfica dos países europeus, podem-se distinguir os seguintes conjuntos regionais: **Europa Ocidental**, **Europa Setentrional**, **Europa Central**, **Europa Oriental** e **Europa de Sudeste**. Porém, essa regionalização varia muito segundo os pesquisadores. Vale ressaltar que a maioria dos autores denomina de Europa Meridional, o conjunto de países do sudeste europeu. Não é raro também encontrar regionalizações que agrupam países diferentes nesses conjuntos. Bem, depois desse esclarecimento, vamos continuar nossa aula.

Observe no mapa a seguir esses grandes conjuntos regionais europeus.



Mapa 2 – Divisão regional da Europa

Fonte: Adaptado de Vesentini e Vlach (2004, p. 20).

Caracterizando melhor esses conjuntos regionais europeus veremos que a **Europa Setentrional** é formada pela Noruega e a Suécia (países situados na Península Escandinava), a Finlândia, a Islândia (país insular) e a Dinamarca.

Você sabia que uma das atividades econômicas mais expressivas nessa região é a pesca? Isso se justifica porque a costa da Península Escandinava e da Islândia recebem a influência da corrente marítima do Golfo que ao encontrar as águas frias do Oceano Ártico cria condições favoráveis para a reprodução de inúmeras espécies de pescados.

Já a Dinamarca e a Suécia destacam-se como centro industrial nessa região. A Finlândia, por sua vez, possui a maior reserva florestal da Europa. O país tem em sua base econômica a exploração sustentável das extensas florestas de coníferas, um importante setor produtivo: a silvicultura que é responsável por 35% das exportações finlandesas. Inclui-se nesse seguimento econômico o chamado setor florestal que envolve: além da silvicultura, indústria florestal, produção de maquinaria para a indústria florestal, parte da indústria química, automatização e sistemas de embalagem, indústria gráfica, produção de energia, transportes e empresas de consultoria florestal. (PARVIAINEN, 2010).

Mas é o setor industrial o responsável pelas maiores cifras do Produto Interno Bruto (PIB), do país.



Figura 1 – Exploração racional das florestas finlandesas

Fonte: <<http://www.finlandia.org.br/public/default.aspx?contentid=124087>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

A **Europa Ocidental** é composta pela Irlanda e o Reino Unido – conjunto formado pela Inglaterra, Irlanda do Norte, País de Gales e Escócia. Esse grupo de países encontra-se situado nas Ilhas Britânicas formadas pelas ilhas da Irlanda e da Grã-Bretanha. Holanda (também conhecida como Países Baixos), Bélgica, Luxemburgo, França, Espanha e Portugal, completam as nações européias formadoras desse conjunto regional. (SIMIELLI, 2009).

Essa é, provavelmente, a região da Europa mais conhecida, não é mesmo? O motivo é a presença de países que se destacam no cenário mundial tanto nos aspectos históricos e

geográficos como econômicos, não é verdade? Basta pensarmos na importância histórica da Inglaterra, da França, da Espanha e mesmo Portugal e Holanda. Atualmente, algumas das nações desse conjunto, ocupam posição de destaque entre os países mais importantes do mundo contemporâneo. É fácil reconhecer quais são eles, não é? Do ponto de vista econômico os mais importantes são: Reino Unido, França, Bélgica, Holanda e Luxemburgo que juntos formam uma das mais intensas áreas industriais e de poder econômico do mundo. Na Holanda localiza-se um dos mais movimentados portos do mundo e ponto de conexão do fluxo de mercadorias entre a Europa e o resto do mundo.



Figura 2 – Porto de Rotterdam – Holanda

Fonte: <<http://www.greatfindtrading.com/wp-content/uploads/2009/02/rotterdam-harbor1.jpg>>. Acesso em: 21 mar. 2010.

O espaço ocidental da Europa é marcado por uma admirável diversidade econômica. Local onde se estruturou e de onde se expandiu para o espaço geográfico mundial a Primeira Revolução Industrial (Inglaterra, século XVIII). Hoje, essa região destaca-se por abrigar em seu território um setor terciário altamente desenvolvido e pólos importantes de produção e difusão tecnológica.

Também devemos reconhecer que em tempos de economia global, emanam das nações em destaque, decisões que ajudam a comandar os rumos da economia mundial. Isso porque, algumas das cidades globais mais importantes da atualidade encontram-se nesse espaço, Londres e Paris, para citar alguns exemplos.

Esse é um dos espaços mais dinâmicos do planeta. As atividades econômicas (primárias, secundárias e terciárias) aí desenvolvidas apresentam elevados níveis de tecnificação. Mesmo vivendo um momento em que é forte o movimento de transferências de plantas industriais para os países em desenvolvimento (as razões que explicam esse fato já foram vistas na Aula 3), essa região ainda se destaca no setor industrial que é representado pelos diversos segmentos da indústria.



Atividade 1

1

Analisando apenas o critério geográfico, a Europa pode ser considerada uma península da Ásia, mas ao estudarmos essa região do planeta, a consideramos um continente. Apresente argumentos que justifiquem essa afirmação.

2

A diversidade socioeconômica dos países europeus cria as condições para múltiplas possibilidades de regionalização desse continente. Apresente as unidades regionais europeias vista nessa primeira parte da aula e, em seguida, identifique os critérios que foram utilizados para essa regionalização.

Continuando nossa viagem pelas regiões europeias, vamos encontrar a **Europa Central**. É a região do continente compreendida pela Alemanha, Polônia, República Tcheca, Eslováquia, Suíça, Áustria e Hungria. Aqui você também pode notar a presença de nações importantes, não é mesmo? A Alemanha e a Suíça são os maiores destaques. Pense um pouco: O que você lembra sobre esses dois países?

Com certeza, você deve estar recordando da história da Alemanha durante e depois da Segunda Guerra Mundial, não é mesmo? Pois bem, arrasada e dividida no pós-guerra, a Alemanha conseguiu se recuperar e hoje é uma das maiores potências econômicas mundiais. Mas você deve lembrar também que, em plena Guerra Fria, a divisão desse país deu origem à Alemanha Ocidental (de economia capitalista) e Alemanha Oriental (de economia planificada).

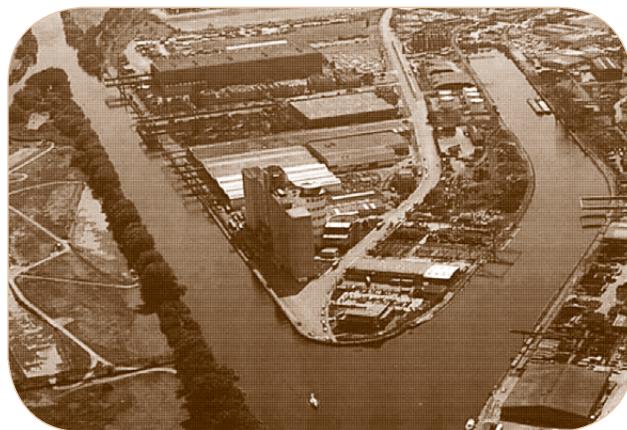


Figura 3 – A região do rio Ruhr (Alemanha) abriga o maior parque industrial da Europa

Fonte: http://www.kantorei.info/galerie/bilder_Muelheim/rhine-ruhr_Habour.jpg. Acesso em: 21 mar. 2010.

A recuperação da Alemanha deveu-se primordialmente ao Plano *Marshall* criado pelos Estados Unidos logo após a Segunda Guerra e que, de acordo com Vesentini e Vlach (2004, p. 32)

[...] consistia em fornecer empréstimos para que o Reino Unido, Alemanha Ocidental, França e Itália pudessem recompor suas indústrias. Dessa maneira, poucos anos depois [...] em particular a Alemanha Ocidental, destacava-se novamente no cenário internacional como potência econômica. Esse plano de ajuda teve como objetivo econômico o investimento de capital e tecnologia norte-americanos na Europa, o que aumentou os lucros dos Estados Unidos. Mas teve também claros objetivos políticos, dos quais o mais importante foi o e conter o avanço socialista no continente europeu e, portanto, de fortalecer o capitalismo no continente.

Com o fim da Guerra Fria, ocorreu também a reunificação alemã. Economicamente mais forte que a parte Oriental, coube à porção Ocidental comandar o processo de reestruturação do país e conduzir a administração dos problemas advindos da reunificação. A Alemanha é hoje, o país europeu mais industrializado e no fim do século XX emergiu como uma das potências econômicas mais dinâmicas e como polo de poder mundial.

E a Suíça? O que você lembra quando escuta o nome desse país? Se você pensou que o setor financeiro é uma dos aspectos que projetam o país no cenário mundial, acertou. A Suíça é um dos mais importantes centros financeiros do mundo atual. Esse destaque internacional deve-se ao fato de que os bancos suíços abrigam fortunas de todos os lugares do mundo.

Mas se você pensou nos famosos relógios suíços que jamais atrasam, também está correto. Uma das especializações do setor industrial suíço é a produção de equipamentos ou instrumentos de precisão o que tornou o país uma referência nesse tipo de equipamento. Mas a indústria suíça é composta de todos os seguimentos e ramos industriais. O turismo, especialmente o de inverno, também é uma importante fonte de renda para o país.

Um detalhe histórico interessante nessa porção da Europa é o fato de a maioria de seus países terem surgido de desmembramentos. Durante o século XX, a Europa sofreu diversas modificações em suas fronteiras internas, sendo a Europa Central um exemplo claro dessas mudanças.

O primeiro caso registrado é o da Áustria e da Hungria que formavam até a Primeira Guerra Mundial o Império Austro-Húngaro. Após o episódio da Primeira Guerra (1914-1918), houve a fragmentação, o que deu origem a duas nações independentes em 1919.

A Hungria, diferente da Áustria, após a Segunda Guerra passou a adotar a economia planificada, ficando assim, sob a influência da ex-União Soviética. Os dois países destacam-se na atualidade na produção de bens industrializados. Porém, a Áustria ocupa lugar de destaque entre os países mais industrializados do continente europeu.

Depois, durante a Segunda Guerra Mundial, aconteceu a fragmentação da Alemanha, culminando com a reunificação em 1990, conforme já explicitado. Mais uma vez, durante a década de 1990, após o fim do socialismo, a Europa Central vivenciou o desmembramento da antiga Tchecoslováquia originando a República Tcheca e a Eslováquia ocorrido em 1991. (SUCENA et al., 2001).

A Polônia, por sua vez, também esteve sob o regime de economia planificada até os primeiros anos da década de 1990. Atualmente, o país apresenta uma economia diversificada, especialmente se observado o setor da indústria. Apesar das dificuldades enfrentadas no processo de transição da economia planificada para a de mercado, a Polônia, aos poucos vai se fortalecendo economicamente.

A **Europa Oriental**, por sua vez, corresponde aos territórios da Estônia, Letônia, Lituânia, Belarus, Moldávia, Ucrânia, Geórgia, Armênia, Azerbaijão e a Rússia (parte europeia). Nessa região, todos os países integraram o bloco formado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS. Portanto, adotavam economia planificada. Você já sabe que com o fim do socialismo, todos os países europeus de economia planificada tiveram que se reestruturar ao migrarem para a economia de mercado.

Nessas condições, as nações que formam a Europa Oriental enfrentaram, na última década do século XX, enormes dificuldades socioeconômicas. Nesse início de século XXI, esses países parecem ter encontrado o caminho da estabilidade econômica. A depender dos interesses, cada um escolheu integrar um dos principais blocos econômicos da Europa: a União Europeia ou da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), conforme vimos na Aula 2.

Do ponto de vista da economia, as atividades que mais se destacam nesse conjunto de países são: a indústria - extremamente diversificada, especialmente na Rússia europeia, na Ucrânia, Belarus, Armênia e Geórgia; o setor primário – destacadamente na Ucrânia e na Moldávia; a exploração de recursos minerais que é importante atividade presente em quase todos os países, especialmente, a indústria do petróleo e gás no Azerbaijão e Geórgia.

Os recursos minerais abundantes nessa região dão suporte ao desenvolvimento das atividades industriais estabelecidas nessas nações.

A **Europa Meridional**, também denominada de região mediterrânea, isso porque essa parte da Europa compreende os países localizados ao sul do continente e, em sua maioria são banhados pelo Mar Mediterrâneo. Itália, Grécia, e Turquia (parte européia), Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Montenegro, Macedônia, Bulgária e Albânia, compõem esse conjunto regional.

Essa região merece atenção especial porque nela ocorreu o mais conflituoso processo de fragmentação do espaço europeu após o fim do socialismo. Trata-se da fragmentação da ex-Iugoslávia. Os primeiros movimentos separatistas que obtiveram sucesso ocorreram em 1991. Nesse ano, Croácia, Eslovênia e Macedônia declararam-se independentes, não sem antes se verem envolvidos em conflitos que atingiram a Eslovênia e a Croácia.

Em 1992, foi a vez da Bósnia-Herzegovina proclamar a independência. Entretanto, uma guerra violenta se seguiu a essa declaração. A ex-Iugoslávia não reconheceu a independência e invadiu a Bósnia. A guerra durou até 1995, quando com a Intervenção da ONU foi assinado um acordo de paz que oficializou a independência do novo país.

Em 2002, chega o fim da antiga Iugoslávia. Em seu lugar surge a Sérvia e Montenegro resultado da união entre as duas regiões que resistiam em manter o que sobrou do antigo país. Essa mudança foi resultado da pressão internacional, especialmente da União Europeia que queria ver um fim nas animosidades étnicas frequentes nesse território. Porém, em 2008, Sérvia e Montenegro se separam dando origem a dois novos países. Observe nas ilustrações a seguir, a sequência do processo de fragmentação e desmembramento ocorrido no território iugoslavo.

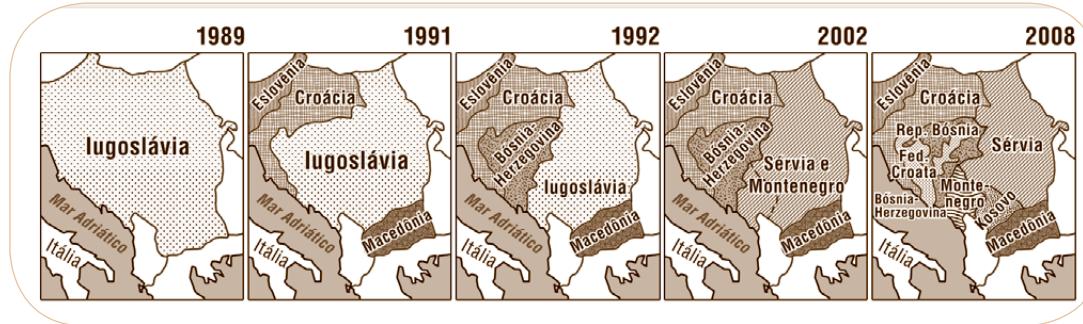


Figura 4 – Evolução do processo de desintegração da ex-Iugoslávia

Fonte: Folha de São Paulo, 15 mar. 2002, p. A13; <<http://www.estadao.com.br/especiais/a-disputa-dos-balcas,12590.htm>>. **Acesso em:** 20 mar. 2010.

Você percebeu a intensidade e a dinâmica com que esse território foi transformado? Pois bem, décadas de intensos conflitos prejudicaram o crescimento econômico dessa região. Mesmo os primeiros países que se tornaram independentes enfrentaram dificuldades, especialmente, no que se refere às trocas comerciais com seus vizinhos em guerra.

Atualmente, há um esforço para a recuperação econômica desses países. Entretanto, as sequelas das disputas territoriais dificultam em muito esse processo. Todos os países oriundos da ex-Iugoslávia, têm no setor primário uma importante fonte de renda. A estruturação do setor secundário é lenta, mas seu fortalecimento está em curso.

Nesse cenário, a Bulgária e a Albânia destacam-se como países que também enfrentam sérios problemas econômicos, principalmente a Albânia que ainda permanece como país cuja base econômica é a agropecuária. É importante ressaltar que a Albânia é o país europeu menos desenvolvido. A Bulgária, apesar de extremas dificuldades econômicas apresenta melhores indicadores que a Albânia. Nesse país é visível o fortalecimento das atividades industriais superando a participação do setor primário na economia.

Por fim, temos os países banhados pelo Mediterrâneo. A Itália, um dos países altamente industrializados da Europa, mas que tem como marca principal a desigual distribuição das atividades econômicas em seu território. No norte do país destaca-se a industrialização e as atividades econômicas mais modernas. Já a porção sul é tradicionalmente marcada pela a agropecuária. Essa desigualdade gera movimentos migratórios internos na direção sul-norte em busca de empregos melhor remunerados.

E a Grécia? O que você sabe sobre esse pequeno país do Mediterrâneo? Com certeza você conhece muito sobre essa nação. Foi aí que foram forjadas as bases da sociedade ocidental, não é mesmo? E sobre a Geografia grega? Com certeza você já ouviu falar sobre o belo litoral recontado por incontáveis baías e repleto de ilhas. Na Grécia, a amenidade climática resultado de sua localização às margens do Mar Mediterrâneo, confere ao país um enorme potencial turístico, além de favorecer o desenvolvimento das atividades agropecuárias. É destaque também, a exploração mineral e a indústria de base e de bens de consumo.

Por fim, a Turquia, país euro-asiático. Como você já sabe, esse país é o ponto de encontro entre os dois continentes. O limite continental é marcado pelo estreito de Dardanelos, o Mar da Marmária e o estreito de Bósforo que dividem o território turco em europeu e asiático. A parte europeia denomina-se Trácia oriental e corresponde a menor porção do país. (Turquia, 2010).



Figura 5 – Entre os Mares Negro e Marmária o estreito de Bósforo divide a Istambul europeia e a asiática

Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/_ezaUKpkJ4Tc/Sg2mf7ATCZI/AAAAAAAALoU/UCqMZ-NPTcY/s400/B%C3%B3sforo.jpg>. Acesso em: 18 mar. 2010.

Localizado entre o Mar Negro e o Mar Mediterrâneo, o país tem como um das principais fontes econômicas o cultivo de gêneros agrícolas, do qual é grande exportador. Essa grande produtividade se deve à diversidade climática presente em seu território. O artesanato é uma marca na cultura e na economia turca, famosa mundialmente pela tapeçaria. A indústria assumiu nas duas últimas décadas, papel importante na dinâmica do crescimento econômico do país. É o diversificado potencial turístico presente em todo o território turco, conferindo a essa atividade econômica uma relevante fonte de riquezas. (TURQUIA, 2010).



Atividade 2

1

A Europa Central foi a região europeia que mais registrou mudanças nas fronteiras políticas de seus países ao longo do século XX. Discuta essa afirmação apresentando exemplos que a comprovem.

2

Compare a Europa Oriental com as outras regiões europeias e mencione pelo menos duas características que a diferenciam dos outros conjuntos regionais.

3

O Mar Mediterrâneo é o elemento que identifica a região meridional da Europa. Faça uma pesquisa para descobrir a importância desse mar para a região em destaque e para a Europa como um todo.

As paisagens naturais do território europeu

AEuropa, segundo menor continente do planeta, possui uma área territorial de aproximadamente $10.600.000 \text{ km}^2$, o que corresponde a 7% do conjunto das terras emergentes. Considerando os limites territoriais, o Oceano Ártico marca o limite norte da Europa. A fronteira sul é delimitada pelo Mar Mediterrâneo que separa a Europa do continente africano. O limite oeste é marcado pela presença do Oceano Atlântico. Já a fronteira leste, justamente o ponto de encontro com a Ásia, os marcos limítrofes são os montes Urais, o Mar Cáspio e o rio Ural. (SUCENA et al, 2001).

A configuração da paisagem natural europeia: o relevo

Se você observar atentamente a configuração da Europa, verá que uma característica marcante do seu espaço físico é a presença de várias penínsulas, golfos, mares interiores e abertos, canais, além de diversas ilhas que contornam a costa. Isso confere ao continente uma vasta área litorânea. Analise o mapa a seguir.



Mapa 3 – Europa: características do relevo e da hidrografia

Fonte: Brasil (2002, p. 48).

Analisando as características físicas do continente em estudo, é possível perceber que o mesmo possui um território marcado pelo predomínio de planícies. Dois terços da área total da Europa apresentam altitudes inferiores a 200 metros. (GEOGRAPHICA..., 2000).

Agora, observe o mapa e tente localizar geograficamente todas essas planícies. Com certeza você conseguiu identificar: a Russa ou Russo-Sarmática, a Hungária e a Germânica que são as principais. Entrecortada por alguns planaltos, essa vasta extensão de área plana ocorre

principalmente no centro, no norte e no leste do continente. Fundamentalmente de formação fluvial, essas unidades do relevo são de grande importância pela fertilidade dos solos, o que favorece o desenvolvimento das atividades agrícolas.

Como você também pode perceber, entre as planícies aparecem áreas onde predominam terras de altitude intermediárias, destacando-se os planaltos de Voldai, do Volga e o Central Russo. Essas regiões destacam-se por serem de formação muito antiga, encontram-se bastante rebaixadas principalmente pelos processos erosivos. Do ponto de vista geológico são áreas estáveis, isso significa que não apresentam movimentação tectônica. É importante lembrar que áreas com tais características são ricas em minérios, elementos essenciais para as atividades industriais. Vale ressaltar que o carvão mineral, fonte de energia fundamental na Revolução Industrial europeia foi amplamente explorado nessas áreas.

E quanto às terras de maiores altitudes? Você consegue identificar alguma característica especial quanto à localização das mesmas? Veja que as maiores altitudes são encontradas na borda do continente, ao sul e a oeste, não é mesmo? Ali estão as altas cadeias de montanhas: Alpes Escandinavos, Pirineus, Alpes, Alpeninos, Cárpatos, Cáucaso, dentre outras. Essas áreas, são de formação mais recente, por isso, apresentam as maiores altitudes e são geologicamente instáveis. Nestas, as atividades tectônicas são constantes, atividades sísmicas e vulcanismo são comuns nessas regiões. Você já deve ter ouvido falar nos vulcões Etna e Vesúvio, alguns dos mais ativos vulcões do mundo que estão localizados na Itália. Volte ao mapa e identifique a cordilheira na qual os mesmos estão situados.

As regiões montanhosas da Europa são intercaladas por terras baixas onde predominam planícies fluviais e marítimas. Nessas montanhas encontram-se os mais altos cumes da Europa, a exemplo do Monte Branco ($4.810m$) na cordilheira dos Alpes e o Monte Elbro, ponto culminante do continente com $5.633m$ de altitude situado na cadeia do Cáucaso. (GEOGRAPHICA..., 2000).

Para que você possa compreender melhor o comportamento espacial da altitude do relevo europeu, observe a Figura 6 que mostra uma visão geral do perfil topográfico do mesmo.



Figura 6 – Perfil topográfico do relevo europeu

Fonte: Moreira (2004, p.18).

Continuando o exercício de observação, vamos direcionar nosso olhar para o litoral da Europa, certo? Primeiro, veja que o litoral europeu em sua porção ocidental apresenta-se bastante recortado. Aí, numerosas penínsulas se projetam no oceano: a Escandinávia (Noruega e Suécia), Jutlândia (Dinamarca), Balcânica (Grécia e Albânia) além das penínsulas Ibérica (Portugal e Espanha) e Itálica (Itália). Além disso, existem inúmeras ilhas dentre elas: Islândia, Ilhas Britânicas, Sicília, Creta, Córsega, Sardenha, Baleares e Malta.

A hidrografia

Volte ao Mapa 3 e analise o comportamento da rede hidrográfica europeia. Como você caracterizaria a hidrografia desse continente? Se você for um bom observador, verá que o continente europeu possui um território bastante entrecortado por rios e lagos. Apesar de apresentarem extensões pequenas, os rios europeus desempenham importante função nas atividades socioeconômicas (agrícolas e transportes, por exemplo) além de em alguns casos favorecerem a integração regional no continente.

Os rios europeus estão bem distribuídos pelo território. Esses recursos hídricos são de grande importância local. Analisando o mapa anterior você verá a presença de alguns dos rios mais famosos da Europa: o Tâmisa, famoso por atravessar Londres, uma das capitais europeias mais importantes. Na França merece destaque os rios Ródano, importante via por onde o petróleo que vem pelo Mar Mediterrâneo é descarregado no porto de Marselha (sul da França) e chega ao resto da Europa; o Loire e o Sena.

O rio Reno funciona como uma via de integração regional na Europa. Isso porque esse recurso hídrico tem sua nascente nos Alpes Suíços e atravessa diversos países europeus ocidentais: Suíça, Liechtenstein, Alemanha, França e Holanda e sua desemboca no Mar do Norte, onde se encontra localizado o porto de Roterdã. O Reno drena uma das áreas mais dinâmicas da Europa. Na área de sua bacia está a maior concentração industrial do continente. Um de seus afluentes principais é o rio Ruhr que conforme visto anteriormente é margeado pelo maior complexo industrial do mundo em território alemão.

Mas, se tivermos que indicar os rios mais importantes com certeza apontaríamos o Volga e o Danúbio respectivamente, os dois maiores rios europeus. A relevância dos mesmos está no potencial para o transporte. Por percorrerem distâncias consideráveis no continente e por serem predominantemente de planície são largamente utilizados para a navegação. Essa característica permite que seja transportada, através das hidrovias do Danúbio, parte significativa da produção advinda do centro e do leste europeu até o Mar Negro e deste para o Mar Mediterrâneo. A partir desse ponto, a produção europeia chega aos grandes mercados internacionais.

O Volga nasce no planalto Central Russo e em seu curso percorre extensas áreas de planície, conforme você pode observar no Mapa 3. Um rio de planície, como sabemos, assume papel preponderante no sistema de transporte e no setor agrícola de um país. Com o Volga não é diferente, especialmente porque este é o rio mais longo do continente e, por essa razão, é

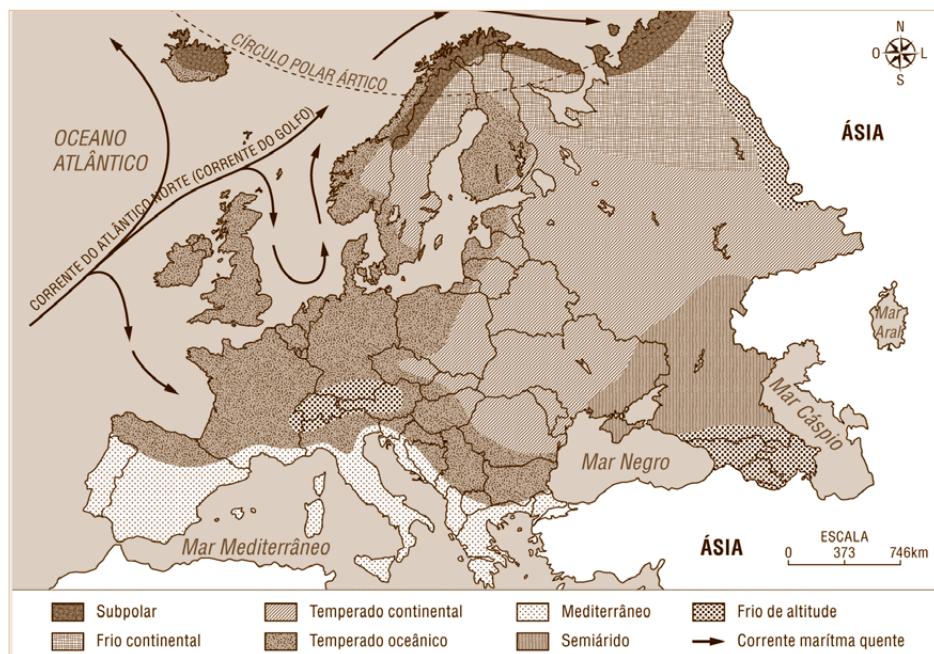
extremamente utilizado. Entretanto, se você prestou atenção, ele banha áreas ao norte do país. Nessa região, o inverno é muito rigoroso e durante esse período do ano a navegação fluvial é impossibilitada, pois o trecho norte fica congelado. A foz do Volga encontra-se na depressão Caspiana. O Mar Cáspio é uma depressão absoluta 28 metros abaixo do nível do mar.

Para finalizar o tópico sobre a hidrografia europeia não poderíamos deixar de citar na Península Ibérica os rios Ebro, Douro, Tejo, Minho e o Guadalquivir. Na Península Itálica, os rios de maior importância local são: o Pô que drena o norte do país, região mais industrializada e onde a agropecuária moderna domina a paisagem, o Tibre e o Arno.

Aspectos climáticos e da cobertura vegetal

Quando estudamos o comportamento climático de um lugar, devemos primeiramente identificar os fatores que interferem na dinâmica desse elemento. É a interferência desses fatores que explica porque uma área predominantemente localizada em uma zona climática apresenta tantos climas diferentes. A Europa é um grande exemplo desse fenômeno. O continente localiza-se quase integralmente na Zona Temperada do Norte, portanto, predomina os climas temperados cuja característica principal é a ocorrência das quatro estações climáticas bem definidas ao longo do ano. Vamos entender melhor como isso acontece, certo?

Inicialmente, faça um exercício de análise da distribuição espacial dos tipos climáticos europeus. Para isso, utilize o Mapa 4 a seguir.



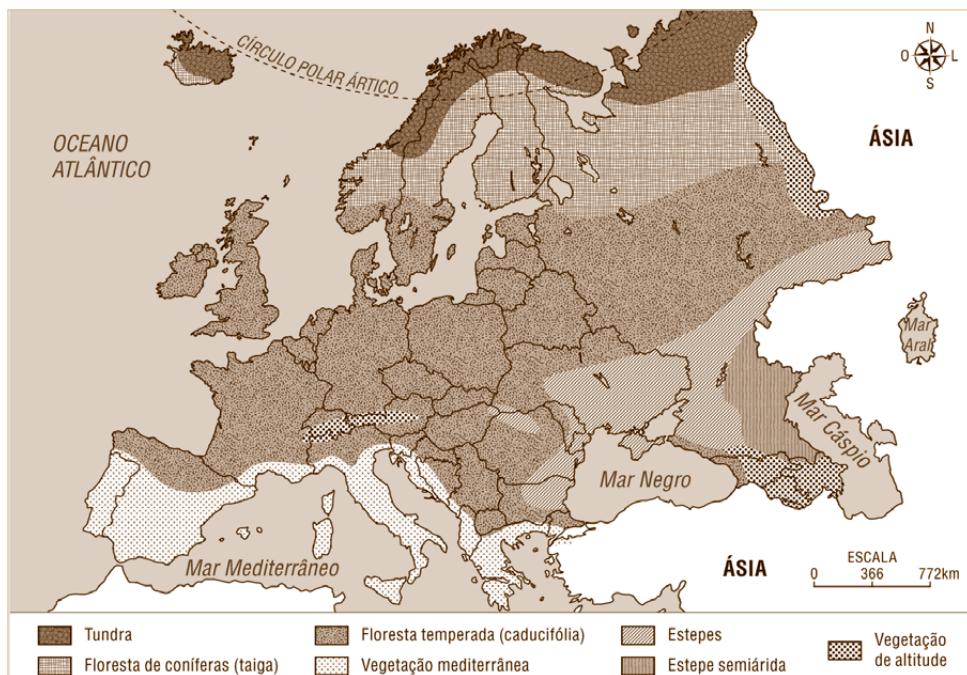
Mapa 4 – Espacialização dos climas no território europeu

Fonte: Adaptado de Sucena et al (2001, p. 19).

Você observou a diversidade de climas presentes na Europa? Pois bem, isso se deve, conforme dito anteriormente, a interferência de fatores do clima como:

- A **latitude**. A localização geográfica da Europa faz com que o continente esteja situado acima do Trópico de Câncer, porém cortado pelo Círculo Polar Ártico no extremo norte, portanto, situado predominantemente em zona temperada.
- A **altitude** também tem forte influência nessa diversidade climática. As áreas montanhosas apresentam climas mais frios do que as regiões no entorno. Isso quer dizer que na estação do inverno as condições climatológicas são muito severas prolongando-se por mais tempo que nos outros tipos de clima.
- A proximidade com o oceano – **maritimidade**, aliada ao relevo plano que bordeja o litoral e favorece a ação das massas de ar que se formam sobre o oceano e avançam sobre o continente. Esse fenômeno ajuda a regular as normais climatológicas especialmente os índices pluviométricos, temperatura e umidade. Você deve lembrar que quanto mais afastado do litoral maiores são as variações climáticas. O oceano funciona como um regulador do clima.
- Outro elemento oceânico importante são as **correntes marítimas**. Observe a direção de origem e deslocamento da principal corrente que atua sobre o litoral europeu – a corrente do Golfo. Observe que ela provém das áreas mais quentes do oceano, as áreas tropicais. Por ser quente, essa corrente se desloca em direção ao polo e margeia o litoral europeu e sem ela as temperaturas do litoral inglês e norueguês seriam muito baixas.
- Por fim, a interferência do mecanismo das **massas de ar** vindas do polo, do norte da África e do oeste do próprio continente. A primeira, a massa Polar marítima é fria e faz com que as temperaturas do norte europeu sejam as mais baixas de todo o continente. A segunda, a massa Tropical continental chega quente e seca ao sul da Europa contribuindo para a escassez de chuvas na região do Mediterrâneo. E a última, a massa Tropical marítima traz umidade do Atlântico e é responsável pela ocorrência das chuvas frequentes e bem distribuídas ao longo do ano nas áreas próximas ao litoral oeste. Há também a ocorrência da massa Polar continental que vem de Nordeste e avança sobre o norte e centro do continente. (ATLANTE..., 1996).

Sabemos que a vegetação é o espelho do clima, não é mesmo? Cada tipo climático corresponde um tipo de vegetação. Por isso, assim como o clima, existe no continente europeu uma incrível diversidade de formações vegetais, conforme mostra o Mapa 5.



Mapa 5 – Europa: domínio original da vegetação

Fonte: Adaptado de Sucena *et al* (2001, p. 21).

O tipo de vegetação predominante na Europa era a floresta temperada. Hoje esse bioma é um dos mais devastados do planeta. A intensa utilização dessa floresta como fonte de energia e matéria-prima para a industrialização do continente, a intensificação da urbanização e o avanço das atividades agropecuárias, especialmente o aproveitamento do solo fértil para a exploração agrícola foram os principais responsáveis pela destruição da floresta temperada na Europa.

A partir de agora, tente comparar os Mapas 4 e 5. A análise dos dois fará você compreender melhor a relação espacial clima/vegetação.

No domínio do **clima temperado oceânico** estão presentes as **florestas temperadas** e, por razões vistas anteriormente, encontra-se em grau avançado de devastação. A floresta temperada, típica de regiões cujas estações do ano são bem definidas. No outono, as árvores e arbustos perdem as folhas se preparando para suportar o inverno gelado e, por essa razão, é chamada de floresta caducifólia. Os índices pluviométricos chegam aos 1000 mm/ano, são, portanto, regiões muito úmidas. Observe na imagem a seguir o espaçamento entre as árvores. Essa característica está diretamente relacionada à quantidade de luz que chega ao solo e que confere a essa floresta uma estratificação maior que a da taiga, por exemplo. Nela, encontramos pelo menos quatro estratos de plantas. O solo é extremamente fértil devido à decomposição da biomassa produzida pela floresta. (GEOGRAPHICA..., 2000).



Figura 7 – Formação vegetal típica da floresta temperada

Fonte: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/meio-ambiente-floresta-temperada/imagens/floresta-temperada-1.jpg>>. Acesso em: 1 abr. 2010.

O **clima subpolar** e o **frio continental** no norte da Europa têm como característica principal, longos e rigorosos invernos. Nesse domínio paisagístico em que o solo permanece congelado no mínimo quatro meses, destaca-se a **tundra e a taiga** respectivamente.



Figura 8 – Aspectos da formação vegetal Tundra. Adaptada a regiões de clima rigoroso. Tundra significa: planície sem árvores

Fonte: <<http://www.eccn.edu.pt/alunos/latitude60/images/Tundra%20alasca.jpg>>. Acesso em: 1 abr. 2010.

A tundra corresponde a um tipo de vegetação herbácea que aflora quando o solo descongela e, por isso, o ciclo de vida é curto. Em poucos meses (somente nos meses de verão), ela nasce, cresce, floresce, frutifica.

A taiga, por sua vez, também é conhecida como floresta de coníferas, pois as plantas adaptadas a invernos rigorosos e intensas nevascas têm forma de cone para facilitar o

escoamento da neve até o solo. Outra denominação muito comum dessa vegetação é floresta boreal, pois só ocorre no hemisfério norte do planeta. Essa floresta, como você já viu quando estudamos a Europa Setentrional é explorada economicamente pelo setor silvícola na Finlândia.



Figura 9 – Aspectos da floresta boreal

Fonte: <<http://www.unicamp.br/fea/ortega/eco/taiga.jpg>>. **Acesso em:** 1 abr. 2010.

Se você observar nos mapas, o **clima Frio de altitude** ou de montanha ocorre nas áreas das grandes montanhas. Comparando os Mapas 3, 4 e 5, veremos que o domínio desse clima corresponde às regiões dos Alpes, Montes Urais e Cárpatos. A **vegetação de altitude** marca essas paisagens. Esse tipo de vegetação tem uma característica especial, as espécies variam conforme aumenta a altitude. Da base ao topo das montanhas é possível observar a representação de praticamente todos os tipos de vegetação. À medida que a altitude aumenta, diminui a temperatura e obedecendo a essa regra, nas montanhas da Europa aparecem espécies da floresta temperada, da taiga, campos de altitude que assim como a tundra têm ciclo de vida curto e no topo, surgem as neves eternas.

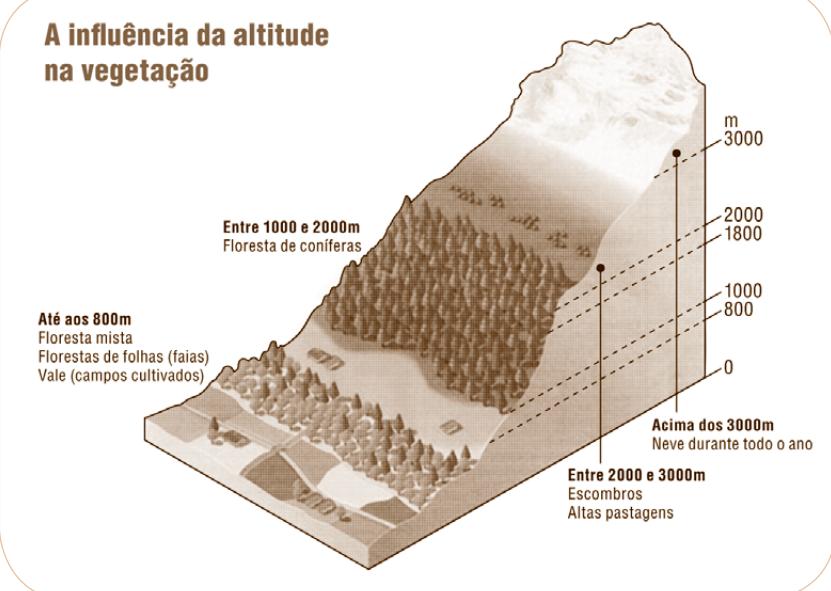


Figura 10 – Modelo representativo da vegetação de altitude

Fonte:http://2.bp.blogspot.com/_K83jycPE_iU/ShSpbfgq--I/AAAAAAAADo/T4bqYzc7Hc/s400/altitude.JPG. Acesso em: 1 abr. 2010.

Nas regiões central e oriental do continente predomina o **clima temperado continental**. Esse tipo climático se diferencia do temperado oceânico por apresentar amplitudes térmicas mais elevadas, ou seja, os invernos são muito frios e os verões muito quentes. Outra diferença está no comportamento das chuvas que são mais irregulares. Associado a esse clima ocorrem três principais tipos de formações vegetais: a **taiga**, a **floresta temperada** e principalmente as **estepes**. A estepe é um tipo de vegetação herbácea que se desenvolve em solos férteis. Você já sabe, a presença de solos férteis leva à intensificação da exploração desse bioma para a prática agrícola, especialmente para o cultivo de cereais.

O **clima semiárido** resulta da intensificação das características do clima temperado continental. No domínio desse clima a variação térmica diária é bem acentuada, sendo os dias bastante quentes e as noites frias. Assim como, no clima semiárido nordestino, os índices pluviométricos são inferiores a 700 milímetros/ano. A amplitude térmica anual também é elevada, ou seja, a diferença de temperatura entre os invernos rigorosamente frios e os verões comparativamente quentes, pode chegar, em média, a 20°. Aqui a paisagem é dominada pelas **estepes**, entretanto nessas áreas os solos são pobres se refletindo no porte pequeno das espécies.



Figura 11 – Formação vegetal das estepes. Também denominada Pradarias

Fonte: <<http://mundogeografico.sites.uol.com.br/figuras/estepe.jpg>>. Acesso em: 1 abr. 2010. w

Finalizando nossa viagem exploratória pelas paisagens naturais da Europa, chegamos ao sul do continente onde o **clima mediterrâneo** domina a paisagem. A principal característica desse clima é a ocorrência de invernos chuvosos, enquanto os verões são quentes e secos.

Essa região sofre a influência das massas de ar que sopram do Saara e que chegam pelo sul do continente. Ao norte, a presença das cordilheiras (veja mapa do relevo europeu), impede que as massas de ar frias que sopram do pólo norte e do nordeste do continente, assim como os ventos úmidos do Atlântico, cheguem até essa parte. Tais fatores explicam porque o clima mediterrâneo tem características de semiaridez. A vegetação associada a esse clima é formada por árvores de pequeno porte e espécies arbustivas que apresentam espinhos, denomina-se **vegetação mediterrânea**. A atividade agrícola, na bacia do mediterrâneo, é bastante representativa que é muito conhecida pela produção de azeites e as belas paisagens atraem milhares de turistas anualmente para essa região.



Figura 12 – Vegetação mediterrânea composta por arbustos, e muitas altas (denominadas maquis) e baixas (garrigues). Em destaque uma de suas formações os garrigues ou muitas baixas

Fonte: <<http://mundogeografico.sites.uol.com.br/figuras/garrigues.jpg>>. Acesso em: 1 abr. 2010.

Agora, revise o conteúdo estudado nessa segunda parte da aula. Tente resolver as questões propostas sem consulta. Mas, se necessário volte ao texto e esclareça suas dúvidas.



Atividade 3

1

Escreva um breve texto apresentando as principais características do relevo europeu.

2

Com relação à rede hidrográfica da Europa, discuta a importância dos rios para o desenvolvimento de atividades econômicas e para a integração entre as regiões do continente.

3

Considerando que o clima e vegetação são dois elementos indissociáveis, analise a relação que existe entre os tipos climáticos e as formações vegetais do continente europeu. Aproveite para informar o tipo climático predominante em cada uma das subregião europeia.

Não esqueça de ampliar seus conhecimentos, pesquise mais sobre os temas abordados no curso desta aula.

Resumo

Nesse nosso primeiro contato com o continente europeu, tivemos a oportunidade de conhecer as diversas regiões desse continente e suas principais características. Vimos também que essa regionalização não é unânime entre os diversos estudiosos e pode variar conforme os critérios utilizados. Aprendemos que no território europeu existe uma diversidade de formas de relevo, climas, formações vegetais e uma rica hidrografia. Dominam a paisagem: as planícies, o clima temperado oceânico, as florestas temperadas (em estado de devastação avançado) e os rios de planície que assumem importância local e regional no que diz respeito à navegação e integração regional. Nas planícies fluviais localizam-se áreas densamente industrializadas além de representarem milhares de hectares de solo fértil, nos quais se desenvolvem atividades agropecuárias.

Autoavaliação



Após séculos de ocupação humana, as paisagens naturais europeias sofreram intensa degradação. Florestas foram devastadas e rios poluídos. Porém, a sociedade europeia lidera, atualmente, o movimento mundial contra a devastação dos espaços naturais mundiais. Faça uma pesquisa em encyclopédias e sites da internet para descobrir como os europeus estão cuidando do que restou de suas florestas e despoluindo seus principais rios. Anote tudo e depois escreva um texto reflexivo sobre como uma sociedade pode se relacionar de forma positiva com o território em que vive.

Referências

ATLANTE geográfico metódico. Novara: Istituto De Agostini, 1996.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Atlas geográfico escolar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

GEOGRAPHICA: Atlas Mondial Illustré. France: Editora Könemann, 2000.

GUERRA, Antônio Teixeira; GUERRA, Antônio José Teixeira. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MOREIRA, Igor. **Construindo o espaço mundial**. São Paulo: Ática, 2004.

PARVIAINEN, Jari. **As florestas e a silvicultura na Finlândia**. Disponível em: <<http://www.finlandia.org.br/public/default.aspx?contentid=124087>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

SIMIELLI, Maria Elena. **Geoatlas**. São Paulo: Ática, 2009.

SUCENA, Ivone Silveira; ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de; RIGOLIN, Tércio. **Trabalhando com mapas: os continentes. Velho Mundo, Oceania e Mundo Polar**. São Paulo: Ática, 2001.

TURQUIA. **A geografia e as atividades econômicas**. Disponível em: <<http://www.turquia.org.br>>. Acesso em: 18 mar. 2010.

VESENTINI, José William; VLACH, Vânia. **Geografia do mundo industrializado**. São Paulo: Ática, 2004.

Anotações

Cenário sociocultural europeu

Aula

6



Apresentação

Na aula anterior, tivemos a oportunidade de conhecer as subregiões do continente europeu e vimos também a diversidade de paisagens naturais que marcam o território do Velho Mundo. Verificamos como a sociedade europeia, ao se relacionar com o suporte físico do continente, constrói o espaço geográfico continental. Continuando nossos estudos sobre a Europa, vamos nesta aula, conhecer as características da sociedade europeia atentando para sua diversidade étnica e cultural. Abordaremos também os diversos conflitos culturais e étnicos nacionalistas que marcaram (e ainda marcam) as relações entre os diversos povos e suas relações com o território no espaço geográfico em estudo. Desejamos uma excelente aula!

Objetivos

1

Reconhecer a diversidade étnico-cultural que caracteriza a população e o espaço europeus.

2

Identificar os principais conflitos étnicos nacionalistas presentes no referido continente.

3

Reconhecer os motivos que levam diferentes grupos sociais a se envolverem nesses conflitos e a consequências dos mesmos para a sociedade europeia.





Europa: um continente marcado pela diversidade étnico-cultural



Etnia

O conceito de etnia significa o grupo populacional caracterizado pela forte coesão cultural que releva a identidade do grupo e o diferencia dos demais.

Cultura

O conceito de cultura significa o conjunto de regras, conhecimentos, técnicas, saberes, valores, mitos, que permite e assegura a alta complexidade do indivíduo e da sociedade humana e que, não sendo inato, precisa ser transmitido e ensinado a cada indivíduo em seu período de aprendizagem para poder se autoperpetuar e perpetuar a alta complexidade antropo-social. (MORRIN; KERN, 1993, p. 60).

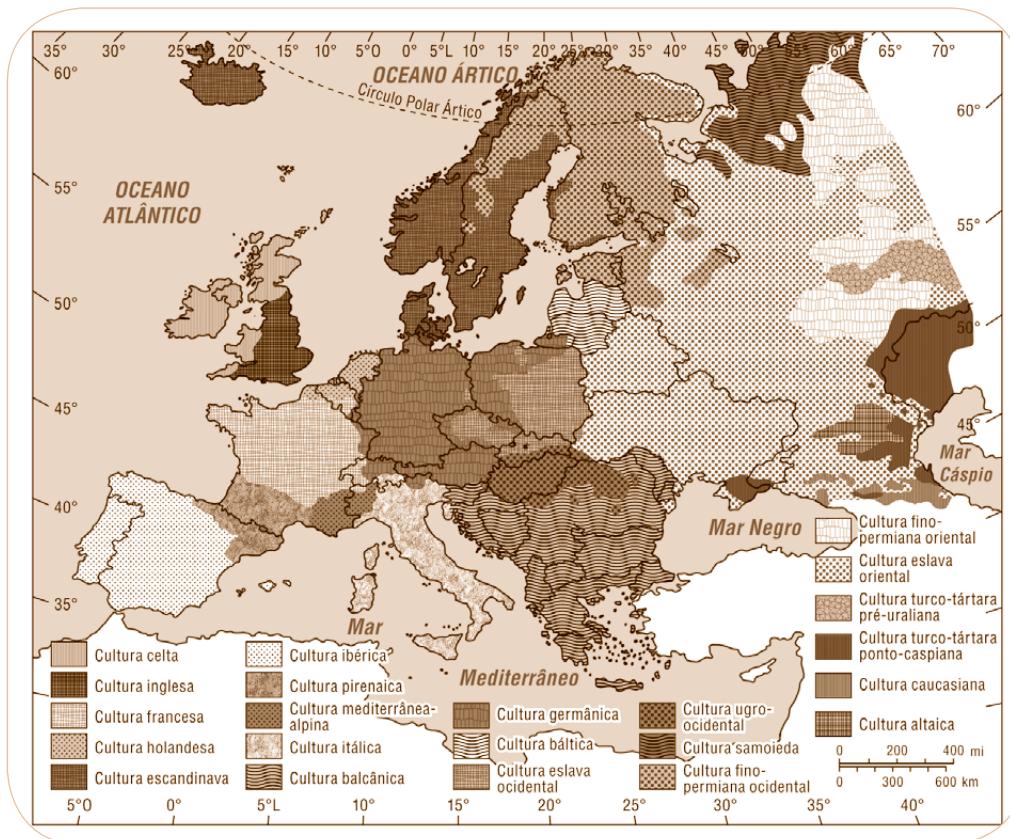
A Europa, continente de antiga ocupação humana e local de origem da cultura ocidental, ocupou, ao longo do tempo, um lugar privilegiado entre os espaços mundiais de atração populacional. Essas razões ajudam a explicar porque uma das características mais expressivas do continente é a admirável diversidade **étnica e cultural**.

Você deve estar questionando os motivos pelos quais devemos estudar a origem dos povos e culturas europeias, não é mesmo? Se pensarmos um pouco, veremos que essa miscelânea cultural sobre um mesmo território explica o porquê de existirem diversos movimentos étnicos nacionalistas que reivindicam autonomia e, por vezes, questionam os limites fronteiriços de países.

A origem dos povos europeus é diversa. Podemos encontrar povos de origem mongol a exemplo dos lapões, búlgaros, turcos, finlandeses, dentre outros, muitas são as etnias nativas das quais podemos citar, entre eles os germanos ou alemães, eslavos, celtas, latinos, helenos ou gregos, bascos, ilírios (ALATAS..., 2000).

Se tivéssemos que organizar os povos originais da Europa de forma que reuníssemos no mesmo grupo aqueles de características étnicas semelhantes, poderíamos formar o grupo dos nórdicos predominantes no norte e nordeste do país, os mediterrâneos encontrados prioritariamente no sul do continente e os alpinos que ocupam a região central da Europa. Os nórdicos são do tipo dolicocéfalo, ou seja, são brancos e têm o crânio ovulado. Os alpinos são braquicéfalos, quer dizer, brancos com crânio arredondado. Os mediterrâneos, por sua vez, são morenos, dolicocéfalos e de estrutura mediana. (NOVA..., 1997).

Veja no mapa a seguir a distribuição dos principais grupos étnicos europeus.



Mapa 1 – Europa: distribuição étnica

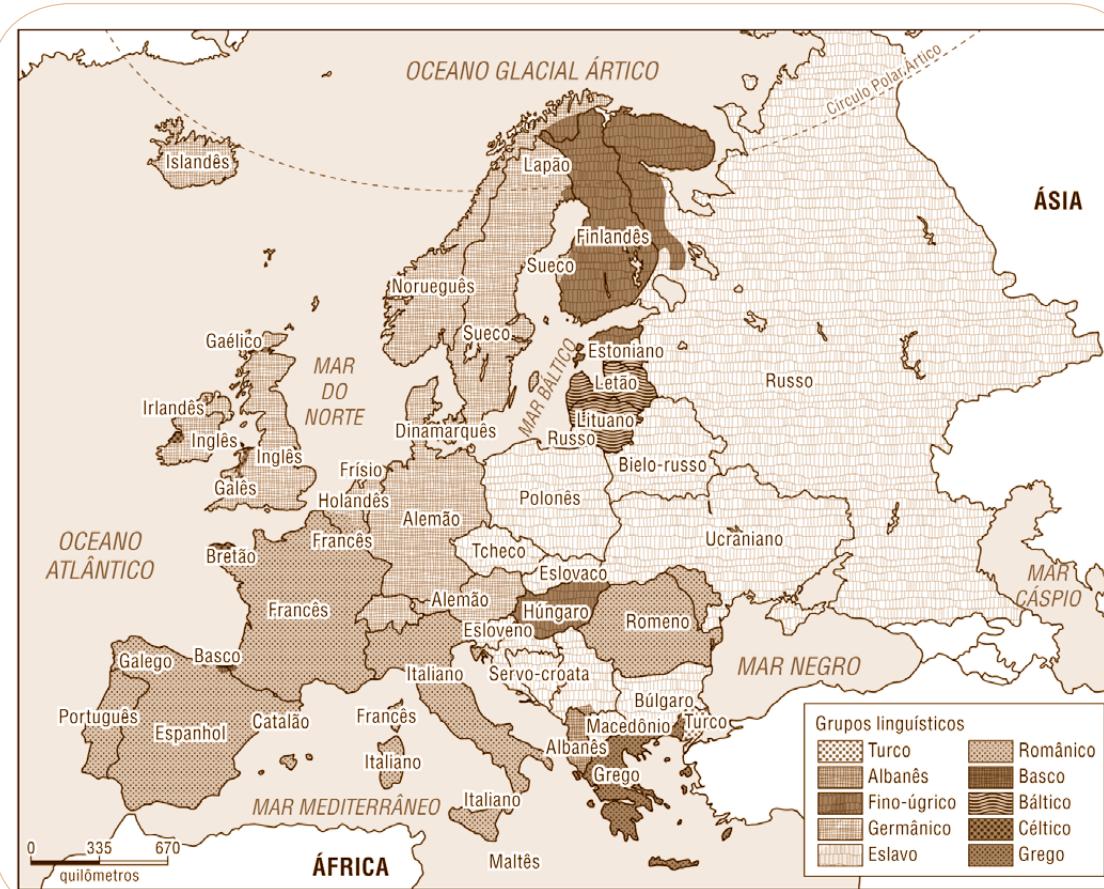
Fonte: Adaptado de Nova... (1997, p. 137, v. 6).

A maioria das línguas faladas pela população europeia têm origem indo-europeu. Considerando os aspectos lingüísticos, os grupos mais importantes são:

- o neolatino: reúne as línguas cujo tronco comum é o latim. Nesse grupo, estão francês, italiano, espanhol, português, catalão, galego, romeno, dentre outros de menor expressão, como o provençal, sardo e reto-romeno.
- o eslavo: agrupa os idiomas russo, polonês, ucraniano, bielorusso, búlgaro, servocroata, esloveno, tcheco, eslovaco;
- o germânico: nesse grupo, se inserem o alemão, neerlandês, inglês, dinamarquês, norueguês, sueco e irlandês;
- o celta: grupo que abriga o escocês, galês, bretão;
- o lírico que é representada no continente pelo idioma albanês;
- o helênico cuja língua correspondente é o grego.

Mas, há também as línguas não indoeuropeias a exemplo do turco, do lapão e da que se originaram na família linguística finoúngrica, como o húngaro, estoniano e o finlandês. Merece destaque também a língua basca única no mundo e que não tem relação com qualquer outro tronco linguístico conhecido. Os bascos habitam uma região entre as fronteiras da Espanha e França e lutam há décadas pela autonomia político-territorial. Retomaremos esse assunto mais adiante.

O mapa a seguir vai te ajudar a entender melhor a espacialização desses grupos linguísticos no território europeu. Analise-o atentamente e você compreenderá porque dizemos que a Europa é um celeiro étnico cultural. Aproveite para estabelecer uma comparação com a distribuição dos grupos étnicos, assim, você sistematizará com mais eficácia a espacialização geográfica desses dois aspectos.



Mapa 2 – Distribuição dos grupos lingüísticos no território europeu

Fonte: Castelar e Maestro (2002, p. 122).

Pare um pouco para organizar as informações apresentadas até este ponto da aula. Tente sistematizar seus conhecimentos prévios sobre a Europa com os quais você acabou de ler para responder a atividade que se segue.



Atividade 1

1

Quais aspectos justificam a enorme diversidade cultural presente no continente europeu?

2

Considerando os aspectos etnoraciais e linguísticos, apresente os principais grupos humanos europeus caracterizando cada um deles.

Minorias étnicas e os movimentos separatistas europeus

Agora que você já conhece um pouco melhor os aspectos socioculturais da população europeia, vamos avançar em nossos estudos para analisar os principais conflitos étnicos nacionalistas (em atividade ou não) no continente e os fatores responsáveis por suas origens.

Na atualidade, praticamente em todos os continentes são registrados conflitos étnicos. As razões que levam determinados grupos a desafiarem os **Estados-Nações** podem ser diversas. Entre elas estão: a disputa por território, a reivindicação da autonomia política, problemas com o reconhecimento e demarcação de fronteiras, questões religiosas e rivalidades étnicas.

Na Europa, diversos conflitos marcaram a sociedade e o território. Alguns já solucionados, como o caso da Irlanda do Norte, outros ainda em plena atividade, como o caso da região Basca e os inúmeros conflitos registrados na região do Cáucaso, cujos protagonistas principais são a Rússia e as províncias que reivindicam independência político-territorial. Vamos aprofundar nossos conhecimentos sobre essa temática, certo?

Os conflitos no Cáucaso

O Cáucaso, região localizada no sudeste europeu, conforme você já viu na aula anterior, sempre foi marcada por conflitos de grandes proporções. Nela, estão situadas a Rússia (parte europeia) e as antigas nações soviéticas.

Historicamente, os povos do Cáucaso enfrentaram a ocupação do império turco otomano e depois o russo e tiveram que resistir às imposições sofridas por ocasião da anexação de seus territórios aos impérios citados e à submissão de suas culturas, que, por vez, foram subjugadas e proibidas de serem praticadas.



Estados-Nações

A expressão Estado-Nação corresponde ao que chamamos país ou nação. O Estado consiste na organização política e administrativa da sociedade. Por isso, quando consideramos o conjunto: sociedade, território e Estado estamos nos referindo a um Estado-Nação.

Após a Segunda Guerra Mundial, mais uma vez essa região foi submetida aos imperativos da ex-União Soviética, incluindo-se aí o controle político, econômico e cultural. Porém, mesmo oprimidos e submetidos a regimes autoritários, o sentimento de liberdade e autonomia jamais adormeceu entre esses povos. Ao contrário, a opressão é sempre um excelente motivo para se questionar a condição em que se vive e tentar mudar a realidade, não é verdade?

Pois bem, essa é uma das regiões mais instáveis do mundo. Essa condição advém justamente do fato de que é marcada por intensas rivalidades étnicas. Observe as manchetes de jornal transcritas a seguir.

Região norte do Cáucaso é foco de violência separatista e islamista

Os atentados em Moscou e no Daguestão dos últimos dias atraíram a atenção mundial para uma região que é, desde a época do czarismo, a mais problemática da Rússia. Com apenas seis milhões de habitantes, mas com 40 etnias e 50 idiomas, o norte do Cáucaso não encontrou, ainda, calma e estabilidade desde o fim da União Soviética, em 1991. [...]

Fonte: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2010/04/03/regiao-norte-do-caucaso-foco-de-violencia-separatista-islamista-916243807.asp>>. Acesso em: 4 abr. 2010.

Terrorismo separatista no Cáucaso do Norte desafia poder de Moscou

Novo atentado acirra conflito entre Moscou e rebeldes separatistas do Cáucaso do Norte. Investimentos estatais, mudança da estrutura administrativa e presença de mais de 20 mil soldados não estabilizaram região. Dois dias após os atentados no metrô de Moscou, um novo ato de terror matou pelo menos 12 pessoas no Cáucaso do Norte. O atentado desta quarta-feira (31/03) foi provocado por dois homens-bomba na cidade de Kizliar, na república russa do Daguestão. [...]

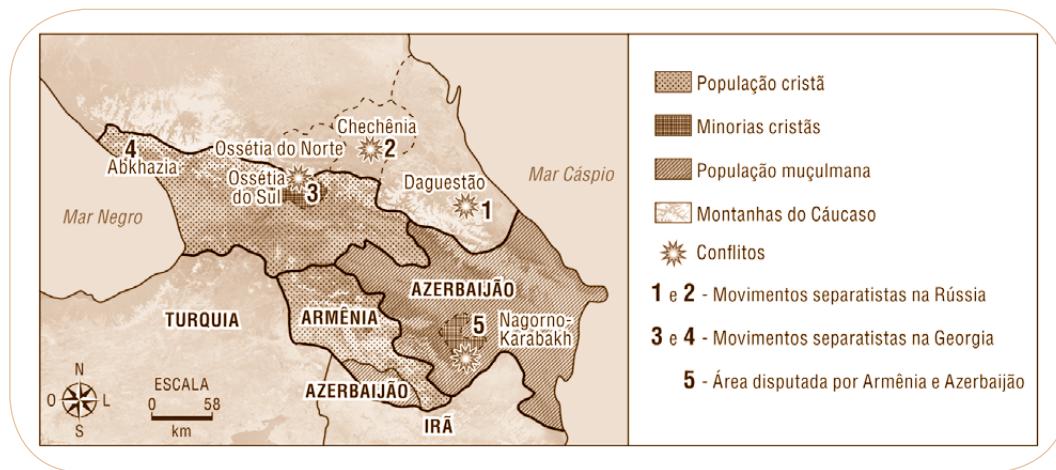
Fonte: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,5417506,00.html>>. Acesso em: 4 abr. 2010.

Como você percebeu, os trechos selecionados de reportagens publicadas por ocasião dos últimos atentados praticados por separatistas chechenos contra o governo de Moscou revelam o grau de instabilidade vivido no Cáucaso.

Desde o fim da ex-União Soviética, a República da Chechênia e do Daguestão se tornaram o ponto central das disputas étnicos-territoriais na região em análise. A Chechênia chegou a declarar independência em 1994. A Rússia não reconhece a autonomia de uma de suas repúblicas cujas reservas de petróleo são expressivas, e responde com violência, arrasando a república rebelde. (CHALIAND; RAGEAU, 1997).

A partir de então, são constantes os atentados terroristas, estratégia usada pelos separatistas chechenos e daguestões cujo objetivo é a criação de um Estado Islâmico. Nesse caso, a motivação do conflito é de cunho religioso. Vale destacar que o Daguestão é o ponto de contato do território russo com o mar Cáspio, o que facilita a ligação com o Oriente Médio. Portanto, dar a independência a essas duas repúblicas significa perder uma região geoestratégica importante.

Outra área de instabilidade é a província da Ossétia que, conforme você pode ver no próximo mapa, divide-se em Norte, pertencente à Rússia, e Sul, que integra o território da Geórgia.



Mapa 3 – Área de conflitos na região do Cáucaso

Fonte: Almeida e Rigolin (2005, p. 245).

Aqui, a razão do conflito é a vontade declarada da Ossétia do Sul em pertencer à Rússia. Em 2008, essa província declara-se independente e é reconhecida pelo governo de Moscou. Entretanto, a Geórgia não aceita e revida com uma ofensiva militar. Desde então, a situação nessa área é instável.

Há ainda o conflito entre a Armênia e o Azerbaijão. As duas nações disputam a província Nagorno-Karabakh, localizada neste último, mas cuja maioria da população é formada de armênios que reivindicam o direito de estarem sob o domínio armênio. A Armênia reivindica o território enquanto o Azerbaijão não aceita perder esse espaço.

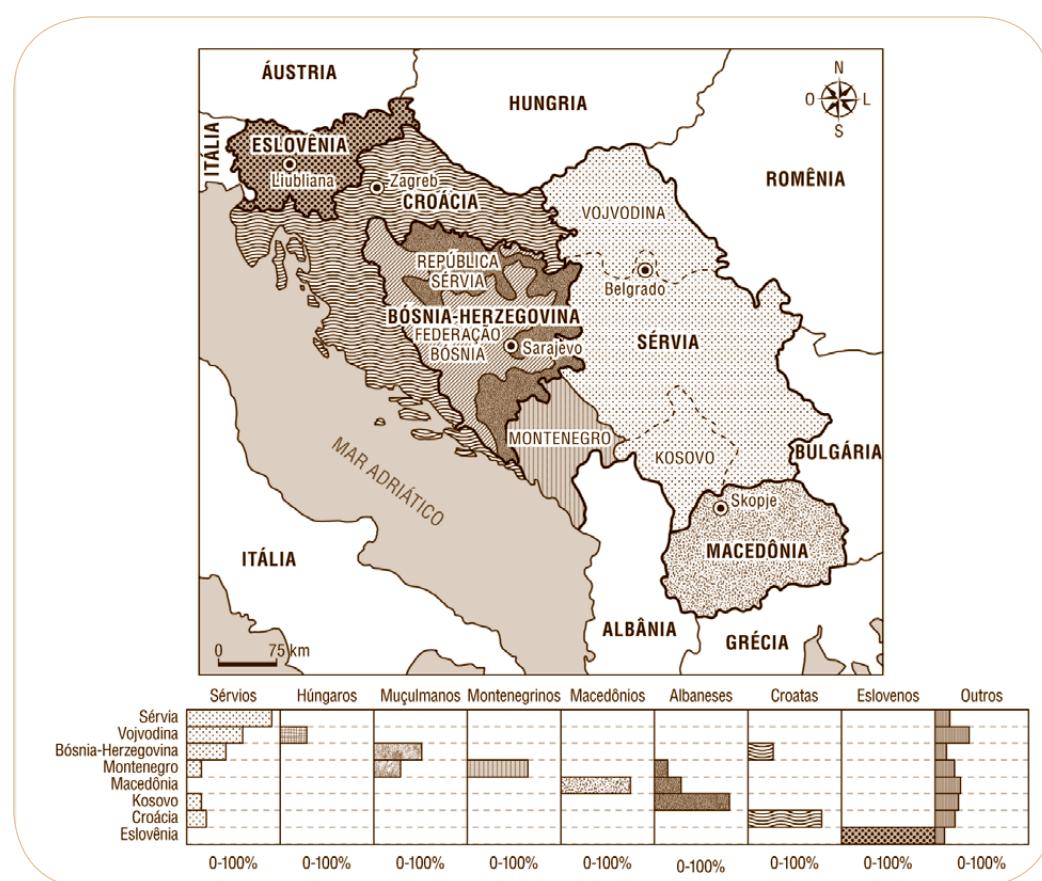
Conflito nos Balcãs

Na aula anterior, você teve a oportunidade de conhecer o processo de fragmentação da ex-Iugoslávia. Pois bem, você deve lembrar que até o fim do sistema socialista que culminou com a derrocada da ex-União Soviética em 1991, a antiga Iugoslávia era formada por várias repúblicas (Sérvia, Croácia, Eslovênia, Bósnia-Herzegóvina, Macedônia, Montenegro) e duas regiões autônomas (Kosovo e Vojvodina) pertencentes à Sérvia. A unidade desse território

foi minada depois que o poder soviético enfraqueceu e os líderes iugoslavos não tiveram mais força para manter o país unido, uma vez que os movimentos separatistas eclodiram em todas as repúblicas.

Você deve recordar que todas essas repúblicas, a partir de 1991, iniciaram o processo de reivindicação da independência política. A conquista da autonomia não foi tranquila e a última década do século XX foi marcada por guerras na península balcânica. Vamos entender melhor o porquê desses conflitos.

Como você já sabe, diversos fatores contribuíram para desencadear a situação em estudo. Entretanto, um aspecto de ordem étnica teve participação preponderante. A população da ex-Iugoslávia era formada por diversas nacionalidades: sérvios, croatas, eslovenos, macedônios, albaneses, húngaros, cada grupo com um idioma diferente e, predominantemente, professando três religiões: muçulmana, cristã ortodoxa e católica romana. A análise do mapa 04 ajudará a entender a complexa diversidade étnica nessa região. Atente para o grupo predominante em cada república.



Mapa 4 – Grupos étnicos da antiga Iugoslávia

Você já pode imaginar as diferenças étnicas e culturais, além dos interesses políticos divergentes vivenciados por essa população, não é verdade? Se analisar com mais detalhe essa questão, veremos que a República Sérvia esteve no centro de todos os embates armados ocorridos nessa região. Isso porque o arsenal armamentista da ex-Iugoslávia era concentrado aí. À medida que as tentativas de independência eram declaradas nas outras repúblicas, os sérvios comandavam as ofensivas militares para debelar os planos dos insurgentes.

Como os sérvios estavam presentes em todo o território iugoslavo, eram eles os principais opositores do processo de autonomia e apoiavam as ofensivas sobre esses territórios. Volte ao texto da Aula 5 – Europa: sociedade, cultura e ambiente – e reveja a ordem em que ocorreu o esfacelamento da Iugoslávia. Primeiro, **Eslavônia e Croácia**, depois, **Macedônia** (única república que não sofreu a investida do governo central).

Mas, foi a partir de 1992, quando a **Bósnia-Herzegovina** declarou autonomia, que teve início o mais sangrento e duradouro conflito nos Balcãs. Habitada por uma população heterogênea composta em sua maioria por muçulmanos (maior grupo), sérvios e croatas viram-se em uma guerra civil após o reconhecimento de sua independência pela comunidade internacional. Os três principais grupos populacionais do novo país passaram a disputar fatias do território bósnio. O líder sérvio, Radovan Karadzic, opositor da independência da Bósnia, proclamou a formação da República Sérvia da Bósnia-Herzegovina e iniciou uma verdadeira limpeza étnica especialmente de muçulmanos e croatas. Esse **genocídio** teve o apoio do governo central da Iugoslávia. As atrocidades tiveram fim com a assinatura e um acordo de paz em 1995 (OLIC, 1995). Hoje, o governo bósnio é comandado por representantes das três etnias.

O último conflito da região foi registrado em 1998, quando Kosovo, de maioria albanesa, reivindicou a autonomia em relação à então Iugoslávia. O movimento separatista foi violentamente reprimido pelo governo que sob o pretexto de combater os separatistas, promoveu o massacre da população civil. No ano seguinte, a Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN – iniciou a tentativa de solução do conflito por meio de negociações que foram rejeitadas pela Iugoslávia. Frente à situação posta, as tropas da OTAN, sob liderança dos Estados Unidos, lançaram uma ofensiva contra o país. Hoje, a província de Kosovo é administrada pela Organização das Nações Unidas. (MAGNOLI et al, 1999).

O resultado de tudo isso, você já conhece, em 2003 a Iugoslávia é completamente dissolvida e em seu lugar ganham autonomia a Sérvia e Montenegro, numa tentativa de por fim aos conflitos étnicos nos Balcãs.



Genocídio

Crime cometido contra a humanidade que consiste na destruição total ou parcial de um grupo nacional, étnico, religioso ou racial.

Antes de continuar seus estudos, pare um pouco para organizar melhor tudo o que foi visto nessa segunda parte do texto. Não esqueça, faça sempre o exercício de tentar resolver as questões propostas sem consulta, caso tenha dificuldade, retome a leitura.



Atividade 2

- 1** Quais os territórios envolvidos em conflitos na região do Cáucaso?
- 2** Quais as razões que fomentam as disputas territoriais na referida região?
- 3** Com suas palavras, escreva um breve texto explicitando o processo de desintegração da ex-Iugoslávia. Lembre do que você estudou a respeito desse assunto na Aula 5 e discuta os principais problemas socioeconômicos advindos desse processo nos Balcãs.

A questão Basca

Entre o norte da Espanha e o sul da França, existe uma região autônoma denominada País Basco, onde vive o povo basco. Conforme você já viu nesta aula, os bascos possuem origem étnica específica e não se encontra no mundo nenhum grupo humano semelhante a esse. A cultura e a língua também não têm similares e, por isso, esse povo que preserva sua identidade, língua e cultura próprias busca maior autonomia político-territorial. Veja no mapa 05 a localização geográfica da região em destaque.



Mapa 5 – Áreas de conflitos na Europa Ocidental: Irlanda do Norte e País Basco na Espanha

Fonte: Adaptado de Chaliand e Rageau (1997, p. 101).

Durante o período ditatorial espanhol, que durou de 1939 a 1975, os bascos foram reprimidos intensamente e proibidos de manifestar sua cultura. Nesse período, foi criado um movimento separatista denominado “Pátria Basca e Libertação” – ETA (no idioma basco: Euskadi Ta Azkatasuna). O ETA utiliza de atos terroristas para forçar o governo espanhol a reconhecer a independência total do País Basco. Entre suas ações, destaca-se o sequestro de autoridades espanholas e, por vezes, assassinatos dos sequestrados. (CHALIAND; RAGEAU, 1997).

Apesar de não ter o apoio de toda a população basca, devido à estratégia de violência que utiliza, o ETA ainda está em plena atividade, inclusive utilizando de atentados terroristas, como a utilização de ataques e carros-bombas contra alvos espanhóis.

A atenção do governo espanhol, país mais afetado, e da França são constantes na região basca. O alvo quase sempre é a captura das lideranças do grupo. Basta uma rápida busca por notícias a respeito desse conflito na internet para vermos o nível de tensão permanente. Só para você ter uma ideia do que estamos falamos, leia o trecho de uma reportagem publicada em 24 de junho de 2009.

ETA decide continuar a luta armada na Espanha, diz TVE

O grupo separatista ETA decidiu em sua última reunião continuar com a luta armada até conseguir a independência do País Basco porque considera que este é um objetivo irrenunciável, segundo reportagem nesta quarta-feira na Televisão Espanhola (TVE).

“No momento em que o nível de compromissos com a iniciativa de criação da nação tiver alcançado seus objetivos, o ETA abandonará as armas”, foi a conclusão da reunião do grupo à qual a TVE teve acesso. No documento em que apresenta sua nova estratégia, o ETA prevê decretar tréguas de seis meses somente no País Basco para impulsionar uma nova “Aliança Popular Nacional” que leve à independência da região, denominada Euskadi, na língua basca. [...]

O ministro espanhol do interior, Alfredo Pérez Rubalcaba, disse desconhecer o documento revelado pela TVE, mas afirmou que as forças de segurança não vão adotar uma trégua.

“Quem não vai adotar uma trégua somos nós. Que isso fique bem claro. A decisão que o ETA tem de tomar é sobre se deixa as armas ou não, ou se terminará abandonando-as porque o Estado o obriga”, declarou Rubalcaba.

“Essa é a única decisão a tomar. Não vai haver nenhum outro processo de diálogo com o ETA”, esclareceu. [...]

Fonte: Adaptado. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,eta-decide-continuar-a-luta-armada-na-espanha-diz-tve,392516,0.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

Nos últimos anos, os confrontos entre o ETA e os países envolvidos não têm ganhado grande destaque na mídia falada. Por isso, nós que estamos distantes do território de atuação desse conflito temos a sensação de que está calmo por lá, o que não corresponde à realidade local. Para você compreender melhor a questão Basca e acompanhar de perto cada acontecimento relativo à mesma, sugere-se que acesse o endereço eletrônico: <<http://topicos.estadao.com.br/noticias-sobre-eta,1>>. Você encontrará links para as notícias e reportagens a respeito desse conflito desde julho de 2001.

Os conflitos na Irlanda – uma trégua anunciada

A história dos conflitos na ilha da Irlanda remonta ao séc. XIX quando a ilha foi ocupada pela Inglaterra. Entretanto, o século XX assistiu aos confrontos mais sangrentos que objetivavam a conquista da independência político-territorial. Isso porque, segundo Almeida e Rigolin (2005, p. 245), os irlandeses se organizaram e criaram o

Sinn Fein, partido católico fundado no início do século XX (1902), e seu braço armado, IRA (Exército Republicano Irlandês), que iniciou suas atividades em 1919, ambos responsáveis pela independência do Eire (Nome oficial da Irlanda), passaram a lutar pela união das duas partes da ilha, ou seja, pela formação de uma única Irlanda. Os protestos e ataques terroristas da organização tornaram-se mais intensos em 1968. Por um lado, grupos paramilitares protestantes, chamados “unionistas”, por pretendem manter a Irlanda do Norte dentro do Reino Unido, passaram a agir contra os grupos católicos.

Os conflitos entre católicos e protestantes, entre partidários da integração das duas Irlandas e os opositores dessa ideia, seguiram até a década de 1990. Nesse período, foram assinados acordos de paz entre o IRA e o governo inglês. Um dos acordos mais importantes foi assinado em 1999, quando ficou acertado a deposição das armas e o estabelecimento oficial de um governo norte-irlandês formado pela coalizão entre protestantes e católicos.

Como você pode ver, no caso da Irlanda do Norte, além da questão da autonomia sobre os destinos do território, o aspecto religioso também foi muito forte. A oposição entre os católicos de origem irlandesa que queriam a unificação da Ilha em uma só nação e os protestantes de origem inglesa em sua maioria, que se recusavam terminantemente a deixar o comando do Reino Unido.

Mais uma vez, o elemento cultural (a religião) serve de desculpa para um conflito nacionalista. O Exército Republicano Irlandês – IRA – se desarmou e pôs fim aos atentados violentos. A Inglaterra, por sua vez, parou de revidar com força militar. Entretanto, a diferença religiosa serviu durante todo esse tempo para alimentar o ódio entre os habitantes do norte da Irlanda.

Pense um pouco: será que podemos dar como encerrado esse conflito que durante décadas fez incontáveis vítimas? Será que todos os irlandeses são favoráveis ao acordo de paz firmado no fim dos anos 1990? Essas questões são para você refletir, partindo do que você sabe a respeito dessa temática e com base no que você leu nesta aula.



Atividade 3

1

Faça uma pesquisa em jornais, revistas, artigos e sites para descobrir como os Bascos lidam com as ações do ETA. Há divergências quanto aos métodos utilizados pelo grupo? Que outras estratégias esse povo utiliza para lutar pela autonomia plena?

2

Aproveite para ampliar sua pesquisa e descubra como vivem os católicos e protestantes na Irlanda do Norte. Procure descobrir, se após o acordo de 1999, cessaram as ofensas entre os dois grupos religiosos.

Resumo

Durante esta aula, você pôde conhecer melhor a diversidade étnica e cultural que caracteriza a população europeia. Aprendeu que a longa história de ocupação desse continente é um dos fatores que explica essa diversidade etnocultural. Viu também que essas diferenças estão na origem dos diversos conflitos em atividade, ou não, no território europeu. Por fim, você teve a oportunidade de conhecer os principais movimentos separatistas na Europa e entender as razões que orientam esses conflitos.

Autoavaliação



Muitas vezes, a mídia é a única fonte de informação de que dispomos para acompanhar as situações que envolvem os conflitos étnicoseparatistas não só na Europa, mas também no mundo. Pesquise vídeos, notícias disponíveis em ambiente online e que tratem dos movimentos separatistas que estudamos nesta aula. Em seguida, escreva um artigo de opinião sobre o tema: Território e diversidade etnocultural.

Referências

ALMEIDA, Lúcia marina Alves de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. Nacionalismo, separatismo e minorias étnicas. In: ALMEIDA, Lúcia marina Alves de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. **Geografia**. São Paulo: Ática, 2005.

CASTELLAR, Sonia. MAESTRO, Valter. **Geografia**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2002.

CHALIAND, Gerard; RAGEAU, Jean-Pierre. **Atlas stratégique**. Paris: Complexe, 1997.

FOUCHER, Michel. Géopolitique au Proche-Orient. **Revista Hérodote**, Paris: La Découverte, p. 29-30, 1983.

MAGNOLI, Demétrio et al. Mundo: Geografia e Política Internacional. **Kosovo**: prossegue drama da fragmentação, n. 3, maio 1999. Disponível em: <<http://www.clubemundo.com.br/pdf\1999\mundo0399.pdf>>. Acesso em: 6 abr 2010.

NOVA Encyclopédia Barsa. São Paulo: Encyclopaedia Britânnica do Brasil Publicações LTDA, 1997.

L'ATLAS géopolitique et culturel. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2000.

OLIC, Nelson Bacic. **A desintegração do leste europeu**. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

Anotações

Anotações

Cenário socioeconômico europeu

Aula

7



Apresentação

Nas aulas anteriores, você teve a oportunidade de conhecer os aspectos naturais, sociais e culturais que caracterizam o continente europeu. Do ponto de vista da regionalização por critérios econômicos, a Europa é o continente mais dinâmico do planeta, pois abriga vários países integrantes do grupo das nações desenvolvidas ou do Norte. Nesta aula, serão abordados os principais elementos que caracterizam a socioeconomia europeia na atualidade. Discutiremos os impactos socioeconômicos sentidos no continente nesse período pós-crise econômica e financeira que abalou as estruturas da economia do mundo no fim da década 2000. Veremos também como o dinamismo econômico nesse continente fez surgir várias cidades globais em seu território e como o mesmo influencia na configuração do espaço urbano europeu. Bons estudos!

Objetivos

- 1 Identificar as principais atividades econômicas desenvolvidas na Europa, sua espacialização no território e seus reflexos no padrão de vida da sociedade.
- 2 Reconhecer os impactos da crise mundial financeira do fim dos anos 2000 na economia europeia.
- 3 Entender como o dinamismo econômico europeu contribui para a conformação contraditória de espaços urbanos globais marcados pela modernidade e a exclusão socioespacial.

A economia da Europa: diversidade, modernidade e dinamismo

Na Aula 5 (Europa: sociedade, cultura e ambiente), você teve a oportunidade de conhecer as diversas sub-regiões europeias e seus respectivos países. Pois bem, você deve estar recordando que entre as nações do continente europeu existe uma diversidade de perfis econômicos. Há aquelas que alcançaram elevados níveis de modernidade em todos os setores produtivos, mas há também países cujo desenvolvimento econômico encontra-se ainda baseado em atividades tradicionais, especialmente, as do setor primário, nesse último conjunto, como você deve se lembrar, podem ser citados alguns países do Leste Europeu.

Nessa diversidade econômica, que congrega espaços dinâmicos ou luminosos e opacos ou não plenamente inseridos no circuito dinâmico da economia mundial (SANTOS, 1994), destaca-se a Europa Ocidental como moderna e a Europa Oriental trilhando caminhos que a façam chegar ao patamar da parte ocidental do continente. Um desses caminhos é a busca pela inserção na União Europeia, tema que será analisado na próxima aula.

As principais atividades geradoras de riquezas na Europa Ocidental são as dos setores terciário e secundário, nessa ordem. Você já sabe que a Europa foi o lugar onde ocorreu a Primeira Revolução Industrial. Acompanhando as transformações ocorridas ao longo da história da sociedade moderna, é possível identificar, também, a mudança dos setores produtivos no comando da economia. Você é capaz de dizer como isso aconteceu?

A resposta é simples não é mesmo? Até a segunda metade do século XVIII, as atividades agropecuárias e extrativistas (setor primário da economia) eram a base do sistema socioeconômico. Com o advento da máquina, rapidamente as atividades, hoje denominadas rurais, foram subordinadas à indústria (setor secundário) e substituídas por esta no comando da economia mundial (OLIVEIRA, 2007). Mas isso aconteceu primeiro na Europa, não é verdade?

Durante muito tempo, as atividades industriais comandaram a economia europeia. Com a evolução e modernização do capitalismo e a diversificação da economia e do próprio setor secundário, criou-se uma demanda por outras atividades econômicas, dessa vez desenvolvem-se plenamente o setor de serviços (terciário) que hoje é o principal setor da economia europeia e do mundo, com raras exceções.

As atividades econômicas no cenário europeu

O padrão socioeconômico europeu é muito elevado. Tal fato explica-se pelo desenvolvimento alcançado nos diversos setores da economia nesse território. O setor primário europeu destaca-se pela alta produtividade agrícola enquanto os setores industrial e de serviços são intensos e todo o espaço geográfico europeu está integrado por sofisticadas redes de comunicação e transportes que possibilitam não apenas a integração completa entre suas regiões mas o conecta com todo o espaço global.

O sistema de transportes europeu é completo. Se você recorda dos temas estudados na Aula 5, vai lembrar que nos rios do continente existem complexos sistemas de hidrovias. O sistema aeroviário é um dos mais sofisticados do planeta e conecta a Europa a todos os outros países. Há grandes investimentos na infraestrutura de rodovias que interligam todas as regiões. O transporte ferroviário também merece destaque, tanto para o translado de passageiros como de mercadorias. Você já ouviu falar do Eurotúnel? Leia o trecho a seguir para ver como os europeus investem muito em infraestrutura para circulação.

Até o início da década de 1990, a França se comunicava com a ilha da Grã-Bretanha e, sobretudo, com a Inglaterra, exclusivamente por via marítima ou aérea, o que ainda hoje acontece de forma intensa.

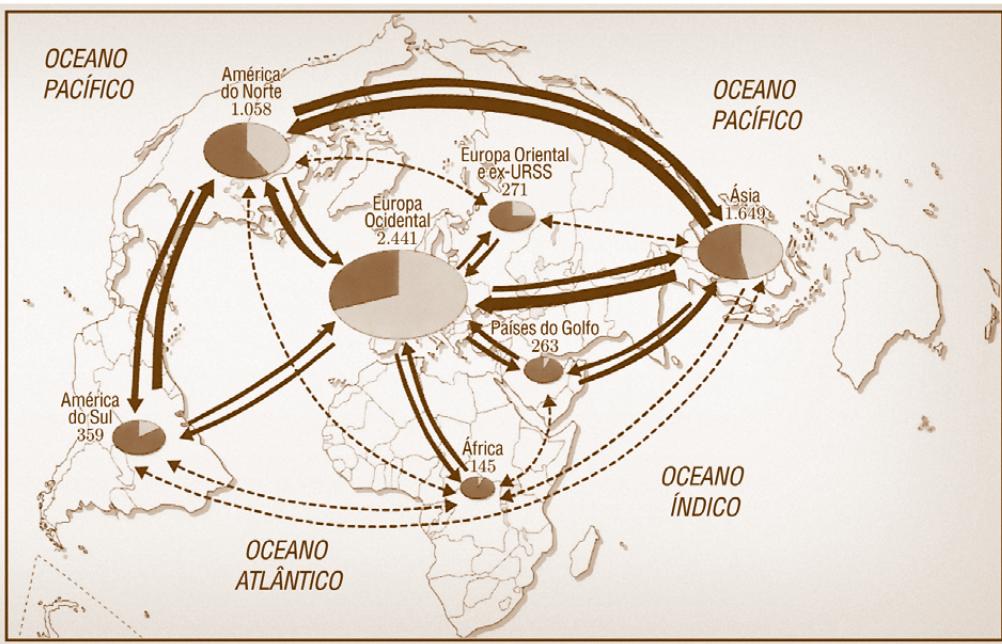
Uma importante obra de engenharia, concluída em 1994, mudou esse quadro para sempre: após oito anos de construção, o Eurotúnel, como ficou oficialmente conhecido, passou a fazer a ligação submarina entre a ilha e o continente europeu.

O túnel liga as cidades de Folkestone, na Inglaterra, e Calais, na França, por meio de um trem de alta velocidade que faz o percurso em 35 minutos. A construção foi realizada no estreito de Dover, ponto mais próximo entre os dois países, com 50 quilômetros de extensão e custou 15 bilhões de dólares.

Muitas críticas foram feitas a essa grandiosa obra pelos potenciais danos ambientais que gerou e pelo elevado custo.

Fonte: EUROTÚNEL: a obra de engenharia do século. Jornal da Tarde, São Paulo. 17 mar. 1996. Caderno de Turismo do Jornal da Tarde.

Pense um pouco sobre a intensidade das relações comerciais e financeiras que caracterizam a economia global na atualidade. Nesse cenário, é fundamental para uma região estar plenamente integrada ao espaço mundial, não é mesmo? Por isso, ter uma ampla e sofisticada rede de transportes e comunicação confere à Europa um lugar privilegiado entre as regiões mais ricas do planeta. Analise atentamente o mapa a seguir para entender como esse fenômeno se espacializa e como a Europa é a região do planeta que mais estabelece intercâmbios comerciais e financeiros.



Mapa 1 – Fluxos e intercâmbios comerciais no mundo em 2003

Fonte: Barbieri (2008, p. 66)

Na Europa, os três setores produtivos encontram-se em estágios de modernização avançada. Mesmo com participações diferentes na produção da riqueza nesse continente, todos eles são muito importantes para manter a hegemonia econômica europeia. Vamos conhecer as principais características de cada um deles no próximo item. Agora, pare um pouco sua leitura e resolva as questões que seguem.



Atividade 1

1

Apresente os principais setores econômicos que na Europa são responsáveis por produzir a maior parte da riqueza.

2

Explique como a evolução da sociedade moderna contribuiu para que os setores da economia fossem substituindo uns aos outros nos níveis de importância e geração de riquezas.

3

Tomando por base o exemplo da Europa, discuta a seguinte afirmação: O desempenho econômico de uma região está diretamente relacionado ao sistema de transportes e comunicação nela presentes.

O setor primário: moderno e altamente mecanizado

Apesar de ser o setor com menor participação na produção de riquezas e empregar menos de 5% da população economicamente ativa, uma parcela significativa do território europeu está ocupado por áreas cultivadas e pastos. A agropecuária europeia é fortemente protegida pelos governos. Você já deve ter acompanhado reportagens nos veículos de comunicação que tratam das disputas que o Brasil e os demais países exportadores de produtos agrícolas travam na Organização Mundial do Comércio (OMC) contra países que mantêm essa prática.

Em praticamente toda a Europa, os produtores rurais contam com políticas permanentes de proteção através de subsídios agrícolas que são dados em forma de empréstimos a juros baixos, garantia de compra da produção, taxação dos produtos semelhantes produzidos em outros países e que entram em seus mercados, ou seja, aumenta impostos sobre os produtos importados para que estes não tenham condições de competir com os produtos da agricultura local.

Pois bem, de acordo com Barbieri (2008), existem quatro importantes espaços agrícolas na Europa. Se for necessário, volte ao mapa do relevo europeu (Aula 5) para localizar essas áreas, certo?

O primeiro espaço agrícola localiza-se no Grande Planalto Europeu e no sul da Rússia. Os solos férteis dessa região são intensamente utilizados para a produção de cereais. É, portanto, no domínio da agricultura cerealista onde o trigo ocupa as maiores extensões.



Figura 1 – Campo de trigo

Fonte: <<http://www.agrocim.com.br/imgs/imgfixa/agricultura/trigo/triticultura.jpg>>. Acesso em: 28 abr. 2010.

Outro espaço importante é a bacia do mar Mediterrâneo. Nessa área, as características climáticas e pedológicas reúnem as condições ideais para o cultivo de uva, azeitona, milho e trigo com a utilização da irrigação. São também produzidos algodão e girassol.

Em todo o norte da Europa a pecuária é desenvolvida através da criação principalmente de bovinos e suíños que servem ao mercado interno europeu e na região em análise abastece, prioritariamente, a grandes cidades. Nessa área, a pecuária é praticada no modelo intensivo, ou seja, o confinamento, o manejo genético e a nutrição estão baseados nos mais modernos métodos de criação.

No litoral mediterrâneo também se pratica a pecuária, entretanto, diferente da porção norte, aqui predomina a pecuária extensiva, ou seja, os rebanhos são criados soltos em grandes propriedades rurais. Os rebanhos mais numerosos são o bovino e o ovino.

Complementa o setor primário europeu a atividade pesqueira, especialmente na Rússia, Espanha, Reino Unido e Europa Setentrional. Entretanto, essa atividade atingiu um grau de mecanização e modernização tão elevado que ao nos referirmos a ela, é comum denominá-la de indústria pesqueira. Os países que mais exportam pescados contam com uma moderna frota pesqueira e um setor industrial específico para esse tipo de atividade.

A exploração das florestas de coníferas também é muito importante. Entretanto, conforme vimos na Aula 5, a cobertura florestal no continente encontra-se superexplorada. Por essa razão, a Finlândia, país nórdico que mantém as maiores extensões florestais da Europa, concentra, também, a exploração de madeira para a produção, especialmente, de papel.

Com relação à exploração mineral, outra atividade importante do setor primário, que também está completamente modernizada, é pouco expressiva já que a Europa, em geral, tem poucas reservas desses recursos naturais. A principal área produtora é a região do mar do Norte onde são explorados petróleo e gás natural. Em todo o continente há também pequena exploração de minerais metálicos, a exemplo do ferro e da bauxita.

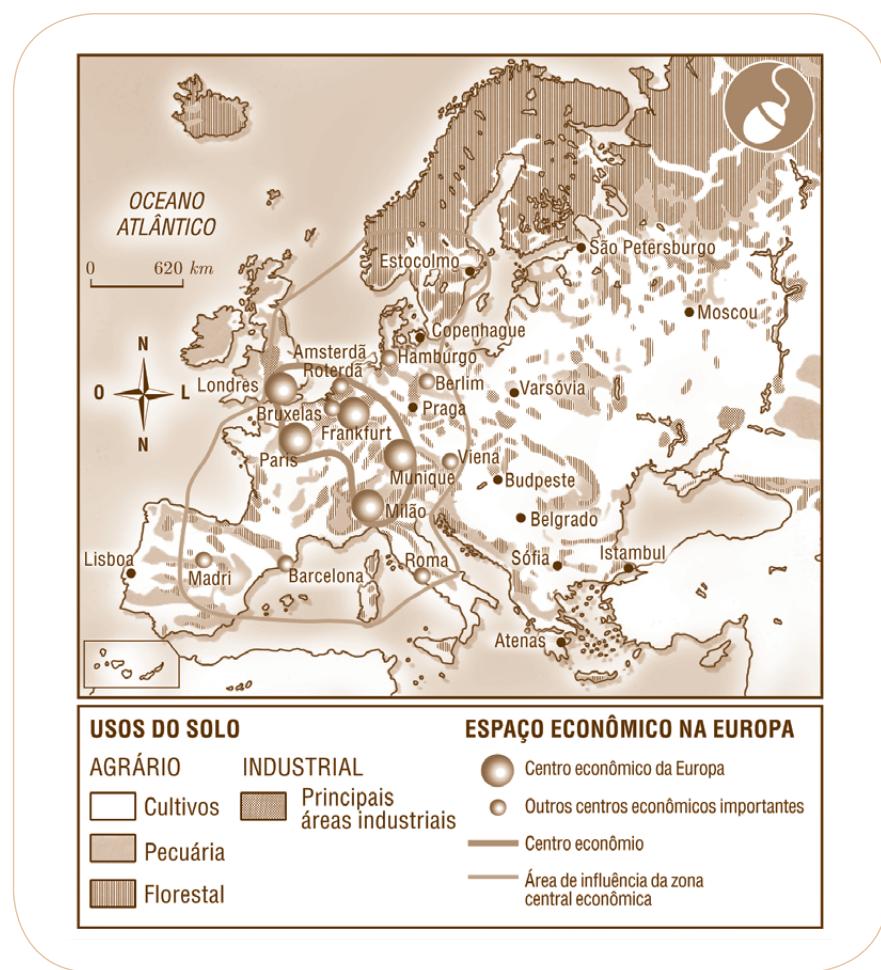
Os espaços industriais europeus

Conforme você já sabe, a indústria europeia é uma das mais desenvolvidas e modernas do mundo contemporâneo. Segundo a análise das informações contidas no Atlas de Le Monde Diplomatique (2007), é possível identificar três regiões de grande concentração industrial na Europa. Vamos conhecê-las?

- Região industrial britânica - estende-se praticamente em quase toda a extensão da área central da Inglaterra. O coração industrial do Reino Unido são as cidades de Manchester, Birmingham, Sheffield e Leeds. Nessa região, o parque industrial é bem diversificado e abriga principalmente indústrias dos setores mecânico (automobilístico, aeronáutico e naval), elétrico, químico (em diversos seguimentos e petroquímica, em especial), transportes, alimentos e têxteis.

- Região industrial de Roterdã-Milão – área que vai desde a Holanda até a Itália. É a principal área industrial do continente. Nesse eixo estão a Holanda, a Bélgica, Luxemburgo, França, Alemanha, Itália. Nesses países se desenvolvem atividades secundárias de todos os tipos, porém, as mais expressivas são: metalurgia, siderurgia, mecânica, química, têxtil, eletrônica e alimentícia. É importante ressaltar que a Alemanha é, na atualidade, o país mais industrializado da Europa. Nesse país existem regiões industriais muito adensadas e tradicionais a exemplo das bacias dos rios Reno e Ruhr, Monique, Berlim, Frankfurt.
- Região industrial da Europa Oriental – diferentemente das demais regiões, as indústrias dos países da Europa Oriental, encontram-se em processo de modernização. O atraso tecnológico desse setor deve-se ao fato de que essa região do continente durante todo o período da Guerra Fria não investiu adequadamente na modernização de seus parques industriais. As maiores concentrações fabris estão nos vales dos rios Danúbio, Elba e Oder, na bacia do mar Negro, nas regiões do Cáucaso, e nas cidades russas Moscou e São Petersburgo. Nessas áreas, os destaques industriais são os mesmos das outras duas regiões.

Observe a localização das principais áreas industriais da Europa no mapa a seguir. Veja que existe mesmo a presença de áreas com grande concentração industrial contrastando com áreas de baixa industrialização.



Mapa 2 – Espacialização das atividades econômicas europeias

Fonte: Barbieri (2008, p. 65).

Vale salientar que a desconcentração industrial intensificada com a globalização está modificando o perfil industrial europeu. Dentre outros fatores, o elevado custo da mão de obra no continente tem intensificado a transferência de unidades fabris para países em desenvolvimento. Essa estratégia, como você já sabe, visa prioritariamente a redução dos custos de produção e consequente ampliação dos lucros empresariais.

A importância do setor de serviços na economia europeia

Já dissemos anteriormente que o setor de serviços é, hoje, o ramo das atividades econômicas que mais produz riquezas na Europa. Atualmente, 70% de toda a riqueza produzida no continente provém desse setor que, consequentemente, emprega a maior parcela da população economicamente ativa (GEOGRAPHICA..., 2009).

Você já sabe que o comércio é uma das atividades integrantes desse seguimento econômico. A Europa, como vimos no Mapa 1, estabelece com o resto mundo, mas em especial com os países desenvolvidos, intensas trocas comerciais. A balança comercial no continente é equilibrada e apresenta saldos positivos, ou seja, os gastos com importação são inferiores ao que se arrecada com as exportações. É o que denominamos superávit.

O setor financeiro europeu é um dos mais sólidos do mundo. Na Europa estão as sedes de inúmeras instituições financeiras multinacionais. O continente é líder absoluto nesse setor.

Não podemos deixar de falar do turismo. Nesse seguimento, a Europa é o principal mercado do mundo. Segundo Barbieri (2008, p. 66), “metade da receita gerada no mundo pelo turismo concentra-se nos seguintes países: Espanha, França, Itália, Alemanha, Reino Unido e Áustria”.

Ainda de acordo com o Geographica: Atlas Mondial Illustré (2009), os serviços essenciais como saúde, educação, segurança e transporte são os mais completos e eficientes de todo o globo.

Todo esse dinamismo econômico se reflete no elevado padrão de vida da maioria de seus habitantes. Os países europeus, em especial os da parte Ocidental, apresentam Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) elevados. Observe a figura a seguir, ela mostra a classificação da Europa segundo o IDH, indicador medido de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1 melhor a qualidade de vida da população e quanto mais próximo de 0, piores são as condições de vida.

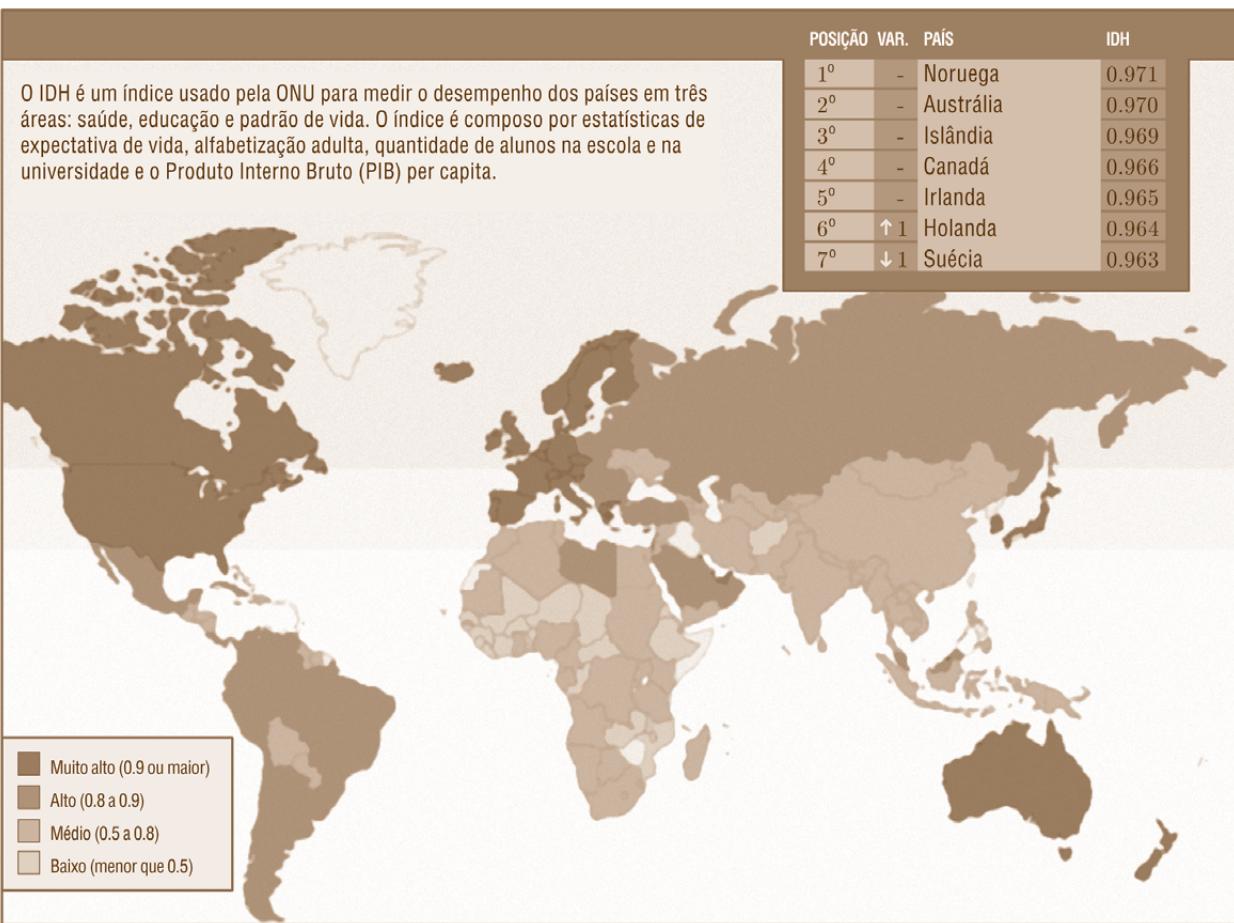


Figura 2 – Indicadores de desenvolvimento humano 2007

Fonte: Adaptado de PNUD (2009) Disponível em: <http://www.estadao.com.br/especiais/mapa-do-desenvolvimento-humano_73384.htm>. Acesso em: 28 abr. 2010.



Atividade 2

1

Mencione as principais características das atividades agropecuárias europeias.

2

Identifique as principais áreas industriais europeias e aponte os principais tipos de indústria presentes no território europeu.

3

Refletiu um pouco e com base nos conhecimentos adquiridos durante as aulas anteriores, responda: Que consequências socioeconômicas a transferência de unidades fabris para outros países pode gerar na Europa?

Os desafios da Europa

na pós-crise econômica e financeira (2008-2009)

Você deve ter visto que nos anos 2008 e 2009 o tema crise financeira mundial dominou as manchetes e reportagens de todos os meios de comunicação. Deve ter percebido também que essa crise atingiu todos os países deixando um alerta a todas as nações. Várias empresas faliram ou entraram em concordata. Na Europa não foi diferente, é claro. A maioria dos países europeus passou e ainda passa por momentos tensos. Analise a manchete a seguir.

O Leste de joelhos

Boas notícias, pelo menos para a Espanha: o país perdeu o posto de detentor da mais alta taxa de desemprego da Europa para a Letônia, que chegou a uma taxa de 19,7% em setembro. Em razão da crise, o PIB do país do Leste Europeu, de pouco mais de 2 milhões de habitantes, deve cair 12% em 2009.

Os países europeus com o pior desempenho, segundo o estudo mais recente da Eurostat

TAXA DE DESEMPREGO

1º Letônia		19,7%
2º Espanha		19,3%
3º Lituânia		13,8%
4º Estônia		13,3%
5º Irlanda		13%

Fonte: <<http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0956/mundo/volta-ao-mundo>>.

Acesso em: 28 abr. 2010.

Você percebeu que as nações mais vulneráveis são exatamente as que mais são afetadas pelos efeitos da crise? Já dissemos que a Europa Oriental é a parte economicamente mais frágil do continente europeu e mesmo os países integrantes da UE enfrentam situações dramáticas de desemprego que foi intensificado com a crise passada. Os números da manchete não deixam dúvidas. Mas toda a Europa ficou em alerta e sofreu com a ameaça do fechamento de postos de trabalho.

Em todo o continente, foram anunciados pacotes de ajuda econômica financiados pelos governos para salvar as empresas nacionais e revitalizar a economia dos países. Foram investidos milhares de bilhões de dólares para salvar bancos e indústrias. Tal procedimento visou também impedir a derrocada do sistema econômico e evitar o desemprego em massa, o que seria catastrófico (EUROPEAN COMISSION, 2010). Mesmo com a rapidez com que foram tomadas as decisões para conter os efeitos da crise no continente, milhares de postos de trabalho foram fechados. Você pode imaginar os efeitos devastadores que uma crise econômica global pode causar nos países?

Após a tentativa de superação da crise, a Europa vive um momento desafiante em que a questão prioritária parece ser a definição de uma política socioeconômica comum, promotora de crescimento e bem-estar social. Rebelo (2010, p.1), ao tratar desse tema, salienta que

[...] importa não ignorar o motor da economia europeia: a economia alemã. Com um expectável déficit público na ordem dos 6% do PIB em 2010, o novo governo alemão tudo tem feito para tranquilizar os alemães, afirmando ser possível regressar à estabilidade e ao emprego dentro dos próximos três anos.

A questão do emprego é prioritária em qualquer nação. Em tempos de globalização e automação das atividades econômicas em todos os setores da economia, a preocupação em gerar e manter postos de trabalho é ainda maior. Esse é um desafio que a sociedade enfrenta mesmo em tempos de estabilidade econômica, então, podemos imaginar a extrema dificuldade de solucionar esse problema socioeconômico em tempos de crise, não é mesmo?

Portanto, a aprovação de empréstimos públicos para saldar as dívidas contraídas pela iniciativa privada, apesar de nos parecer um absurdo, é essencial para alavancar o setor produtivo interno. Um dos principais indicadores econômicos afetados é o Produto Interno Bruto (PIB). Na Europa, o PIB caiu em 3,6% em 2009, ano em que os efeitos da crise foram mais intensos (EUROPEAN COMISSION, 2010).

O que diferencia a Europa das outras regiões do globo é o fato de 27 de seus países estarem integrados na União Europeia (EU). Isso é favorável no momento de enfrentar problemas econômicos porque a solução também é dada em conjunto. Mas não podemos esquecer que estamos falando de um continente onde coexistem países altamente desenvolvidos ao lado de nações frágeis do ponto de vista econômico.

Um exemplo disso pode ser visto nesse momento em que esta aula está sendo escrita (última semana do mês de abril de 2010). A Grécia, um dos países da UE, enfrenta uma crise econômica severa e só poderá superá-la mediante a contração de empréstimos internacionais.

Como um dos objetivos da UE é cuidar para que todos os seus membros estejam com seus sistemas econômicos equilibrados, uma vez que qualquer ameaça de instabilidade pode afetar todo o bloco, a UE em parceria com o Fundo Monetário Internacional (FMI) aprovou um empréstimo que equivale a US\$ 110 bilhões. Entretanto, o bloco exige que o país ajuste urgentemente seus gastos públicos para equilibrar a economia e sanar a dívida contraída. Perceba que as economias mais frágeis do continente podem comprometer o desempenho das mais fortes.

Apesar de ter sido abalada pela crise de 2008-2009, a Europa, especialmente a maioria dos países da porção Ocidental, como tem uma economia forte e dinâmica, passou por ela sem grandes sequelas e não perdeu sua hegemonia no cenário econômico mundial.



Os reflexos da dinâmica econômica nas cidades europeias

O estágio atual da economia mundial, marcado pela intensa mobilidade das indústrias no espaço geográfico, pela ascensão do setor de serviços ao patamar mais importante entre as atividades econômicas e, pelo domínio do capital financeiro na economia global, mudou a hierarquia tradicional que havia entre as cidades.

Durante a Segunda Revolução Industrial, os espaços urbanos mais importantes eram aqueles que detinham importantes áreas industriais. Na atualidade, esse posto foi assumido pelas cidades que se modernizaram e se equiparam com sofisticada infraestrutura de serviços e eficientes sistemas de comunicação e transporte que as integram ao resto do mundo. Você deve estar recordando das aulas de Geografia Urbana, não é mesmo? Com certeza você aprendeu que essas cidades modernas são denominadas cidades globais. Então vamos ver se você consegue explicar o que é uma cidade global?

Se você pensou em cidades grandes, com uma boa infraestrutura, conhecidas no mundo todo e com grande desempenho econômico, logístico, estrutural, acertou. Lucci, Branco e Mendonça (2003, p. 262) conceituam cidades globais da seguinte forma:

[...] são aquelas que concentram a movimentação financeira, as sedes de grandes empresas ou escritórios filiais de multinacionais importantes, centros de pesquisas e as principais universidades. Ou dotadas de infraestrutura necessária para a realização de negócios nacionais e internacionais: aeroportos, portos, bolsa de valores e sistemas de telecomunicações, além de uma ampla rede de hotéis, centros de convenções e eventos, bancos e comércio. Possuem serviços bastante diversificados, como jornais, teatros, cinemas, editoras, agências de publicidade [...].

Os países europeus, especialmente os que possuem elevado nível de desenvolvimento econômico, possuem cidades que pelo fato de abrigarem as sedes de algumas das maiores corporações multinacionais, sejam industriais, ou financeiras, acabam por influenciar nos rumos da economia em todo o mundo. Entre as cidades globais mais importantes estão os centros urbanos europeus: Londres, Paris, Frankfurt, Milão, Zurique, Madri, Bruxelas, Amsterdã e Copenhague, por exemplo.



Figura 3 – Vista parcial de Frankfurt (A) e Milão (B), respectivamente

Fonte: <<http://canaldecurtos.terra.com.br/intercambioglobal/index.php/Italia-Milao-> ; highendfood.wordpress.com/...>; <www.destination360.com/.../us/illinois/chicago>. **Acesso em:** 28 abr. 2010.

Ao mesmo tempo em que essas cidades são reconhecidas pelo papel que desempenham no comando da economia mundial, em seus espaços intraurbanos é possível visualizar espaços de exclusão social. Geralmente a população que habita esses espaços é oriunda de outros países, vindos das antigas colônias europeias na África e Ásia e do Leste Europeu, principalmente.

Já vimos que o fluxo populacional que migra no espaço geográfico mundial se move segundo o padrão econômico das diversas regiões. No caso da Europa, conforme vimos na aula anterior, as características econômicas são os aspectos que atraem trabalhadores do mundo todo em busca de melhores condições de trabalho e vida. É justamente nessa interface entre os centros financeiros e a periferia dessas cidades e suas regiões metropolitanas que residem as contradições socioespaciais. Vamos entender melhor.

De acordo com Castells (2007, p. 426), o centro financeiro nas cidades globais europeias

é o motor econômico da cidade em rede com a economia global. O centro de negócios é formado de uma infraestrutura de telecomunicações, comunicações, serviços avançados e espaços para escritórios baseados em centros geradores de tecnologia e instituições educacionais. Prospera em processamento de informações e funções de controle. Geralmente é completado por instalações de turismo e viagens. [...]

O espaço suburbano das cidades europeias é socialmente diversificado e fragmentado em diferentes periferias. Localiza-se no entorno das metrópoles e, segundo Castells (2007), há os subúrbios dos trabalhadores, que possuem o título de propriedade do imóvel em que residem geralmente organizados perto de grandes conjuntos habitacionais. Existem também

muitos guetos periféricos formados por conjuntos habitacionais mais antigos onde residem populações formadas por imigrantes e famílias de trabalhadores pobres. Esse grupo é o que verdadeiramente encontra-se socioespacialmente segregado e, nas palavras de Castells, é excluído do direito à cidade.

Na estrutura urbana europeia, a expansão do tecido periférico nas regiões metropolitanas dá lugar a novos subúrbios industriais. Nesses espaços coexistem indústrias tradicionais e de alta tecnologia que se instalaram nesses locais por serem próximos dos centros de comunicação ou de negócios.

Nesse sentido, os principais centros metropolitanos europeus apresentam variação na estrutura urbana em função do papel que desempenham na rede de cidades europeias e mundiais.

Quanto mais baixa sua posição na nova rede informacional, maior será a dificuldade na transição do estágio industrial, e mais tradicional será sua estrutura urbana, com antigos bairros e áreas comerciais desempenhando papel determinante na dinâmica da cidade. Por outro lado, quanto mais alta sua posição na estrutura competitiva da economia europeia, mais significativo o papel de seus serviços avançados no bairro comercial, e mais intensa será a reestruturação do espaço urbano (CASTELLS, 2007, p. 427).

A realidade marcada pelas contradições nos espaços urbanos não é exclusividade das cidades europeias. Esse fenômeno é observado em praticamente todo o mundo. Entretanto, é preciso deixar claro que a influência das mudanças na economia global contribuiu significativamente para levar às cidades níveis de modernidade jamais vistos. Contudo, o elevado nível econômico não isenta esses centros urbanos dos problemas socioespaciais, que respeitadas as devidas proporções, são comuns a qualquer cidade, seja ela global ou não, esteja em países desenvolvidos ou não.



Atividade 2

1

Quais as principais consequências que a crise financeira dos anos 2008 e 2009 trouxe para os países europeus?

2

Como os países da Europa, em especial os integrantes da UE, enfrentaram a ameaça de instabilidade econômica gerada pela referida crise?

3

Que elementos justificam a presença de várias cidades globais no continente europeu?

4

De acordo com Castells, o espaço urbano das metrópoles europeias é marcado pela presença de duas áreas distintas: o centro de negócios e os subúrbios. Que aspectos socioespaciais caracterizam e diferenciam esses espaços?

Resumo

Nesta sétima aula, você conheceu as principais características da economia europeia e viu que todos os setores produtivos nesse continente encontram-se em elevado estágio de modernização, sendo o setor de serviços o responsável pela produção da maior parte da riqueza gerada na Europa. Aprendeu que do ponto de vista econômico existem contrastes, sendo a região Ocidental da Europa mais dinâmica que o lado Oriental onde ainda o setor primário e as indústrias tradicionais ocupam lugar de destaque entre as atividades econômicas. Discutimos como a recente crise financeira mundial afetou o crescimento do PIB e ameaçou o emprego no continente. Por fim, vimos que o dinamismo e a inserção econômica da Europa na economia mundial justificam a significativa presença de cidades globais nessa região do planeta. Mas ficou claro que mesmo as principais cidades do mundo não estão imunes aos problemas socioespaciais inerentes a qualquer centro urbano.

Autoavaliação

1

O capital se reproduz de forma desigual nos territórios e a Europa é um bom exemplo disso. Nesse continente, as desigualdades nos níveis de desenvolvimento econômico são visíveis até mesmo no âmbito da União Europeia. Tome como base os temas abordados nas três aulas (5 - Europa: sociedade, cultura e ambiente, 6 - Cenário sociocultural europeu e 7 - Cenário socioeconômico europeu) que tratam do continente europeu e apresente argumentos que expliquem as desigualdades econômicas entre os países da Europa Ocidental e da Europa Oriental.

2

No Estado onde você mora, é possível perceber desigualdades econômicas entre as sub-regiões que o compõem? Explique por que isso acontece.

Referências

- BARBIERI, Eloisa Cerdán Del Lama. **Enciclopédia do estudante**: geografia do mundo. São Paulo: Moderna, 2008.
- CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede**. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. v 1
- EL ATLAS de Le Monde Diplomatique. Madri: Ediciones Cybermonde S.L, 2007.
- EUROPEAN COMISSION. Economic Crisis in Europe: Causes, Consequences and Responses. **European Economy**, Economic and financial affairs, n. 7, 2009. Disponível em: <http://ec.europa.eu/economy_finance/publications/publication15887_en.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2010.
- GEOGRAPHICA: Atlas Mondial Illustré. Paris: Ullmann. 2009.
- LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lázaro; MENDONÇA, Claudio. **Geografia geral e do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- REBELO, Gloria. **Europa e o período pós-crise**. Disponível em: <http://jn.sapo.pt/Opiniao/default.aspx?content_id=1464452&opiniao=GI%F3ria%20Rebelo>. Acesso em: 28 abr. 2010.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

Anotações

Anotações

Anotações

A unificação europeia em contexto



Apresentação

Na aula anterior, vimos como a economia europeia é dinâmica ao mesmo tempo em que se apresenta amplamente diversificada. O continente europeu entre todas as demais regiões do planeta abriga o maior número de países desenvolvidos, conforme você já sabe. Também já dissemos que esse continente serve de exemplo ao resto do mundo porque conseguiu colocar em prática o maior projeto de integração econômica regional: a União Europeia - UE. Por essa razão, cabe investigarmos os processos históricos geográficos que conduziram essa experiência desde sua origem até a atualidade. Esse conjunto econômico mantém influência em todas as regiões do globo, especialmente, no que se refere à política internacional e a economia. A criação da Comunidade Econômica Europeia (CEE) ou Mercado Comum Europeu (MCE) e sua evolução para a União Europeia (UE) são os temas que veremos a seguir.

Objetivos

- 1 Entender o contexto histórico e geográfico em que o processo de unificação europeia se consolidou.
- 2 Identificar as principais etapas da formação da União Europeia.
- 3 Discutir os principais desafios a serem superados para amenizar as desigualdades socioeconômicas entre os países membros do bloco.

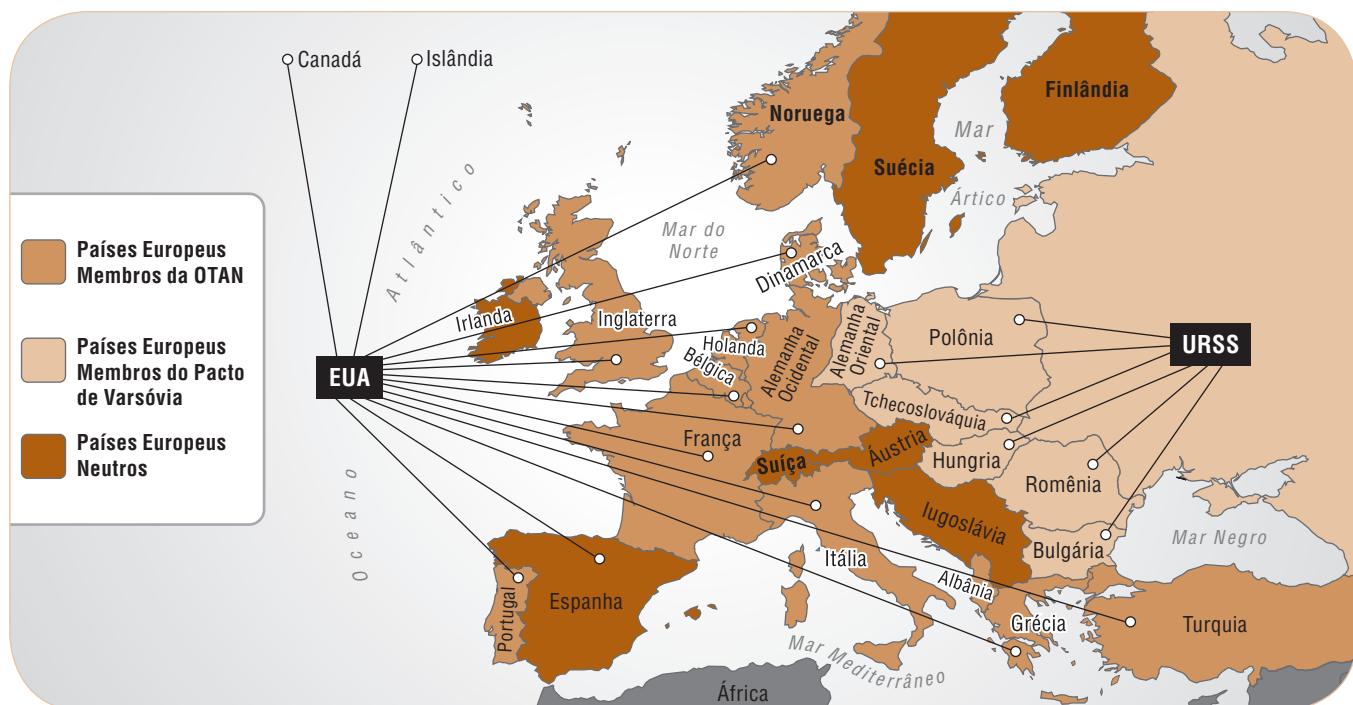


Globalização, identidade e integração: o exemplo da União Europeia

Na sua origem, a integração europeia configurou-se como uma iniciativa geopolítica, inserida no cenário bipolar da Guerra Fria. A estratégia norte-americana de isolamento da União Soviética e de seu bloco de Estados-satélites da Europa Oriental dependia da reconstrução e do fortalecimento da Europa Ocidental após a Segunda Guerra. (MAGNOLI; ARAUJO, 2005, p. 404).

Observe bem o trecho que você acabou de ler. Em que contexto nasceu a ideia de integração dos países europeus ocidentais? É fácil imaginar, não é mesmo? Pois bem, você já sabe que o palco principal da Segunda Guerra Mundial foi o território europeu. Ao fim desse conflito, duas nações saíram fortalecidas e foram consideradas as grandes vencedoras. Você arriscaria dizer quais foram elas? Foram exatamente as que passaram a disputar a hegemonia mundial e praticamente “dividiram a Europa entre si”: Estados Unidos e ex-União Soviética.

Mas, por que estamos afirmando isso? Você deve recordar que a porção ocidental do continente foi submetida à influência estadunidense, enquanto a oriental ficou sob domínio da ex-União Soviética. Observe no Mapa 1 como ficou a divisão da Europa durante a Guerra Fria:



Mapa 1 – A Europa durante a Guerra Fria

Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/_pQxbde5vHw/SrBV-2iKvOI/AAAAAAAe8/xu9r-QXnd50/s400/guerra+fria.jpg>. Acesso em: 10 abr. 2010.

Sobre o interesse norte-americano em marcar posição na Europa, Magnoli e Araujo (2005, p. 404) destacam que:

A Segunda Guerra Mundial arrasou as estruturas produtivas européias. Como resultado, o imediato pós-guerra foi marcado por uma avassaladora crise econômica, cuja gravidade e profundidade ameaçavam a estabilidade social do continente. Os partidos de esquerda – socialistas e comunistas – encontravam terreno fértil para a ampliação de suas bases sociais e eleitorais na frágil Europa. O perigo morava bem ao lado, materializado pela militarmente poderosa União Soviética.

Pois bem, dentre outros fatores, esse cenário, especialmente no lado ocidental serviu de base para despertar os ideais de integração. Mas antes, precisamos compreender as origens e o caminho percorrido durante esse processo.

No caminho da integração, estavam os interesses externos. Antes de analisarmos o processo de unificação europeia, se faz necessário entender os antecedentes históricos e geográficos que desencadearam a primeira tentativa da integração. Vamos por parte.

Falamos que os interesses externos eram muito fortes na Europa do pós-guerra. As duas nações interessadas nessa importante área do globo passaram a investir significativas quantias na reconstrução dos países arrasados. É certo que esses investimentos eram concedidos quase sempre em forma de concessão de empréstimos, transferência de tecnologia perante pagamento.

Veja que nada foi gratuito, e por isso mesmo, os interesses individuais dessas duas potências eram prioridade em detrimento de uma reconstrução assistida e gratuita para a recuperação do sistema produtivo europeu. Você deve pensar que essa era uma maneira coerente de apoiar as nações europeias sem prejudicar suas próprias economias. Correto, porém o que nos interessa analisar é a estratégia geopolítica em que a Europa, no nosso caso de estudo, a Europa Ocidental esteve envolvida nesse período e, mais ainda, precisamos compreender como foi que essas nações deixaram a condição de subjugadas a líderes da economia mundo na atualidade.

A geopolítica e a Europa no pós-Segunda Guerra

O cenário geopolítico e socioeconômico que se desenhou na Europa após a Segunda Guerra, levou o continente a tornar-se o precursor na ideia de organização dos países por meio da cooperação econômica. Essa foi a origem da formação do que conhecemos hoje como blocos econômicos.

Castells (2000) destaca que até a segunda metade do século XX, não havia na Europa a ideia de identidade e unidade entre os Estados-Nação. Mas por que o autor afirma isso? Você seria capaz de arriscar uma opinião? Vamos ver, certo? Isso se explica porque historicamente os países europeus sempre estiveram envolvidos em disputas e quando buscavam apoio uns dos outros era quase sempre para formar parcerias que os levariam a próxima guerra.



nacionalistas

Nacionalismo significa a consciência de pertencer a um povo ou nação; preferência por tudo o que é próprio dessa nação.

OTAN

Significa Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Trata-se de uma aliança militar firmada entre os Estados Unidos e alguns países europeus que têm como objetivos a defesa das instituições livres e a colaboração na resistência e na defesa mútua de seus membros, em caso de ataque por um país inimigo.

Porém, o grande foco de rivalidade era protagonizado pela França e Alemanha. O sucesso da unificação dependia da dissolução dessa rivalidade, que era uma das principais ameaças à estabilidade europeia. Historicamente, França e Alemanha sempre estiveram em disputas. Os embates eram motivados principalmente por questões de fronteira e sentimentos **nacionalistas** por parte dos dois lados.

Em suma, a tentativa de estabelecer uma trégua nesses constantes embates e de criar uma “cultura” de unidade e integração entre os países europeus estava pautada em ideais políticos, e o caminho para alcançar essa finalidade foi conduzido inicialmente pela tomada de medidas econômicas.

Vejamos o ambiente em que essa ideia foi tomando forma.

Em 1948, várias centenas de líderes europeus encontraram-se em Haia para debater as perspectivas de integração europeia. Além das proclamações ideológicas e ambições tecnocráticas, o propósito essencial da integração europeia era evitar uma nova guerra. Para tanto, tornava-se necessário encontrar uma forma de conciliação definitiva com a Alemanha, totalmente diversa da humilhante condição imposta ao país após a Primeira Guerra Mundial, que levou à Segunda. A conciliação tinha de ser, sobretudo, entre a Alemanha e a outra potência continental europeia, a França, com o aval dos Estados Unidos, o protetor da Europa após uma guerra bastante destrutiva. Além disso, a Guerra Fria, com sua linha de frente passando pela Alemanha, necessitava de uma Europa Ocidental dotada de economia forte e situação política estável. A **OTAN** fornecia a proteção militar necessária, e o Plano Marshall ajudava a reconstruir as economias europeias enquanto preparava o terreno para o investimento de multinacionais norte-americanas. Mas havia necessidade de instituições políticas para estabilizar as relações entre os Estados-Nação que haviam sido constituídos, historicamente, mediante lutas entre si ou procura de alianças para a guerra seguinte. (CASTELLS, 2000, p. 386-387).

Você percebeu como Manuel Castells traçou um panorama geral da situação vigente na Europa quando do momento da proposição da integração? As palavras do autor sintetizam de forma clara, toda a intenção política e os interesses externos que rondavam esse projeto. Mas é preciso revisitar dois acontecimentos geopolíticos importantes que ajudaram a criar o ambiente de estabilidade na região ocidental da Europa: o Plano Marshall e a OTAN.

O Plano Marshall, enquanto estratégia política consistiu na transferência de recursos financeiros em forma de empréstimos, dos Estados Unidos para os quinze países da Europa Ocidental. A ex-Iugoslávia também foi contemplada pelo Plano, pois naquele momento o governo local mostrava sinais de rompimento com o governo soviético. De acordo com Médici

e Almeida (2005), os países mais favorecidos por esses investimentos foram o Reino Unido, a França e Itália, conforme demonstra o Quadro 1 a seguir:

Países mais beneficiados no Plano Marshall	
País	Quanto recebeu (em milhões de dólares)
Reino Unido	3 421
França	2 753
Itália	1 389
Outros	5 619
Total dos recursos aplicados	13 182

Quadro 1 – Distribuição dos recursos do Plano Marshall

Fonte: Médici e Almeida (2005, p. 27).

Como você pode observar, juntas essas nações ficaram com mais da metade dos recursos disponibilizados. A Alemanha Ocidental também foi beneficiada. Esse país, em especial, serviu como uma grande vitrine voltada para a Europa Oriental. Por essa razão, era necessário mostrar que o modelo de reconstrução da Europa Ocidental era bem sucedido. Analise atentamente o que Magnoli e Araújo (2005, p. 405) ressaltam a respeito dessa questão:

Por meio do Plano Marshall, os Estados Unidos promoveram a reconstrução das estruturas produtivas e o fortalecimento das economias de mercado no ocidente europeu. A iniciativa, de caráter geopolítico, destinava-se a afastar “o perigo vermelho”. Em 1950, a Europa Ocidental já ultrapassava em 25% sua produção anterior à guerra. Em 1952, essa produção atingia o dobro da registrada em 1939. O Plano Marshall foi o fundamento do ambiente de prosperidade, novos investimentos e conservadorismo político que tomou conta da Europa na década de 1950.

Você percebeu a rapidez com que ocorreu a recuperação do sistema produtivo europeu ocidental? Diante dessa constatação, fica evidente que apesar do plano de reconstrução dos aliados capitalistas dos Estados Unidos na Europa visar prioritariamente beneficiar política e economicamente este país, se transformou em um poderoso instrumento de fortalecimento dessa porção do continente. Entretanto, assim que foi possível, a Europa Ocidental tentou criar estratégias próprias com o objetivo de procurar reduzir sua subordinação à maior potência americana.

Sabemos que, em se tratando de geopolítica, o componente militar não pode deixar de estar presente em qualquer estratégia. Nesse contexto, se fez necessário o estabelecimento de um pacto militar entre os países envolvidos no projeto de reconstrução do ocidente europeu. Assim, foi firmado em 1949, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Como já foi dito anteriormente, o objetivo prioritário da OTAN, era a defesa dos Estados membros contra qualquer ameaça militar externa ao grupo. No contexto geopolítico do momento histórico que estamos analisando, a ameaça maior seria a tentativa de expansão do socialismo na Europa, uma vez que já dominava a região oriental do continente. Mas, você saberia dizer como ficou a OTAN depois que ruiu a União Soviética?

Se você observar atentamente, nos noticiários sobre os conflitos em curso no Oriente Médio a sigla OTAN está sempre presente. Isso quer dizer que a OTAN assumiu outras funções no contexto geopolítico atual. Após a década de 1990, a OTAN volta-se para o enfrentamento de guerras como no caso da ex-Iugoslávia. Na atualidade, sua atuação tem sido mais intensa nos territórios de interesse estratégico para as potências capitalistas europeias e a norte-americana. (VESENTINI, 2008).

Você percebeu que do ponto de vista militar a Europa ainda é dependente dos Estados Unidos? Pois bem, apesar dos esforços de se criar uma política externa de segurança e defesa própria, a União Europeia ainda não conseguiu unanimidade com relação a esse objetivo. Castells (2000, p. 392) explica que esse seria um dos grandes desafios da integração europeia uma vez que

a Alemanha e a Grã-Bretanha nunca desejaram essa autonomia, e nenhum eleitor dos países europeus estava/está preparado para pagar a conta com impostos e esforços militares em troca do *status* de potência mundial, o que torna a Europa irreversivelmente dependente dos Estados Unidos em termos estratégicos.

Perceba que os esclarecimentos de Castells evidenciam a dificuldade ou mesmo a impossibilidade da UE tornar-se militar e estrategicamente autônoma em relação à potência estadunidense. Entretanto, essa questão não está plenamente resolvida. Só o tempo será capaz de mostrar como vai ser conduzido esse processo.

Agora, com certeza você está mais preparado para continuar sua exploração sobre o tema central desta aula: a unificação europeia. Mas antes de prosseguir, é recomendável sistematizar o que você aprendeu respondendo às questões a seguir.



Atividade 1

1

Analise o contexto histórico-geográfico em que teve origem o projeto de unificação europeia?

2

Quais desafios internos precisaram ser resolvidos para que a integração da Europa fosse efetivada?

3

Discuta a importância da instituição do Plano Marshall e da Organização do Tratado do Atlântico Norte para a consolidação da unificação da Europa Ocidental.

A trajetória da unidade europeia

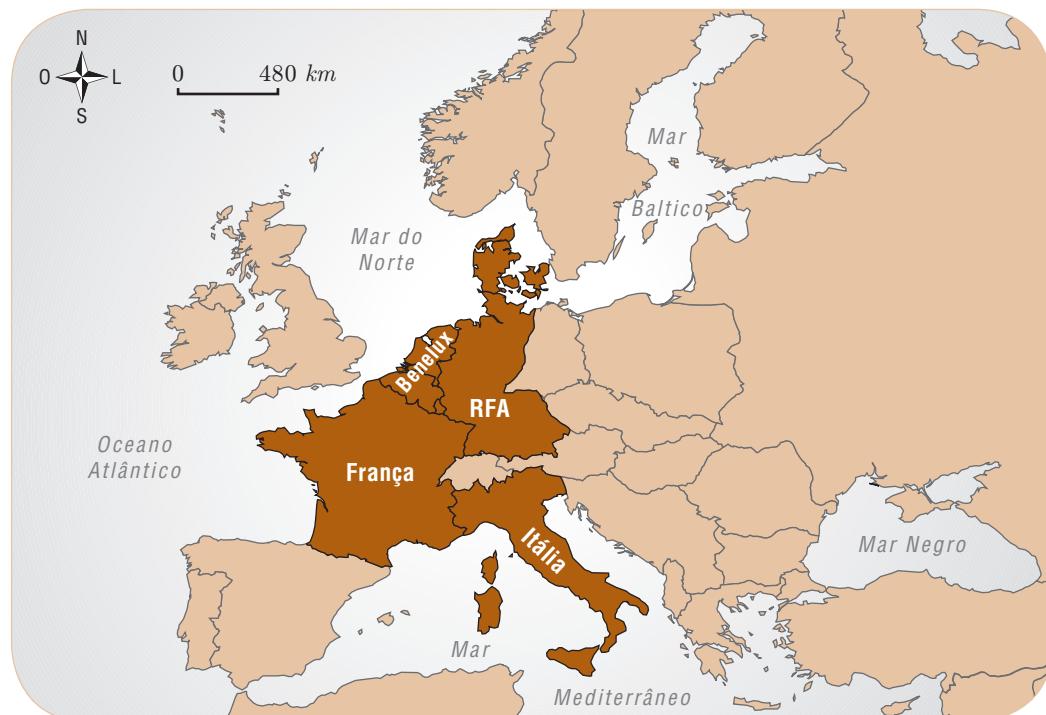
Adécada de 1950 foi decisiva no que concerne aos acordos que deram origem ao primeiro passo em direção à unidade europeia. Castells (2000) chama atenção para a importante participação nesse processo do Ministro das Relações Exteriores da França, Robert Schuman, e do diplomata francês Jean Monnet, idealizador da integração da Europa. Foi de Schuman a sugestão para que o carvão mineral e o aço produzidos pela França e Alemanha fossem administrados por uma espécie de autoridade independente. Essa proposta ficou conhecida como Plano Schuman.

Mas o que significou o Plano Schuman na trajetória da unificação europeia? Bem, você já sabe que uma das ameaças à unificação era a rivalidade franco-alemã, não é mesmo? Pois é, o Plano Schuman representou uma estratégia para resolver os impasses entre os dois países, uma vez que instituía uma autoridade independente dos governos nacionais envolvidos no acordo. Um dos motivos das constantes disputas entre Alemanha e França era justamente as regiões fronteiriças onde estavam as maiores reservas de carvão mineral e minério de ferro.

Devemos compreender que a proposta de administração independente do setor produtivo do carvão e do aço tinha objetivos mais amplos. Para Moreira (2004), essa foi uma proposta de grande importância histórica e geopolítica. Veja o que dizia a declaração de criação desse projeto.

[...] a proposta, por intermédio da comunitarização de produções de base e da instituição de uma Alta Autoridade cujas decisões vincularão a França, a Alemanha e os países aderentes, realizará as primeiras bases concretas de uma federação europeia indispensável à preservação da paz [...] (MONNET; SHUMAN apud MOREIRA, 2004, p. 117).

Além da França e da Alemanha, em junho de 1950, aderiram ao Plano Schuman, a Itália, a Bélgica, a Holanda e Luxemburgo (esses três últimos países desde 1948 formavam o Benelux, uma união aduaneira). Finalmente em 1951 foi assinado o acordo de criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA). A CECA ficou conhecida mundialmente como a Europa dos seis, conforme mostra o mapa a seguir.



Mapa 2 – Comunidade Europeia do Carvão e do Aço

Fonte: União Europeia. Disponível em: >www.europa.eu.info< **Acesso em:** 10 abr 2010.

Segundo Magnoli e Araujo (2005, p. 405, grifos nossos):

Ainda que limitada à siderurgia, a Ceca pode ser considerada a fonte original do processo de integração europeia, na medida em que se estruturava em torno do conceito de mercado comum e estabelecia uma nova base para o relacionamento entre os Estados europeus. A noção de soberania compartilhada começava a ganhar corpo na parte ocidental do continente, amenizando os antigos nacionalismos e pavimentando o caminho para iniciativas mais ousadas.

Você percebeu o destaque que demos ao texto citado? Pois não demorou muito e seis anos depois, em 1957, os países signatários da CECA, assinaram um novo tratado: o Tratado de Roma. Esse tratado será abordado a seguir.

O Tratado de Roma (1957)

A contribuição mais importante do Tratado de Roma foi o estabelecimento da Comunidade Econômica Europeia (CEE) ou Mercado Comum Europeu (MCE). Você já aprendeu na Aula 2 que um mercado comum caracteriza-se pela livre circulação de mercadorias, pessoas, serviços e capitais entre os países integrantes. Pois bem, veja que a proposta de 1957 ampliava ainda mais as relações socioeconômicas na medida em que fortaleceu a integração econômica entre os países da Comunidade Europeia.

No ponto de vista político, o Tratado de Roma avançou ainda mais. Isso porque edificou as instituições políticas capazes de materializar a noção de soberania compartilhada entre os Estados membros. Você recorda que no início desta aula apontamos que, para o sucesso da unificação, seria necessário o estabelecimento de instituições capazes de conduzir decisões compartilhadas e que dessem sustentação e estabilidade política à Europa?

Pois foi o que aconteceu com o Tratado de Roma. Nele foram estabelecidas as três principais instituições políticas da então Comunidade Europeia:

- **O Conselho de Ministros** – composto pelos ministros de cada país membro e é a principal instância da Comunidade Europeia. Junto com o Parlamento Europeu compartilha decisões legislativas, econômicas, orçamentárias e políticas de segurança. A presidência desse conselho é rotativa e o presidente é escolhido entre os ministros integrantes. A sede do Conselho localiza-se na Bélgica na cidade de Bruxelas.
- **A Comissão Europeia** – representa a instituição em escala mundial. Também sediada em Bruxelas, seus representantes são indicados pelos Estados membros para exercerem um mandato de quatro anos. A responsabilidade da Comissão é realizar a gestão cotidiana dos assuntos do bloco.
- **O Parlamento Europeu** – sediado na cidade de Estrasburgo, tem por missão fiscalizar a Comissão Europeia e tem função legislativa no âmbito da CEE. A partir de 1979, os membros do Parlamento passaram a ser eleitos pelo voto direto dos cidadãos dos Estados integrantes. (EUROPA, 2010)

O número de países membros também aumentou. Na década de 1970 ingressaram na CEE, o Reino Unido, a Irlanda e a Dinamarca. Na década de 1980, foi a vez da Grécia, Portugal e Espanha aderirem ao bloco. Dessa forma, estava configurado o que se convencionou chamar Europa dos doze. (Europa, 2010).

O Tratado de Maastricht (1991) e a consolidação da União Europeia

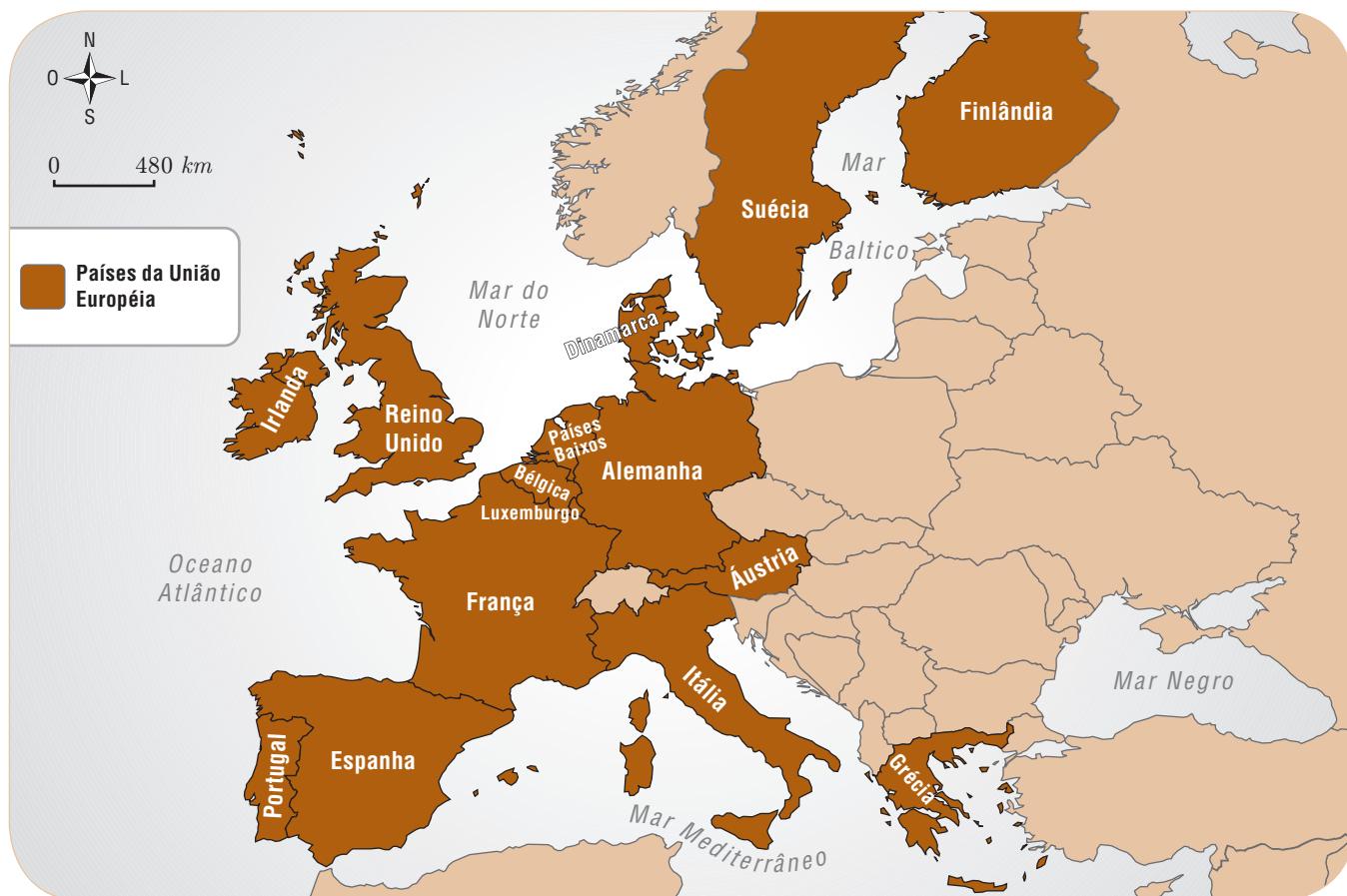
Os anos 1990 constituem mais um marco importante na trajetória da consolidação da integração europeia. Em 1991, foi assinado o tratado que criou a União Europeia: o Tratado de Maastricht. Mas, qual a importância desse Tratado? O referido acordo passou a valer a partir

1993 e previa a integração monetária e econômica da Comunidade Europeia, uma política externa de defesa comum, além de fortalecer a cooperação política entre os países membros. A partir desse momento a Comunidade Europeia passou a se chamar União Europeia.

Mais uma vez, o contexto geopolítico caracterizado pelo fim da Guerra Fria serviu de cenário para a assinatura do Maastricht. A respeito dessa questão Magnoli e Araujo (2005, p. 407) esclarecem que:

A reunificação alemã em 1990 modificou todo o panorama geopolítico europeu. A expansão do poder econômico alemão voltava a assustar a Europa e, em particular, a França. Mais uma vez, como no imediato pós-guerra, era preciso definir o sentido das relações entre Alemanha e o conjunto europeu. [...] As metas de Maastricht tinha uma finalidade política – consolidar a aliança franco-alemã por meio de uma moeda única. No fundo, o objetivo do Plano Schuman, de 1950, era retomado, num patamar superior da trajetória de integração: a Alemanha, que no pós-guerra desistira do controle nacional sobre a siderurgia, agora abria mão do controle nacional sobre a moeda em nome da aliança com a França e da unidade geopolítica da Europa.

O processo de consolidação da União Europeia continuou nos anos 1990 e na perspectiva de expansão, mais três países foram aceitos no grupo em 1995, Áustria, Suécia e Finlândia. O Mapa 3 mostra como ficou o mapa da União Europeia nesse ano.



Mapa 3 – Europa dos quinze

Fonte: Ferreira (2003, p. 63).

O Tratado de Amsterdã (1997)

Dois anos após a formação da Europa dos quinze, foi assinado novo acordo. Dessa vez, o Tratado de Amsterdã que teve como objetivo complementar o Maastricht além de estabelecer novas deliberações:

- Eliminação dos controles nas fronteiras dos países membros (não participaram Reino Unido, Irlanda e Dinamarca).
- Fim do poder de veto de cada nação, a não ser em assuntos constitucionais e impostos.
- Busca de soluções conjuntas para o desemprego.
- Ratificação do Pacto de Estabilidade Econômica, que deveria preparar os países para a adoção da moeda única. (ALMEIDA; RIGOLIN, 2005, p. 229-230).

As condições necessárias para efetivar a união monetária foram criadas quando o Banco Central Europeu entrou em operação em 1998. A adoção da moeda única se efetuou em janeiro de 2002, quando depois de várias fases de preparação, o euro começou a circular normalmente entre os países que aderiram à moeda única.



Figura 1 – Banco Central Europeu

Fonte: <http://www.ecb.int/ecb/visits/how/shared/img/17_big.jpg>. Acesso em: 11 abr. 2010.

A expansão da União Europeia nos anos 2000 alcançou os países da Europa Oriental. Como já vimos na Aula 2, esse conjunto político e econômico não pretende isolar-se dos demais vizinhos europeus. O projeto União Europeia segue incorporando aqueles países que reúnem condições de ingressar no grupo. Entre essas condições está principalmente a estabilidade política, algo que vem se solidificando na Europa. Volte à nossa segunda aula e reveja no mapa geral da União Europeia, os atuais países membros e os que estão na condição de candidatos a ingressar no bloco.



Atividade 2

1

Justifique a importância da formação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço para o projeto de integração europeia.

2

Discuta as principais contribuições do Tratado de Roma para o fortalecimento da economia dos países membros da Comunidade Europeia.

3

Analise o contexto geopolítico em que foi proposto e assinado o Tratado de Maastricht.

Perspectivas e desafios na União Europeia

Um dos principais objetivos da UE é o progresso econômico. Nos últimos 50 anos, e especialmente desde a década de 1980, muito tem sido feito para derrubar as barreiras entre as economias nacionais europeias e criar um mercado único em que a livre circulação de mercadorias, pessoas, capitais e serviços seja uma realidade. O comércio entre os países da UE aumentou significativamente e, ao mesmo tempo, a UE converteu-se numa grande potência comercial a nível mundial. (EUROPA, 2010).

Entre os blocos supranacionais da atualidade, a UE ocupa o *status* de maior dinamismo em relação às trocas comerciais no comércio global. O volume das transações econômicas e financeiras referentes às exportações ultrapassa aquele estabelecido entre as demais organizações econômicas mundiais como o NAFTA e a APEC. Entretanto, em relação ao volume de importações, a UE ocupa o segundo lugar ficando logo atrás dos Estados Unidos.

Segundo dados da UE, o Produto Interno Bruto (PIB) está em constante crescimento desde 2004. O PIB da União Europeia é maior que dos Estados Unidos. Toda essa riqueza gerada pelos países membros vem especialmente do setor de serviços que corresponde a 60% do PIB gerado. Setores de produção como a indústria e a agricultura continuam muito importantes na geração de riquezas no âmbito da União Europeia, entretanto, suas participações têm declinado ao longo dos anos. O Quadro 2 mostra a relação entre os PIBs das maiores economias mundiais.

País	PIB (milhares de milhões de euros)
União Europeia	12276.2
Estados Unidos	10094.5
Japão	3197.6
China*	1787.3
Rússia*	610.6

*2005

Quadro 2 – PIB da União Europeia (considerando os 27 países membros)

Fonte: Adaptado de FMI e Eurostat. Disponível em: <http://europa.eu/abc/keyfigures/tradeandconomy/production/index_pt.htm#chart27>. Acesso em: 10 abr. 2010.

Apesar do intenso dinamismo econômico, a União Europeia tem enfrentado inúmeros desafios. Um dos mais sérios diz respeito ao emprego, ou melhor, desemprego. Você recorda que o Tratado de Amsterdã estabeleceu que os países integrantes da UE deveriam buscar soluções conjuntas para o enfrentamento do desemprego?

Pois bem, a luta contra o desemprego é vital para a UE. A taxa de desemprego varia conforme os países e as regiões. Em 2007, a Holanda e a Dinamarca registravam o menor

nível de desemprego, verificando-se o mais alto na Eslováquia. Em termos gerais, 7,1% da população ativa da UE-27 encontrava-se desempregada em 2007, contra 4,6% nos Estados Unidos. (Europa, 2010). Veja a estatística nos Quadros 3 e 4 e compare os níveis de emprego e desemprego na UE.

País	%
Dinamarca (DK)	77.1
Países Baixos (NL)	74.6
Suécia (SE)	74.2
Áustria (AT)	71.4
Reino Unido (UK)	71.3
Chipre (CY)	71
Finlândia (FI)	70.3
Alemanha (DE)	77.1
Estónia (EE)	69.4
Irlanda (IE)	69.1
Letónia (LV)	68.3
Portugal (PT)	67.8
Eslavónia (SI)	67.8
República Checa (CZ)	66.1
Espanha (ES)	65.6
EU-27	65.4
Lituânia (LT)	64.9
França (FR)	64.6
Luxemburgo (LU)	63.6
Bélgica (BE)	62.0
Bulgária (BG)	61.7
Grécia (EL)	61.4
Eslaváquia (SK)	60.7
Roménia (RO)	58.8
Itália (IT)	58.7
Hungria (HU)	57.3
Polônia (PL)	57
Malta (MT)	55.7

Quadro 3 – Taxas de emprego das pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos (2007)

Fonte: Eurostat. Disponível em: <http://europa.eu/abc/keyfigures/work/howmany/index_pt.htm#chart24>. **Acesso em:** 10 abr. 2010.

País	%
SK	11.1
PL	9.6
Alemanha (DE)	8.4
Grécia (EL)	8.3
França (FR)	8.3
Espanha (ES)	8.3
Portugal (PT)	8
Bélgica (BE)	7.5
Hungria (HU)	7.4
Bulgária (BG)	6.9
Finlândia (FI)	6.9
Malta (MT)	6.4
Roménia (RO)	6.4
Suécia (SE)	6.1
Itália (IT)	6.1
Letónia (LV)	6.0
República Checa (CZ)	5.3
Reino Unido (UK)	5.3
Eslovénia (SI)	4.8
Estónia (EE)	4.7
Luxemburgo (LU)	4.7
Irlanda (IE)	4.6
Áustria (AT)	4.4
Lituânia (LT)	4.3
Chipre (CY)	3.9
Dinamarca (DK)	3.8
Países Baixos (NL)	3.2

Quadro 4 – Taxa de desemprego na União Europeia (2007)

Fonte: Eurostat. Disponível em: <http://europa.eu/abc/keyfigures/work/howmany/index_pt.htm#chart24>. Acesso em: 10 abr. 2010.

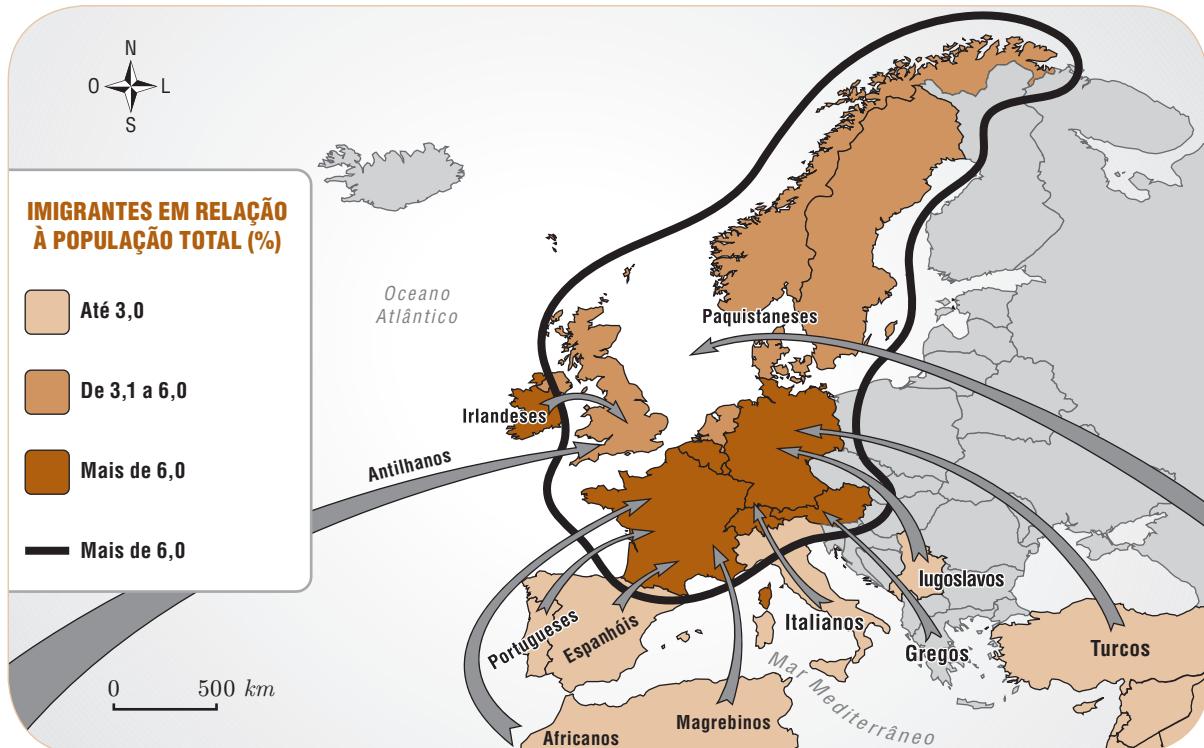
Mesmo enfrentando, internamente, problemas com o desemprego, a área da UE tem atraído intensos fluxos migratórios. Entre os motivos que explicam o deslocamento de trabalhadores para a União Europeia, pode ser apontada a dinâmica economia da região. Ao discutirmos os problemas enfrentados pelos trabalhadores migrantes na Aula 4, vimos que esse fenômeno acaba por gerar embates entre a população local, levando inclusive a reações xenófobas.



Figura 2 – As contradições da imigração na EU

Fonte: Carlos Latuff. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_q7gAJm5rgEs/SLWdgqK3XvI/AAAAAAAAYM/be5vKveun4o/s400/EU_immigration_policy_by_Latuff2.jpg>. Acesso em: 11 abr. 2010.

Na União Europeia, apesar das políticas de valorização do cidadão europeu, registra-se o descontentamento dos europeus ocidentais em relação aos imigrantes que chegam especialmente do lado oriental do continente. Mas essas atitudes não se restringem apenas a esse grupo. Os imigrantes ilegais sofrem discriminação e perseguição. Mas, de onde vêm os imigrantes que chegam à União Europeia? Veja a resposta no Mapa 4.



Mapa 4 – Origem dos fluxos de migração para a UE

Fonte: Castles e Miller (1998 apud MAGNOLI; ARAUJO, 2005, p. 411).

Para você compreender melhor as contradições que envolvem a questão da imigração no território da UE, leia o trecho a seguir:

Na União Européia, [...] os imigrantes destinam-se em sua maioria, para as atividades econômicas de baixa remuneração, muitas rejeitadas pelos trabalhadores europeus. Nesse sentido, desempenham importante papel na dinamização das economias européias.

Atualmente, porém, a estabilidade econômica do continente e as elevadas taxas de desemprego entre jovens alimentam os discursos antimigrantes e as políticas de restrição à imigração. Enquanto isso, desenvolve-se uma onda de hostilidade, organizada pelos partidos de direita racistas, contra os imigrantes africanos, asiáticos e latino-americanos já estabelecidos.

A integração dos imigrantes às sociedades européias é tortuosa e sempre incompleta. Como regra formam-se guetos étnicos nas áreas centrais das cidades ou em conjuntos habitacionais periféricos. A discriminação, aberta ou velada, reforça as diferenças religiosas e culturais. [...] (MAGNOLI; ARAÚJO, 2005, p. 411-412).

Por fim, mas sem a intenção de esgotar a lista dos desafios e perspectivas da UE, cabe destacar outro importante desafio no caminho da unificação europeia. Depois de ter analisado os quadros correspondentes às taxas de emprego/desemprego na Europa dos vinte e sete, você seria capaz de apontá-lo? Se você lembrou das desigualdades econômicas presentes nos 27 países que nesse momento integram a UE, acertou.

É visível que uma parte da Europa (dos quinze) abriga as economias mais dinâmicas do bloco. Mas mesmo entre os quinze países mais dinâmicos existem disparidades no que se refere à renda, à legislação trabalhista, mercado de trabalho desigual, e mesmo o custo de vida varia de país para país. Os outros países “a periferia da União Europeia” (MAGNOLI; ARAÚJO, 2005), ampliam ainda mais essas diferenças. Eis, portanto, um grande desafio a ser resolvido no âmbito da socioeconomia da UE. Como falar da plena unificação europeia se seus membros são tão diferentes e apresentam características socioeconômicas tão específicas? Você pode imaginar o tamanho da dificuldade para amenizar essas diferenças, não é mesmo?



Atividade 3

1

Aponte os principais aspectos que dificultam a plena unificação entre os países que formam a União Europeia.

2

Analise as contradições que envolvem os imigrantes, a população local e a economia nos países da União Europeia.

3

Faça uma pesquisa em sites de notícias para saber como a União Europeia está lidando com os seguintes temas mundiais: meio ambiente, migração, guerras, crise econômica. A partir da leitura do material disponível, produza um relatório. Ilustre seu trabalho com as manchetes das notícias, imagens, charges, etc.

Resumo

Na aula que você acabou de concluir, tivemos a oportunidade de conhecer melhor o processo de unificação da Europa. Vimos que aspectos geopolíticos foram preponderantes para desencadear esse projeto e que ao longo dos anos a integração econômica foi sendo ampliada mediante acordos e tratados que foram ao mesmo tempo transformando e consolidando a união econômica, monetária e “política” entre os Estados membros. Vimos que a inserção de novos países contribui para fortalecer esse bloco supranacional. Aprendemos que na atualidade, a União Europeia é o maior bloco comercial do mundo encontrando-se no mais elevado nível de integração regional. Apesar do poder econômico, existem diversos problemas de ordem interna que podem dificultar a integração política total entre os países membros.

Autoavaliação



Após ter conhecido melhor o modelo de integração da Europa e de ter visto as disparidades e desafios internos desse bloco econômico, tome por base seus conhecimentos sobre a realidade econômica mundial na atualidade e avalie a viabilidade e a importância de um projeto de unificação econômica, monetária e política entre países de uma mesma região. Apresente argumentos que justifiquem seu ponto de vista.

Leitura Complementar

EUROPA: o portal da união européia. Disponível em: <http://europa.eu/index_pt.htm>. Acesso em: 23 abr. 2010.

Para saber mais sobre o processo de unificação da Europa, acesse esse sítio oficial. Lá você vai encontrar todos os documentos oficiais, estatísticas, mapas e informações gerais sobre a UE e seus atuais 27 países.

Referências

CASTELLS, Manoel. **Fim de milênio**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v 3.

EUROPA. **Atividade económica e comércio**. Disponível em: <http://europa.eu/abc/keyfigures/tradeandeconomy/production/index_pt.htm#chart27>. Acesso em: 10 abr. 2010.

_____. **Os europeus e o trabalho**. Disponível em: <http://europa.eu/abc/keyfigures/tradeandeconomy/production/index_pt.htm#chart27>. Acesso em: 10 abr. 2010.

FEREIRA, Maria das Graças Lemos. **Atlas geográfico**: espaço mundial. São Paulo: Moderna, 2003.

MAGNOLI. Demétrius; ARAUJO, Regina. **Geografia**: a construção do mundo: geografia geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 2005.

MÉDICI, Miriam de Cássia; ALMEIDA, Miriam Lino de. **Geografia**: a globalização econômica. São Paulo: Nova Geração, 2005. (Coleção Nova Geração).

MOREIRA, Igor. **Construindo o espaço mundial**. São Paulo: Ática, 2004.

VESENTINI. José William. **Novas geopolíticas**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Anotações

Anotações

Anotações

América: sociedade, cultura e ambiente

Aula

9

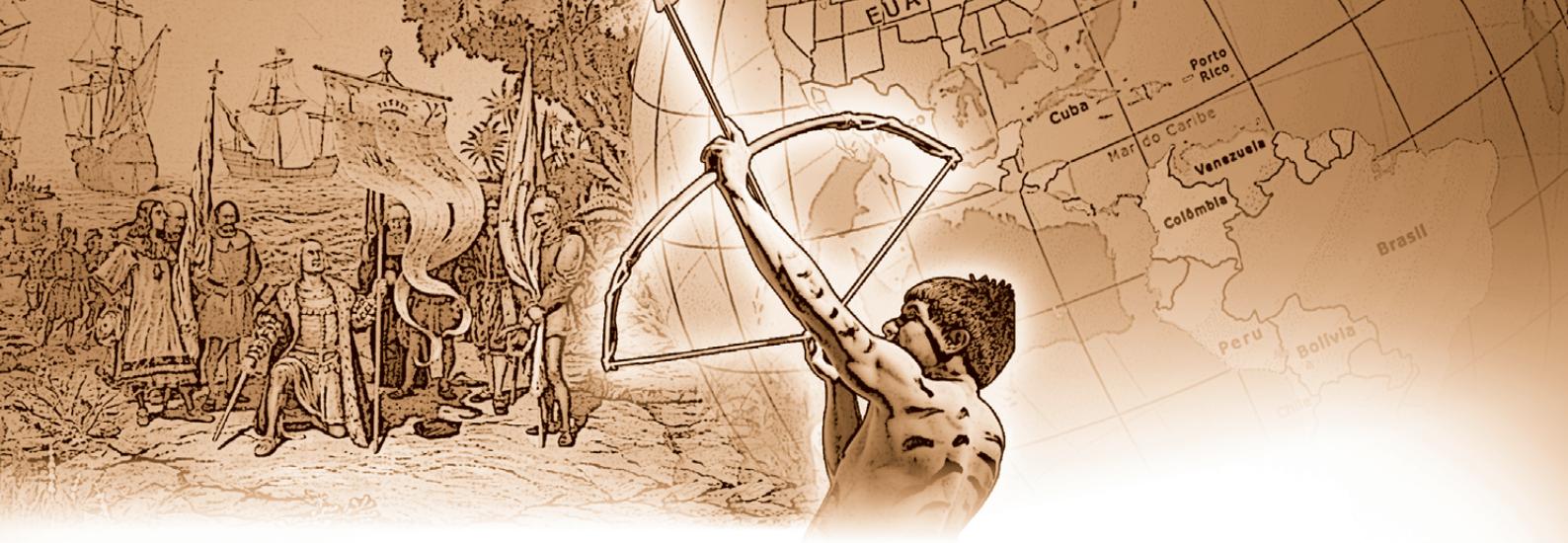


Apresentação

Apartir desta aula iniciamos uma nova fase em nossos estudos. Na realidade é apenas a continuidade de um ciclo de conhecimentos pelo campo da regionalização mundial. Dessa vez, vamos conhecer uma das mais fascinantes regiões do planeta: a América. Nas próximas quatro aulas dedicaremos nossa atenção a esse continente que abriga em si, uma diversidade paisagística imensurável. Para compreender essa imensa porção territorial da Terra, a estudaremos sob o ponto de vista dos aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e físicos de suas paisagens. Dessa forma, veremos que a sociedade ao construir o espaço geográfico americano criou um território de múltiplas faces e, por ser um continente heterogêneo, abriga em si diferenças culturais, políticas e, principalmente, disparidades socioeconômicas. Lembre-se que o espaço destinado a essas quatro aulas não é suficiente para esgotarmos todos os aspectos que nos fazem entender esse mosaico que é a América. Nosso objetivo é despertar em você o interesse em ampliar e aprofundar melhor os seus conhecimentos sobre o continente em que reside. Por isso, desejamos que você, como futuro geógrafo educador desenvolva o gosto pela pesquisa. Bons estudos!

Objetivos

- 
- 1 Conhecer a história de ocupação e construção do espaço geográfico no continente americano.
 - 2 Identificar a diversidade sociocultural que caracteriza o território americano.
 - 3 Conhecer as diversidades paisagísticas que marcam o espaço natural do continente.



América: a construção do espaço geográfico no Novo Mundo

Na segunda metade do século XV, quando Colombo fazia seus preparativos de viagem, era inconcebível a idéia de um imenso continente do outro lado do oceano, mais absurda ainda do que a proposta de Colombo de ir procurar a oeste as terras do Oriente extremo descritas por Marco Pólo. O “ovo de Colombo” estava justamente na idéia original de velejar pelo oceano Atlântico na direção oeste para chegar à lendária Ásia oriental e à Índia [...] (DREYER-EIMBCKE, 1996, p. 113).

Você já deve conhecer o contexto histórico e geográfico que deu origem ao fato descrito por Dreyer- Eimbcke. Basta lembrar das aulas de Geografia e História do Ensino Médio, não é mesmo? A condição socioeconômica e comercial em que os europeus estavam inseridos na segunda metade do século XV os estimulou a buscar rotas comerciais que os levassem diretamente às regiões fornecedoras das mercadorias mais valiosas naquela época, as **especiarias**.

Descobrir um caminho pelo mar seria a solução mais viável, uma vez que as rotas comerciais terrestres que ligavam a Europa ao Extremo Oriental da Ásia já eram dominadas, em sua maioria, por comerciantes árabes.

Foi justamente a ideia de fazer parte do mercado, não apenas como consumidores, mas principalmente como comerciantes e, dessa forma participar do comércio lucrativo de especiarias, que motivou os europeus a investirem grandes esforços para dominar as rotas de navegação dos mares e oceanos do planeta.

É aí que a história destacada no trecho inicial desta aula se insere. Foi em uma dessas tentativas que Cristóvão Colombo, em 1492, se deparou com terras antes desconhecidas da sociedade europeia e do mundo conhecido naquele momento. Partindo da Península Ibérica, Colombo planejava chegar às Índias, contudo, um novo continente se interpôs em seus planos. Reveja na Figura 1, o caminho percorrido pelo navegador durante essa viagem histórica.

Especiarias

Mercadorias de grande valor comercial de origem indo-asiática a exemplo de: cravo, pimenta, noz-moscada, canela, gengibre, perfumes, tapeçarias etc.



Figura 1 – Viagem de descobrimento da América

Fonte: Ordoñez (1986, p. 30).

Cristóvão Colombo era um navegador genovês que baseando-se na ideia de esfericidade da Terra, resolveu atingir a Índia navegando pelo Ocidente. Apresentou seu projeto ao rei de Portugal; este, porém recusou-se a fornecer-lhe os meios para concretizá-lo. Conseguiu com os reis da Espanha uma pequena frota composta por três navios, com a qual partiu do porto de Palos, na Espanha, em 3 de agosto de 1492. No dia 12 de outubro atingiu a Ilha Guanaani e voltou à Europa, certo de que havia chegado em terras asiáticas.

Estava então, descoberto o que os europeus passaram a chamar de o Novo Mundo. Mas, como o Novo Mundo ganhou o nome de América? Você tem ideia de como isso aconteceu? O texto a seguir esclarece como a América recebeu essa denominação.

[...] aprendemos na escola que a América recebeu esse nome por causa do navegador italiano Américo Vespúcio. Menos conhecido, porém, é o fato de que um cartógrafo alemão escolheu esse nome e foi o primeiro a colocá-lo em um mapa. Martin Waldseemüller inscreveu o **neologismo** em seu famoso mapa-múndi de 1507 sobre o território que viria a ser o Brasil [...].

O significado das viagens realizadas por Colombo, que havia “descoberto” o novo continente quase dez anos antes de Vespúcio, foi mais tarde reconhecido por Waldseemüller, por esse motivo, ele retirou o nome “América” de seus mapas posteriores. Porém, devido à ampla difusão do primeiro mapa-múndi, o nome logo foi adotado e aplicado também à **região setentrional** do “Novo Mundo”.

Fonte: National Geographic, p. 172, maio 2000.



Neologismo

Introdução de uma palavra nova em uma língua.

Região setentrional

Região norte.

Pois é, foi assim que o nosso continente foi denominado. A partir do momento em que o território americano foi revelado ao mundo, inicia-se o processo de colonização das terras descobertas.

Conforme vimos anteriormente, Cristóvão Colombo estava a serviço da Espanha quando se deparou com a Ilha Guanaani a qual denominou San Salvador, primeira porção de terra americana visitada pelos europeus. A partir desse momento inicia-se o processo de reconhecimento do Novo Mundo no sentido de identificar as potencialidades do território para fins de exploração comercial e inicia-se, especialmente entre Espanha e Portugal a corrida pela posse das novas terras.

Mas como era a América antes da chegada dos exploradores europeus? Quem eram e como viviam seus povos? Como estavam distribuídos pelo território? Esse é o tema do próximo tópico.



Atividade 1

1

Analise o descobrimento da América considerando o projeto político econômico europeu no final do século XV.

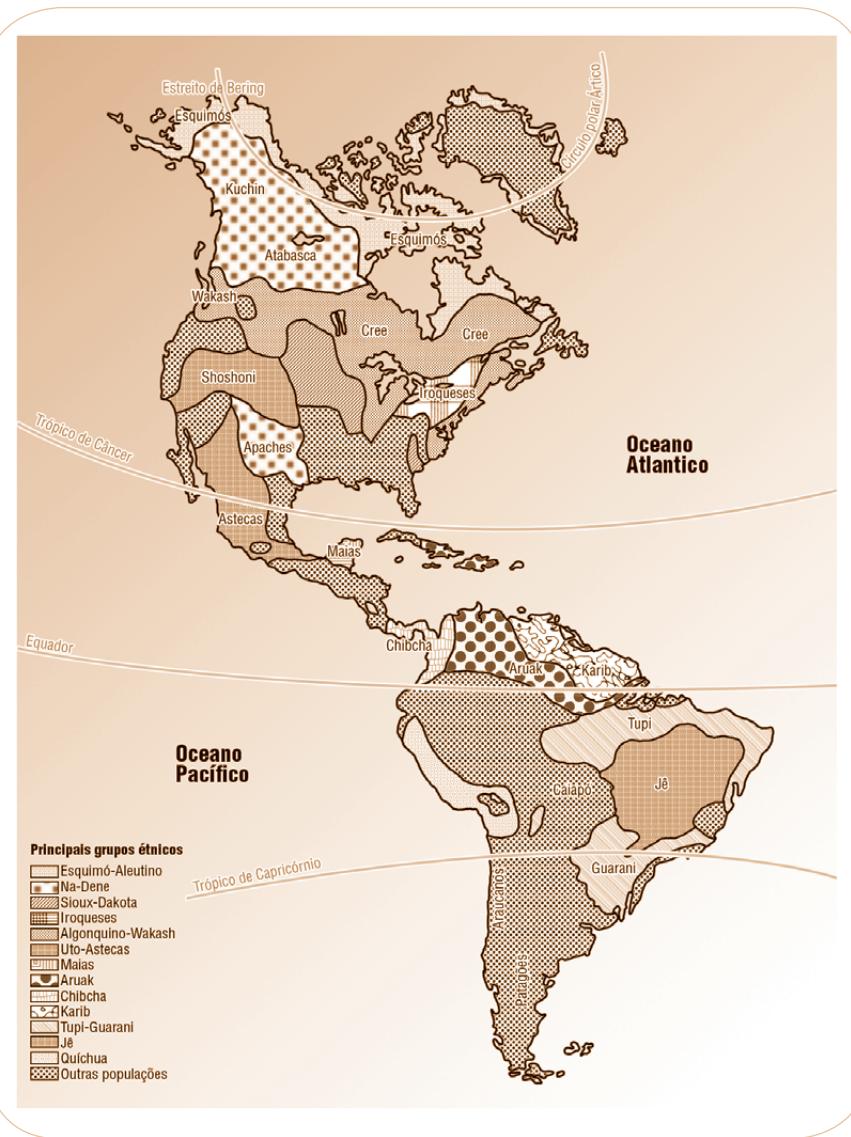
2

Assista ao filme “**1492: A conquista do paraíso**”. Direção de Ridley Scott. O filme relata a chegada de Colombo ao “Novo Mundo” e mostra os primeiros momentos da colonização das novas terras. Em seguida, escreva um breve relato sobre como os espanhóis conduziram o processo de ocupação das terras do Novo Mundo. Não se esqueça de abordar a relação com os habitantes originais e indicar os recursos naturais mais cobiçados.

Um olhar sobre a diversidade étnica na América pré-colombiana

Sabe-se que o continente americano era intensamente povoado antes mesmo da chegada dos colonizadores. Inúmeros grupos étnicos habitavam o vasto território. Pois bem, estima-se que milhões de pessoas viviam no continente no século XV. Você já sabe que cada grupo étnico é identificado pela cultura que lhe é característica. Alguns desses grupos que habitavam a América pré-colombiana chamaram a atenção dos europeus pela diversidade de

técnicas sofisticadas dominadas, por exemplo: nas práticas agrícolas, nas construções, nas formas de organização social e política, nas artes e mesmo na organização militar, além de conhecerem profundamente ciências como a Matemática e a Astronomia. Observe atentamente a distribuição da população ameríndia no mapa a seguir.



Mapa 1 – Distribuição territorial dos grupos étnicos pré-colombianos

Fonte: Castelar e Maestro (2002, p. 37).

Você percebeu como a América estava plenamente ocupada? Analisando a porção norte do continente percebemos que diversas etnias dividiam o território. Porém, duas delas se destacavam no litoral leste: os iroqueses e os **algonquinos** (CREE), esses foram os primeiros a serem eliminados para dar espaço às conquistas territoriais europeias. Todos esses grupos tinham como característica a prática da pesca, da caça e da coleta e, por isso, migravam constantemente em seus territórios.

Algonquinos

Família de línguas indígenas da América do Norte que se distribuem desde a península do Labrador até as montanhas Rochosas, constituída por cerca de 30 línguas, entre elas o cheiene, o cri e o moicano.

De acordo com Barbieri (2008, p. 47),

a população nativa da América representa uma escassa porcentagem em relação ao total. Na América Anglo-saxônica, os povos nativos foram desaparecendo à medida que os europeus iam lhes arrebatando as terras; no Canadá e nos Estados Unidos, os esquimós e ameríndios não chegam a 2% da população nacional.

Como você já sabe, a porção norte da América foi colonizada principalmente por ingleses, espanhóis e franceses que iniciaram a conquista dessas terras exatamente pelo litoral leste. O resultado você já imagina, não é mesmo? À medida que os exploradores avançavam para o interior do continente, iam eliminando as resistências que dificultariam seus planos. Isso significou a expulsão de suas terras e a morte de milhões de habitantes originais.

Se olharmos a região sul do continente, veremos a presença de vários grupos étnicos que se distribuíam ao longo de todo o território em centenas de comunidades. Os habitantes dessa região da América dominavam a agricultura de forma muito rudimentar e, assim como as comunidades da América Setentrional, praticavam a caça, a pesca e a coleta para complementar a nutrição. Estima-se que somente na área que hoje corresponde ao Brasil, existia cerca de cinco milhões de habitantes.

Comparando a presença da população original entre o norte e o resto do continente, Barbieri (2008) esclarece que na região, diferente do que aconteceu com as comunidades do norte, no sul da América, o que se viu foi uma intensa miscigenação. Porém, os habitantes originais sul-americanos não ficaram imunes ao extermínio e dominação ocorridos com os grupos étnicos do norte. Com relação a essa questão é preciso ressaltar que

os contrastes entre os países são grandes na América Latina. Em muitos deles, a população indígena não existe mais ou é escassa. No Brasil, por exemplo, os povos indígenas correspondem a 0,2% da população, e em sua maioria habitam a Amazônia (região Norte e parte da Centro-Oeste). Em contrapartida, a população nativa supera 40% em alguns países da América Andina, como o Peru, Bolívia e Equador, com destaque para os quéchuas e as aymarás. (BARBIERI, 2008, p. 47).



As civilizações pré-colombianas

Autóctones

População original, nativa de um determinado lugar.

Dentre os grupos **autóctones** americanos destacavam-se as civilizações Asteca (Utu-Astecas), Maia e Inca (Quíchua). Conforme você pode observar no mapa anterior, o Império Asteca localizava-se na região central do continente, atual México. Estima-se que o número de habitantes nessa região poderia chegar a 25 milhões de pessoas que estavam sob uma organização social complexa.

O império Asteca expandia seus domínios sobre o território de outros povos circunvizinhos por meio de guerras. Tinha como cidade mais importante a capital Tenochtitlán que era

governada por um poder central representado por um imperador. Do ponto de vista da organização urbana, Tenochtitlán era uma cidade com mais de 140 mil habitantes e contava com um sofisticado sistema de serviços urbanos destacadamente a presença de aquedutos que garantiam o abastecimento de água aos cidadinos. (CASTELLAR; MAESTRO, 2002).

A agricultura era praticada por todos os povos **pré-colombianos**, mas os astecas dominavam sofisticadas técnicas de irrigação e aproveitamento de áreas agricultáveis. Um exemplo dessas técnicas era a confecção de *chinampa*, uma espécie de aterro feito em áreas alagadas com balsas e cestas cheias de terra, cujo objetivo era ampliar áreas cultiváveis.

Os maias formaram uma das maiores civilizações da América. Estima-se que seu apogeu aconteceu entre os anos 250 e 900. Estudos arqueológicos relatam que sua população pode ter alcançado cerca de 2 milhões de habitantes. A origem e desaparecimento desse povo estão cercados de mistério. O conhecimento de sua existência é recente. No século XIX, ruínas do que teriam sido cidades desse império foram descobertas na região centro-americana. Nas cidades maias havia uma enorme quantidade de templos, pirâmides e palácios o que evidencia o nível de sofisticação técnica e avançada organização social desse povo.

É atribuído aos maias o desenvolvimento de uma escrita **hieroglífica** que foi desvendada no início do século XX. A análise desses hieróglifos e dos materiais dos sítios arqueológicos maias permitiu a compreensão de que esse povo dominava conhecimentos matemáticos e astronômicos que permitiam o cálculo de eclipses solares.



Pré-colombianos

Denominação dada a todos os povos que habitavam a América antes da chegada de Cristóvão Colombo em 1492.

Hieroglífica

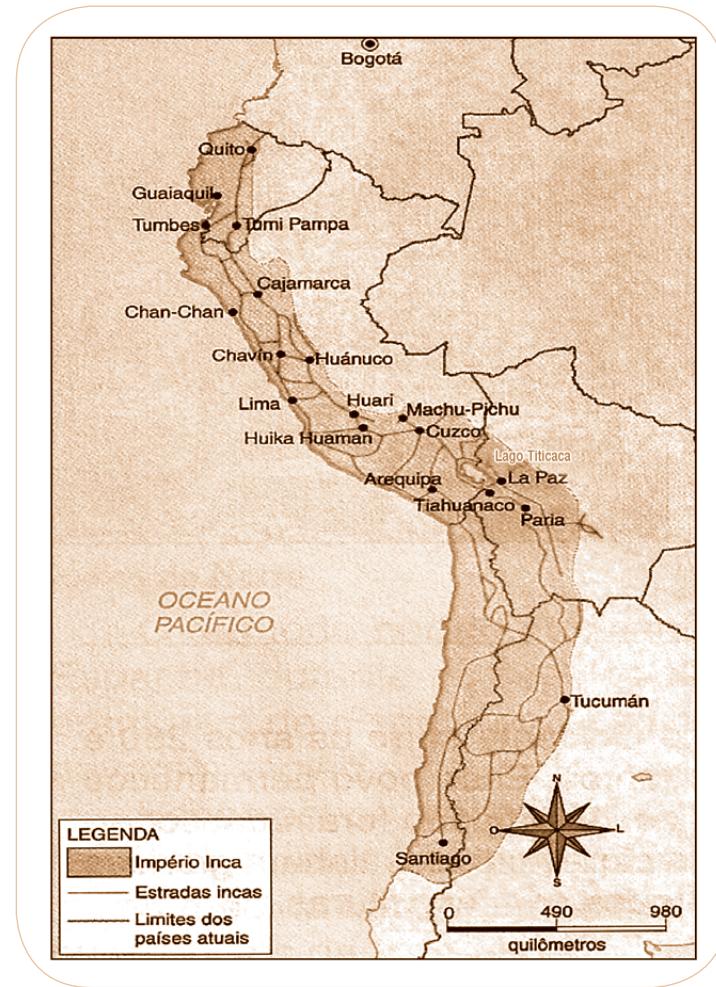
Tipo de escrita em que eram utilizados códigos, sinais.



Mapa 2 – Território dos Impérios Asteca e Maia

Fonte: Castellar e Maestro (2002, p. 36).

Os incas, por sua vez dominavam a região andina no sul do continente onde hoje estão localizados o Peru, a Bolívia, o Equador e o Chile. Habitavam uma região montanhosa e, sendo a agricultura a atividade base da sociedade inca, os mesmos utilizavam técnicas de plantio em terraço. Essa técnica consiste em fazer degraus em áreas de topografia íngreme para que não se percam os solos agricultáveis pela ação das chuvas ou qualquer outro elemento causador de erosão. Os incas também tinham conhecimento de técnicas aprimoradas de irrigação. O território inca era todo interligado por meio de sistemas de estradas e de comunicação que integrava as diversas regiões do império. Eles não conheciam a roda, mas, observe no mapa a seguir o complexo sistema de estradas construído por esse povo.



Mapa 3 – Território do Império Inca

Fonte: Castelar e Maestro (2002, p. 36).

Apesar da ofensiva violenta dos espanhóis, a presença inca ainda é forte na região andina. Seus descendentes, em sua maioria são camponeses que vivem na região andina, falam o quíchua e, especialmente no Peru, compõem 45% da população desse país.

Diante da diversidade étnica cultural e das riquezas presentes nos territórios habitados por esses povos, os ideais de conquista europeus não poderiam ser interrompidos. O resultado você

já conhece bem, não é mesmo? Todos os povos ameríndios foram subjugados e violentamente dominados e, muitos foram escravizados e colocados a serviço dos conquistadores nas minas de ouro e prata que alimentavam a cobiça dos europeus.

Galeano (2009, p. 35) esclarece que outro elemento responsável pela destruição em massa das comunidades nativas americanas foram as bactérias e os vírus.

Os europeus traziam consigo a varíola e o tétano, várias doenças pulmonares, intestinais e venéreas, o tracoma, o tifo, a lepra, a febre amarela, as cáries que apodreciam as bocas. A varíola foi a primeira a aparecer [...] Os índios morriam como moscas; seus organismos não tinham defesas ante as novas enfermidades. E os que sobreviviam ficavam debilitados e inúteis. O antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro estima que mais da metade da população aborígene da América, Austrália e da ilhas oceânicas morreu contaminada ao primeiro contato com os homens brancos.

Entretanto, o contato entre tantos grupos étnicos diferentes com os grupos de colonizadores europeus deu ao continente americano uma rica diversidade cultural. A complexa formação da sociedade americana representada pelos grupos populacionais que hoje habitam o continente é responsável pela sua intensa dinâmica sociocultural. No decorrer da formação sociocultural americana, diversas culturas foram extintas, outras se tornaram predominantes no espaço geográfico do continente.

Agora pare um pouco e antes de continuar seus estudos sobre a América, verifique o aprendizado que você obteve nesta primeira parte da aula. Procure responder aos questionamentos inicialmente sem consulta. Porém, se necessário, retome a leitura.



Atividade 2

1

Avalie as principais características dos grupos étnicos originais da América. Quais as semelhanças e diferenças socioculturais existentes entre os mesmos?

2

Apresente dois argumentos que justifiquem a frase: “A complexa formação da sociedade americana representada pelos grupos populacionais que hoje habitam o continente é responsável pela sua intensa dinâmica sociocultural.”

3

Faça uma pesquisa em artigos, revistas e sites para saber mais sobre a organização social das civilizações pré-colombianas. Atente para o domínio que esses povos tinham das ciências, da religião e das manifestações artísticas. Faça também um apanhado sobre a influência desses povos na cultura latino-americana da atualidade.

A divisão regional do continente americano

A América é o segundo maior continente do planeta. Sua extensão territorial é de aproximadamente 42 milhões de Km^2 o que corresponde a 28,2 % das terras emersas. O continente está completamente localizado no hemisfério ocidental da Terra. Observando a configuração geográfica do mesmo é possível perceber que este possui uma extensão latitudinal que vai praticamente de um polo ao outro. Esta característica confere ao continente uma forma alongada, uma vez que seus extremos geográficos correspondem às coordenadas 83° de latitude norte e 56° de latitude sul. (BARBIERI, 2008).

A regionalização do continente americano pode ser feita a partir da consideração de diversos critérios. Entretanto, os aspectos geográficos e socioculturais são os mais utilizados quando regionalizamos a América. Os primeiros levam em consideração os aspectos fisiográficos do continente enquanto os segundos consideram a origem dos povos colonizadores. Vamos conhecer a América sob essas duas formas de regionalização?

Regionalização geográfica da América

Obedecendo aos critérios geográficos, citados anteriormente, é possível subdividir a América em três grandes regiões: América do Norte, América Central e América do Sul. Observe com atenção o mapa da América a seguir.



Mapa 4 – Divisão política da América incluindo as datas de independência dos países

Fonte: Adaptado de Sucena et al (2000, p. 7).



Primeiro, vamos analisar a configuração geográfica americana. Observe que as regiões norte e sul do continente apresentam-se como grandes extensões territoriais interligadas por uma região mais estreita na parte central. Pois bem, essa característica física da América permite identificar três grandes regiões geográficas:

- A América do Norte que compreende três países: Canadá, Estados Unidos e México.
- A América Central formada por duas partes: o **istmo** (parte continental) que une a América do Norte à América do Sul; e a **insular** que forma um conjunto de ilhas conhecidas como Antilhas. Na América Central Continental estão sete países: Belize, Honduras, Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica e Panamá. Enquanto a América Central Insular abriga treze nações: Bahamas, Haiti, Cuba, República Dominicana, Jamaica, Barbados, Antígua e Barbuda, Dominica, São Cristovão e Neves, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Granada, Trinidad e Tobago. Observe que a maioria dessas nações possui território de pouca extensão.
- A América do Sul composta por doze países. São eles: Brasil, Chile, Equador, Argentina, Peru, Venezuela, Colômbia, Suriname, Guiana, Uruguai, Paraguai, Bolívia, além de Guiana Francesa, território francês ainda não independente.

Ao todo trinta e cinco países independentes compõem a América. Entretanto, existem algumas áreas que permanecem sob o controle de nações estrangeiras como o exemplo de Guadalupe e Martinica, conforme você pode visualizar no Mapa 4.

Regionalização sociocultural americana

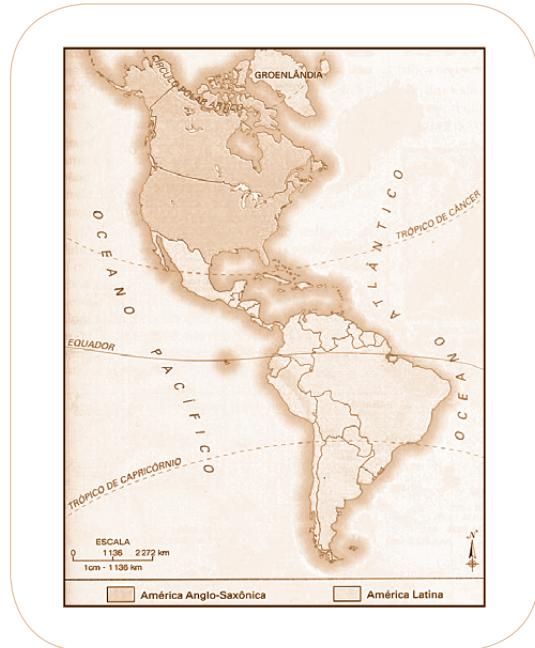
Sob o aspecto da formação sociocultural é possível regionalizar o continente americano em dois grandes conjuntos: a América Anglo-saxônica e a América Latina. Para você compreender melhor essa regionalização, é necessário saber que a mesma tem por fundamento a origem cultural dos colonizadores europeus que aqui aportaram.

Na porção norte do continente, excetuando o México, predominou a colonização inglesa. Os ingleses, cuja origem étnica é anglo-saxônica, colonizaram vastas porções dos atuais territórios estadunidense e canadense. Portanto, pela influência da origem do colonizador convencionou-se denominar essa região de América Anglo-saxônica.

O mesmo ocorreu com a região compreendida pelo México, parte central e sul do continente. Entretanto, nessa região predominou a influência dos colonizadores espanhóis e portugueses (caso do Brasil). Espanhóis e portugueses são de origem latina, por essa razão, essa área passou a ser denominada América Latina.

Veja que quando regionalizamos a América do ponto de vista geográfico, o México pertence à América do Norte. Entretanto, se mudar o critério para o sociocultural, esse país deve ser estudado do conjunto latino-americano. Vale lembrar também que tanto na América Anglo-saxônica como na Latina registra-se a presença de colonizadores de origens

diversas, por isso, quando falamos nessa regionalização devemos deixar claro que essas regiões não são completamente, mas apenas predominantemente anglo-saxônicas ou latinas. Observe a territorialização dessas duas regiões americanas no mapa a seguir.



Mapa 5 – Divisão sociocultural americana

Fonte: Adaptado de Sucena et al (2000, p. 9).

As diferenças socioeconômicas entre essas duas Américas serão abordadas na próxima aula. Mas agora vamos sistematizar os conteúdos abordados nesta segunda parte da aula.



Atividade 3

1

Apresente e explique os dois principais critérios que utilizamos para regionalizar e estudar o continente americano.

2

Quais elementos diferenciam as duas regiões socioculturais na América?

3

Por que o México, apesar de estar localizado na América do Norte, não pode ser incluído na América Anglo-saxônica?

América: território e dinâmica das paisagens naturais



Vertentes

Direção para onde correm e desaguam os rios das bacias hidrográficas de uma região.

O relevo americano dispõe-se em sentido meridiano, ou seja, suas montanhas têm direção norte-sul. No oeste localizam-se cordilheiras jovens e elevadas, no centro, está o domínio das grandes planícies e a leste os sistemas montanhosos mais antigos.

Com relação à hidrografia, está diretamente relacionada à disposição do relevo. Os rios mais longos e caudalosos são encontrados no norte e sul do país. Desaguam em quatro principais **vertentes**: no Ártico, no Pacífico, no Atlântico e no golfo do México.

Pela enorme distância latitudinal, os mesmos climas e formações vegetais que aparecem no norte, também são registrados no sul do continente. A vegetação original no continente americano encontra-se muito devastada em razão da intensa ocupação do território. As paisagens naturais da América serão apresentadas a seguir.

As grandes unidades do relevo

Para que você possa compreender as principais características do relevo americano é necessário analisar atentamente o Mapa 6. Ele mostra a espacialização e distribuição das unidades de relevo que compõem o território desse continente.





Mapa 6 – O litoral e as unidades do relevo americano

Fonte: Adaptado de Barbieri (2008, p. 43).



Baías

Reentrância da costa, menor que um golfo, pela qual o mar penetra no interior do continente. A entrada da baía é estreita.

Golfos

Ampla reentrância da costa, bem larga, pela qual o mar penetra no interior do continente. O golfo é maior que a baía. Na América o maior golfo é do México.

Cabo

Parte saliente da costa de altitude regular, que avança em direção ao mar. O cabo é menos extenso que a península e maior que uma ponta.

Inicialmente, direcione seu olhar para o contorno norte do litoral americano. O que você observa? Com certeza é possível visualizar que a costa americana nessa região é a mais recortada, não é mesmo? Ali, encontram-se grandes **baías** como a Hudson e Baffin; numerosas ilhas a exemplo da Groelândia, Devon, Vitória; inúmeras penínsulas tais como a do Labrador e do Alasca.

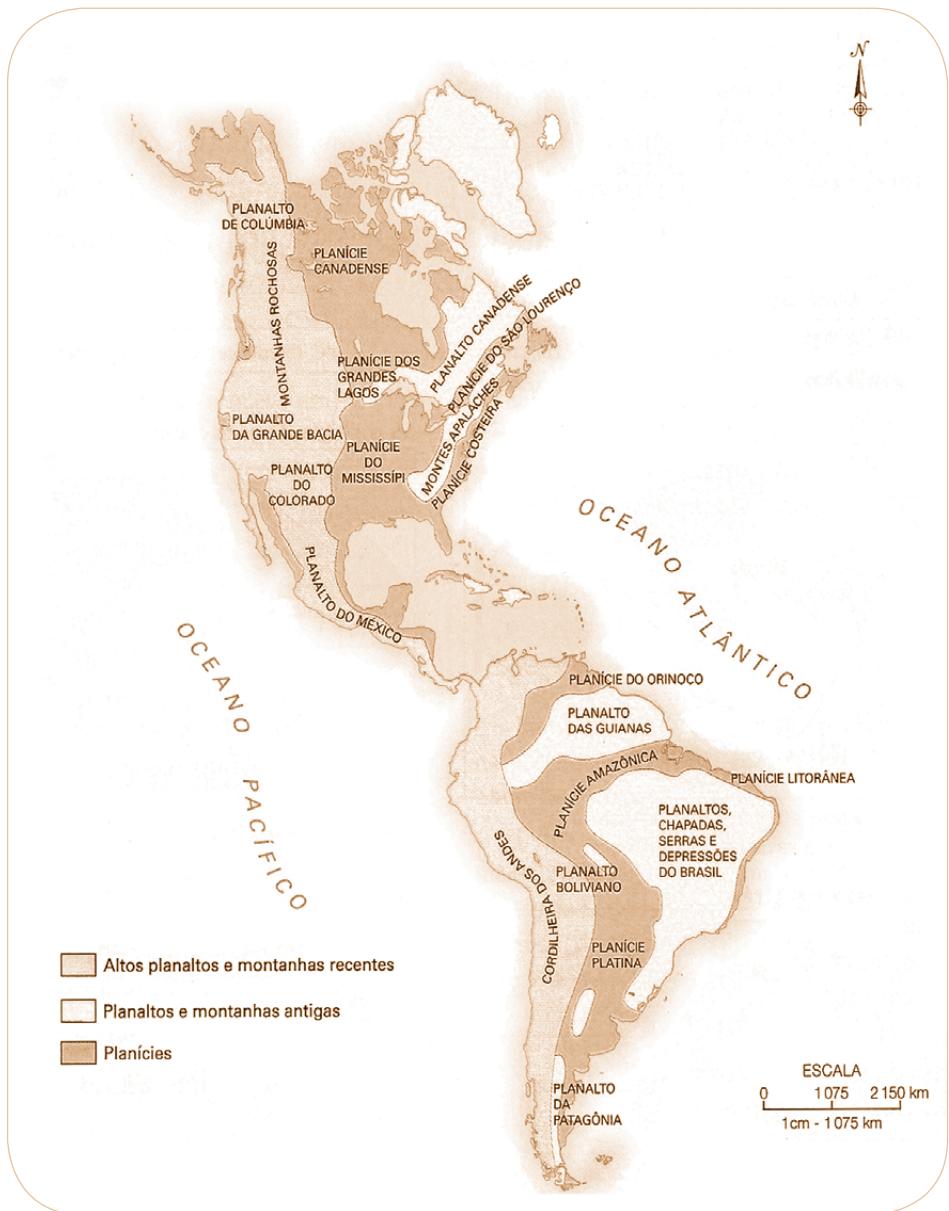
Agora, analise a configuração do litoral oeste margeado pelo Oceano Pacífico. Como você caracterizaria esse litoral? Com certeza você percebeu que essa região é marcada pela presença de grandes cadeias de montanhas, não é mesmo? Pois bem, o litoral ocidental da América tem mesmo essa característica, é alto e mais retilíneo se comparado com os outros litorais. Entretanto, se você olhar com atenção para a região oeste do Canadá (Norte) e da Patagônia (Sul) perceberá que aí, o relevo é tem menores altitudes e é mais recortado também.

No litoral do Pacífico existem alguns acidentes geográficos importantes como a Península da Califórnia, os Cabos Mendocino e São Lucas, os **Golfos** do Alasca e de Arica, o Estreito de Magalhães e o **Cabo** Horn que marca o encontro dos dois maiores oceanos do planeta: Pacífico e Atlântico.

No litoral leste, banhado inteiramente pelo Oceano Atlântico, encontramos uma costa recortada e com grandes profundidades ao norte do Cabo Hatteras, na Venezuela e na Patagônia. Nas demais regiões, a linha de costa apresenta-se arenosa e mais retilínea. Entre as ilhas mais importantes estão: Terra Nova, Bahamas, Antilhas e Malvinas. As penínsulas mais expressivas são as da Nova Escócia, Flórida, Iucatán. Vale destacar também os Golfos do México e os estuários dos rios da Prata e do Amazonas. Completam a Costa Leste da América inúmeros cabos e baías.

Esse extenso e belo litoral, especialmente as regiões compreendidas na zona Tropical confere à América um grande potencial pesqueiro, portuário e principalmente turístico.

Continuando o exercício de observação, vamos nos deter agora sobre as grandes unidades do relevo na América, certo? Quais as principais formas de relevo que você identifica? Como elas estão distribuídas no território? Qual delas é predominante? A resposta a essas perguntas torna-se fácil quando temos a cartografia para auxiliar nessa tarefa, não é verdade? É dessa maneira, observando e analisando cuidadosamente a espacialização dos fenômenos que apreendemos o conhecimento. O Mapa 7 vai orientar nessa tarefa.



Mapa 7 – Espacialização do relevo no território americano

Fonte: Adaptado de Moreira (2004, p. 52).

Então, você conseguiu identificar as três grandes unidades do relevo americano? Vamos verificar.

Os **dobramentos modernos** são formados pelas cadeias de montanhas mais jovens e mais elevadas do continente. A formação dessas montanhas está relacionada ao intenso tectonismo que ocorre no encontro das placas americanas com a placa Nazca. Na zona de contato entre essas placas tectônicas surgem elevadas montanhas que na América do Norte são representadas pelas Rochosas cujas altitudes atingem mais de 4.000 metros.

As Montanhas Rochosas prolongam-se desde o Canadá até o México onde recebem o nome de Serra Madre Oriental. Junto à Costa do Pacífico é possível perceber também a presença de dobramentos modernos, é a Serra Madre Ocidental.



Dobramentos

Fenômeno geológico em que grupos de rochas pouco resistentes e maleáveis se dobram em razão de pressões horizontais, geralmente em zonas de colisão de placas tectônicas dando origem a cadeias de montanhas.

Na América Central, as maiores elevações são registradas na Serra Madre do Sul cujas montanhas podem ultrapassar os 3.000m. Nessa região existem inúmeros vulcões. Na Guatemala, o Monte Tajumulco de origem vulcânica é o ponto culminante da região centro-americana, sua altitude chega a 4.210 m.

Na América Central Insular, o relevo apresenta cadeias de montanhas importantes como a Sierra Maestra em Cuba e a Cordilheira Central, no Haiti e República Dominicana. Ambas com altitudes que podem chegar próximo dos 3.000 m.

Na porção sul-americana, erguem-se as montanhas mais elevadas; a Cordilheira dos Andes que é formada por alinhamentos de montanhas sendo os mais importantes os Andes orientais e os Andes ocidentais. Entre esses dois alinhamentos existem planaltos importantes como o Boliviano. Esses planaltos entre montanhas são áreas intensamente povoadas. Para saber mais sobre os Andes leia o trecho a seguir.

A Cordilheira dos Andes é a mais longa em terras emersas, com quase 7.500 Km de comprimento. Estende-se pelo oeste da América do Sul, da Venezuela à Terra do Fogo. É uma cordilheira de formação geológica recente, que se constituiu há 65 milhões de anos e está dividida em várias ramificações paralelas à Costa do Pacífico. Tais ramificações são separadas por vales e extensos planaltos, como acontece na Bolívia. O Monte Aconcágua, com 6.959 metros de altitude, é a montanha mais elevada dos Andes e de todo o continente americano. Em geral, os picos mais elevados são vulcões: Chimborazo (6. 267 m) e o Cotopaxi (5.897 m). Muitos deles estão cobertos de gelo e neve perpétuos. (BARBIERI, 2008, p. 43).

Por serem de formação recente, a região dos dobramentos modernos na América corresponde a áreas de instabilidade tectônica. Suas montanhas continuam em processo de soerguimento e são constantes os eventos sísmicos e vulcânicos.

Os **planaltos e formações montanhosas antigas** apresentam altitudes inferiores às dos dobramentos modernos. Isso acontece porque, do ponto de vista geológico, essas regiões são estáveis e há muito tempo estão expostas à ação dos agentes erosivos que modelam e desgastam o relevo. No Mapa 7 é possível identificá-los.

Na porção norte-americana, os planaltos e formações montanhosas antigas são representados pelos Montes Apalaches e pelo Planalto Canadense cujas maiores altitudes são registradas na Península do Labrador. Esse último foi bastante desgastado pela erosão glacial durante a última era glacial registrada na Terra (cerca de 25 mil anos atrás). Nessa região, o trabalho do gelo

sobre o relevo deu origem a inúmeras depressões que depois foram preenchidas por água e se transformaram em lagos.

Entre essas unidades do relevo, destacam-se ainda o planalto das Guianas, o Planalto Brasileiro e o Planalto da Patagônia. Todas são formas de relevo bastante erodidas, sejam de estrutura sedimentar ou cristalina.

Por fim, a última unidade do relevo corresponde às **planícies**, localizadas tanto nas regiões centrais quanto litorâneas, conforme você pode observar no mapa anterior.

As **planícies centrais** são resultado do intenso trabalho de deposição de sedimentos trazidos pelos rios das partes mais elevadas do relevo. Entre as planícies interiores destacam-se na América do Norte: a do São Lourenço, resultado do trabalho de deposição fluvial do rio de mesmo nome; do Mississipi que se integra à planície do Golfo. Na América do Sul: a do Orinoco, a Amazônica e a Platina que em sua porção norte denomina-se planície do Chaco e no sudoeste brasileiro recebe o nome de planície do Pantanal. (Atlas Universal 2009)

Como já foi esclarecido, essas são as principais planícies americanas de origem fluvial. Mas é preciso ressaltar que a planície Canadense é formada por rochas cristalinas. É interessante saber que as rochas antigas do escudo canadense foram aplaniadas pelo deslocamento das geleiras ao longo dos períodos glaciais. Esse rebaixamento promovido pela ação erosiva do gelo deu origem à única planície de estrutura cristalina no continente.

Não podemos esquecer as **planícies litorâneas**. Estas estão na Costa do Pacífico entre o oceano e os paredões montanhosos. Por isso, as planícies litorâneas do litoral ocidental são pequenas e estreitas. Não há uma faixa contínua, pois em muitos trechos o oceano está em contato direto com as vertentes das montanhas.

No litoral Atlântico, as áreas planas são extensas e bem mais alargadas. Resultam de deposições realizadas pelo trabalho marinho e dos inúmeros rios que deságuam nesse oceano. São áreas densamente ocupadas e urbanizadas.

A hidrografia que corta o continente

A rede hidrográfica de um território constitui um importante elemento na configuração socioespacial. Os recursos hídricos desempenham importante função no desenvolvimento de todas as atividades humanas. Na América, rios que banham o continente, assim como os lagos são intensamente utilizados, sejam para navegação, geração de energia, irrigação, suprimento das necessidades humanas e demais atividades econômicas.

Analisando o Mapa 8, você verá a distribuição da rede hidrográfica sobre o continente.

Américas: bacias hidrográficas



Mapa 8 – América: distribuição das principais bacias hidrográficas

Fonte: Moreira (2004, p. 57).

Observe que a maior presença dos rios é registrada nas porções norte e sul do continente. A região central, pela própria configuração do relevo acidentado, tanto o continental quanto insular, apresenta rios pequenos e de maneira geral são pouco utilizados na navegação. Os rios mais importantes nessa região são: o San Juan que atravessa o principal vale do istmo e Coco, localizado na Nicarágua, país onde também estão as principais **bacias lacustres** centro-americanas: os lagos Nicarágua e Manágua.



Entretanto, os modestos recursos hídricos da América Central contrastam com a riqueza fluvial e lacustre da América do Norte e do Sul, não é verdade?

Analizando o comportamento da rede hidrográfica no norte do continente vamos identificar entre os rios mais importantes que segundo o Atlas Universal (2009) são:

- O Mackenzie – nasce no Grande Lago do Escravo e percorre 4.200 Km até desaguar no oceano Glacial Ártico.
- O Mississipi – rio de planície, portanto, navegável em quase toda a sua extensão, 3 779 Km. Sua nascente está localizada próximo à região dos Grandes Lagos e sua foz no golfo do México. Na bacia do Mississipi destacam-se os afluentes Missouri cuja nascente situa-se nas Montanhas Rochosas; o Ohio que nasce nos Montes Apalaches e que recebe as águas do rio Tennessee, rio intensamente aproveitado para irrigação, produção de energia elétrica, navegação.
- O Grande - rio que nasce no Planalto Colorado e serve de limite natural entre a América Anglo-saxônica e Latina. Sua extensão corresponde a 3.034 Km. Integra o grupo de rios de desaguam no golfo do México.
- O Colorado – cuja nascente localiza-se no planalto de mesmo nome deságua no Oceano Pacífico. Percorre áreas sedimentares e por essa razão ao longo do seu curso escavou grandes vales denominados canyons. O mais conhecido é o Grand Canyon, que em alguns trechos alcança 1.800m de profundidade e, em outros, apenas 30 metros de largura.
- O São Lourenço – esse rio possui apenas 1.200 km de extensão. Entretanto, é um dos mais importantes na América do Norte. Nasce no lago Ontário e deságua no Oceano Atlântico. No curso desse rio foram feitas obras de infraestrutura fluvial que permitiu a ligação da região dos Grandes Lagos ao Atlântico através de um hidrovía. O vale do São Lourenço concentra a maior parte da população, as principais cidades, além de ser a área mais industrializada do Canadá.

Bacias lacustres

Refere-se à região onde se registra a presença de lagos ou à área cuja drenagem dos cursos d'água verte para lagos.

Na América do Sul a rede hidrográfica tem como principais bacias:

- A Amazônica – a maior do planeta. Sua área é de cerca de 6,5 milhões de Km² dos quais 4 milhões estão em território brasileiro. Banha terras da Bolívia, Peru, Colômbia, Equador, Venezuela e Guiana . O rio principal dessa bacia nasce na Cordilheira dos Andes em território peruano e percorre mais de 7.000 km até sua foz no Oceano Atlântico.

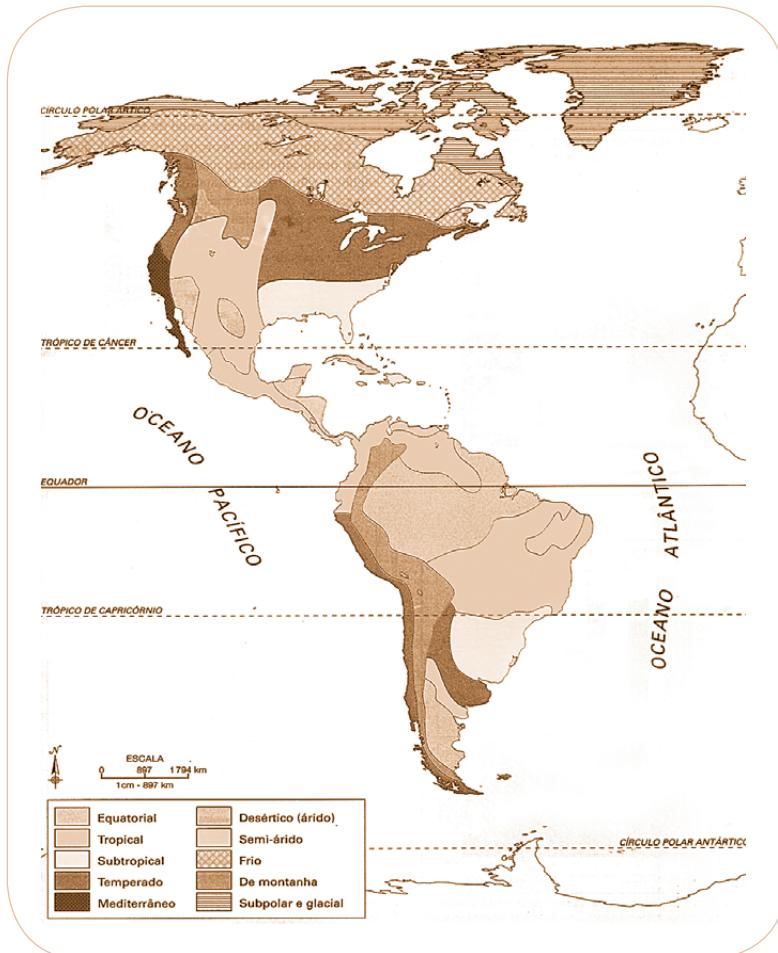
Os rios dessa bacia em sua maior extensão são navegáveis e, por isso, são responsáveis pela integração da região amazônica.

- A Platina – formada pelo rio Paraná, Paraguai e Uruguai que banha uma área de 4 milhões de Km^2 e abrange terras da Bolívia, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Seu principal rio é o Paraná que nasce em Minas Gerais e seu curso direciona-se para o interior do continente onde encontra o rio Paraguai e o Uruguai que o encontra já na sua foz localizada no rio da Prata. Essa bacia é de maior potencial hidrelétrico da América do Sul. Inúmeras hidrelétricas já foram construídas no curso de seus principais rios.
- O rio Orinoco – nasce no planalto das Guianas no norte da América do Sul e percorre 2 600 km até encontrar o Oceano Atlântico no litoral venezuelano. A principal importância desse recurso hídrico reside em seu potencial de navegabilidade. O alto curso do rio encontra-se em área de relevo acidentado, entretanto, em seu médio e o baixo curso drena áreas de planície e é aí que acontece seu aproveitamento para navegação.

A diversidade climática e a vegetação original

Aenorme extensão latitudinal do continente americano faz com o mesmo apresente uma grande diversidade de paisagens naturais. Os elementos físicos do planeta combinam-se no território americano de forma que todos os biomas estejam aqui representados. Isso acontece porque se percorreremos o continente no sentido norte ao sul, veremos que nele estão presentes a Zona Glacial Ártica, a Zona Temperado Norte, a Zona Intertropical e Zona Temperado Sul.

Outro detalhe importante é o fato de que o extremo sul da América está bem próximo da região Antártica, por isso, as paisagens naturais do sul do continente recebem influência também das correntes marítimas e das frentes frias que se formam na Zona Glacial Antártica. Observe o mapa a seguir e veja a variedade climática presente em terras americanas. É importante lembrar que associadas ao clima estão sempre as formações vegetais. Por essa razão, vamos tratar desses dois elementos em conjunto.



Mapa 9 – Distribuição dos climas no território americano

Fonte: Barbieri (2008, p. 44).

A análise do mapa permite o entendimento de que na América do Norte predominam os climas frios. No extremo norte do Canadá e ilhas localizadas no Ártico, predominam os climas subpolar e polar.

O clima é **polar ou glacial**, ocorre nas **ilhas oceânicas**. Nessas áreas, o gelo cobre o solo permanentemente. As temperaturas nunca ultrapassam 0° C e, nessas condições severas, não é possível o desenvolvimento de vegetais. Nessas, destaca-se a exploração de petróleo, zinco dentre outros minérios.

Já nas regiões do **extremo norte do Canadá**, onde o solo permanece congelado durante quase todo o ano, aparece a tundra. Esse tipo de vegetação tem ciclo vegetativo rápido e só se desenvolve nos meses mais quentes do verão, onde as temperaturas não ultrapassam os 10° C.

Logo abaixo do clima subpolar aparece o domínio do **clima frio**. Nessas áreas a neve cai em média durante seis meses. É nessa faixa que vai de leste a oeste na América do Norte que a **floresta boreal ou coníferas** domina a paisagem. Essa floresta é intensamente explorada. A madeira serve de matéria-prima para a indústria de papel. No Canadá, onde existe uma significativa área florestal de coníferas, esta constitui importante fonte de riqueza.

O **clima de montanha** está presente na porção norte das Montanhas **Rochosas** e na região dos **Andes**. A altitude é o elemento que explica as baixas temperaturas em regiões de montanhas. A vegetação de áreas montanhosas varia de acordo com a altitude, sendo possível identificar desde densas áreas florestais a representantes vegetais de formação desértica. Reveja o esquema que mostra a representação da vegetação de montanhas na Aula 5.

O **clima temperado do tipo oceânico** ocorre em extensas áreas da América do Norte, especialmente na região dos Montes Apalaches e na costa leste, e em algumas regiões da América do Sul como o litoral do Pacífico e no sul do Chile. Já estudamos em aula anterior que esse clima se caracteriza por apresentar as estações climáticas bem definidas ao longo do ano. No domínio do clima temperado desenvolve-se a **floresta temperada**, cuja característica principal é a perda das folhas antes da chegada do inverno. Essa formação vegetal foi quase toda substituída dando lugar a cidades e atividades agrícolas.

O **clima temperado continental** aparece no sul da planície Canadense e na planície do Mississippi, na Argentina, Uruguai e extremo sul do Brasil. Suas principais características são os verões quentes e invernos rigorosos. Os índices pluviométricos são baixos e, por essa razão, a formação vegetal que aí se desenvolve são as **pradarias**, formadas principalmente por gramíneas. A pecuária foi responsável por ocupar o domínio das pradarias. Nas pradarias norte-americanas, a pecuária cedeu espaço para a agricultura moderna principalmente o trigo nas áreas mais frias e o milho nas áreas mais quentes.

O **clima desértico** domina vastas áreas onde se registra extrema aridez. Nessas regiões, os índices pluviométricos não ultrapassam 250 milímetros/ano. Na América esse clima aparece no sudeste dos Estados Unidos, na porção norte do México, no norte do Chile e sul do Peru (Atacama) e na Patagônia (desértico gelado). A vegetação reflete as condições adversas do clima desértico e, por isso, poucas espécies são **xerófilas**, quer dizer, adaptadas à escassez de água. Suas raízes são profundas e servem para retirar água do subsolo.

Margeando os desertos aparece o clima **semiárido**. Este se caracteriza por apresentar índices pluviométricos que variam entre 250 e 500 milímetros/ano. Na América, esse clima é encontrado no oeste norte-americano e no entorno da Patagônia. A vegetação característica dessas regiões são as **estepes**. As estepes são formações vegetais rasteiras que não chegam a recobrir o solo completamente. As estepes foram bastante devastadas para a criação extensiva de gado.

No Nordeste brasileiro também predomina o clima semiárido, entretanto, não existem áreas desérticas. A formação vegetal associada a esse clima é a caatinga, bioma com maior biodiversidade que as estepes.

O **clima mediterrâneo** é encontrado na Califórnia e na litoral do Chile. Sua principal característica são os verões secos. Nesse domínio climático a **vegetação mediterrânea** é formada especialmente por carvalhos, arbustos e formação herbácea.

O **clima subtropical** ocorre no sul e sudeste da América do Norte, na planície Platina e no sul do Brasil. A formação associada a esse clima é a **floresta subtropical**. Formada por espécies arbóreas, porém com pouca biodiversidade. Um exemplo desse tipo de floresta é a Mata de Araucária encontrada no sul do Brasil e muito devastada, principalmente pela expansão da pecuária.

Na América Central e do Sul predominam os climas quentes: o equatorial (na região amazônica próxima ao equador) e o tropical que pode ser úmido ou oceânico (sudeste dos Estados Unidos e litoral oriental do Brasil) ou semiúmido continental (região central do Brasil).

O **clima equatorial** é muito úmido e apresenta temperaturas elevadas. Associada a esse clima está a formação **florestal equatorial** que no Brasil conhecemos como floresta Amazônica. São ricas em biodiversidade animal e vegetal. Atualmente é um dos biomas mais ameaçados do mundo principalmente pela exploração ilegal de madeira e avanço das atividades agropecuárias.

Associado ao clima **tropical litorâneo** está a **floresta tropical**. Aparece em toda a América Central e no litoral oriental brasileiro. No Brasil essa floresta é conhecida como Mata Atlântica. É um provavelmente o bioma que abriga a maior biodiversidade do planeta. No Brasil, sua devastação está associada aos ciclos históricos de exploração dos recursos naturais como o pau-brasil, a atividade canavieira, o café e o crescimento das cidades.

Por fim, o **clima tropical continental** ocorre na região central do Brasil. O **cerrado** é a formação vegetal que se desenvolve nesse domínio climático. A principal ameaça ao cerrado vem da expansão constante das áreas de exploração agropecuárias, especialmente a agricultura moderna da soja.



Atividade 4

1

Consiga um mapa que mostre a distribuição demográfica no continente americano. Depois, analise a relação que existe entre as grandes unidades do relevo americano e a distribuição demográfica no continente.

2

A vegetação original americana encontra-se em um estágio avançado de degradação. Escreva um breve texto discutindo as causas dessa devastação. Aponte as principais consequências que a exploração irracional das formações vegetais nativas traz para a sociedade e o meio ambiente.

Resumo

Nesta aula, iniciamos nossos estudos sobre o continente americano. Vimos o contexto histórico e geográfico em que ocorreu a “descoberta” da América. Avaliamos também a forma como o território foi ocupado e explorado pelos colonizadores. Vimos que na América do século XV viviam inúmeros povos autóctones que foram dizimados em nome da ganância dos europeus ávidos por usurpar as terras e riquezas dos territórios onde habitavam. Discutimos também as principais formas de regionalizar o continente que sob os aspectos geográficos pode ser dividido em América do Norte, América Central e América do Sul e sob o ponto de vista sociocultural temos a América Anglo-saxônica e a América Latina, diferenciadas pela origem dos povos que predominaram na colonização territorial. Por fim, conhecemos o grande mosaico de paisagens naturais que forma o continente e verificamos como a sociedade, ao longo desses mais de cinco séculos de construção do espaço geográfico americano, modificou significativamente as paisagens do continente.

Autoavaliação

1

A bacia hidrográfica Amazônica é reconhecida pelo grande potencial para a produção de energia. Entretanto, a construção da Usina de Belo Monte em um dos rios da região está no centro de uma polêmica que envolve aspectos econômicos, sociais e ambientais. Pesquise para saber em qual rio será instalada essa hidrelétrica. Quais as razões que levam o governo e os ambientalistas a se posicionarem, respectivamente, a favor e contra a construção de Belo Monte. E você, o que pensa sobre a construção de usinas hidrelétricas em rios de planície?

2

Em seu município, como a população interage com as paisagens naturais? Quais os riscos socioambientais que você identifica no lugar onde você vive? Você consegue perceber alguma relação entre o que acontece no seu município e a cultura predatória desencadeada pelos colonizadores sobre os nossos recursos naturais? Se possível, ilustre seu texto com imagens que mostrem a relação sociedade e natureza em seu município.

Referências

ATLAS Universal. São Paulo: DCL, 2009.

BARBIERI, Eloisa Cerdán Del Lama. **Enciclopédia do estudante:** geografia do mundo. São Paulo: Moderna, 2008.

CASTELLAR, Sonia; MAESTRO, Valter. **Geografia.** São Paulo: Quinteto Editorial, 2002.

DREYER-EIMBCKE, Oswald. **O descobrimento da Terra:** história e histórias da aventura cartográfica. São Paulo: Edusp; Melhoamentos, 1996.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** 50. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

MOREIRA, Igor. **Construindo o espaço mundial.** São Paulo: Ática, 2004.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **Como foi batizada a América.** São Paulo: Abril, 2000.

ORDÓÑEZ, Marlene. **As américas.** São Paulo: IBEP, 1990.

SUCENA, Ivone Silveira; ISOLA, Leda; CALDINI, Vera Lúcia de Moraes. **Trabalhando com mapas:** as américas. São Paulo: Ática, 2000.

Anotações

Anotações

Diferenças socioeconômicas e culturais no contexto das Américas Latina e Anglo-saxônica.

Aula

10



Apresentação

Na aula anterior, vimos que uma das formas de regionalização do continente americano leva em consideração os aspectos socioculturais impressos no território pelos povos que o colonizaram. Mas, não são apenas os elementos de origem cultural que diferenciam as Américas Latina e Anglo-saxônica. Esses dois conjuntos regionais abrigam em si disparidades econômicas que ao longo do tempo acentuaram as disparidades sociais entre essas regiões. A origem dessas diferenças, bem como suas marcas na sociedade e no território americano, é o que estudaremos nesta aula. Um excelente aprendizado!

Objetivos

- 1 Analisar as formas de colonização e suas implicações na consolidação das estruturas socioeconômicas nas Américas Latina e Anglo-saxônica.
- 2 Conhecer o processo de formação e consolidação política das nações que integram essas regiões.
- 3 Identificar as principais atividades econômicas desenvolvidas nesses conjuntos regionais atentando para as diferenças na espacialização territorial.
- 4 Reconhecer os principais problemas socioeconômicos que, na atualidade, marcam as sociedades anglo-saxônica e latino-americana.





No passado, a origem das diferenças: a colonização das Américas

Conforme você viu na aula anterior, a regionalização do continente americano segundo os aspectos socioculturais revela duas Américas diferentes. Essas diferenças podem ser vistas no espaço geográfico americano, reveladas, principalmente, pelas desigualdades sociais que se materializam no território através dos indicadores socioeconômicos que na porção anglo-saxônica se mostram em padrões muito elevados quando comparados aos indicadores da América Latina. Mas o que explica essa desigualdade socioeconômica entre as duas “Américas”?

Garcia e Gavarello (2002) destacam duas importantes diferenças entre essas regiões. A primeira seria o fato de a América do Norte ter sido colonizada por povos europeus de origem anglo-saxônica, vindos principalmente da Inglaterra, e a América Latina ter sido colonizada por países ibéricos (Portugal e Espanha), que é o caso do Brasil, por exemplo, ex-colônia portuguesa. A segunda diferença está na inserção da América Anglo-saxônica no bloco dos países desenvolvidos, pois nela se localizam duas das maiores potências econômicas do mundo: os Estados Unidos e o Canadá. Enquanto a América Latina faz parte do grupo de países em desenvolvimento e com graves problemas sociais e econômicos. É preciso revisitar o contexto histórico e geográfico para entender como essas diferenças foram construídas. Então vamos por parte, certo?

A conquista do território e as diferentes colonizações

Uma das explicações diz respeito ao processo de colonização dos territórios americanos. Durante a expansão colonial europeia são verificados dois modelos de ocupação das terras do continente americano: a colonização de povoamento (predominante na América Anglo-saxônica) e a de exploração (na América Latina). Você saberia diferenciar tais modelos? Vejamos:

A ocupação inglesa nos Estados Unidos, conforme você viu na aula anterior iniciou-se pelo litoral do oceano Atlântico. Nessa área do território foram instaladas, no século XVII, as primeiras colônias que alcançaram um total de treze estabelecidas de norte a sul nessa faixa litorânea.

No Canadá, a colonização também se dá nesse mesmo século e, inicialmente foi comandada pela França. Os franceses colonizaram vastas extensões do atual território canadense e chegaram a ocupar toda a planície do rio São Lourenço, a área dos Grandes Lagos e alcançaram, inclusive, o vale do rio Mississipi. Era a chamada Nova França.

Em 1763, as colônias francesas no atual Canadá passaram para o domínio da Inglaterra. Por isso, essa porção da América passou a ser denominada Anglo-saxônica mesmo que nesse território, ainda hoje, a presença de povos latinos seja significativa.

Nas colônias de povoamento, a metrópole instigava a fixação das populações com o objetivo de ocupar definitivamente o território. Entretanto, por trás desse incentivo estava o desejo de resolver questões sociais internas. Você deve recordar das aulas de História sobre esse tema, não é mesmo?

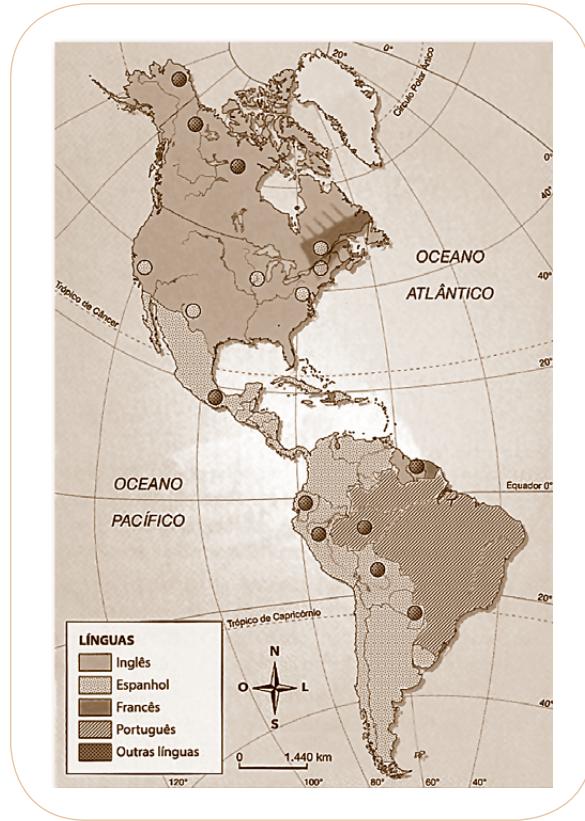
As pessoas eram estimuladas a migrar para essas colônias para fugir de problemas sociais, econômicos ou religiosos presentes em seu país de origem e, por causa disso, buscavam a permanência definitiva na nova terra. Isso não significa que nesse modelo de colonização não havia a exploração exacerbada dos recursos naturais mais valiosos do território ocupado e que a metrópole não tinha participação nas riquezas geradas nas colônias. Porém, uma parcela considerável do que era produzido ficava na própria colônia. Esse foi o padrão predominante de ocupação da atual América Anglo-saxônica, especificamente, no Canadá e no norte do litoral leste dos Estados Unidos.

É importante ressaltar que mesmo na América Anglo-saxônica existiu a presença de colônias mercantilistas ou de exploração. Foi o caso das colônias estabelecidas no sul do litoral leste dos Estados Unidos. Nessa área as condições naturais de solo e clima favoreceram a implantação do sistema de *plantation*, ou seja, em grandes propriedades onde era cultivado um único produto, cujo destino era a exportação, utilizava-se em larga escala o trabalho baseado na escravidão.

Em toda a região que vai do México ao sul da América do Sul, a ocupação territorial foi unicamente baseada na colonização de exploração. Nesse modelo, as metrópoles (predominante Espanha e Portugal) estavam apenas preocupadas com a transferência das riquezas exploradas. A fixação da população também existiu, entretanto, os colonos produziam riquezas não apenas para si, mas prioritariamente, para serem levadas à metrópole que não se importava com as condições de vida dessa população.

Para você entender melhor como isso ocorria, basta lembrar-se do destino do pau-brasil explorado em nossa Mata Atlântica, do ouro extraído em nosso solo para Portugal e Inglaterra e da exploração sem precedentes do ouro e da prata da América Central e do Sul pelos espanhóis que carrearam esses metais preciosos para a Europa.

Você deve ter percebido que uma das significativas diferenças deixadas na sociedade americana e que está diretamente relacionada ao fato da América ter sido colonizada por diferentes povos é o idioma. Sabemos que os países latino-americanos têm como línguas-mãe o espanhol e o português (caso do Brasil), e os dois países anglo-saxônicos, Estados Unidos e Canadá, falam o inglês. Mas isso não é o bastante para diferenciar as duas Américas já que no Canadá existem regiões (Quebec) cuja língua falada pela maioria da população é o francês. Aliás, o Canadá é um país bilíngue e multicultural, e ainda continua recebendo imigrantes de todas as partes do mundo. Observe os diversos idiomas falados na América, eles são herança deixada pelos colonizadores.



Mapa 1 – Idiomas falados na América

Fonte: Barbieri (2008, p. 54).

Nos Estados unidos há regiões específicas onde ocorre a concentração de imigrantes, é o caso da concentração de “estrangeiros” em determinados bairros de muitas grandes metrópoles, como Los Angeles e Nova York, por exemplo, de latino-americanos. Com isso, podemos lançar a tese de que “América Anglo-saxônica” serve mesmo de nomenclatura, pois se formos considerar os povos que habitam esses países, há, com certeza, uma pluralidade multiétnica.

O mesmo ocorre na América Latina. É incontestável sua pluralidade linguística não oficial como também de etnicidade, com suas formas diferenciadas de costumes indígenas e de povos que migraram para o processo de povoamento. Vale salientar que no Paraguai a língua falada é o guarani. Do mesmo modo como na América Anglo-saxônica, não vieram pra cá somente espanhóis e portugueses. Vieram também, em menor número, holandeses, ingleses, franceses, japoneses, italianos. Dessa forma, afirmar uma América puramente latina é não considerar e deixar de fora os outros elementos humanos que constituem essa sociedade.

Além dos aspectos étnicos e linguísticos, a diferença de níveis de desenvolvimento econômico, tecnológico, educacional, bélico entre as duas Américas são bem relevantes. Apesar da maior crise financeira capitalista global atual, os Estados Unidos continuam um dos principais líderes político-militar do planeta. Continua no topo, concentrando uma das maiores economias globais. Esse modelo de desenvolvimento é seguido de seu parceiro o Canadá, detentor de uma industrialização completa e de alta tecnologia. Retomaremos essa questão adiante.

Portanto, a experiência de diferentes modelos de colonização, as diversidades socioculturais e as desigualdades socioeconômicas ajudam a explicar as diferenças nas relações que as sociedades latina e anglo-saxônica estabeleceram com o território colonizado, com a exploração das riquezas nele presentes e com a metrópole.



Atividade 1

1

Mencione as principais características que diferenciam os conjuntos regionais América Anglo-saxônica e Latina.

2

Discuta as diferenças que marcaram as relações estabelecidas entre a sociedade, o território e as metrópoles nos dois modelos de colonização praticados na América.

3

Podemos afirmar que, considerando os aspectos socioculturais, a América é predominantemente e não exclusivamente anglo-saxônica ou latina. Apresente argumentos que justifiquem essa afirmação.

No processo de independência, a conquista da “autonomia” econômica e política?

Existe algo em comum na História das duas Américas, o fato de estas terem estado sob a influência geopolítica da Inglaterra, única potência da época (século XVIII e XIX). Isso aconteceu durante todo o período colonial e se estendeu depois da independência até o fim do século XIX.

A partir do início do século XX, os Estados Unidos assumem a tutela sobre as recém-formadas nações latino-americanas (Volte à Aula 9, verifique o mapa político da América e reveja as datas em que ocorreu a maior parte das independências dos países da América Latina). Isso aconteceu em um contexto geopolítico quando a Inglaterra, até então a única potência mundial, perdeu espaço para os Estados Unidos. Leia com atenção o texto a seguir. Ele esclarece os acontecimentos que prepararam a mudança na geopolítica mundial responsável por marcar a transferência do domínio inglês para o americano na América Latina.

Em agosto de 1823, o Ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, George Canning, propôs ao Embaixador americano em Londres, Richard Rush, uma declaração conjunta contra qualquer “intervenção externa” na América Latina. O presidente James Monroe, apoiado no seu Secretário de Estado John Quincy Adams declinou o convite inglês. Mas três meses depois, o próprio Monroe propôs ao Congresso Americano uma doutrina estratégica nacional quase idêntica à proposta inglesa. Foi assim que nasceu a “Doutrina Monroe”, no dia 2 de dezembro de 1823. Como era de se esperar, os europeus consideraram a proposta Monroe impertinente e sem importância, partindo de um Estado que ainda era irrelevante no contexto internacional. E tinham razão: basta registrar que os Estados Unidos só reconheceram as primeiras independências latino-americanas depois de receber o aval da Inglaterra, França e Rússia. E mesmo depois do discurso de Monroe, se recusaram a atender o pedido de intervenção dos governos independentes da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e México. Por isso, muito cedo, os europeus e os próprios latino-americanos compreenderam que a Doutrina Monroe havia sido concebida, e seria sustentada durante quase todo o século XIX, pela força da Marinha e dos capitais ingleses. (FIORI, 2009, p. 37).

É nesse cenário que os Estados Unidos iniciam a tomada de estratégias para conquistar autonomia em relação à Inglaterra e para fortalecer as ideias de superioridade anglo-saxônica sobre a região latina da América. Nesse contexto, já em pleno século XX, os norte-americanos concretizam sua hegemonia sobre essa região do continente através da materialização do seu pensamento ideológico. E como isso ocorreu?

De acordo com Vesentini e Vlach (2004), a Grã-Bretanha perdeu espaço político e econômico para os Estados Unidos, enfraquecendo também sua influência sobre a América Latina. A nova potência que começava a se formar em pleno território americano assume o comando econômico sobre o resto do continente.

Estava então, a América Latina transformada em “quintal dos Estados Unidos”, expressão preconceituosa e carregada de ideologia que foi cunhada por Henry Alfred Kissinger, diplomata e ex-secretário de Estado norte-americano. (GALEANO, 2009). Nesse sentido, leia o trecho a seguir.

As terras situadas ao sul do **rio Grande** constituem um mundo diferente do Canadá e dos Estados Unidos. E é uma coisa desafortunada que as partes de fala inglesa e latina do continente tenham que ser chamadas igualmente de América, evocando uma similitude entre as duas que de fato não existe (SPYKMAN apud FIORI, 2009, p. 41).

Vamos iniciar nossas reflexões sobre a construção do ideário das diferenças entre essas duas regiões americanas analisando a citação de Spykman. Primeiro, pense um pouco sobre o conteúdo da mesma. Que conclusões você pode fazer ao ler a afirmação supracitada? Como você, cidadão da América e, em especial, latino-americano se sentiu ao ler o trecho destacado?

O discurso em questão foi escrito por um dos maiores geoestrategistas estadunidense, Nicholas Spykman. O referido estudioso influenciou a maneira de pensar as estratégias que construíram a hegemonia dos Estados Unidos na América. No início da década de 1940, foram publicados seus dois únicos livros (*A Estratégia Americana no Mundo Político* - 1942 e *A Geografia da Paz* - 1944), que serviram de alicerce para o planejamento geoestratégico de dominação política e econômica da América Latina pelos norte-americanos (FIORI, 2009).

Veja que em pleno século XX, a ideia de diferença étnica, cultural e econômica que, historicamente, marca a divisão do continente americano, foi consolidada, dessa vez, no contexto do espaço interno da América.



Figura 1 – O poder dos Estados Unidos sobre a América Latina

Fonte: Eneko. Disponível em: <<http://www.diaadia.pr.gov.br/tvpendrive/arquivos/conteudos/images/3espanhol/6latino.jpg>>. Acesso em: 25 abr. 2010.



Rio Grande

Rio que marca a fronteira entre Estados Unidos e México.

Mas por que, mesmo depois da independência houve espaço para a continuidade da submissão dos países latino-americanos, dessa vez a uma nação do próprio continente? A resposta para essa questão passa pelo entendimento das diferenças sociopolíticas que também marcaram esses conjuntos regionais após a formação de seus países.

Ao conquistarem a independência, os países anglo-saxônicos alcançaram também a autonomia política e econômica em relação aos seus colonizadores, os ideias democráticos e de liberdade já praticados pelos colonos foram fortalecidos após a saída da metrópole.

O mesmo não ocorreu com as nações latinas do continente. Estas, ao conquistarem suas independências (a maioria na primeira metade do século XIX), viram permanecer consigo o mesmo modelo econômico de exploração que as caracterizava. Sai a metrópole, mas entra a dependência econômica em relação aos interesses dos países desenvolvidos.

Isso aconteceu porque as elites dominantes dos países latinos sempre possuíram fortes ligações econômicas com o exterior. Tais classes sociais estiveram desde o período colonial a apoiar o projeto de exploração da América Latina, em troca de permanecerem no acesso a privilégios políticos e econômicos. No momento da independência, essas elites assumem o comando da política e da economia dessas nações e tratam de manter inalterado o antigo processo de subserviência socioeconômica que sempre caracterizou a região. Além disso, existe uma dependência em relação ao acesso à tecnologia de ponta e ao capital estrangeiro para fins de investimentos internos, dentre outras formas de dependência.

Ainda hoje, vários países latino-americanos ainda participam do mercado internacional como fornecedores de matérias-primas, especialmente produtos agrícolas e minérios. A manutenção do modelo econômico dos tempos coloniais limita a possibilidade desses países diversificarem suas atividades econômicas e acumularem capitais nacionais necessários à conquista da independência em relação ao exterior.

É certo que alguns países conseguiram reduzir o grau de dependência em relação a nações estrangeiras depois que passaram pelo processo de industrialização. Isso aconteceu em países como o Brasil, o México e a Argentina a partir da segunda metade do século XX e foi intensificado nos anos de 1970.

Mas o modelo de industrialização inicialmente calcado na transferência de tecnologia e capitais externos não promoveu a total independência econômica desses países, ao contrário, novos elementos de dependência vieram se somar aos já existentes. Dessa vez, a presença das multinacionais, como vimos em aulas anteriores, representa nesse cenário econômico meios de transferência de riquezas para seus países sedes.

A política e o exercício da democracia mantendo as desigualdades

Com relação ao aspecto político, após a independência, as nações do continente americano, estiveram sob regimes de governo autoritários e antidemocráticos ou populistas à exceção do Canadá e dos Estados Unidos, que desde o início vivenciaram experiências políticas democráticas.

O autoritarismo político tem como principal característica o desrespeito aos direitos democráticos. Nesses sistemas, a tomada de decisão ocorre sem a participação da população e sem considerar os interesses populares. Na América Latina, esse tipo de governo representado principalmente pelas ditaduras civis ou militares foi um traço marcante desde o período colonial.

Mas isso não é fato do passado. Nessa região da América, em 2009, o presidente de Honduras, Manoel Zelaya foi deposto por um golpe militar em seu país. Você recorda que o Brasil esteve diretamente envolvido nesse episódio quando o governante deposto pediu abrigo à embaixada brasileira na capital daquele país? A charge a seguir resume o contexto em que muitos golpes militares colocaram fim a governos democráticos na América Latina.



Figura 2 – Charge representando os golpes militares na América Latina

Fonte: Latuff 2009. Disponível em: <<http://mariafro.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2009/06/golpe-honduras.gif>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

Vale ressaltar que esses sistemas de governo não respeitam os direitos individuais e coletivos dos cidadãos. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos apoiaram diversos golpes militares contra regimes democráticos de governo nessa região do continente, como exemplo, temos o do Brasil em 1964, do Chile em 1973 e de tantos outros.

Na direção das transformações que muitos países latino-americanos passaram a vivenciar a partir da intensificação das experiências de industrialização e urbanização durante a segunda metade do século XX e da concentração populacional nas cidades, principal consequência desse processo, multiplicou-se na região uma experiência política denominada populismo. Você tem alguma ideia do que seja um governo populista?

Primeiro precisamos entender que o advento dos fenômenos da industrialização e da urbanização transformou muitas cidades em metrópoles e fez surgir uma classe média que não existia durante o período colonial. Lembre-se de que a diferença de classe social nas colônias era extrema. Na sociedade colonial havia duas classes bem definidas: os que detinham a posse dos bens de produção da riqueza e os que viviam à margem e em situação de dependência da mesma.

Com a emergência de uma nova classe social os governos passaram a ter que dividir a atenção entre privilegiar os interesses dos mais ricos e, agora, os de classe social média. Então populismo é

uma forma de política em que os líderes tomam algumas medidas que agradam ao povo, para dar a impressão de que a melhoria do nível de vida da população é o grande objetivo da ação do governo. Só que isso é uma ilusão, pois o objetivo normalmente continua sendo o de atender aos interesses da elite dominante (VESENTINI; VLACH, 2004, p. 89).

Outra grande ameaça à democracia foi a presença de lideranças políticas conhecidas como coronéis. Se você é nordestino, sabe bem o que significa a figura do coronel, grande proprietário rural que também exercia o poder político sobre grandes extensões regionais. Esse personagem, que em países de língua espanhola chamava-se caudilho, dominou a política latino-americana durante muito tempo. Seu poder era exercido geralmente nas zonas rurais onde imperava decisões unilaterais não havendo espaço para manifestações e participação popular nas decisões políticas.

Segundo Barbieri (2008), a década de 1980 é um marco no restabelecimento dos sistemas democráticos na região em análise. Entretanto, a autora alerta para o fato de que continuam em aberto as investigações sobre os crimes políticos cometidos pelos governos autoritários e alerta para o fato de que a corrupção continua fortemente enraizada e, em muitos casos, a instalação da democracia tem sido apenas formal.

Veja o quanto é frágil o exercício da democracia na América Latina. Nesse contexto em que os direitos sociais e políticos são negados à maioria da população constituída por pessoas que se encontram em níveis de pobreza, por vezes, extremos, não é possível haver o fortalecimento da democracia, da sociedade e da própria economia.



Atividade 2

1

Faça uma pesquisa para saber como a Inglaterra exercia sua hegemonia sobre a América Latina. Em seguida, explique por que, mesmo sendo colonizada por outras nações, essa parte da América estava sob a influência econômica e política inglesa.

2

Explique como os Estados Unidos assumiram o papel da Inglaterra no exercício da hegemonia política e econômica na América Latina.

3

Discuta os principais aspectos que no campo político diferenciaram a América Latina e Anglo-saxônica ao longo tempo.

Tempos modernos na América: o desenvolvimento regional latino e anglo-saxônico

Vamos agora discutir os aspectos econômicos que caracterizam o território americano na atualidade. Nos itens anteriores, você teve a oportunidade de comparar a história de ocupação das duas regiões. Pelo que foi discutido, é possível perceber que as atuais diferenças econômicas, visíveis entre as duas Américas são, em parte, resultado desse processo histórico. É por isso que temos uma América desenvolvida e uma em desenvolvimento que abriga em si complexos problemas de desigualdade socioeconômica entre os países que a compõem. Analise o Quadro 1 e veja os desniveis na produção da riqueza entre os países do continente americano.

País	PIB U\$ 2008	Ranking
Antígua y Barbuda	1.217.059.259	28º
Argentina	328.465.000.000	5º
Bahamas	7.233.949.011	22º
Barbados	3.681.500.000	26º
Belize	1.358.700.000	27º
Bermudas	5.855.378.944	25º
Bolívia	16.674.278.583	18º
Brasil	1.575.150.000.000	2º
Canadá	1.501.330.000.000	3º
Chile	169.458.000.000	8º
Colômbia	243.765.000.000	7º
Costa Rica	29.663.614.223	14º
Dominica	357.388.889	34º
Ecuador	54.685.881.000	10º
El Salvador	22.114.600.000	17º
Estados Unidos	14.093.300.000.000	1º
Granada	637.999.989	31º
Guatemala	38.983.126.459	12º
Guiana	1.155.325.527	29º
Haiti	7.204.509.099	23º
Honduras	11.985.809.457	21º
Jamaica	14.614.273.088	20º
México	1.088.130.000.000	4º
Nicarágua	6.592.350.718	24º
Panamá	23.087.900.000	16º
Paraguai	15.976.848.184	19º
Peru	129.109.000.000	9º
República Dominicana	45.540.637.782	11º
São Vicente e Neves	543.345.889	33º
Santa Lúcia	996.436.926	30º
São Tomé e Príncipe	174.609.833	35º
São Vicente e Granadina	597.937.037	32º
Trinidad e Tobago	24.145.269.841	15º
Uruguai	32.186.179.359	13º
Venezuela	314.150.000.000	6º

Quadro 1 – Produto Interno Bruto dos países americanos

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do Banco Mundial. Disponível em: <<http://datos.bancomundial.org/indicador/NY.GDP.MKTP.CD>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

Na América Anglo-saxônica, predominam as atividades industriais (de elevada tecnologia, competitiva e diversificada, concentrada principalmente na região dos Grandes Lagos, no vale do rio São Lourenço, no nordeste dos Estados Unidos e na Califórnia) e o setor de serviços, destacadamente o comércio, as finanças e o turismo. Esses dois setores ocupam quase toda a população economicamente ativa e contribuem com a maior parte da riqueza. Essa região é hoje a que tem o maior potencial econômico e gera mais de um quarto da produção mundial. Somente os Estados Unidos respondem por 80% da produção do continente e 20% do total mundial (BARBIERI, 2008).

Na América Anglo-saxônica, o setor primário, tem uma pequena participação na geração de riquezas. Apresenta atividades altamente mecanizadas e com grau elevado de produtividade. As principais áreas produtoras localizam-se nas Grandes Planícies e na Califórnia. Nos Estados Unidos, a produção agrária ocupa 20% do território e emprega somente 2,5% da população economicamente ativa. Pelos dados informados, você pode imaginar o grau de modernização desse econômico, não?

O Canadá, por sua vez, enfrenta problemas para o desenvolvimento de atividades agrícolas, uma vez que as condições climáticas em seu território são mais severas, pois está localizado em áreas frias. Vale destacar que as atividades agrícolas são favorecidas por grandes **subsídios** que as tornam mais competitivas no mercado interno e internacional.

Entre os dois países que compõem a América Anglo-saxônica, destaca-se os Estados Unidos como a maior potência mundial nas esferas econômica e militar. Junto com o Canadá, estão entre os países com maiores índices de industrialização e estão entre as nações com maior renda *per capita*, sendo o Canadá um dos países em que a população tem melhores condições de vida (BARBIERI, 2008).

Ainda no setor primário americano destaca-se a exportação de minérios no Alasca e no Golfo do México; no canadense é importante a exportação de madeira de suas imensas florestas de coníferas e de pescados.

Já na América Latina, existem diferenças no que diz respeito às bases econômicas de seus países. Em sua maioria, a economia ainda baseia-se na agricultura e na exploração mineral. É o caso dos países da América Central continental e da América Andina cuja plataforma de exportação está pautada em **commodities** agrícolas (café, cacau, soja, cana-de-açúcar, por exemplo) e minerais, uma das maiores riquezas encontradas nessas regiões. Observe a participação da agricultura no Produto Interno Bruto na América.

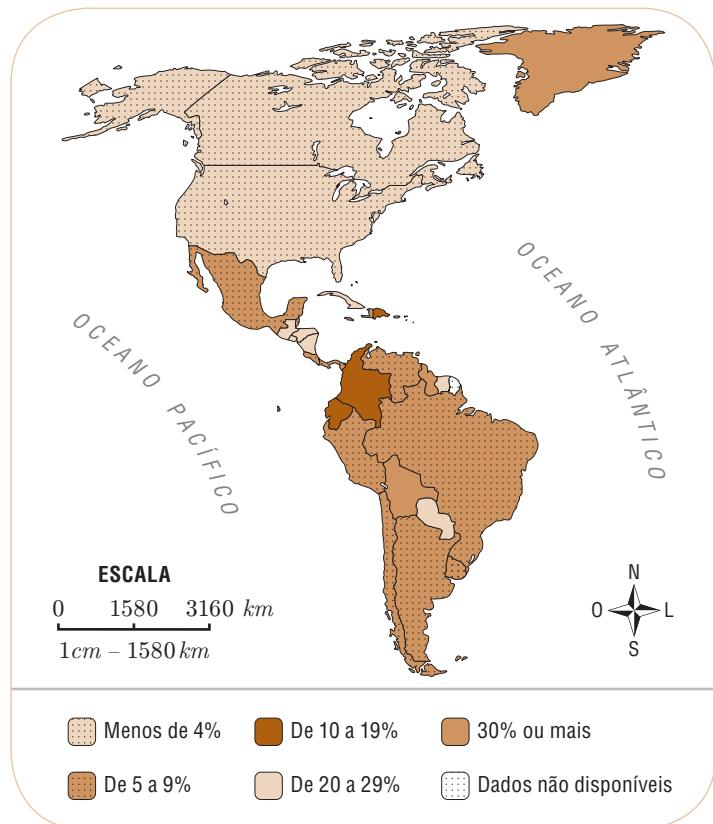


Subsídios

Estímulos dados pelo governo aos produtores que podem ser, dentre outras coisas, a redução de impostos, o financiamento para garantia de produção a juros irrisórios ou taxar pesadamente produtos da concorrência no mercado interno.

commodities

Produtos importantes no comércio global. Elas têm boa cotação de preços e negociação garantida.



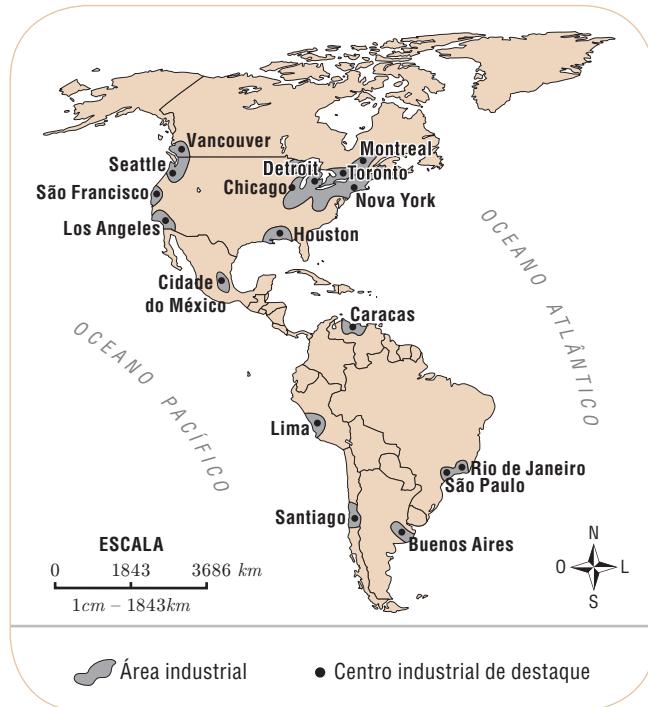
Mapa 2 – Participação da agricultura no PIB

Fonte: Moreira (2004, p. 123).

O setor secundário e terciário são mais desenvolvidos em países como o Brasil, Argentina, Chile e México. Nesse grupo de países o fortalecimento do setor industrial fez parte de um contexto internacional de transferência de multinacionais, mas também da vontade de modernização e diversificação dessas economias.

No México, a proximidade com os Estados Unidos fez com que o país, conforme você já sabe, fosse inserido no Nafta. Como política de investimento norte-americano no México foi promovida a concentração de indústria ao norte, exatamente a porção do país que faz contato territorial com aquele.

Isso ocasionou a desigualdade na distribuição das indústrias no território mexicano, o que causa descontentamento aos habitantes do centro e principalmente do sul do país. Observe no mapa a seguir as principais áreas industriais na América e veja como elas estão distribuídas desigualmente no continente.



Mapa 3 – As principais áreas industriais da América

Fonte: Moreira (2004, p. 122).

Observe que no Brasil as áreas industriais também estão desigualmente distribuídas no espaço. Essa é uma característica do modelo de industrialização que deixou essa marca no território. Nas duas últimas décadas temos assistido à desconcentração industrial em nosso país. Entretanto, as regiões onde esse setor tem maior destaque é a região Sudeste. O mesmo acontece nos outros países industrializados da América Latina.



Atividade 3

1

Escreva um breve texto explicando as principais diferenças econômicas entre a América Anglo-saxônica e a América Latina.

2

Observe o Quadro 1 e com base nas informações sobre os principais setores da economia nos países do continente americano, estabeleça a relação que existe entre o valor do PIB e as atividades econômicas mais importantes dessas nações.

Marcas das desigualdades socioeconômicas: um difícil desafio a ser vencido

Adesigualdade social e os graves problemas que dela advêm estão presentes em todo o território americano, inclusive nos países de melhor desempenho econômico, como os Estados Unidos. Como vimos anteriormente, diversos aspectos ajudam a explicar a distribuição desigual da riqueza entre as sociedades do continente. Mas é necessário discutir esse tema um pouco melhor.

Apesar do crescimento modesto da economia latina, que nos últimos cinco anos esteve na média de 4,1% ao ano (BID, 2010) e da redução nos índices de pobreza, os problemas sociais continuam expressivos em todos os países da América e, em especial, os latinos.

Quando pensamos na sociedade americana os elementos que nos vêm à mente quase sempre são o elevado nível de vida e de consumo, não é verdade? Pois é, mas a sociedade americana, conforme dito anteriormente, convive também com a desigual distribuição de renda. Lá, os grupos mais vulneráveis são os afro-americanos e imigrantes, principalmente, os de origem latina. Segundo Barbieri (2008, p. 51),

as desigualdades sociais são evidentes, em especial nos Estados Unidos, onde a proteção social é menor. Um grupo privilegiado, que desfruta de altos níveis de bem-estar e cultura, coexiste com mais de 30 milhões de pobres, ou seja, 14% da população, dos quais 60% são negros. A minoria hispânica é cada vez mais significativa, mas continua a sofrer discriminação, bem como outras comunidades. As cidades mais populosas transformaram-se em um mosaico multiétnico e multicultural.

Se na economia mais dinâmica do mundo existem problemas sociais graves, imagine a realidade nas nações em desenvolvimento. A sociedade latino-americana é uma das mais desiguais do mundo. Observe as informações do quadro e compare os indicadores de desigualdades entre essa região da América e resto do mundo.

Região	% da população que vive com \$ 1,25 dólares por dia (2005)	% da população que vive com \$ 2 dólares por dia (2005)
África ao sul do Saara	50,9	72,9
América Latina e Caribe	8,2	17,1
Ásia Meridional	40,3	73,9
Ásia Oriental e o Pacífico	16,8	38,7
Europa e Ásia Central	3,7	8,9
Oriente Médio e Norte da África	3,6	16,9

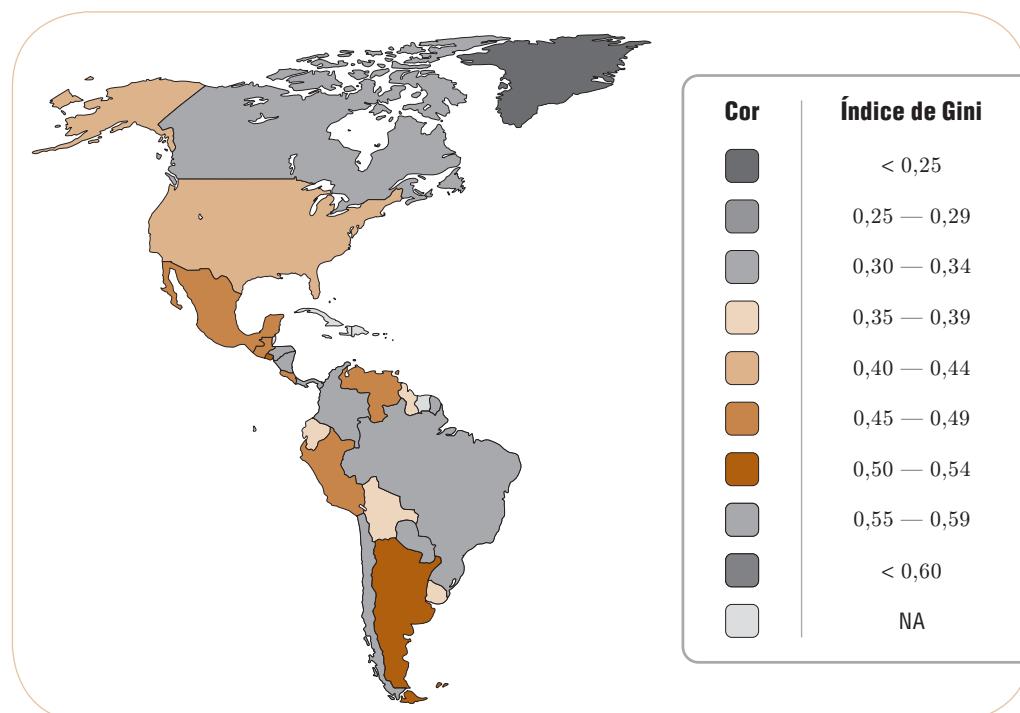
Quadro 2 – Percentual da população que vive com até \$1,25 e \$2 dólares/dia

Fonte: Banco Mundial (2010). Disponível em: <<http://datos.bancomundial.org/tema/pobreza>>. **Acesso em:** 25 abr. 2010.

Em 2006, a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal), da Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou que os países com maior desigualdade estavam na América Latina dentre eles, a Bolívia (60,1%), a Colômbia (58,6%), o Paraguai (57,8%) e o Chile (57,1%). Vejamos alguns dos motivos que corroboram para essa realidade:

- **Baixa renda:** Grande parte da população vive na linha da pobreza ou abaixo dela. É fato que um quarto da população mundial vive com a maior parte da renda produzida no planeta. Isso comprova que a desigualdade no acesso à renda é o elemento que melhor caracteriza as desigualdades e reflete uma sociedade desigual e segregadora.
- **Baixo nível de escolaridade:** As crianças precisam trabalhar para completar o orçamento de casa, ficando impedidas de frequentar a escola. Garcia e Gavarello (2002, pág. 21) afirmam: “Isso resolve vários problemas que afligem essas famílias, porém marginaliza as crianças ou adolescentes no mercado de trabalho”. Sem acesso à educação, provavelmente não serão profissionais qualificados e o ciclo da pobreza hereditária se perpetua.

Analise atentamente o mapa a seguir, ele revela o Índice de Gini, um indicador usado para medir a desigualdade no acesso à renda ou a bens. O índice de Gini varia de 0 a 1 e deve ser interpretado da seguinte maneira: quanto mais próximo de 0 maior será a igualdade e quanto mais próximo de 1 maior será a desigualdade.



Mapa 4 – Mapa da desigualdade social na América

Fonte: Adaptado de Mayer (2007).

Para o enfrentamento da pobreza extrema e consequente redução das desigualdades sociais, alguns países da América Latina adotaram programas de distribuição de renda que galgaram êxito e estão contribuindo para reduzir as disparidades sociais. Esses programas estão servindo de modelo a outras regiões do mundo. A tabela a seguir mostra os programas sociais, o número de famílias beneficiadas e o percentual de pobres atendidos nos países que adotam esse tipo de estratégia.

Tabela 1 – Programas de transferência de renda

País	Nome do programa	Famílias Beneficiárias	Beneficiários/Pobres (%)
1 Brasil	Bolsa Família	11.500.000	84
2 México	Oportunidades	5.000.000	72
3 Colômbia	Familias en Accion	1.7000.000	39
4 Equador	Bono de Desarrollo Humano	1.200.000	100
5 Argentina	Plan Familias	454,000	27
6 Peru	Juntos	420,000	17
7 R. Dominicana	Solidaridad	400,000	46
8 Chile	Chile Solidario	221,000	47
9 Honduras	PRAF	170,000	17
10 Paraguai	Tekopora	100,000	13
11 El Salvador	Red Solidaria	80,000	12
12 Costa Rica	Superemonos	58,000	34
13 Panamá	Red de Oportunidades	55,000	27

Fonte: Adaptado do Banco Interamericano de Desenvolvimento (2009).

Os desafios são muitos. Somam-se à pobreza, os problemas sociais urbanos que nas grandes cidades latino-americanas revelam, pelos elevados índices de violência, submoradia, segregação socioespacial, desemprego, trânsito caótico, poluição, deficiência nos sistemas de saneamento e ineficácia dos serviços públicos. A urbanização acelerada a partir dos anos 1970 foi impulsionada, dentre outras causas, pela carência exacerbada nas áreas rurais e a concentração de investimentos nos espaços urbanos.

Nesse cenário de dificuldades, em que a população é muito maior que a capacidade da economia de absorver os que precisam de trabalho, surge a informalidade. Segundo Barbieri (2008), as atividades econômicas informais funcionam como alternativa para milhares de trabalhadores que não conseguem acessar o mercado de trabalho formal. Esse tipo de atividade causa problemas para o Estado que deixa de arrecadar impostos e para os próprios trabalhadores, uma vez que estes estão plenamente desprotegidos pela legislação social e trabalhista. Dentre essas atividades, destaca-se o comércio ambulante presente em todas as ruas e praças das cidades latino-americanas.

Diante do exposto, fica evidente que são múltiplas as diferenças que possibilitam a indicação de duas Américas. Apesar de ser possível reconhecer problemas semelhantes entre as duas, a intensidade dos mesmos é muito diferente, especialmente se olharmos essas duas regiões pelo viés da socioeconomia.



Atividade 4

1

Na sua opinião, por que as desigualdades sociais são tão grandes na América Latina?

2

Discuta pelo menos duas contradições que você identificou ao longo da aula nas Américas Anglo-saxônica e Latina.

Leitura complementar

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 50. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

Para compreender melhor as origens históricas que diferenciaram a América Anglo-saxônica da América Latina, você não pode deixar de ler o livro citado anteriormente. O livro traz um panorama completo do processo de colonização da América Latina e nos permite compreender as atuais dificuldades econômicas e o desrespeito à democracia e ao exercício da cidadania nessa região.

Resumo

Na aula que você concluiu, foram discutidos os processos de colonização que ocorreram no continente americano. Vimos como esses modelos de apropriação e ocupação das terras acabou por criar duas regiões bem distintas no continente. Aprendemos que entre a América Anglo-saxônica e a América Latina, as principais diferenças estão nos campos culturais e socioeconômicas. Vimos que mesmo a porção economicamente mais dinâmica desse continente enfrenta problemas sociais graves e que a América Latina é uma das regiões que apresentam as maiores desigualdades de acesso à renda e onde os índices de pobreza são alarmantes.

Autoavaliação

1

Tomando por base os temas abordados nesta aula e observando a realidade do país em que você vive, explique como a fragilidade da democracia impossibilita o desenvolvimento socioeconômico em uma nação.

2

Leia o artigo *O fim da pobreza hereditária*, publicado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, disponível em <<http://www.iadb.org/artigos/2009-09/portuguese/o-fim-da-pobreza-hereditaria-5557.html>> e escreva um texto discutindo a validade de se usar programas de transferência de renda para reduzir as desigualdades sociais. Para ajudá-lo a realizar essa atividade, observe a realidade das famílias inscritas no Bolsa Família em seu município. Faça entrevistas com essas famílias para saber o que mudou em suas vidas depois de sua inserção no programa.

Referências

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO – BID. **O fim da pobreza hereditária**. 2 set. 2009. Disponível em: <<http://www.iadb.org/artigos/2009-09/portuguese/o-fim-da-pobreza-hereditaria-5557.html>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

BARBIERI, Eloisa Cerdán Del Lama. **Enciclopédia do estudante**: geografia do mundo. São Paulo: Moderna, 2008.

FIORI, José Luis. **Estados Unidos, América do Sul e Brasil**: seis tópicos para uma discussão. In: DIPLOMACIA, ESTRATÉGIA E POLÍTICA - DEP. **Projeto Rael Prebisch**. Brasília: Projeto Rael Prebisch, n. 9, jan./mar. 2009.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 50. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

GARAVELLO, Tito Marcio; GARCIA, Helio Carlos. **Geografia**: O espaço geográfico da América, Oceania e regiões polares. São Paulo: Scipione, 2005.

MAYER, Marcos. **O Brasil no Mundo**: Parte III: blog. Disponível em: <http://marcusmayer.blogspot.com/2007_05_01_archive.html>. Acesso em: 25 abr. 2010.

MOREIRA, Igor. **Construindo o espaço mundial**. São Paulo: Ática, 2004.

VESENTINI, José William; VLACH, Vânia. **Geografia do mundo industrializado**. São Paulo: Ática, 2004.

Anotações

Anotações

As diversidades regionais na América do Sul

Aula

11



Apresentação

Rezado aluno, a aula passada foi dedicada a analisar as principais características que diferenciam o território, a sociedade e a economia nas Américas Anglo-saxônica e Latina. Agora vamos direcionar nosso olhar apenas sobre a América do Sul. Essa região da América, apesar de apresentar menor extensão que a parte norte do continente é formada por doze países e um território francês. No decorrer desta aula teremos a oportunidade de identificar as várias regiões que formam essa porção da América e conhecer suas principais características socioeconômicas e os desafios sociais, políticos e econômicos que essas nações enfrentam em seus territórios. Um excelente aprendizado!

Objetivos

- 1 Identificar as sub-regiões da América do Sul e suas características socioeconômicas.
- 2 Reconhecer a importância do Brasil no contexto sul-americano.
- 3 Discutir os principais problemas que marcam as sociedades sul-americanas.



América do Sul – unidade e diversidade

A porção sul do continente americano a qual denominamos América do Sul comporta em si uma admirável diversidade paisagística. Essa heterogeneidade de paisagens advém das riquezas naturais presentes na região, mas também resultam das múltiplas formas de interações sociais, políticas e culturais que as sociedades sul-americanas estabelecem entre si e com os territórios que ocupam. No texto a seguir, Pucheu e Branches revelam com propriedade esse mosaico que é a América do Sul.

Vista do céu, essa terra colossal é um triângulo mergulhado nas águas antárticas, cuja massa extraordinária – cerca de 84% da superfície – estende-se sob os trópicos, de um lado a outro da linha do Equador. [...]

A sinuosa Cordilheira dos Andes, que corre ao longo da costa do Pacífico, do 11º grau de latitude norte ao 55º de latitude sul numa montanha única do planeta, impõe uma estrutura meridiana do subcontinente. Desafiando a unidade, ela oferece, em compensação, os mais diversificados tipos de clima e vegetações, assim como suas culturas. [...] O grande Império Inca se estabeleceu justamente sobre o altiplano andino, onde os conquistadores espanhóis iriam fundar mais tarde três capitais – Bogotá, Quito e La Paz – a mais de 2.500 m de altitude!

A leste dessa muralha vertical, a horizontalizada predomina nas grandes planícies centrais que se estendem entre as divisas brasileira e guianesa e o planalto da Patagônia. O destaque nessas paisagens são os vastos espaços subpovoados e os rios extensos e caudalosos, as metrópoles concentradas no litoral brasileiro e no rio da Prata.

Enquanto nas serras andinas ainda predominam populações camponesas que falam quíchua e aimara, milhares de africanos foram levados como trabalhadores escravos pelos colonizadores para essa região. Os imigrantes europeus chegaram aos milhares no fim do século XIX e se estabeleceram nas terras do sul do Brasil, Argentina e Uruguai, assim como nas terras temperadas do Chile.

Fonte: Pucheu e Branches (2001, p. 7).

Essa mistura de povos caracteriza bem a sociedade mestiça da América do Sul. Enquanto países como o Peru, a Bolívia e Paraguai possuem população predominantemente de origem indígena, a Argentina e o Uruguai possuem a população mais branca da região. Certo mesmo é que a beleza e a diversidade de paisagens presentes no território sul-americano são o símbolo

maior dessa terra, cujas nações atuais carregam ainda hoje as consequências de três séculos de exploração intensiva dos seus recursos naturais e do seu povo.

Na aula passada, vimos que essa região americana integra a América Latina, pois a maior parte do seu território foi colonizada por povos de origem latina (espanhóis e portugueses, no caso do Brasil). Entretanto, existem aqui dois países que foram colônias de povos de origem anglo-saxônica. Você seria capaz de indicá-los?

Se você pensou no Suriname e na Guiana, está correto. O Suriname foi colonizado por holandeses e a Guiana por ingleses. Há também a Guiana Francesa que até hoje é território da França, entretanto os franceses também têm origem latina. Mas como é que em pleno domínio dos espanhóis e portugueses houve espaço para a presença de outros colonizadores na América do Sul?

A resposta é simples. Se você observar atentamente a localização geográfica desses três territórios, verá que os mesmos estão muito próximos da América Central Insular. Muitas ilhas do Caribe foram ocupadas por franceses, holandeses e ingleses, principalmente. Então, fica fácil entender que essa pequena porção sul-americana se tornou uma extensão da colonização que essas nações estabeleceram nas Antilhas e, algumas dessas ilhas permanecem até hoje como territórios de ultramar desses países, a exemplo das Ilhas Virgens Britânicas (Reino Unido), Guadalupe (França) e Aruba (Holanda). Observe a divisão político-territorial da região que estamos estudando.



Mapa 1 – Divisão Política da América do Sul

Fonte: Adaptado de Barbieri (2008, p. 53).

Mas vamos conhecer os aspectos que melhor identificam a América do Sul? Primeiro é necessário saber que as diferentes formas de regionalização utilizadas pelos colonizadores correspondem a um dos elementos que justificam a atual regionalização da América do Sul.

No início do século XIX, a América espanhola apresentava uma divisão político-administrativa cuja estrutura era organizada em vice-reinados e capitâncias gerais. Segundo Teixeira (1996), existia na América do Sul colonial espanhola, o Vice-Reinado de Nova Granada (atuais Colômbia, e partes dos territórios do Equador e Venezuela), o Vice-Reinado do Peru (Peru, Bolívia e partes dos atuais territórios do Equador e Chile), Vice-Reinado do Rio da Prata (Argentina, Uruguai e Paraguai).

As capitâncias gerais eram duas, a Capitania Geral da Venezuela e a Capitania Geral do Chile. De acordo com Doratioto (1994), situavam-se nos territórios que a Coroa ainda não havia incorporado totalmente, além de possuírem posição estratégica. Por apresentarem essas características, esses territórios eram administrados por capitães-gerais que exerciam principalmente função militar. Veja na Figura 1 a divisão político-administrativa da colonização espanhola na América do Sul.



Figura 1 – Vice-reinos e capitâncias gerais

Fonte: Pucheu e Branches (2001, p. 22).

Com relação à América Portuguesa, esta ocupou uma vasta extensão territorial do continente sul-americano e corresponde ao atual território do Brasil. Você deve recordar das aulas de Geografia do Brasil em que foi discutido o processo de expansão territorial brasileiro, não é verdade? Pois bem, tal processo teve início ainda no período colonial quando Portugal foi, aos poucos, avançando sobre áreas espanholas.

O resultado dessa fragmentação colonial deu origem na atualidade aos grandes conjuntos regionais da América do Sul: as Guianas, a América Andina, a América Platina e o Brasil. Além das origens históricas coloniais em comum, nessas regiões, o domínio das grandes paisagens

naturais também é considerado um elemento regionalizador e de integração, é o caso da Cordilheira dos Andes (na América Andina), a bacia do rio da Prata (na América Platina), o planalto das Guianas (nas Guianas) e o Brasil com sua diversidade de paisagens tropicais.



Mapa 2 – Divisão regional da América do Sul

Fonte: Adaptado de Barbiere (2008, p. 52).

Como você já sabe, esses são apenas critérios que facilitam a regionalização do espaço geográfico. Analisando detalhadamente cada uma dessas regiões é possível perceber que em seu interior os países que as compõem são marcados por contradições políticas, desigualdade sociais e econômicas, além do pluralismo étnico-cultural.

Pare um pouco para revisar o conteúdo abordado nesta primeira parte da aula. Conforme temos orientado, primeiro tente resolver as questões sem ajuda. Mas se for necessário volte ao texto para reforçar o aprendizado.



Atividade 1

1

Explique por que é possível afirmar que a América do Sul é um verdadeiro mosaico de paisagens naturais e socioculturais.

2

Mencione e explique os dois critérios que utilizamos para regionalizar a América do Sul.

3

Quais são os principais conjuntos regionais sul-americanos? Que países os constituem?

Os grandes conjuntos regionais sul-americanos

Você já sabe que a América do Sul pode ser regionalizada em quatro grandes conjuntos regionais. Pois bem, a partir de agora vamos conhecer melhor cada uma dessas regiões e suas peculiaridades sociais, econômicas, culturais e ambientais.

As Guianas

Como foi esclarecido anteriormente, a constituição do território dessa pequena parcela da América do Sul ocorreu de forma diferente do restante do subcontinente. Isso porque a colonização desses três espaços não foi realizada por espanhóis ou portugueses como o restante da América do Sul. Se analisarmos essa região com um pouco mais de atenção veremos que a mesma parece isolada do resto dos outros conjuntos regionais, não é mesmo? Mas a que se deve esse distanciamento?

Uma das explicações é justamente a colonização diferenciada. Língua e interesses diferentes aproximaram mais essa área da América do Norte Insular do que do resto da América do Sul. A consequência disso foi justamente a fragilidade das relações comerciais, políticas e culturais que praticamente inexistem até os dias de hoje.

Outro detalhe importante que diferencia essa região das demais é o fato de os dois países independentes só terem conquistado a autonomia político-administrativa depois da segunda metade do século XX. Se você recorda, as independências dos outros estados-nações sul-americanos ocorreram ainda no século XIX.

O território das Guianas faz fronteira ao sul e ao leste com o Brasil, a oeste com a Venezuela e ao norte está o oceano Atlântico. Conforme você já sabe, é constituído por dois países: Guiana e Suriname e a Guiana Francesa, território francês.

Se você observar o mapa físico da América do Sul na Aula 9, vai notar que a maior parte do território guianense situa-se em áreas planálticas e semimontanhosas do planalto das Guianas. Nessa região, as altitudes podem variar entre 2.000 e 3.000 m na fronteira com o Brasil. Outro elemento paisagístico característico do território das Guianas é a presença da Floresta Amazônica (ATLAS..., 2007).

As áreas planas estão concentradas na porção norte, principalmente próximo à faixa litorânea. É por isso que 90% da população da região se concentra próxima ao litoral onde se localizam as cidades mais importantes: Georgetown, capital da Guiana; Paramaribo, capital do Suriname; e Caiena, capital da Guiana Francesa (GEOGRÁFICA..., 2009).

A sociedade é marcada pela diversidade étnica e cultural. Nos três territórios houve a escravidão de africanos que eram trazidos para trabalhar nas plantações. Na Guiana, cerca de metade da população é descendente de indianos que chegaram no século XIX estimulados pela política de incentivo à migração de mão de obra barata da Ásia para a antiga colônia, por ocasião do fim da escravatura. Os descendentes europeus são minoria e em segundo lugar estão os negros (GEOGRÁFICA..., 2009).

No Suriname, a população é mais equilibrada, 35% são negros, 35%, descendentes de indianos e o restante da população constitui-se de chineses, japoneses, descendentes de europeus e minorias indígenas. Já na Guiana Francesa, a população é constituída por negros e mulatos e estima-se que um quarto dos seus habitantes são imigrantes ilegais (GEOGRÁFICA..., 2009).

Em janeiro de 2010 foi realizado, na Guiana Francesa, um referendo para saber se a população aceitava maior autonomia em relação à França. Como resultado, a população franco-guianense rejeitou o aumento da autonomia.



Figura 2 – Caiena, referendo popular sobre autonomia em relação à França

Fonte: <<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/martinica-e-guiana-francesa-votam-contra-autonomia-em-referendo-20100111.html>>. Acesso em: 1 maio 2010.

Seguindo as influências de sua origem asiática, os indo-guianenses seguem o islamismo e o hinduísmo. Os afro-guianenses, em sua maioria, são praticantes do cristianismo, sendo membros de denominações católicas e protestantes.

A economia das Guianas é tipicamente subdesenvolvida. Predominam na pauta de exportação a produção agropecuária, especialmente o café, cana de açúcar, arroz e a exportação de bauxita na Guiana; frutas tropicais, arroz e a exploração mineral de ouro, ferro, platina e manganês no Suriname; e na Guiana Francesa a economia tem por base a silvicultura, a pesca. A indústria é um setor ainda sem expressividade nessa parte da América.

Em comum, existem também entre os três integrantes desse conjunto regional conflitos étnicos protagonizados principalmente por descendentes negros e indianos e, intensificados pela pobreza advinda do fraco desempenho econômico e da má distribuição de renda. Além de problemas com tráfico de drogas e de seres humanos, especialmente, na Guiana Francesa. Você já deve ter acompanhado reportagens na imprensa brasileira tratando desse tema.



Atividade 2

1

Explique por que as Guianas ao longo de sua história não estreitaram os laços políticos e comerciais com os outros conjuntos regionais sul-americanos.

2

Caracterize as Guianas considerando os aspectos da população e econômicos.

1.

2.

América Andina

A denominação América Andina se dá pela presença da Cordilheira dos Andes em todos os países dessa região. Seis países compõem esse conjunto regional: Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela.

A sociedade andina desenvolve estreitas relações com os Andes e, dependendo do país, esse conjunto de montanhas desempenha papéis diferenciados, porém muito importantes que ajudam a explicar as relações socioterritoriais e econômicas na região. As montanhas andinas ditam o ritmo da vida e as atividades econômicas da população que vive nessa área. Na Figura 4, você pode visualizar as trilhas que a comunidade utiliza para o deslocamento, inclusive dos rebanhos de lhamas, animais típicos da região andina e muito importantes economicamente para as comunidades tradicionais locais.



Figura 3 – A relação homem e natureza nos Andes peruanos

Fonte: <<http://www.guiageo-americas.com/index.htm>>. **Acesso em:** 1 maio 2010.

Segundo Ordóñez (1990), em países como o Peru e o Equador, os Andes abrigam a população mais pobre constituída geralmente por camponeses indígenas e grupos guerrilheiros, no caso do Peru. Na Bolívia, três quartos da população vive nos Andes. No Chile, as mais importantes reservas de água e minas de cobre encontram-se na cordilheira. Na Colômbia, algumas das cidades mais importantes localizam-se nas montanhas andinas: Bogotá e Medellín. A Venezuela é o país em que a cordilheira tem menos importância, pois ocupa uma pequena porção ao sul desse país.

Etnograficamente, a população desses países resulta de uma intensa miscigenação. Predominam os indígenas e mestiços oriundos da mistura de europeus, principalmente espanhóis, com os habitantes originais, os ameríndios. A mistura desses povos e a manutenção das tradições indígenas conferem à América Andina uma riqueza e diversidade cultural imensurável.



Figura 4 – Etnia quíchua, Puca Pucara, região andina do Peru

Fonte: <<http://www.guiageo-americas.com/peru-fotos.htm>>. **Acesso em:** 1 maio 2010.

Com relação às atividades econômicas, o setor primário é de longe o mais importante, apesar de existirem alguns focos de industrialização baseada principalmente na produção de bens de consumo. Compare a economia dos países andinos no quadro a seguir. Nele estão as principais atividades econômicas de cada nação, na realidade, correspondem às suas maiores pautas de exportação.

País	Agropecuária principais cultivos/rebanhos	Extrativismo mineral/ vegetal/animal	Indústria
Bolívia	<ul style="list-style-type: none"> ▪ soja, café, arroz, batata, quínoa, milho, cana-de-açúcar e coca. ▪ lhamas, alpacas, ovelhas e bovinos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ estanho, antimônio, zinco, chumbo, ouro, prata, tungstênio, petróleo, gás natural e sal. ▪ madeira. 	têxtil, alimentícia, artesanal e refino mineral.
Chile	<ul style="list-style-type: none"> ▪ beterraba, trigo, batata, frutas, hortaliças. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ nitrato, iodo, carvão, ferro, manganês, ouro, prata, chumbo, mercúrio e, sobretudo, cobre. ▪ madeira. ▪ pesca. 	alimentícia, siderurgia, mecânica, química e petroquímica.
Colômbia	<ul style="list-style-type: none"> ▪ café, algodão, banana, cacau, flores, cana-de-açúcar, milho, arroz, coca e batata. ▪ bovino. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ ferro, ouro, níquel e petróleo. ▪ madeira. 	petroquímica, siderurgia, metalurgia, química, mecânica, têxtil e alimentícia.
Equador	<ul style="list-style-type: none"> ▪ banana, cana-de-açúcar, arroz, milho, cacau, café, soja, frutas, palmito, cevada, trigo, batata, brócolis, feijão, fava e quínoa e flores. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ petróleo, gás natural e ouro. 	alimentícia, têxtil e construção.
Peru	<ul style="list-style-type: none"> ▪ coca, trigo, milho, cana-de-açúcar, café. ▪ ovinos, bovinos e suínos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ petróleo, gás natural, prata, zinco, chumbo, ouro, cobre, ferro. ▪ madeira. ▪ pesca. 	têxtil, metalurgia, química e alimentícia.
Venezuela	<ul style="list-style-type: none"> ▪ café, cacau, cana-de-açúcar, milho, batata, batata doce, mandioca, gergelim, tomate, feijão, coco e banana. ▪ bovinos, equinos e caprinos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ petróleo, gás natural, ferro, ouro, diamante. ▪ madeira ▪ pesca 	petroquímica, construção, alimentícia, têxtil, siderurgia e automobilística.

Quadro 1 – Principais atividades econômicas da América Andina

Fonte: dados de Barbiere (2008).



A espacialização das atividades econômicas nos países andinos e das Guianas pode ser visualizada no mapa a seguir. Observe o mapa e compare-o com o quadro. Esse exercício o ajudará a apreender melhor esse conteúdo.



Mapa 3 – América Andina e Guianas: economias

Fonte: Vesentini e Vlach (2004, p. 133).

As nações andinas enfrentam graves problemas sociais. Além da pobreza generalizada em suas populações, algumas enfrentam conflitos internos promovidos, principalmente, pelo tráfico de drogas e a presença de grupos guerrilheiros como no caso do Peru, da Bolívia e da Colômbia. Tais problemas ajudam a criar uma situação de instabilidade e insegurança nessas nações e extrapolam suas fronteiras.

A existência de organizações guerrilheiras, grupos paramilitares e facções criminosas que controlam o tráfico de entorpecentes nessas nações é um dos motivos utilizados pelos Estados Unidos para ampliar sua presença nessa região. Vendo-se ameaçado em seu controle sobre a América do Sul e em especial sobre a região mais rica do planeta, a Amazônia e, por ser o maior consumidor das drogas produzidas nesses países, os Estados Unidos criou o Plano Colômbia.

O Plano Colômbia consiste em uma colaboração militar entre os dois países. O objetivo é organizar ofensivas militares contra, especialmente, as Forças Revolucionárias da Colômbia - FARC, além da instalação de bases militares em território nacional. Essa aproximação que permitiu trânsito livre aos estadunidenses nessa área do território sul-americano criou um descontentamento de países da região como a Venezuela.



Atividade 3

1

Observando o Quadro 1 e o Mapa 3, mencione os países andinos mais industrializados.

2

Entre os produtos de exploração mineral da Bolívia está o sal. Pesquise para saber como é feita a exploração desse produto, se a Bolívia é um país sem litoral.

3

No Chile, a exploração de nitrato é feito nos grandes depósitos de guano. Descubra o que é o guano e qual sua aplicação nas atividades econômicas.

América Platina

Formado pela Argentina, Paraguai e Uruguai, esse conjunto regional é assim denominado porque em seu território está uma das bacias mais importantes da América, a do rio da Prata. Além disso, essas nações possuem uma história em comum, pois ambos faziam parte da mesma unidade administrativa, o Vice-Reinado do Prata.

Entre todos os conjuntos regionais sul-americanos, esse foi o que mais estreitou relações com o Brasil. A aproximação dessas duas regiões se deu desde o período colonial, estando baseada no comércio e em acordos militares. Nesse último caso, no final do século XIX, o Brasil

juntou-se ao Uruguai e a Argentina contra o Paraguai numa guerra que arrasou a economia desse país, reduziu significativamente sua população, reduziu seu território em suas melhores terras e condenou a nação ao grupo dos países mais pobres do mundo.

A população dessa parte da América tem predomínio de brancos na Argentina e Uruguai e de mestiços e indígenas no Paraguai. A ocupação dessa área só foi intensificada a partir do século XIX. Você tem ideia por que a ocupação da região do Prata ocorreu tardiamente? Pense em quais eram os produtos mais cobiçados pelos europeus em solo americano. Justamente os metais preciosos e os produtos tropicais, não é mesmo?

Pois bem, o predomínio das paisagens temperadas, inviabilizava a lucrativa produção de produtos agrícolas tropicais. Dessa forma, os colonizadores europeus esperavam encontrar minas de prata na região, mas não localizaram grandes riquezas minerais na área.

Então no século XIX, quando a Europa em plena Revolução Industrial, precisando de matérias-primas para alimentar suas indústrias e de alimento para nutrir a grande quantidade de habitantes que, a essa altura, já havia trocado o campo pelas cidades, é que os espanhóis aceleraram a ocupação das áreas no entorno do estuário do rio, especialmente para a produção do trigo. O resultado é que as maiores concentrações demográficas da América Platina estão aí localizadas, a exemplo de Buenos Aires e Montevidéu.

A ocupação das áreas interioranas foi feita bem depois e muito lentamente, na medida em que os colonos iam adentrando a região pelos rios formadores da referida bacia fluvial. Agora pense um pouco e responda: Será que esse padrão de ocupação do território explica a predominância de indígenas na população paraguaia?

A resposta é sim. À medida que avançava a colonização, as comunidades autóctones iam sendo dizimadas ou forçadas a se interiorizar, expulsas, como você já sabe. Veja que o Paraguai localiza-se em uma área mais afastada do estuário. De alguma maneira os indígenas foram se refugiando nessas terras, vindos não apenas do baixo Prata, mas fugindo da ocupação do sul do Brasil também.

Do mesmo modo, na população argentina e uruguaia não há presença marcante de negros, isso se deve também ao fato de já nas primeiras décadas do século XIX a Inglaterra se posicionar contra o tráfico negreiro. Os motivos você já conhece, não é mesmo? A intenção de formar no mundo todo um mercado consumidor mundial para a produção industrial europeia. Observe que a ocupação da América Platina ocorreu de forma bem diferente das demais regiões do subcontinente.

Sob os aspectos econômicos cada país tem sua peculiaridade, o Uruguai experimentou um crescimento econômico importante no fim do século XIX, baseado na produção ovina, exportação de lã e de carnes, e no setor industrial, tornando-se a uma “ilha de prosperidade” em plena América Latina. Porém, em 1960, o preço desses produtos caiu no mercado internacional e o governo contraiu enorme dívida externa. Hoje, tem como base econômica a pecuária extensiva de corte com a criação de bovinos e ovinos. Observe a posição dos países platinos no ranking mundial das exportações de carne.

Exportações Mundiais de Carne Bovina (em milhares de toneladas)						
Países	2005	2006	2007	2008	2009 (p)	2010 (e)
Brasil	1.845	2.084	2.189	1.801	1.555	1.870
Austrália	1.388	1.430	1.400	1.407	1.390	1.350
EUA	316	519	650	856	785	837
Índia	617	681	678	672	675	700
Nova Zelândia	577	530	496	533	525	517
Canadá	596	477	457	494	475	490
Argentina	754	552	534	422	560	390
Uruguai	417	460	385	361	310	360
Paraguai	193	240	206	233	210	230
União Europeia (27)	253	218	140	203	160	160
Nicarágua	59	68	83	89	90	95
Outros	300	244	353	419	375	207
Total	7.315	7.503	7.571	7.490	7.110	7.206

Quadro 2 – Posição dos países platinos no ranking de exportação de carne

Fonte: USDA; (p) preliminar; (e) estimado. Disponível em: <<http://www.mzweb.com.br/marfrig/web/images/Marfrig>>. Acesso em: 2 maio 2010.

O Paraguai é o país mais pobre da América Platina. Conforme você pode ver no Mapa 4, sua industrialização é frágil e, por isso, esse país importa quase tudo o que precisa de outras regiões. Cerca de 43% da população vive no campo. A base econômica do país é a agricultura comercial e o produto principal é a soja. É possível afirmar que devido à entrada de brasileiros no país, o Paraguai tornou-se um exportador de soja e as parcerias com Brasil e Argentina na construção das usinas Itaipu e Lacreterá, respectivamente, também o permitiu ser um exportador de energia elétrica (Geográfica: Atlas Mundial Ilustré, 2009).

Já a Argentina possui forte e diversificada base industrial. As atividades agropecuárias ocupam posição de destaque na economia do país, tendo maior relevância a criação de ovinos, bovinos e cultivos irrigados. Merece destaque também a exportação de vinho e produtos como cana e algodão. A Argentina tem uma importante indústria de exploração de petróleo e gás. Observe as principais atividades econômicas da região platina e sua relação com o território.



Mapa 4 – América Platina: economia

Fonte: Adaptado de Vesentini e Vlach (2004, p. 147).

Você percebeu que, no entorno do estuário do Prata, o cultivo de grãos permanece, predominando assim como era no período colonial? Percebeu também como é forte a pecuária na Argentina e no Uruguai? Pois é, mesmo apresentando um parque industrial diversificado, a agropecuária é muito forte nessa região. As trocas comerciais com o Brasil foram intensificadas a partir da criação do Mercosul em 1991. Entretanto, a principal pauta de exportação desses países para o Brasil continua sendo produtos do setor primário. Já o Brasil exporta para a América Platina principalmente produtos industrializados.

Aqui também encontramos outro ponto de tensão. Você saberia identificar qual é ele? Certamente que sim, não é verdade? Trata-se da região de fronteira entre o Paraguai, a Argentina e o Brasil a denominada “tríplice fronteira”. Os problemas registrados nessa área são, principalmente, o contrabando de mercadorias, de drogas e violência. Frequentemente os meios de comunicação exibem reportagens sobre a problemática da falta de segurança, fiscalização e controle que caracterizam essa região como a mais perigosa da América Platina.



Atividade 4

1

Discuta o contexto histórico de ocupação da América Platina e compare-o com a realidade socioeconômica dessa região na atualidade.

2

Analise a inserção dos três países platinos no mercado mundial considerando suas bases produtivas mais importantes.

O Brasil e a América do Sul

O Brasil é considerado um país diferenciado no contexto da América do Sul. Esse tratamento especial se deve ao fato de sua colonização ter sido realizada por portugueses, conforme você já sabe, mas também por ser o país mais dinâmico do ponto de vista econômico. Outro aspecto que coloca o nosso país em posição de destaque é a atitude diplomática que este assume frente aos conflitos e tensões que envolvem os países sul-americanos.

Um exemplo disso ocorreu em 2008, quando a Colômbia, durante uma ofensiva contra as Forças Revolucionárias da Colômbia (FARC), invadiu o território do Equador. O incidente gerou uma crise diplomática entre os dois países e acabou por envolver a Venezuela em uma ameaça de conflito armado. Nesse caso, o Brasil intermediou as negociações utilizando meios diplomáticos. Esse é apenas um dos exemplos de intervenção pacífica por parte do governo brasileiro. Essa é a postura da política externa do nosso país que o tem feito conquistar a confiança internacional.

A força econômica que nosso país assumiu ao longo das últimas décadas o colocou entre o grupo de países emergentes. O Produto Interno Bruto brasileiro é o maior da América Latina. O país é considerado a “potência econômica” da América do Sul. Sua economia é a mais diversificada, sendo a nação mais industrializada desse subcontinente. As principais indústrias englobam a produção alimentícia e têxtil; o refino de minerais e sua transformação (petroquímica, automobilística, aeronáutica, estaleiros, aço e alumínio); e a eletrônica (BARBIERI, 2008).

O setor agropecuário brasileiro é um dos mais produtivos do mundo, destacando-se a agricultura comercial da cana-de-açúcar, do café e da soja, além das frutas. Na pecuária, nosso país tem grandes rebanhos de bovinos, ovinos, suíños e aves e coloca-se no mercado internacional como importante exportador de carne, conforme você pode ver no Quadro 2.

Os minérios também ocupam patamar de destaque entre as exportações brasileiras. São grandes as reservas de ferro e manganês, importantes fontes de matérias-primas industriais e receitas de exportação. No Brasil, existem importantes depósitos de níquel, estanho, cromita, urânio, bauxita, berílio, cobre, chumbo, tungstênio, zinco, ouro, petróleo e gás natural, dentre outros (BARBIERI, 2008).

Nos últimos anos, o país tem se destacado na produção do petróleo. Em 2003, a descoberta de importantes bacias de exploração desse hidrocarboneto estabeleceu um novo período da atividade petrolífera no Brasil. A capacidade de produção de petróleo passou a suprir mais de 90% da demanda por essa fonte de energia e seus derivados no país. Em 2006, esse volume de produção atingiu patamares ainda mais elevados e conseguiu superar, pela primeira vez, o valor da demanda total da nossa economia. Nesse período o Brasil declarou-se autossuficiente (Petrobrás, 2006).

A partir de 2005, o Brasil desponta no cenário mundial como protagonista no desenvolvimento de biocombustíveis, em especial, do etanol obtido da cana-de-açúcar, além de se ter descoberto enormes jazidas de petróleo, no pré-sal. Sobre esse tema, Sousa (2010, p. 1) afirma:

A descoberta do pré-sal ainda instiga várias indagações que somente serão respondidas na medida em que esse novo campo de exploração for devidamente conhecido. Até lá, espera-se que o governo brasileiro tenha condições de traçar as políticas que definam a exploração dessa nova fonte de energia. Enquanto isso, são várias as especulações sobre como a exploração da camada pré-sal poderá modificar a economia e a sociedade brasileira.

O Brasil tem hoje forte influência internacional, seja em âmbito regional ou global. Fato é que o Brasil tem despontado economicamente, espera-se que esse desenvolvimento chegue até a população com o mínimo de igualdade.

A desigualdade social é uma marca perversa em nossa sociedade. Esse aspecto nos coloca lado a lado com os nossos vizinhos sul-americanos. A enorme riqueza produzida no Brasil fica retida nas mãos de pequenos seguimentos da sociedade. A exclusão de milhares de brasileiros nas áreas rurais e nos centros urbanos constitui um problema grave, apesar dos avanços registrados pelo aumento da expectativa de vida e do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), classificado como médio. Observe no Quadro 3 a posição dos países sul-americanos no ranking mundial de IDH, publicado pela ONU em 2009, com base nos dados referentes a 2007.

Ranking	País	IDH elevado (0,900 > IDH >= 0,800)
44º	Chile	0,878
49º	Argentina	0,866
50º	Uruguai	0,865
58º	Venezuela	0,844
75º	Brasil	0,813
77º	Colômbia	0,807
78º	Peru	0,806
80º	Equador	0,806
		IDH Médio 0,800 > IDH > = 0,500)
97º	Suriname	0,769
101º	Paraguai	0,761
113º	Bolívia	0,729
114º	Guiana	0,729

Quadro 3 – Países sul-americanos - IDH

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do PNUD (2009).

A população mais carente encontra dificuldades para conseguir trabalho e os serviços essenciais ao exercício pleno da cidadania: saúde e educação de qualidade, segurança e moradia digna são grandes desafios que o Brasil ainda tem que resolver. Reflita um pouco sobre o conteúdo da figura a seguir. Por que será que o IDH elevado do nosso país não reflete plenamente a realidade da maior parte da nossa população?



Figura 5 – Contradições da sociedade brasileira

Fonte: Myrris. Disponível em: <http://www.ops.com.br/noticias/fotos/FT_20091005_021700.jpg>. Acesso em: 3 maio 2010.

Com tudo isso, o pa韘 ganha a cada dia mais visibilidade na geopol韗ica internacional. A pos韗ao brasileira a respeito dos grandes temas e desafios da geoeconomia e da geopol韗ica mundiais ´e ouvida e respeitada pelas maiores pot阯cias do globo. O Brasil assumiu a fun玢o de porta-voz dos pa韘es em desenvolvimento e, nesse cen醨io de fragmenta玢o do poder mundial, o pa韘 emerge como uma refer阯cia entre as na莽oes mais poderosas do mundo e assume um modelo de pol韗ica externa que o aproxima de todos os pa韘es, em todos os continentes.



Atividade 5

Mencione os principais aspectos que diferenciam o Brasil dos demais pa韘es da Am閞ica do Sul.

Resumo

Nesta aula, conhecemos a principal forma de regionalização da América do Sul. Vimos os conjuntos regionais: Guianas, América Andina, América Platina e Brasil. Esses conjuntos foram assim agrupados com bases nos critérios históricos de formação territorial e nos aspectos paisagísticos naturais que caracteriza cada um deles. Aprendemos que a base econômica da América do Sul é o setor primário, destacando-se o Brasil como país mais industrializado. Vimos também que existem zonas de conflitos na América Andina, nas Guianas e na fronteira do Brasil com o Paraguai. Discutimos que a pobreza da maior parte da população sul-americana é um dos principais desafios a ser superado em todos os países, mesmo naqueles cujo IDH é elevado. Destacamos também a importância do Brasil, grande potência econômica dessa região, e como ele está ampliando a sua influência no cenário geopolítico e geoeconômico internacional.

Autoavaliação

1

Escreva um breve texto sobre os principais desafios que o Brasil deve superar para que sejam reduzidas as disparidades sociais e para que as riquezas geradas no país sejam capazes de melhorar as condições de vida dos milhares de brasileiros que vivem na linha da pobreza ou abaixo dela.

2

O Brasil está enfrentando uma onda de violência urbana sem precedentes e, segundo os especialistas, em parte, essa violência está ligada ao narcotráfico, principalmente o colombiano. Com base em seus conhecimentos sobre a realidade das cidades brasileiras, especialmente as metrópoles, explique de que maneira acontece essa relação entre criminalidade urbana e o tráfico de drogas da Colômbia.

3

Em sua cidade há problemas de violência gerada pelo consumo de drogas? Explique de que forma isso acontece e mencione as principais consequências para o seu município.

Referências

- BARBIERI, Eloisa Cerdán Del Lama. **Enciclopédia do estudante**: geografia do mundo. São Paulo: Moderna, 2008.
- DORITIATO, Francisco. **Espaços Nacionais na América Latina**: da utopia bolivariana à fragmentação. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- EL ATLAS de Le Monde Diplomatique. Madri: Ediciones Cybermonde S.L, 2007.
- GARAVELLO, Tito Marcio; GARCIA, Helio Carlos. **Geografia**: o espaço geográfico da América, Oceania e regiões polares. São Paulo: Scipione, 2005.
- GEOGRAPHICA: Atlas Mondial Illustré. Paris: Ullmann, 2009.
- LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lzaro; MENDONÇA, Claudio. **Geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- ORDOÑEZ, Marlene. **As Américas**. São Paulo: IBEP, 1990.
- ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento – PNUD. **Ranking do IDH**. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=3324&lay=pde>. Acesso em: 2 maio 2010.
- PETROBRÁS. **Autossuficiência sustentável**. Disponível em: <<http://www.mzweb.com.br/marfrig/web/images/Marfrig>>. Acesso em: 2 maio 2010.
- PUCHEU, Alberto; BRANCHES, Simone. **América do sul**. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 2001.
- SOUZA, Rainer. **História do petróleo no Brasil**. Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/brasil/historia-do-petroleo-no-brasil.htm>>. Acesso em: 2 maio 2010.
- TEIXEIRA, Francisco. M. P. **As guerras de independência da América Latina**. São Paulo: Ática, 1996.
- VESENTINI, José William; VLACH, Vânia. **Geografia do mundo industrializado**. São Paulo: Ática, 2004.

Anotações

Anotações

Economia global e a criação de blocos econômicos no continente americano

Aula

12



Apresentação

No decorrer das últimas três aulas falamos sobre a América e sua pluralidade territorial discutindo sobre vários assuntos concernentes ao continente. Nesta última aula, vamos aprofundar os conhecimentos a respeito da formação dos blocos regionais econômicos na América. Será abordado o contexto histórico em que se estruturou ao longo do tempo a base de formação desses blocos ainda nas primeiras tentativas de integração regional da América Latina. Veremos como, na atualidade, esses conjuntos econômicos americanos se aproximam uns dos outros, além de verificarmos suas inserções no cenário geoeconômico global.

Objetivos

- 1 Reconhecer como a globalização influenciou a instalação de blocos econômicos no continente americano.
- 2 Identificar o contexto histórico e geográfico em que aconteceram as primeiras tentativas de integração dos países latinos.
- 3 Entender como acontecem as relações entre esses blocos econômicos no interior da América e no cenário mundial.



Economia global e formação dos blocos econômicos americanos

Você já sabe que após o fim da “Guerra Fria” (1991), a economia no mundo sofreu grandes transformações. Nesse cenário, termos como globalização, mundialização e internacionalização passaram a ser conhecidos e utilizados em todo o globo para explicar a dinâmica assumida pelo sistema econômico mundial a partir de então.

Conforme vimos em aulas anteriores, uma das principais causas dessas transformações foi a passagem do meio técnico-científico aprimorado com o acréscimo da informação a esse contexto fazendo surgir o meio técnico-científico-informacional.

Dessa forma, a técnica, a ciência e a informação passaram a ser “melhor distribuídas” no espaço geográfico em consequência da compressão “tempo-espacó” defendida por Harvey (2003). Entretanto, Lucci, Branco e Mendonça (2006) chamam atenção para o fato de que o domínio da técnica e da informação é irregularmente distribuído no território mundial. Esse assunto também já foi discutido por nós em aulas anteriores.

Mas como você já sabe, a grande contribuição da expansão do meio técnico-científico-informacional foi a flexibilização das trocas econômicas e dos investimentos financeiros mundiais, que agora acontecem em tempo real. Outro aspecto fundamental nesse processo foi a formação e integração real dos diversos mercados regionais ou blocos econômicos à economia global.

Com o avanço da globalização econômica, financeira e comercial, a temática prioritária no campo empresarial passou a ser a competitividade. Nesse caminho, a necessidade de se impor em um mercado sem fronteiras fez com que as economias substituíssem o trabalho humano desqualificado pela eficiência e perfeição da alta tecnologia, muitas vezes gerando desemprego ou realocando trabalhadores para funções menos nobres.



Figura 1 – Charge representando os desafios da inserção da América Latina na economia global

Fonte: Fito. <http://www.notapositiva.com/trab_estudantes/trab_estudantes/filosofia/filosofia_trabalhos/compreendglobaliz3.jpg>. Acesso em: 6 maio 2010.

Nesse processo a economia global passou a ser um mosaico de sistemas de produção e os blocos de países da América se inseriram nessa lógica. Justificando essa tendência, Albuquerque (2010, p. 1) explica que:

No estabelecimento de políticas de aproximação, o comércio é o carro chefe, pois através dele passa a ser possível uma integração dos demais temas como pessoas, bens e serviços, e o que significava uma pequena relação de interesses transforma-se em um gigantesco conglomerado de estados e empresas. Cada país sai em busca do **seu igual** para poder criar parcerias promissoras, e a partir destas parcerias surgem os hoje conhecidos **blocos econômicos**, em que alguns se destacam mais que outros em razão de número de países, do volume de negociações que os envolvem e, em pouco tempo, se transformam em alavancas mundiais, globais. Podemos trazer como exemplos mais conhecidos desta nova realidade o NAFTA, a UNIÃO EUROPEIA, a ALCA, a COMUNIDADE ANDINA, a ALADI e o MERCOSUL.

Portanto, é possível afirmar que a globalização intensificou as disputas comerciais entre as regiões do globo e, por essa razão, os países começaram a fazer alianças para fortalecer sua economia e a economia das regiões onde estão inseridos. Esse processo foi acelerado e amplamente defendido no contexto do modelo de sistema político e econômico que caracterizou as estratégias de globalização econômica a partir dos anos 1980, o neoliberalismo.

Para Esteves (2008, p. 197):

No que se refere ao modelo de integração neoliberal, apesar de todo o discurso a favor, principalmente dos teóricos vindos dos países desenvolvidos, o fenômeno da globalização, sobretudo nas duas últimas décadas, vem se apresentando cada dia mais incapaz de dar conta das demandas provenientes dos países em desenvolvimento. Isto se deve ao fato de que grande parte dos “benefícios” da globalização se mostraram ineficazes aos países em desenvolvimento. Em relação ao comércio internacional e a Organização Mundial do Comércio (OMC), a noção neoliberal de que o comércio sem barreiras beneficiaria todos os países, estimulando a especialização e a eficiência, reduzindo custos e aumentando a riqueza global, sofreu uma grande derrota.

De acordo com Mariano e Mariano (2005, p.136), “a globalização está provocando uma alteração nos Estados, na qual os limites entre o doméstico e o internacional tornam-se menos nítidos devido ao crescimento das redes mundiais de interdependência”.

Held (1991) aponta outra mudança nesse cenário global que o sistema econômico impôs aos países. Segundo o referido autor, a atual “ordem internacional caracteriza-se ao mesmo tempo pela persistência do sistema de Estados soberanos e pelo desenvolvimento de estruturas plurais de autoridade”. Isso quer dizer que a constituição de espaços de integração entre conjuntos de países não elimina a diversidade política, social, econômica que caracteriza cada estado-nação, porém o surgimento de blocos econômicos amplia as estruturas de poder no cenário mundial.

Mas como isso aconteceu no continente americano? Será que desde o início as tentativas de integração regional na América tinham como motivação questões puramente econômicas? Como, historicamente, ocorreram as alianças regionais na América? É o que vamos esclarecer a partir de agora.



Atividade 1

1

Explique como o processo de globalização da economia favoreceu a formação de blocos econômicos regionais?

2

Discuta como o avanço tecnológico nos campos da comunicação e do transporte favorece a integração comercial dos países de uma mesma região ao espaço geográfico mundial.

Tentativas de integração regional na América

As primeiras tentativas de integração regional na América se deram sob a óptica de alianças que buscavam a segurança mútua. Veja que essas experiências não tinham a preocupação em integrar economicamente os países envolvidos, mas visavam prioritariamente a proteção de seus territórios de possíveis invasões estrangeiras.

Observe o Quadro 1, ele sintetiza alguns dos diferentes momentos em que os países formaram seus primeiros modelos de regionalização.



San Martin

Líder revolucionário que comandou a luta pela Independência da Argentina, Chile e Peru.

Tentativas de alianças	Período	Objetivo/intenções
Diretório Chileno	1810	Integração dos povos do Pacífico para fins de garantia da segurança mútua.
Tratado da Amizade	1811	Aliança de segurança mútua assinado entre a então Caracas e Cundinamarca (atuais Venezuela e Colômbia).
José de San Martín	1818	Sugere a ideia de construção de União entre Chile, Argentina e Peru para segurança.
Confederação Hispanoamericana	1822	Proposta da Espanha para a criação de uma confederação dos Estados hispano-americanos, objetivando restabelecer a influência espanhola perdida sobre as ex-colônias na América.
Congresso do Panamá	1826	Idealizado por Simon Bolívar, propunha a unidade política das nações sul-americanas.
I Conferência Pan-Americana	1889/1890	Acordo assinado em Washington para a criação de uma união alfandegária. Proposta pelos Estados Unidos para firmar tratados comerciais bilaterais de reciprocidade parcial.

Quadro 1 – Experiências de integração regional na América do século XIX

Fonte: dados de Vigevani (2005).

Você deve se recordar que a maior parte das nações americanas, especialmente as latinas, conquistou a independência ainda no século XIX. Observe que as primeiras tentativas de promoção de integração dessas nações foram centradas em estratégias de defesa comum. Isso, se deve exatamente ao fato desses países se encontrarem em uma condição de insegurança, uma vez que a maioria das independências foram conquistadas por meio de lutas armadas contra a Metrópole. Compare as datas em que esses acordos e tratados foram estabelecidos com as datas de independência dos países do continente americano (ver mapa político da América na Aula 9). Observe que tais acordos foram firmados no período que se sucedeu à independência dessas nações.

Entretanto, essas primeiras aproximações abriram caminho para que diante das modificações ocorridas na economia mundial durante o século XX, a integração americana passasse a objetivar acordos que favorecessem o fortalecimento econômico. Observe no próximo quadro como mudou o perfil dos acordos e tratados de integração regional propostos no continente americano a partir do século XX.

Tentativas de alianças	Período	Objetivo/intenções
Pacto de União Centro-Americano	1921	Acordo firmado para a promoção de um espaço de união alfandegária entre os países da América Central.
I Conferência Econômica da Bacia do Prata	1941	São aprovados acordos regionais comerciais entre Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai e Uruguai. Pela primeira vez falou-se em proposta de favorecimento de união alfandegária entre os países membros.
Conferência do Rio de Janeiro e de Bogotá, respectivamente	1947/1948	Foi assinado, respectivamente, o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar) e a criação da Organização dos Estados Americanos (OEA).
Conferência Econômica Grã-Colombiana	1948	Colômbia, Equador, Panamá e Venezuela assinaram convênio para o estabelecimento de uma união econômica e alfandegária.
I Tratado de Montevidéu	1960	Criação da Área de Livre Comércio da América Latina e Caribe - Alalc. Projeto que previa a integração sub-regional e de toda a América Latina.
Pacto Andino	1969	Bloco econômico instituído em 1969 pelo Acordo de Cartagena. Criado com o objetivo de aumentar a integração comercial, política e econômica entre os países andinos. É formado por: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela.
O Mercado Comum e Comunidade do Caribe (Caricom)	1973	Bloco de cooperação econômica e política formado 12 países e quatro territórios da América Central Insular mais a Guiana e o Suriname
II Tratado de Montevidéu	1980	Cria a Associação Latino-América de Integração – ALADI que substituiu a Alalc. Países membros: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.
MERCOSUL - Mercado Comum do Sul	1991	Com o objetivo de reduzir ou eliminar impostos, proibições e restrições entre seus produtos.
NAFTA (<i>North American Free Trade Area</i>)	1994	Bloco econômico formado pelos países: Estados Unidos, Canadá e México.
Área de Livre Comércio das Américas - ALCA	1990	Proposta de integração econômica entre trinta e quatro países da América, excetuando Cuba.

Quadro 2 – Experiências de integração regional na América do século XX

Fonte: dados de Vigevani (2005).

É perceptível a mudança no significado da integração entre os países americanos, não é verdade? Os diversos acordos regionais tinham como objetivo comum o estabelecimento de ligações estritamente baseadas no plano econômico. Observe também que o maior número de projetos de integração ocorreu no espaço territorial da América Latina. Isso se explica pelo fato de que essa região concentra o maior número de nações, mas também porque aqui, os países possuem forte semelhança econômica. Portanto, seria necessário somar esforços para ampliar o mercado consumidor de seus sistemas produtivos na própria região.



Atividade 2

- 1** Analise o contexto histórico-geográfico em que ocorreram as primeiras tentativas de integração regional no continente americano.

- 2** Existem pelo menos três níveis ou campos de integração regional: o econômico, o social e o físico, visando o desenvolvimento regional. Mencione as principais diferenças entre esses campos de integração.

Perspectivas da integração regional no continente americano

Segundo Malamud (2004), as tentativas de integração regional na América Latina têm uma longa história, entretanto, não foram bem-sucedidas, pelo menos até a década de 1990. Para o referido autor, a última década do século XX constitui um marco na trajetória do projeto de integração continental. Isso porque, nesse momento histórico e geográfico, aconteceu “a criação de um bloco regional (o Mercosul) e o relançamento de outros dois (a Comunidade Andina de Nações e o Mercado Comum Centro-Americano) permitiram entrever uma nova tendência” (MALAMUD, 2004, p. 135).

A nova tendência de integração defendida por Malamud é explicada pelo fato de que a partir do final dos anos 1980 a proposta de integração regional americana assumiu o formato de uma zona de livre comércio. Mas é preciso esclarecer qual era o modelo de integração que antecedeu a esse, não é mesmo?

Pois bem, segundo Esteves (2008, p. 1993),

nos últimos 60 anos a América Latina viveu dois momentos a oportunidades de pôr fim ao ciclo histórico que fez da região uma das mais desiguais do mundo. Nestas duas oportunidades a integração regional foi vista como forma de levar o desenvolvimento econômico a um grupo de países que apresenta uma série de assimetrias econômicas, políticas e sociais. No fim da década de 1950, sob inspiração da CEPAL, a integração regional era pensada sob o formato de um mercado comum. Já no fim dos anos 1980 o projeto integracionista assumiu o formato de uma zona de livre comércio. Observamos nestes dois projetos não somente uma mudança de paradigma, mas também diversos pontos de convergência entre as duas propostas.

Seguindo essa tendência, você lembra que a proposta liderada pelos Estados Unidos para a integração econômica do continente, a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) foi lançada exatamente em 1990? Pois bem, tanto a ALCA quanto a proposta de Integração da América do Sul, através da criação da Comunidade Sul-Americana de Nações (CSN), propõem o estabelecimento de zonas de livre comércio entre os países do continente.



Figura 2 – Charge ironizando a proposta norte-americana de integração regional da América

Fonte: <www.grupoescolar.com/matera/alca.html>. Acesso em: 5 maio 2010.

Veja que a integração do continente americano é orientada prioritariamente no plano econômico. É aqui que reside a convergência entre as ideias de integração defendida na América nos anos 1950 e a partir dos anos 1980. Mas é importante sabermos que mesmo quando essa integração se dá estritamente no plano econômico, ela pode assumir múltiplos significados. Para Ciccolella (1994), no nível econômico, os projetos de integração regional podem se dar através da unificação de sistemas financeiros, sistemas de preços, monetário, financeiro, tecnológico, dentre outros.

Entretanto, existem outros níveis pelos quais os países de uma região podem conduzir um processo de integração que pode acontecer no campo social ou no campo físico de desenvolvimento regional. Sobre essa temática, Ciccolella (1994) explica que ao avançar no campo social uma proposta de integração prioriza o tratamento igual de problemas como a migração, o mercado de trabalho, os níveis salariais no âmbito dos países membros.

Já a integração física visando o desenvolvimento regional, a infraestrutura é ponto central. Nesse campo, são projetados e executados em conjunto, grandes projetos energéticos, de navegação fluvial, de transportes terrestres, de interconexão dos sistemas rodoviários, ferroviários, aeroviários, dentre outros.

Nesse último modelo de integração pode ser citado aqui no continente americano o Projeto Mesoamérica. O texto a seguir esclarece as bases do projeto de integração regional que está sendo proposto para a América Central que envolve a Colômbia (América do Sul) e México (América do Norte).

Avanços na América Central

Os esforços de cooperação e integração entre os países da América Central, a Colômbia e o México estão começando a dar frutos na forma de grandes projetos de infraestrutura e programas de desenvolvimento social voltados a melhorar a qualidade de vida.

A iniciativa de integração regional conhecida como Proyecto Mesoamérica está ganhando impulso. A proposta é criar uma estratégia de transporte multimodal para melhorar a competitividade da região. Também está em andamento a segunda fase do projeto Trânsito Internacional de Mercadorias, que implantará um sistema alfandegário unificado nas fronteiras de todos os países da América Central, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O projeto inclui nove países membros (Belize, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua e Panamá). A ideia é centrar os esforços na integração regional nas áreas de transporte, energia, comunicações, saúde e prevenção de desastres naturais.

Uma das principais iniciativas do Proyecto Mesoamérica é a melhoria do Corredor do Pacífico, uma estrada de 3.200 quilômetros de extensão que vai do Panamá até a cidade de Puebla, no México, e é a principal ligação logística e de transporte para a integração e o comércio e a implantação do sistema de integração alfandegária que está sendo financiado pelo BID.

Outro componente crucial desse projeto é o Sistema de Interconexão Elétrica para os Países da América Central (SIEPAC), uma rede de 1.800 quilômetros de linhas de transmissão que se estende da Colômbia ao México e está quase pronta.

Fonte: Adaptado de BID (2009, p. 1).

Os blocos econômicos americanos no contexto da economia global

A integração regional, mesmo com todas as suas limitações, é um mecanismo que corretamente aplicado, pode contribuir com o fim das disparidades existentes entre os países latino-americanos (ESTEVES, 2008, p.198).

No continente americano, várias são as iniciativas de integração regional que já se encontram em funcionamento ou em negociação. Você já deve conhecer algumas delas, pelo menos as mais citadas pela mídia, não é mesmo? Existem na América organizações econômicas menos conhecidas. Isso acontece porque esses tratados são mais simples e geralmente envolvem países de economia pouco representativa, porém não menos importante. Você consegue citar alguns exemplos? É fácil, não é mesmo?

Os mais conhecidos são: o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA). Há também, a Comunidade e Mercado Comum do Caribe (CARICOM), a Comunidade Andina de Nações (CAN), o Mercado Comum Centro-Americanoo (MCCA), e a Comunidade Sul-Americana de Nações (CSN), dentre outros.

Observe que a presença de diversos acordos de integração importantes e igualmente diferentes nos níveis de integração (ver Aula 2) na América evidencia a importância que esse tipo de iniciativa assume entre os países do continente.

Nesse sentido, Esteves (2008, p. 198) afirma que:

As recentes iniciativas de aproximação entre os países da América Latina, dentre as quais temos o caso da criação da UNASUL, ou de retomada de acordos que haviam sido relegados a um segundo plano, como é o caso do CARICOM, ou uma reaproximação baseada em uma diminuição das assimetrias, como é o caso do MERCOSUL, demonstram que os governos da região finalmente perceberam a importância do comércio intrarregional para os diferentes países [...].

No comércio mundial, as significativas trocas econômicas que os blocos americanos estabelecem entre si e com as demais organizações econômicas globais demonstram a efetiva participação desses conjuntos econômicos no mercado regional e mundial. É o que veremos a seguir.



Atividade 3

1

Podemos subdividir as tentativas de integração regional no continente americano em duas fases. Apresente-as e faça um comentário sobre os objetivos de cada uma delas.

2

Mulamud (2004) aponta pelo menos três modelos de integração regional. Mencione e caracterize cada um deles apresentando, quando for possível, exemplos desses padrões de integração entre países da América.

Integração e participação dos blocos americanos no espaço econômico mundial

Vamos nos deter na política de inserção econômica do Mercosul no contexto regional e mundial. Optamos por discutir com mais detalhes esse bloco porque na América Latina ele constitui uma liderança regional e um exemplo de que apesar das diferenças entre os países membros é possível ampliar o espaço comercial para sua produção em todo o mundo. Outro motivo para essa escolha é o fato de que o Brasil é o grande condutor desse bloco e lidera hoje, na América, um movimento de integração econômica entre as nações latinas.

Pois bem, já sabemos que o Mercosul constitui na atualidade o bloco econômico sul-americano, e porque não dizer latino-americano, de maior destaque no cenário regional e mundial. Os países membros do Mercosul, sob a liderança do Brasil, assumiram acordos comerciais com diversos blocos econômicos do continente e de outras partes do globo.

Um dos mais importantes parceiros comerciais do Mercosul é a União Europeia. Desde 1995, as duas organizações assinaram um acordo de cooperação política e comercial a partir da criação de uma zona de livre comércio com objetivo de favorecer o acesso aos mercados dos dois blocos respeitando as normas da Organização Mundial do Comércio (OMC) (DUHALDE, 2005).

Existe uma contradição entre o acordo firmado e a realidade das negociações. Enquanto os dois conjuntos regionais em questão assinam acordos de favorecimento comercial segundo as

regras da OMC, os produtos de origem agrícola (base das exportações do Mercosul) encontram dificuldades de inserção no mercado europeu. Isso deve à questão que já falamos durante a Aula 7 (Cenário socioeconômico europeu), os subsídios agrícolas, ou seja, o protecionismo que os governos no âmbito da União Europeia praticam em favor dos seus produtores.

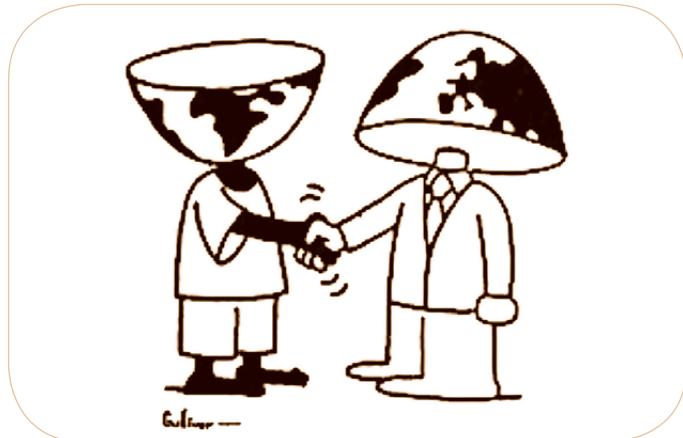


Figura 3 – Desigualdades no acesso aos mercados desenvolvidos

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.notapositiva.com/trab_estudantes/trab_estudantes/filosofia/filosofia_trabalhos/compreendglobaliz3.jpg>. Acesso em: 6 maio 2010.

Apesar desses condicionantes, Duhalde (2005, p. 21) afirma que “a União Europeia constitui um pilar importante da inserção do Mercosul no mundo multipolar”. Poderíamos afirmar que a UE, como importante consumidora de produtos primários, assume papel relevante no desempenho da integração de todos os blocos da América Latina e do Nafta no mercado mundial.

No interior da América Latina, o Mercosul mantém parcerias comerciais com todos os mercados regionais. Sabemos que os Estados Unidos, país integrante do Nafta, é o mais importante parceiro comercial do Mercado Comum do Sul. Porém, o México também tem estreitado os laços econômicos com o referido bloco sul-americano. Nesse caso, a ideia foi criar uma articulação no nível do bloco para as transações comerciais já estabelecidas bilateralmente entre os países membros e o México. Criaram-se normas para as negociações de uma lista de 800 produtos, primários e secundários comercializados (BRASIL, 2008).

Talvez a mais importante aproximação regional se dê entre o Mercosul e os demais blocos da América Central e da própria América do Sul. Segundo Duhalde (2005), o acordo estabelecido com o México em 2002 evoluiu para negociações com o Mercado Comum do Caribe (Caricom) e com o Mercado Comum Centro-American (MCCA) estabelecendo as bases para expandir a unidade sul-americana, estendendo-a para toda América Latina.

As parcerias econômicas estabelecidas pelo Mercosul no mercado mundial ampliam-se em todos os continentes. O primeiro quinquênio da década de 2000 foi marcado pelas assinaturas de acordos com a África do Sul, objetivando também a formação de uma zona de livre comércio onde os produtos comercializados entre os países teriam tarifas fixas. Na assinatura desses acordos também ocorreu uma evolução das negociações comerciais entre os dois países.

A pedido da África do Sul foram incorporados nesse acordo o bloco econômico formado pela África do Sul, Botsuana, Lesoto, Namíbia e Suazilândia, denominado União Aduaneira da África Austral (Sacu) (Barbieri, 2008).

A aproximação econômica entre os dois blocos é fundamental para o Mercosul, pois os países da Sacu constituem a porta de entrada para a África Subsaariana, que é uma “região de riqueza inusitada, e, por isso os progressos nesta negociação têm importância estratégica para o Mercosul” (Duhalde, 2005). Esse acordo deve gerar oportunidades de comercialização para produtos brasileiros nos setores de alimentos, máquinas, equipamentos e materiais elétricos, dentre outros.

Países asiáticos como Israel, Índia e Rússia também constituem importantes parceiros extrarregionais. Segundo Brasil (2008), nas negociações do acordo de livre comércio entre o Mercosul e Israel, concluídas no ano de 2007, foram contemplados produtos como calçados, joias, móveis, eletrodomésticos e material elétrico. Existe também a possibilidade de ampliação desse acordo para contemplar a negociação de regras sobre investimentos e abertura do comércio de serviços.



Figura 4 – A integração do Mercosul no espaço econômico mundial

Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/_7DNab5_CXSS/StxGG7cloEI/AAAAAAAAXc/Ixdk3zPs_hA/s320/carreira-23%5B1%5D.jpg>. **Acesso em:** 6 maio 2010.



Cooperação Sul-Sul

A denominação Cooperação Sul-Sul refere-se à posição geográfica que os países signatários ocupam no planeta: sul da América, da África e da Ásia, respectivamente.

A Índia a partir de 2004 tornou-se parceira do Mercosul através do firmamento de um acordo que objetiva a concessão de tarifas fixas na comercialização de mercadorias. “A liberalização comercial prevista pelo acordo cobre cerca de 450 itens tarifários de cada lado. Dos itens incluídos pela Índia no acordo há os produtos dos setores de carnes, químico, máquinas, têxteis, calçados, entre outros” (BRASIL, 2008, p. 25).

A inserção dos blocos regionais no cenário mundial da economia é muito importante para essas associações na medida em que amplia as possibilidades de parcerias. Veja, por exemplo, o que aconteceu com o Mercosul ao firmar acordos comerciais com a Índia e a Sacu. Pois bem, a partir dessas parcerias, Índia, Brasil e África do Sul criaram o Fórum de Diálogo IBAS cujo objetivo é “promover a **cooperação Sul-Sul** em diversas áreas. No intuito de aumentar

o intercâmbio comercial entre os três países, estuda-se a possibilidade de criação futura de um acordo de livre comércio trilateral entre Mercosul, Índia e SACU” (BRASIL, 2008, p. 25).

A aproximação entre o Mercosul e a Rússia tem como motivação um Convênio de Cooperação Econômica para “o desenvolvimento de comércio e investimentos; de cooperação científica e tecnológica em energia, transporte, finanças, agricultura, turismo, tecnologias informáticas e de comunicação, e em matéria de pequenas e médias empresas” (BRASIL, 2008, p. 25).

O Mercosul, através de seu líder, o Brasil, tem alcançado resultados positivos nas tentativas de integração regional e de inserção no campo do comércio mundial através da ampliação das parcerias econômicas estabelecidas com os diversos grupos de países do globo. Os acordos elencados acima não esgotam as parcerias comerciais do Mercado Comum do Sul. Elas apenas nos dão uma ideia da dimensão da dinâmica e da ramificação que esse bloco econômico mantém no espaço geográfico mundial.

No que se refere aos demais blocos regionais americanos, o quadro a seguir sintetiza as principais parcerias comerciais regionais e globais.

Bloco econômico	Principais parceiros comerciais	Principais produtos comercializados.
Nafta	Os países do próprio bloco. Os blocos econômicos da América Latina, a União Europeia e a Apec.	Automóveis, computadores, motores para máquinas, tecidos, autopeças e produtos agrícolas.
Caricom	Estados Unidos, Canadá, Venezuela, Colômbia, México, Brasil e União Europeia.	Arroz, óleos de origem vegetal e animal, banana, açúcar, café, bauxita.
Can	Mercosul, México, Panamá, Estados Unidos, União Europeia, Índia, China, Rússia.	Prata, antimônio, estanho, cacau, ouro, cobre, madeira, petróleo, gás natural, ferro, peles curtidas, pescados e produtos industrializados.
Mcca	Mercosul, Caricom, Can, União Europeia, o próprio MCCA, Estados Unidos, México, Tailândia, China, Turquia e Japão.	Minérios, óleos vegetais, pescados, cereais, açúcar.

Quadro 3 – Conjuntos regionais da América: integração no comércio mundial

Fonte: dados dos sites oficiais dos referidos blocos econômicos (2010).

Assim como acontece com o Mercosul em seus tratados econômicos, os acordos comerciais estabelecidos entre o Nafta, Caricom, Can e Mcca e seus parceiros também têm como base as negociações das tarifas alfandegárias que incidem sobre os produtos comercializados. Os resultados desses acordos beneficiam tanto exportadores quanto importadores, pois ao se estimular a produção, aumenta-se a demanda por trabalhadores e ampliam-se os mercados consumidores.

No momento em que a economia mundial é regida pelos princípios da globalização econômica e financeira, o estabelecimento de parcerias comerciais é fundamental para manter o sistema econômico em pleno funcionamento, mesmo que ainda persistam barreiras como o protecionismo praticado nos países que são, no cenário global, os maiores consumidores de produtos primários.

Contra esse tipo de conduta lutam o Brasil e o grupo de países exportadores dessas mercadorias na OMC por condições mais igualitárias e justas de comércio. Para os países latino-americanos vencerem essa barreira no comércio internacional é fundamental garantir o livre acesso ao mercado global, uma vez que, a maioria dessas nações, mesmo integradas em conjuntos regionais, tem como principal base de sustentação econômica a produção e exportação de bens primários.



Atividade 4

1

Avalie a importância econômica das parcerias comerciais que os blocos regionais americanos estabelecem entre si e com parceiros externos.

2

As tarifas alfandegárias são o principal elemento econômico envolvido nas negociações que conduzem à assinatura dos tratados e acordos comerciais entre os blocos econômicos e seus parceiros. Explique a importância de se privilegiar nas negociações comerciais internacionais os valores dessas tarifas.

3

Explique por que o protecionismo praticado nos países desenvolvidos em favor de seus produtores rurais prejudica os blocos econômicos americanos.

Resumo

No curso desta aula, tivemos a oportunidade de ver como a dinâmica da economia no mundo globalizado gera a necessidade da integração entre os países de uma mesma região. Aprendemos que a história de integração regional no continente americano data dos primeiros anos após a independência política de suas nações, especialmente as sul-americanas. Discutimos também que as primeiras experiências objetivavam a proteção mútua, mas que no século XX evoluíram para acordos econômicos. Finalmente, vimos que os conjuntos econômicos americanos mantêm parcerias comerciais com todos os blocos do continente, mas também no cenário extracontinental e que os acordos estabelecidos têm por base as negociações das taxas alfandegárias sobre os produtos comercializados.

Autoavaliação



Ao longo das aulas que trataram do continente americano foram enfatizadas as disparidades socioeconômicas regionais e entre os países de uma mesma região. Nesse sentido, você concorda que os projetos de integração regional são capazes de contribuir para o desenvolvimento socioeconômico dos países da América Latina? Elabore um breve texto apresentando e discutindo alguns argumentos que justifiquem sua opinião.

Referências

ACORDO DE LIVRE COMÉRCIO DA AMÉRICA DO NORTE – NAFTA. **Trato nacional y acceso de bienes al mercado.** Disponível em: <<http://www.nafta-sec-alena.org/sp/view.aspx?conID=590&mtpID=125#A300>> Acesso em: 6 maio 2010.

ALBUQUERQUE, Tércio Waldir de. **Entendendo a globalização e sua influência nos blocos econômicos.** Disponível em: <<http://www.mt.trf1.gov.br/judice/jud13/entendendo.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2010.

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO - BID. **Avanços na América Central.** Disponível em: <<http://www.iadb.org/artigos/2009-07/portuguese/avancos-na-america-central-5534.html>> Acesso em: 7 maio 2010.

BARBIERI, Eloisa Cerdán Del Lama. **Enciclopédia do estudante:** geografia do mundo. São Paulo: Moderna, 2008.

BLOCOS econômicos. Disponível em: <www.suapesquisa.com>. Acesso em: 19 abr. 2010.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Estratégia Brasileira de Exportação 2008 – 2010.** Brasília: MDIC, 2008.

CICOLELLA, Pablo José. O capitalismo histérico: entre o protecionismo e a integração em blocos econômicos. In: LAVINAS, Lena; CARLEIAL, Liana Maia da Frota; NABUCO, Maria Regina (Org.). **Integração, região e regionalismo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

COMUNIDADE ANDINA – CAN. **Política y relaciones exteriores en la Comunidad Andina.** Disponível em: <<http://www.comunidadandina.org/exterior/estadisticas.htm>>. Acesso em: 6 maio 2010.

COMUNIDADE E MERCADO COMUM DO CARIBE - CARICOM. **Regional statistics**: Caribbean Community Secretariat: developing a sustainable statistical Infrastructure. Disponível em: <http://www.caricomstats.org/Files/Databases/Trade/eXCEL%20FILES/CC_Andean.htm> Acesso em: 6 maio 2010.

DUHALDE, Eduardo. Perspectivas do Mercosul. **Diplomacia, Estratégia e Política – DEP**, Brasília: Projeto Rael Prebisch, v. 1, n. 2, jan. 2005.

ESTEVES, Thiago de Jesus. Integração regional na América Latina: da CEPAL ao consenso de Washington. **Revista IDeAS**, v. 2, n. 2, p. 172-202, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.ufrj.br/cpda/ideas/revistas/v02/n02/IDeAS-v02_n02-artigo THIAGO ESTEVES.pdf>. Acesso em: 4 maio 2010.

GARAVELLO, Tito Marcio; GARCIA, Helio Carlos. **Geografia: O espaço geográfico da América, Oceania e regiões polares**. São Paulo: Scipione, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 12. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

HELD, David. **A democracia, o Estado-Nação e o sistema global**. São Paulo: Lua Nova; Cedec, 1991.

LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lzaro; MENDONÇA, Claudio. **Geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2006.

MALAMUD, Andrés. Integração regional na América Latina: teorias e instituições comparadas. **Sociologia**, n. 44, p. 135-154, jan. 2004.

MARIANO, Karina L. Pasquariello; MARIANO, Marcelo Passini. Governos subnacionais e integração regional: considerações teóricas. In: WANDERLEY, Luiz Eduardo; VIGEVANI, Tullo (Org.). **Governos subnacionais e sociedade civil**: integração regional e Mercosul. São Paulo: EDUC; Fundação Editora da UNESP; FAPESP, 2005.

VIGEVANI, Tullo. História da integração latino-americana: Mercosul e questões subnacionais. In: WANDERLEY, Luiz Eduardo; VIGEVANI, Tullo (Org.). **Governos subnacionais e sociedade civil**: integração regional e Mercosul. São Paulo: EDUC; Fundação Editora da UNESP; FAPESP, 2005.

Anotações

Anotações

Esta edição foi produzida em **mês de 2012** no Rio Grande do Norte, pela Secretaria de Educação a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (SEDIS/UFRN). Utilizando-se Helvetica Lt Std Condensed para corpo do texto e Helvetica Lt Std Condensed Black títulos e subtítulos sobre papel offset 90 g/m².

Impresso na nome da gráfica

Foram impressos **1.000** exemplares desta edição.

SEDIS Secretaria de Educação a Distância – UFRN | Campus Universitário
Praça Cívica | Natal/RN | CEP 59.078-970 | sedis@sedis.ufrn.br | www.sedis.ufrn.br



Ministério da
Educação



9 788572 738279 >

